



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO DE DOUTORADO

**HOMENS NO MERCADO DO SEXO:
fluxos, territórios e subjetivações**

Daniel Kerry dos Santos

**Florianópolis
2016**

Daniel Kerry dos Santos

**HOMENS NO MERCADO DO SEXO:
fluxos, territórios e subjetivações**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito à obtenção do Grau de Doutor em Psicologia.

Área de concentração: Práticas Culturais e Processos de Subjetivação

Linha de pesquisa: Processos de Subjetivação, Gênero e Diversidades.

Orientadora: Dra. Mara Coelho de Souza Lago

**Florianópolis
2016**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Santos, Daniel Kerry dos
Homens no mercado do sexo : fluxos, territórios e
subjetivações / Daniel Kerry dos Santos ; orientadora, Mara
Coelho de Souza Lago - Florianópolis, SC, 2016.
372 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa
de Pós-Graduação em Psicologia.

Inclui referências

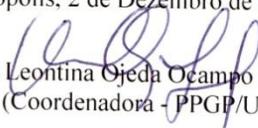
1. Psicologia. 2. Prostituição. 3. Trabalho sexual. 4.
Sexualidade. 5. Gênero. I. Lago, Mara Coelho de Souza. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós
Graduação em Psicologia. III. Título.

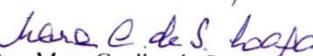
Daniel Kerry dos Santos

Homens no mercado do sexo: fluxos, territórios e subjetivações

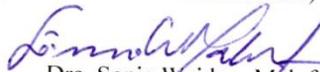
Tese aprovada como requisito parcial à obtenção do grau de Doutor em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 2 de Dezembro de 2016.


Dra. Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré
(Coordenadora - PPGP/UFSC)


Dra. Mara Coelho de Souza Lago
(PPGP - UFSC - Orientadora)


Dra. Maria Juracy Figueiras Toneli
(PPGP - UFSC - Examinadora)


Dra. Sonia Weidner Maluf
(PPGAS - UFSC - Examinadora)


Dra. Maria Rita de Assis César
(PPGE - UFPR - Examinadora)


Dr. Fernando Altair Pocahy
(PROPEd - UERJ - Examinador)


Dra. Kátia Maheirie
(PPGP - UFSC - Suplente)


Dr. Adriano Beiras
(PPGP - UFSC - Suplente)

AGRADECIMENTOS/ACKNOWLEDGMENTS

Aos meus pais, Isaura e Jurivaldo, e à minha irmã, Lais, por me apoiarem, estarem ao meu lado e incentivarem os meus sonhos e projetos de vida.

Ao meu companheiro e amigo Rafael, por todos esses anos juntos, pelo carinho e amor e por sempre me acolher e me dar segurança para seguir caminhando.

À Marília Amaral, minha grande parceira e amiga, por todos os passos que já trilhamos juntos e por tudo aquilo que sonhamos.

À minha orientadora, professora Mara Lago, pelas orientações, pela paciência, pelo cuidado e por sempre estar tão presente durante minha trajetória acadêmica, desde o mestrado até a conclusão do doutorado.

À Juracy Toneli, pelos afetos e pela amizade construída ao longo de todos esses anos.

Ao Fernando Pocahy, amigo por quem nutro grande carinho e admiração.

Aos/às colegas do grupo de orientação: Mônica Angonese, Maria Eduarda Ramos, Pedro Magrini, Paulo Rodrigues, Jacqueline Vieira, Marie Leal, Camila Gastelumendi, Zuleica Pretto, Ematuir de Souza, Geni Núñez, Melissa Barbieri, Adélia Procópio, Fred Bustamante, Marie Leal. As leituras e os comentários de todos/as foram imprescindíveis para ajudar a pensar a construção desta tese.

A todos/as os/as integrantes do Núcleo Margens, esse grupo que tão bem nos acolhe e nos permite respirar, mesmo diante de tempos difíceis: Juliana, Brune, Emerson, Marcelo, Melissa, Gustavo, Cinthia, Cláudia, Mariana Vavassori, Mariana Queiroz, Renata, Matheus, Felipe, Heloísa, Gabriela Díaz e Adriano Beiras.

À professora Erica Burman e ao professor Ian Parker, coordenadores do *Discourse Unit*, por me receberem gentilmente em Manchester, Inglaterra, durante meu estágio doutoral no exterior / *To professor Erica Burman and professor Ian Parker, co-directors of the Discourse Unit, for kindly hosting my visit to Manchester, UK, during my doctoral exchange.*

À Sabah Siddiqui, pela amável amizade durante minha estadia na Inglaterra / *To Sabah Siddiqui, for the lovely friendship during my stay in England.*

À equipe do *Sexuality Policy Watch – SPW* (Observatório de Sexualidade e Política), especialmente Sonia Corrêa e Richard Parker, pela oportunidade de ter participado, em 2013, da formação *Sexuality Research and Political Change*. As trocas (muito afetuosas) e aprendizados naquele momento foram de extrema importância para ampliar meus interesses sobre sexualidade e gênero desde uma perspectiva de uma geopolítica global.

À Valéria Bittar, minha professora de flauta, música e técnica Klauss Vianna, por possibilitar a ampliação das minhas “escutas do corpo” e mediar o contato com aquilo que me traz potência e saúde: a arte.

Aos amigos amados do coração, os que estão perto e os que estão longe: Rafinha, Lucas, Guilherme, Ovídio, Larissa e Paulinho.

Àqueles e àqueles cujos laços estão além das brumas do tempo: Eloise, Christian, Kátia, Eduarda, Gustavo, Camila, Giulia, Claudiney e especialmente Patrícia, pelo amor, paciência e carinho.

À CAPES, pela concessão da bolsa de doutorado no Brasil e da bolsa de doutorado sanduíche no exterior.

“Na hora, no momento em que eu escrevia, talvez eu desejasse engrandecer sentimentos, atitudes ou objetos que um rapaz magnífico, diante de cuja beleza eu me curvava, honrava, mas hoje, quando me releio, esqueci aqueles rapazes, só ficou deles aquele atributo que cantei, e é ele que irá resplandecer em meus livros com um brilho igual ao orgulho, ao heroísmo, à audácia. Não tentei procurar desculpas para eles. Nem justificações. Quis que eles tivessem direito às honras do Nome. Tal operação não terá sido para mim em vão. Já posso sentir a sua eficácia. Ao embelezar o que vocês desprezam, eis que o meu espírito, causado do jogo em que consiste em nomear com um nome prestigioso o que transtornou o meu coração, recusa qualquer qualificativo. Os seres e as coisas, sem confundi-los, ele os aceita todos em sua idêntica nudez [...]”

Jean Genet (2005, p.99), “Diário de um ladrão”.

RESUMO

Esta tese de doutorado em Psicologia buscou cartografar territórios existenciais que se constituem nas experiências de homens que atuam no mercado do sexo. Inicialmente, foram apresentados alguns debates contemporâneos sobre prostituição, trabalho sexual e mercado do sexo. Destacaram-se algumas produções discursivas sobre a prostituição masculina, prática que historicamente esteve atrelada ao campo do desvio e das dissidências sexuais. A escolha teórico-metodológica que orientou a pesquisa foi balizada principalmente pelos princípios de cartografia (Deleuze e Guattari), de uma cartografia *queer* (Preciado) e de uma teoria radical do sexo (Rubin). Como estratégia de pesquisa, optou-se transitar por algumas redes pelas quais os garotos de programa circulam; conhecer e frequentar os territórios nos quais esses sujeitos atuam; problematizar imbricamentos macro e micropolíticos na constituição desses territórios; e, no diálogo com os *boys*, escutar suas histórias e narrativas de si. Para o traçado das cartografias, foram realizadas observações participantes nas chamadas “saunas gays” (estabelecimentos comerciais destinados a sociabilidades lúdicas e ao intercâmbio sexual entre homens) que permitiam o exercício do trabalho sexual de garotos de programa. O pesquisador frequentou saunas nas três capitais da região sul do Brasil (Porto Alegre (RS), Florianópolis (SC) e Curitiba (PR)) e na capital paulista (São Paulo). Além das observações sobre as dinâmicas desses territórios, pôde-se conversar, de maneira informal, com vários homens trabalhadores do sexo que atuavam nesses espaços. Também foram realizadas entrevistas em profundidade com onze garotos de programa que trabalhavam em saunas dessas quatro cidades. As saunas foram problematizadas como pontos de territorialização do trabalho sexual, ou seja, se constituíam, para aqueles com os quais se pôde dialogar, como os principais territórios para o exercício do trabalho sexual, pelo menos naquele momento de suas vidas. Porém, como se nota ao longo dos capítulos, o trabalho sexual e o mercado do sexo não estão restritos a uma única territorialidade, mas estão articulados a diversas redes de circulação e em relações de agenciamentos com variados fluxos. A partir da escuta das narrativas dos interlocutores, foram analisados, desde diferentes ângulos, alguns vetores de territórios existenciais constituídos nos fluxos do mercado do sexo. Assim, foram problematizados os fluxos, códigos e territórios movimentados nas dinâmicas dos mercados do sexo; os modos pelos quais alguns homens aprendem o trabalho sexual e a se

posicionar como garotos de programa; o caráter performativo das posicionalidades de sujeitos acionadas nessas práticas; os deslocamentos e migrações (trans)nacionais motivados pelo trabalho sexual; a construção das materialidades do corpo dos *boys*; entre outros temas. As cartografias desenhadas ao longo da tese indicam que o mercado do sexo funciona como uma máquina que canaliza e rearranja fluxos sociais que passam a veicular seus próprios sistemas de códigos, constituindo, por sua vez, territórios geo-político-existenciais e modos de subjetivação. Esta tese se localiza no campo da Psicologia Social Crítica e as análises desenvolvidas estão amparadas por teorias feministas, teorias pós-estruturalistas e pelos estudos *queer*. Buscou-se também inspiração em críticas contemporâneas elaboradas por movimentos sociais de trabalhadoras(es) do sexo.

Palavras-chave: Mercado do Sexo. Prostituição Masculina. Trabalho Sexual. Gênero. Sexualidade. Corpo. Subjetividade.

ABSTRACT

This doctoral thesis on Psychology developed cartographic research investigating existential territories that are constituted in the experiences of men who work in the sex market. Initially, contemporary debates on prostitution, sex work and sex market were presented. It highlights some discursive productions on male prostitution, a practice that have historically been linked to the field of deviance and sexual dissidences. The theoretical framework was mainly oriented by the principle of cartography (Deleuze and Guattari), of queer cartography (Preciado), and of radical theory of sex (Rubin). As a research strategy, the researcher circulated through some networks in which male sex workers circulate; met and frequented some territories in which sex workers work; problematized some connections between macro and micropolitics acting in the constitution of these territories; talked with some *escort boys*, and listened to some of their histories and self-narratives. To trace these cartographies, some participant observations were carried on within the so called “gay saunas” (commercial places designed to provide recreational sociability and sexual exchange among men) that authorized the practice of sex work. The researcher visited saunas in the capitals of each state from the Southern region of Brazil (Porto Alegre (RS), Florianópolis (SC) and Curitiba (PR)), and in the capital of the state of São Paulo (São Paulo). In addition to the observations on the dynamics of these territories, the researcher also talked, in an informal manner, with many male sex workers that were working at those places. In-depth interviews were also conducted with eleven male sex workers working in the saunas in each of those cities. The saunas were problematized as points of territorialization of sex work. These spaces were constituted as the main territory for sex work. However, as noted throughout the thesis, sex work and the sex market are not restricted to a single territoriality. They are connected to many circulation networks and are in assemblage relations to different fluxes. The researcher analyzed some existential territories constituted in the fluxes of the sex market. Thereby, it was problematized some fluxes, codes and territories created within the dynamics of the sex market; the ways in which some men learn sex work and how they position themselves as sex workers; the performative aspect of the subject positions in these practices; the (trans)national migrations motivated by sex work; the constructions of the materiality of male sex workers bodies; among other themes. The cartographies drawn in the thesis

showed that sex market operates as a machine that drives and rearranges social fluxes which move its own system of codes, constituting, in turn, geo-politico-existential territories and modes of subjectification. This thesis is situated in the field of Critical Social Psychology, and the analyses are oriented by feminist theories, post-structuralist theories and queer studies. It is also inspired by contemporary critiques elaborated by social movements of sex workers.

Key-words: Sex Market. Male Prostitution. Sex Work. Gender. Sexuality. Body. Subjectivity.

RESUMEN

La presente Tesis de Doctorado en Psicología buscó cartografiar territorios existenciales que se constituyen en las experiencias de hombres que actúan en el mercado del sexo. Inicialmente fueron presentados algunos debates contemporáneos sobre prostitución masculina, práctica que históricamente estuvo relacionada al campo del desvío y de las disidencias sexuales. La elección teórico-epistemológica que ha orientado la investigación fue demarcada principalmente por los principios de la cartografía de Deleuze e Guattari, de la cartografía queer, según Preciado, e de una teoría radical del sexo a partir de Rubin. Como estrategia de investigación, se ha optado transitar por algunas redes por las cuales circulan hombres trabajadores del sexo; conocer y frecuentar los territorios en los que actúan; problematizar entrecruzamientos macro y micro políticos en la constitución de esos territorios; y en el diálogo con los *boys*, escuchar sus historias y narrativas de sí mismos. Para el trazado de las cartografías, fueron realizadas observaciones participantes en las llamadas “Saunas Gays” (establecimientos comerciales destinados a la sociabilidad lúdica y al intercambio sexual entre hombres), que permitían el ejercicio del trabajo sexual. Fueron visitadas las saunas de las tres capitales de la región sur de Brasil: Porto Alegre (RS), Florianópolis (SC) y Curitiba (PR), así como de la capital paulista (São Paulo). Además de las observaciones de las dinámicas de estos territorios, fueron realizadas entrevistas en profundidad con once trabajadores del sexo que actuaban en estos espacios, y fue posible dialogar de manera informal con otros de estos hombres. Las saunas fueron problematizadas como puntos de territorialización del trabajo sexual, o sea, se constituían para aquellos con los cuales se pudo dialogar, como los principales territorios para el ejercicio del trabajo sexual, por lo menos en aquel momento de sus vidas. Sin embargo, como se nota en los capítulos, el trabajo sexual y el mercado del sexo no están restringidos a una única territorialidad, están articulados a diversas redes de circulación y relaciones de agenciamiento con variados flujos. A partir de la escucha de las narrativas de algunos interlocutores, fueron analizados, desde diferentes ángulos, algunos vectores de territorios existenciales constituidos en los flujos del mercado del sexo. Así, fueron problematizados los flujos, códigos y territorios frecuentados en las dinámicas del mercado del sexo; los modos por los cuales algunos hombres aprenden el trabajo sexual y a posicionarse como tal; el carácter performativo de los diversos posicionamientos que son accionados en esas prácticas, los

desplazamientos y migraciones (trans)nacionales motivados por el trabajo sexual; la construcción de materialidades del cuerpo de los *boys*; entre otros temas. Las cartografías diseñadas a lo largo de la tesis indican que el mercado del sexo funciona como una máquina que canaliza y reorganiza flujos sociales que pasan a conducir sus propios sistemas de códigos, constituyendo también, territorios geo-político-existenciales y modos de subjetivación. Esta tesis se localiza en el campo de la Psicología Social Crítica, y los análisis desarrollados están amparados por Teorías Feministas, Teorías Pos-estructuralistas y Estudios *Queer*. Se ha buscado también inspiración en críticas contemporáneas elaboradas por movimientos sociales de trabajadoras(es) del sexo.

Palabras-Clave: Mercado del sexo. Prostitución masculina. Trabajo sexual. Género. Sexualidad. Cuerpo. Subjetividad.

SUMÁRIO

1. “PORQUE ENTÃO COMEÇA...”	23
2. “SEXO É NEGÓCIO(!)(?)”: LOCALIZANDO DISCURSOS SOBRE O TRABALHO SEXUAL E O MERCADO DO SEXO	33
2.1. Do lado da oferta, os homens	51
2.2. Homens e prostituição: rastreando discursos.....	59
2.3. As mutações dos discursos sobre a prostituição masculina .	61
3. NAS PISTAS DO MERCADO DO SEXO	75
3.1. Princípios	76
I – CARTOGRAFIA.....	76
II - TEORIA RADICAL DO SEXO.....	81
3.2. Localizando um campo de problemas	86
3.3. Um andarilho [desnudo] colocando o corpo na pista.....	95
3.4. Estratégias e negociações de pesquisa em campo.....	100
4. AGENCIAMENTOS ERÓTICOS: TERRITÓRIOS, CORPOS E TRABALHO SEXUAL	109
4.1. Por onde perambulam os prazeres que se vendem?.....	116
NEGOCIAÇÕES VIRTUAIS.....	117
NEGOCIAÇÕES PRESENCIAIS: RUAS, PRAÇAS E SAUNAS	120
4.2. Micropolítica sexual nos espaços públicos da cidade.....	123
4.3. Saunas, territórios do prazer: algumas notas sobre a organização desses espaços	131
PORTO ALEGRE (RS).....	132
CURITIBA (PR).....	136
FLORIANÓPOLIS (SC).....	138
SÃO PAULO (SP)	141
4.4. Fluxos, códigos e territórios	143
5. PEDAGOGIAS DO TRABALHO SEXUAL: O APRENDIZADO DOS CÓDIGOS, SUAS INICIAÇÕES E SUAS DERIVAS	151
5.1. “ <i>A ocasião faz o boy</i> ”: histórias de algumas iniciações	153
5.2. Narrar a si mesmo: do inominável à construção de uma posição <i>boy</i>	169
5.3. Dificuldades e ganhos dos novatos	178
5.4. A hierarquia dos circuitos	184
5.5. E aqueles que “falham”?.....	200

6. FLUXOS DO COTIDIANO	207
6.1. Trânsitos e deslocamentos motivados pelo trabalho sexual.....	207
6.2. <i>Brazilian boys</i> : conquistando o mercado transnacional do sexo	230
6.3. Sair ou não sair do brasil? O afeto do medo diante dos fluxos transnacionais	241
6.4. Rompendo as fronteiras das temporadas	252
6.5. A função <i>acompanhante/escort</i> como possibilidade de deslocamento.....	262
6.6. Nomadismos <i>putos/queer</i>	274
7. O(R)FÍCIOS DO CORPO.....	285
7.1. Corpos em desfile: materialidades do sexo no trabalho sexual.....	285
7.2. “ <i>Quanto vale ou é por dote?</i> ”: corpo, dote e lábia nas negociações	294
7.3. O corpo-sexual fabricado: aditivos farmacopornográficos e o imperativo da excitação.....	313
7.4. Secreções do ofício.....	324
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	339
REFERÊNCIAS.....	349

NOTA

Todas as imagens usadas no início de cada capítulo desta tese foram capturadas a partir do curta-metragem “*Un chant d’amour*” (1950), escrito e dirigido pelo escritor francês Jean Genet (1910 – 1986).



“PORQUE ENTÃO COMEÇA...”

1. “PORQUE ENTÃO COMEÇA...”

“Porque então começa. Mas começa tão banal - como é seu nome, qual o seu signo, quer outra cerveja, me dá um cigarro, não tenho grana, eu pago, pode deixar, fazendo o quê, por aí, vendo o que pinta, vem sempre aqui, faz tanto frio - que quase aperto o botão de outros sons que não aqueles que imagino, tão roucos, para que no grito tenso de um baixo elétrico possam chafurdar na estridência de cada noite. Mas subitamente os dois se compõem - esse homem de impermeável cinza, aquele rapaz de casaco preto, juntos na mesma mesa - e sem que eu esteja prevenido, embora estivesse, porque fui quem armou esta cilada, de repente eles se olham bem dentro e fundo dos olhos um do outro. Ao lado da massa negra, monstro marinho, no meio do cheiro de mijo e cerveja, por entre os azulejos brancos das paredes do bar, como um enorme banheiro cravado no centro da noite onde estão perdidos - eles se encontram e se olham.

Eles se reconhecem, finalmente eles aceitam se reconhecer. Eles acendem os cigarros amarrotados um do outro com segurança e certa ternura, ainda tímida. Eles dividem delicadamente uma cerveja em comum. Eles se contemplam com distância, precisão, método, ordem, disciplina. Sem surpresa nem desejo, porque esse rapaz de casaco preto, barba irregular e algumas espinhas não seria o homem que aquele homem de espaço vazio no alto da cabeça desejaria, se desejasse outros homens, e talvez deseje. Nem o oposto: aquele rapaz, mesmo sendo quem sabe capaz de tais ousadias, não desejaria esse homem através da palma da mão inventando loucuras no silêncio de seu quarto, certamente cheio de flâmulas, super-heróis, adesivos e todos esses vestígios do tempo que mal acabo de passar, quando é cedo demais para saber se se deseja, fatalmente, outro igual. Quem sabe sim. Mas este homem, aquele rapaz - não. É de outra forma que tudo acontece.

Eles se contemplam sem desejo. Eles se contemplam doces, desarmados, cúmplices, abandonados, pungentes, severos, companheiros. Apiedados. Eles armam palavras que chegam até mim em fragmentos partidos pelo ar que nos separa, em forma de interrogações mansas, hesitantes, perguntas que cercam com cautela e encantamento um reconhecimento que deixou de ser noturno para transformar-se em qualquer outra coisa a que ainda não dei nome, e

não sei se darei, tão luminosa que ameaça cegar a mim também. Contenho o verbo, enquanto eles agora vêem o que mal começa a se desenhar, e eu acho belo”.

“O Rapaz mais triste do mundo”

Caio Fernando Abreu

O conto “O Rapaz mais triste do mundo”, de Caio Fernando Abreu, narra o encontro entre um homem de quase quarenta anos e um rapaz de quase vinte anos em um “bar maldito”, durante uma madrugada de um inverno gelado. Navegando entre “punks, mendigos, neons, prostitutas e gemidos” os pequenos gestos desinteressados das personagens aproximam esses dois corpos num jogo erótico micro-afectivo. Músicas de uma Juke Box, pessoas se misturando, banheiros imundos, bafo de cerveja, desodorante sanitário e mijo que entopem as narinas compõem o cenário dessa aproximação inesperada entre o jovem de quase vinte anos “de futuro vago e invisível” e o homem de quase quarenta anos “de passado melancólico”. Sentam-se numa mesa, um de frente para o outro, e passam assim, um tempo, olhando-se sem se olhar, falando-se sem se falar. O trecho destacado acima narra o momento em que um reconhece o outro e ambos passam a estabelecer um diálogo que os engata num fluxo de afetos embriagados que os acolhem. Eles conversam, trocam carinhos e olhares, dão as mãos, continuam na mesa, se embalam. O rapaz resmungava alguma coisa, diz que quer ler poesia, que nunca teve um amigo e nunca recebeu uma carta. Sua mãe o incomoda para que ele vá trabalhar. O homem, vasculhando sua sabedoria típica de homens de quase quarenta anos, tenta aliviar a angústia do jovem: *“Não tenha medo, vai passar. Não tenha medo menino. Você vai encontrar um jeito certo, embora não exista o jeito certo. Mas você vai encontrar o seu jeito, e é ele que importa. Se você souber segurar, pode até ser bonito”*. Pedem mais cerveja e mais cigarros. O dia seguinte, que já é aquele, será dia dos pais “uma data que nada significa para quem nada tem”. O homem então revela ao jovem que sua família não o percebe, não o olha, não o sabe, como se evitasse algo que perturbe o falso sossego familiar. *“Me diluem, me invisibilizam, me limitam àquele limite insuportável do que eles escolheram suportar, e eu não suporto[...]”*. O rapaz, que não compreende muito bem a catarse do homem, lhe estende as mãos e ambos se confortam. A noite vai embora, chega a manhã e o encontro

que os acalentou vai chegando a um fim. Ainda se acariciam o homem de quase quarenta anos e o rapaz de menos de vinte, “sem idade os dois”, “amantes, parentes, iguais: estranhos”. Abraçam-se demoradamente e se despedem. Cada um para um caminho diferente. O jovem para a cidade onde ele escolherá um destino; o homem que não tem mais a cidade para si.

Esse conto de Caio apresenta uma bela figuração sobre as micropolíticas dos afetos que se produzem em territórios ditos marginais por onde circulam existências reais, ou como diria Michel Foucault (2006b), vidas de homens infames. Essas micropolíticas se movimentam nas heterotopias da cidade, esses lugares que existem efetivamente (contrariamente às utopias, sem lugares reais) (FOUCAULT, 2009b) e por onde os erotismos, especialmente aqueles considerados ilegítimos na topologia urbana, ganham matérias de expressão e pedem passagem. Trata-se de territórios por onde caminha o “*flâneur perverso*”, como sugere Beatriz Preciado (2008b), à procura de acontecimentos inusitados de uma vida erótica que não pode ser vista nos caminhos territorializados e organizados da cidade vigiada por uma massa atenta à manutenção dos “bons costumes e da moral”.

Já há algum tempo essas expressões marginais do erotismo e da sexualidade se constituem para mim como problemas de pesquisa. Tenho grande interesse no que ainda é enunciado como “desvio” ou “protótipos de abjeção” no atual contexto de uma suposta democracia sexual que pretensamente se coloca como respeitosa para com as diversidades sexuais. Desconfiando desses discursos de “tolerância”, tenho procurado problematizar onde falha essa suposta “benevolência” em relação às pessoas que destoam das normas sexuais hegemônicas. Onde a norma ainda permanece e insiste, mesmo nos contextos ditos “democráticos” e de “liberdades sexuais”? E o que/quem resiste a essas injunções normativas, ocupando uma cena dita marginal e maldita?

Se a normalização das condutas surge como estratégia de governo a partir da construção do Estado Moderno e se a incorporação das normas nos modos de subjetivação biopolíticos funciona como um importante recurso de sujeição e de controle de um corpo molar das populações (FOUCAULT, 1988), é de se esperar que todos/as estejamos sujeitos a essas operações do (bio)poder e que todos/as sejamos constituídos/as por tais lógicas normativas de assujeitamento. Isso implica em reconhecer, por exemplo, que sujeitos que se identifiquem (ou são interpelados) como homossexuais ou gays, podem também reproduzir enunciados normativos em relação às chamadas sexualidades

dissidentes (reproduzindo homofobia, sexismo, misóginia, lesbofobia, transfobia, putafobia, etc). Esses mesmos sujeitos podem perpetuar relações de poder que injuriam e que proliferam diversas facetas das violências da norma. Assim, sempre haverá num *outro* uma sexualidade, um erotismo e/ou uma expressão de gênero que é preciso vigiar, injuriar e deslegitimar para, de certa forma, manter alguma coesão da ficção da normalidade. Nesses jogos poder, de exclusões e deslegitimações de modos de vida diversos, podemos também vislumbrar a possibilidade de encontros, de resistências, da invenção de estilos éticos e estéticos de existência, de micropolíticas que produzem sentidos, prazeres, outros modos desejantes. Há solidariedade nas margens, como bem expressa o conto de Caio Fernando Abreu que abre esse texto.

Mesmo sem ter essas questões muito claras em termos teóricos, tais temas já me suscitavam interesse de pesquisa desde meus tempos de graduação. Durante minha formação em psicologia, na Universidade Estadual Paulista (UNESP/Assis), desenvolvi uma pesquisa de iniciação científica, orientada pelo professor Dr. Fernando Silva Teixeira Filho, a partir da qual problematizei a experiência da (in)visibilidade da homossexualidade em uma cidade do interior, onde a vida erótica e sexual das pessoas me parecia ser muito mais vigiada, controlada e exposta a constrangimentos sociais. Nessa iniciação como pesquisador, procurei traçar o que chamei de “cartografias do armário”, enfocando as estratégias do desejo desenvolvidas para poder resistir e viver no território de uma cidade interiorana (SANTOS E TEIXEIRA-FILHO, 2014).

A partir da iniciação científica, passei a me interessar pela questão da homossexualidade na velhice, que acabou se constituindo no problema de pesquisa que desenvolvi no mestrado em psicologia, já na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), também orientado pela professora Dra. Mara Coelho de Souza Lago. Nessa pesquisa procurei acompanhar estilísticas possíveis nos modos de experienciar o homoerotismo a partir de um corpo enunciado e interpelado como “velho”. Para este fim, visitei, durante um pouco mais de um ano, um “Bar de *Ursos*”, território de sociabilidade frequentado principalmente por homens mais velhos. A partir da interação com o campo, desenvolvi uma cartografia sobre a produção desejante movimentada por aqueles corpos e sobre as narrativas de si que alguns sujeitos tinham a contar (SANTOS, 2012; SANTOS E LAGO, 2012a; 2013, 2015, 2016).

Além dessas atividades de pesquisa, desde 2011 venho atuando como psicólogo voluntário em uma ONG situada na cidade de

Florianópolis: a Associação em Defesa dos Direitos Humanos com Enfoque na Sexualidade (ADEH). Essa instituição vem trabalhando há mais de 20 anos na perspectiva dos Direitos Humanos de pessoas LGBT e de pessoas expostas a violências de gênero. Minha inserção nesse espaço, que aconteceu a partir da parceria entre o Núcleo de Pesquisa Margens, do qual faço parte, e a ADEH, colocou-me em contato com vidas de muitas pessoas que são cotidianamente violentadas, seja de forma física, institucional e/ou simbólica, e que muitas vezes não têm acesso a recursos materiais ou proteções legais para viverem plenamente suas cidadanias. Durante esses anos, tive encontros com diversas pessoas: mulheres profissionais do sexo, travestis e transexuais, mulheres em situação de violência doméstica, cuidadoras de pacientes psiquiátricos, pessoas vivendo com HIV/Aids, pessoas vítimas de violência homo-lesbo-transfóbica. Além do trabalho com essa população, também estabeleci uma relação de muita proximidade com as pessoas que fazem parte da ADEH. Esse convívio me aproximou de diversas nuances de diferentes modos de vida. As experiências vividas nessa instituição têm sido de extrema relevância no sentido de ampliar meu campo de afecção em relação às alteridades, assim como minha sensibilidade para com os sofrimentos e as angústias de pessoas que muitas vezes estão às margens da maioria das políticas públicas e que precisam reinventar territórios existenciais habitáveis.

Nos rastros desse meu percurso como pesquisador, psicólogo e ativista, mas também como sujeito que se afeta e circula por algumas margens de cenas homoeróticas, dei continuidade às minhas reflexões sobre sexualidades e erotismos dissidentes. As “novas” preocupações se efetivaram a partir desta tese de doutorado, que se debruçou sobre outras problemáticas: a prostituição masculina, o trabalho sexual exercido por homens, os fluxos do erotismo presentes nessas práticas, os territórios existenciais e as subjetivações produzidas a partir desses contextos. De modo geral, considere o trabalho sexual como uma prática emblemática para problematizarmos a produção das sexualidades, do desejo e do erotismo em contextos biopolíticos (FOUCAULT, 1988), além de ser um importante vetor de subjetivação que se movimenta tanto em conjunturas locais como globais.

Levando em conta uma necessidade pessoal de traçar uma espécie de rastreamento genealógico (FERNANDEZ, 2008) sobre aquilo que pretendia estudar, no capítulo dois “*Sexo é negócio(!)(!)(?)*”: *localizando discursos sobre o trabalho sexual e o mercado do sexo*”, apresento alguns debates contemporâneos sobre temas como

prostituição, trabalho sexual e mercados do sexo. Além disso, discuto algumas produções discursivas sobre a prostituição masculina, que se desenvolveram desde o século XIX até os dias atuais. Essa localização histórica me pareceu importante na medida em que ela informa algumas racionalidades científicas e biopolíticas na construção do “sujeito prostituto”, historicamente enunciado como um indivíduo que estava (e ainda está, em alguns contextos) colado ao campo da moralidade, da criminalidade, da delinquência e da psicopatologia. Ao nos aproximarmos dessas genealogias, podemos evitar cair na armadilha de reproduzir discursos que em nada contribuem para pensarmos criticamente o trabalho sexual e as experiências dos sujeitos envolvidos nesse tipo de atividade laboral.

A proposta desta tese foi problematizar narrativas, histórias e relatos que pudessem me ajudar a cartografar territórios geo-político-existenciais de homens que atuavam como trabalhadores do sexo. O mercado do sexo é constituído por diversos segmentos que conformam territorialidades distintas e posicionam sujeitos de modos diversos. Diante dos múltiplos segmentos do mercado do sexo, achei prudente focar minha pesquisa nas experiências de sujeitos que trabalhavam, principalmente, nas chamadas “saunas gays” – estabelecimentos comerciais destinado a sociabilidades lúdicas e ao intercâmbio sexual entre homens. Como se poderá notar ao longo da tese, os trabalhadores do sexo não necessariamente se fixam em um único território de trabalho, de modo que o fato de atuarem nas saunas não significa que tais sujeitos não transitem por diversas redes de circulação. Nesse sentido, as saunas foram tomadas na pesquisa como um “ponto de partida” desde o qual eu pude iniciar meu contato com os garotos de programa.

A pesquisa se constituiu a partir da observação em saunas localizadas nas três capitais do sul do país (Porto Alegre (RS), Florianópolis (SC), Curitiba (PR)) e na cidade de São Paulo (SP). A sauna que frequentei por mais tempo foi a de Florianópolis, devido ao fato de eu residir nessa cidade e poder acessar tal estabelecimento com mais regularidade. Durante a circulação por esses territórios pude entrevistar os garotos de programa em seus próprios locais de trabalho. Essa estratégia de pesquisa será discutida mais detalhadamente no capítulo três “*Nas pistas do mercado do sexo*”, no qual apresento uma problematização sobre perspectivas teórico-metodológicas que embasaram a tese. No capítulo quatro “*Agenciamentos eróticos: territórios, corpos e trabalho sexual*”, desenvolvi uma discussão sobre

as dinâmicas de alguns territórios nos quais o trabalho sexual é exercido, bem como sobre as saunas que visitei nas quatro cidades. Apesar de ter apresentado algumas notas sobre a “prostituição de rua” (uma vez que realizei observações em espaços públicos na cidade de Florianópolis), esse capítulo se direcionou mais ao trabalho exercido nas saunas, que foram tomadas como pontos de territorialização do trabalho sexual.

Ao todo realizei entrevistas em profundidade com 11 homens trabalhadores do sexo. Também considerei como material de análise meus diários de campo produzidos a partir das minhas observações (tanto nas saunas como nas ruas) e das conversas informais que pude estabelecer com alguns *boys*. Essas conversas informais também foram importantes para me aproximar de situações cotidianas dos garotos e estabelecer uma relação de maior proximidade com eles. As histórias desses sujeitos foram discutidas, sobretudo, nos capítulos cinco, seis e sete.

No capítulo cinco “*Pedagogias do trabalho sexual*”, problematizo alguns modos pelos quais os garotos de programa se iniciam no trabalho sexual, como aprendem determinados códigos e estratégias necessárias em seus cotidianos de trabalho, como lidam com as dificuldades nesses processos de se “fazer *boy*” e como se posicionam frente às diferentes hierarquias que se estabelecem no vários circuitos do mercado do sexo. Além disso, também analisei como o trabalho sexual pode tensionar modos de autorreconhecimento em termos gênero e sexualidade, e produzir um tipo de reflexão que muitas vezes demanda dos *boys* outros estilos de experienciar as masculinidades, o desejo, o prazer, o corpo e o erotismo.

No capítulo seis “*Fluxos do cotidiano*”, discuto as modalidades de trânsitos, deslocamentos e migrações motivadas pelo trabalho sexual. Todos os meus interlocutores que entrevistei relataram ter se envolvido, pelo menos em algum momento de suas vidas, em redes de circulação e de mobilidades, através das quais transitavam por diferentes cidades, estados e países. Pude analisar tanto as narrativas de deslocamentos dentro do próprio Brasil (entre cidades e estados diferentes), como para o exterior. Os relatos indicaram que o trabalho sexual está intimamente conectado a dinâmicas geopolíticas globais que seguem uma tendência de borramento das fronteiras geográficas. Acredito que o conteúdo apresentado nesse capítulo faz ecos com uma ampla discussão contemporânea sobre os mercados transnacionais do sexo, sobre os direitos humanos e sexuais dos/as trabalhadores/as do sexo, sobre as

migrações e mobilidades humanas em escala global, e sobre a dinâmica do capitalismo contemporâneo.

Por fim, no capítulo sete “*O(ri)fícios do corpo*”, desenvolvo o que pode ser lido como um cartografia do corpo do trabalhador do sexo. Procuo problematizar a fabricação da materialidade dos corpos dos garotos de programa e de que maneira tais processos constituem os sujeitos e atuam na manutenção de certas performatividades. Os relatos compartilhados pelos interlocutores expressam como determinadas normas de gênero e sexuais atravessam os homens que oferecem serviços sexuais e produzem práticas que se tornam corriqueiras em seus no cotidiano de trabalho, como o uso de medicamentos para manter a ereção, a necessidade de exibir corpos sempre disponíveis para o sexo, a reprodução de determinadas imagens que valorizam o corpo e o *dote* (pênis), etc. Ao longo desse capítulo, percebe-se a centralidade do corpo e do *dote* na veiculação de representações que são valoradas e legitimadas no mercado do sexo. Além desses tópicos que dizem respeito à fabricação do corpo-sexual dos garotos de programa, o último sub-capítulo retrata algumas situações de desconforto, mal-estar e violências relatadas pelos interlocutores.

Espero que no decorrer da tese a/o leitor/a possa se aproximar um pouco dos territórios existenciais dos homens que atuam como trabalhadores do sexo, se envolver com suas angústias, medos, contradições, desejos, projetos, conquistas, necessidades, afetos, e toda a rica multiplicidade existencial que eu mesmo, como pesquisador, pude entrar em contato e me afetar. Que a alteridade expressada nas narrativas apresentadas sejam potentes para sairmos de certo lugar-comum que insiste em desqualificar os modos de vida dos trabalhadores do sexo.



“SEXO É NEGÓCIO(.)(!)(?)”

2. “SEXO É NEGÓCIO(!)(?)”: LOCALIZANDO DISCURSOS SOBRE O TRABALHO SEXUAL E O MERCADO DO SEXO

Que o sexo ou, para ser mais preciso, as práticas sexuais, podem ser negociadas como uma mercadoria, não é especialmente uma novidade, sobretudo nos contextos ocidentais modernos e capitalistas. Aparentemente, a fórmula da relação econômica é simples: se o prazer sexual pode ser um produto a ser consumido, bastaria indexar um preço ao que será vendido, encontrar consumidores dispostos a pagar pelo serviço e estabelecer, por fim, a negociação (local, tempo de consumo, “regras”, etc.). Porém, obviamente a relação entre *sexo* e *capital* está longe de ser algo fácil de ser esquematizado em algum matema ou alguma fórmula meramente descritiva que poderia representar suas lógicas e funcionamentos. Além disso, a associação entre essas duas dimensões frequentemente suscita acaloradas discussões seja no campo moral, político, social e/ou intelectual.

Apesar de costumeiramente serem pensadas como distintas e como ocupando pólos praticamente opostos, essas duas dimensões se entrecruzam o tempo todo no campo social. O capital e/ou o mercado, seria uma das égides do funcionamento da vida pública em contextos capitalistas: é o que está nas ruas, desde as transações cotidianas mais ínfimas, como quando se compra um alimento ou se paga uma passagem de ônibus, até as mais complexas, como na macroeconomia de um país. A lógica neoliberal exarceba a importância do capital na vida cotidiana e codifica todos os fluxos da sociedade de modo a assegurar um “bom” funcionamento do mercado e das práticas de governo que regulam as populações. O sexo, por sua vez, ainda está fortemente atrelado ao mundo privado, ao individual, ao campo da intimidade, do segredo, dos pudores, da moral. No entanto, depois de Michel Foucault e de várias autoras feministas como Carole Pateman, Simone de Beauvoir, Gayle Rubin e Judith Butler (só para citar algumas), fica difícil pensar em sexo e sexualidade dessa forma privatista e individualista. A sexualidade, como postulou Foucault (1988), não seria uma dimensão subterrânea que deveríamos descobrir ou para qual deveríamos encontrar um significado intrínseco ou oculto (como faz a psicanálise), mas sim um dispositivo histórico que responde a uma vontade de verdade e de controle sobre os corpos, sobre os prazeres e sobre o erotismo. A produção de um dispositivo da sexualidade, de acordo com Foucault (1988), possibilitou uma explosão de saberes e uma incitação discursiva sobre o sexo no campo político, dimensionando a sexualidade como um

problema de governo e de gestão. Tais discursos foram compondo, desde o século XVIII, as formas como compreendemos o que hoje chamamos de sexualidade e, mais do que isso, produzindo o sentimento de uma interioridade subjetiva e de uma verdade do sujeito moderno que supostamente poderia ser alcançada a partir da decifração destes segredos da intimidade: o sexo e o desejo (FOUCAULT, 1988).

A ficção moderna da dualidade entre público e privado não se sustenta mais, pelo menos entre críticos da cultura, especialmente aquelas e aqueles que se debruçam sobre as questões de sexualidade e de gênero. Entre as primeiras feministas o debate já estava presente com o emblemático bordão “o privado é político”, expressão que representava muito bem os problemas que implicavam a separação arbitrária de dois mundos supostamente distintos, porém complementares: o público como espaço dos homens, e o privado como lugar das mulheres; o mercado ou o “mundo do trabalho” como constituído por mão de obra masculina e a harmonia e preservação da família nuclear, base para a consolidação do Estado Moderno, como responsabilidade feminina. É evidente que em um nível molar o campo social se organiza através dessas segmentaridades binárias (DELEUZE & GUATTARI, 2008) de modo que ainda podemos ver em diversos discursos (seja nas mídias, no direito, na ciência, etc.) uma nítida separação entre essas duas esferas. Frequentemente nos deparamos com fortes tendências que mantêm as discussões sobre sexualidades, prazer, erotismo, corpo e gênero no campo do privado, como se essas questões não compusessem um corpo próprio de infinitas tensões no campo político. Beatriz Preciado (2008b), nos rastros do pensamento foucaultiano, salienta que uma das características própria às sociedades modernas não foi ter obrigado o sexo a permanecer no âmbito privado, “mas ter produzido as identidades sexuais e de gênero como efeitos de uma gestão política dos âmbitos privados e públicos e de seus modos de acesso ao visível”.

Vivemos em um momento conflitivo. Ao mesmo tempo em que movimentos sociais, ativistas e intelectuais demandam direitos e o alargamento das noções de cidadania - ou seja, o reconhecimento de vidas dignas de serem vividas, tais demandas encontram obstáculos em forças políticas e religiosas conservadoras e fundamentalistas, que impedem que grupos minoritários tenham direitos assegurados. Segundo Foucault (2008), a proliferação indefinida de discursos, tanto aqueles normativos e normalizadores, como os de resistência, produzem uma materialidade da coisa pronunciada, o que significa que os discursos conformam a vida social e a produção de sujeitos. Isso seria de peculiar

importância no campo da sexualidade e da política, pois, como salienta o autor,

[...] as regiões onde a grade é mais cerrada, onde os buracos negros se multiplicam, são as regiões da sexualidade e da política: como se o discurso, longe de ser esse elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade se desarma e a política se pacifica, fosse um dos lugares onde elas exercem, de modo privilegiado, alguns de seus mais temíveis poderes. Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder (FOUCAULT, 2008, p. 09)

Assim, em meio à disputa social e política sobre o sexo, o corpo e a vida, ou seja, aquilo que Foucault (1988) denominou de *biopolítica*, e Preciado (2008), mais recentemente, vem chamando de regimes farmacopornográficos, testemunhamos questões como a (des)criminalização do aborto; violências e discriminações por conta de orientação sexual e identidade de gênero contras pessoas LGBT e mulheres; o tráfico de pessoas para fins de exploração sexual; disputas que envolvem uma nítida aproximação entre Estado e a indústria farmacêutica para o controle de distribuição de hormônios masculinos e femininos, bem de medicamentos antiretrovirais para pessoas que vivem com HIV/Aids; gestão dos corpos de travestis e transexuais que ainda hoje estão sujeitos à patologização psiquiátrica; a regulamentação das/dos trabalhadoras/res do sexo ou a proibição e criminalização da prostituição, etc. A lista de temas que aproxima sexualidade e política é enorme, e cada um desses assuntos carrega uma complexidade intrínseca no debate público. Esses enredamentos atestam a contundente afirmação de Gayle Rubin (1993): “o sexo é sempre político”.

Sexo como mercadoria, como negócio ou como um produto, diante desse quadro, significa um entrecruzamento que evidencia a precariedade das divisões entre público e privado e que torna explícito algo dificilmente reconhecível no campo social: o fato de que relações econômicas podem perpassar e modular os fluxos do erotismo, e que há um investimento erótico presente em relações comercialmente interessadas. Se socialmente o sexo (privado) não pode estar remetido ao mercado (público), o “mercado do sexo” constitui, portanto, uma

figuração que expressa um paradoxo e que desorganiza padrões normativos que conformam um certo ordenamento inteligível de sociedade.

Práticas sexuais ininteligíveis não significam, no entanto, práticas que não existam ou que não estejam em funcionamento a todo momento, mas sim práticas que explodem nas margens, que percorrem meios que não podem ser vistos, seja por motivos legais e/ou morais. As negociações comerciais relativas ao sexo estariam sob um regime de invisibilidade que decorre, fundamentalmente, de discursos que hierarquizam as práticas aceitáveis e as não aceitáveis no campo do erotismo. Essas seriam, segundo Gayle Rubin (1993), enunciadas como “sexualidades condenadas”, “más”, “anormais” e “não-naturais”.

Diante da impossibilidade de separarmos temas como sexo, sexualidade e política é que a problemática das relações entre sexo e dinheiro, ou ainda entre sexo, economia política e mercado, surge como ponto de tensões e de debates nas atuais agendas de movimentos sociais e de pesquisadores/as ao redor do mundo. As tensões não são simples e implicam em diferentes visões epistemológicas, teóricas e políticas que orientam os modos de pensar a questão da prostituição e do mercado do sexo, das/os prostitutas/as e dos/das trabalhadores/as do sexo.

Estes debates têm produzido uma intensa discussão acadêmica e política que pode ser observada nos contextos brasileiros e latino-americanos. Apenas para situar sucintamente algumas recentes produções nas áreas das ciências sociais e humanas, podemos citar o livro “*Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*”, publicado em 2011, organizado por Adriana Piscitelli, Gláucia Oliveira de Assis e José Miguel Nieto Olivar, do Núcleo de Estudos de Gênero – PAGU – UNICAMP e do doutorado em Ciências Sociais/IFCH – UNICAMP. Essa publicação reuniu artigos de pesquisadores/as que desenvolveram investigações sobre brasileiros/as em diferentes espaços transnacionais. Nos textos presentes, observa-se um esforço em compreender o gênero em interseccção com outras diferenças a partir da articulação entre sexo, afetos, dinheiro, mobilidades e migrações. A questão da íntima relação entre *mercado do sexo* e *mobilidade* tem sido debatida em vários contextos acadêmicos que situam a discussão num amplo leque sócio-antropológico que envolve fluxos de pessoas, seja em contextos nacionais e/ou transnacionais¹. Tais estudos estão preocupados em analisar como os

¹ Os trânsitos e deslocamentos de homens motivados pelos fluxos do mercado (trans)nacional do sexo serão discutidos no capítulo seis.

deslocamentos estão marcados pelo gênero, pela raça/etnia, por questões de classe, por identidades sexuais diversas e pelo fluxo global sul-norte.

Outra produção recente foi o livro em formato digital intitulado “*Sexualidade e Política na América Latina: histórias, interseções e paradoxos*”, publicado em 2011 pelo Observatório de Sexualidade e Política (Sexuality Policy Watch), organizado por Sônia Correa e Richard Parker. Essa publicação surgiu a partir de discussões iniciadas no *Diálogo Latino-americano sobre Sexualidade e Geopolítica*, ocorrido no Rio de Janeiro, em agosto de 2009. Segundo Sônia Correa e Richard Parker, o conjunto de conversações apresentados teve como objetivo abrir espaços, entre pesquisadoras/es e ativistas, para discussões sobre os desafios das políticas regionais contemporâneas, focando tanto nas tendências comuns, como nas diferenças e dissonâncias nos diversos contextos culturais e políticos que “compõem o mosaico da globalidade em termos de sexualidade, política, direitos humanos, ciência e religiões” (CORRÊA & PARKER, 2011). Nesse exemplar, encontramos uma sessão específica que trata do tema do sexo comercial, intitulada “Sexualidade e economia: visibilidades e vícios”, com textos de pesquisadoras/es que têm se dedicado à questão do mercado do sexo em diferentes níveis de interseções. Vale destacar a relevância e importância das pesquisas e análises desenvolvidas pelo Observatório de Sexualidade e Política que, desde 2006, vem promovendo ações e debates em âmbitos globais e locais sobre políticas sexuais e de gênero². A questão dos direitos humanos e sexuais dos/das

² Em 2013 fui selecionado pelo Observatório de Sexualidade e Política para participar da formação “**Sexuality and political change – A new training program**” (Sexualidade e mudança política – um novo programa de formação), ocorrido em agosto, em Buenos Aires, Argentina. O curso contou com a presença de importantes pesquisadores/as internacionais como Sonia Corrêa (Brasil), Richard Parker (Brasil/EUA), Gloria Careaga (México), Rosalind Petchesky (EUA), Vivek Divan (Índia), Akshay Khana (Índia/Reino Unido), Mario Pecheny, Ernesto Meccia e Mauro Cabral (Argentina). O corpo discente foi composto por pesquisadores/as e ativistas de 14 países diferentes (principalmente países do sul global e/ou considerados “fora do eixo”), o que possibilitou uma intensa discussão e troca de experiências relativas às políticas sexuais e de gênero em diferentes contextos locais, regionais e globais. Durante a formação, fomos estimulados/as a problematizar como pesquisas e ativismos podem (ou não) se articular e produzir mudanças sociais. A experiência de estar em contato com pessoas de lugares tão diferentes, com realidades políticas e culturais tão singulares, possibilitou-me entender e vivenciar “na prática” o debate político sobre as complexidades que implicam a articulação entre

trabalhadores/as do sexo é sempre pauta nas discussões desse fórum de pesquisadores/as.

Periódicos brasileiros importantes nas áreas dos estudos de gênero, das teorias feministas, dos estudos *queer* e de sexualidades, como os Cadernos Pagu (Unicamp), a Revista Estudos Feministas (UFSC) e a Revista Sexualidad, Salud y Sociedad (CLAM/IMS/UERJ), frequentemente publicam artigos, ensaios e dossiês que tratam da temática da prostituição e do mercado do sexo a partir de diversas orientações teóricas e epistemológicas, contribuindo também com a multiplicação de perspectivas e para a complexificação desse campo de estudos.

Muitos outros exemplos de publicações poderiam ser citados, mas escolhi apenas alguns para evidenciar que o campo político e acadêmico que tem tratado do sexo comercial vem complexificando a discussão sobre a relação entre economia e sexualidade e marcando campos epistemológicos importantes nos estudos de gênero, feministas e *queer*. Durante muito tempo (e ainda hoje, em alguns contextos) a prostituição foi tratada como um desvio moral e/ou como um problema social a ser exterminado, gerido e/ou tutelado (tendo as mulheres, travestis e homens trabalhadores do sexo como alvo do controle estatal e de repressão policial). Atualmente, porém, os debates propiciados tanto por acadêmicos/as e pesquisadores/as como por ativistas, militantes e pelas/os próprias/os trabalhadoras/es do sexo organizadas/os em movimentos sociais, têm produzido novas perspectivas. Esses diferentes olhares obviamente não eliminam do campo social aquelas visões precedentes, mas ao menos produzem a coexistência de outros regimes discursivos.

Essas “novas” modalidades enunciativas sobre o trabalho sexual enfatizam os direitos (tanto os direitos trabalhistas como os direitos humanos) dos sujeitos envolvidos no mercado do sexo; a saúde sexual; a agência e as possibilidades de escolhas possíveis; o potencial subversivo como também as práticas normativas e opressoras; as transformações, nuances e diversidades relativas aos significados culturais que damos ao corpo, à sexualidade, ao gênero e ao erotismo; etc. O que esses pontos de vista têm propiciado é uma crítica a discursos que enunciam algumas moralidades prescritivas sobre um suposto uso “correto” do corpo erótico e sexual. Além disso, tais perspectivas de análise têm

“sexualidade e política”, sobretudo quando essas questões estão conectadas com dinâmicas geopolíticas globais.

privilegiado a questão da *experiência*³ dos sujeitos envolvidos no mercado do sexo. A dimensão da *experiência própria* abala alguns pressupostos teóricos que pretendem falar *pelos* sujeitos, destituindo os mesmos de um lugar de enunciação. Falar *pelos* outros sem escutá-los e sem considerar as perspectivas sobre as próprias experiências, faz com que se perpetuem saberes que estão a serviço da manutenção de um *status quo*.

Estudos recentes que se dedicam à problematização do trabalho sexual e do mercado do sexo acabam se deparando com a dificuldade de encontrar definições e categorias mais “apropriadas” e/ou analiticamente mais férteis para melhor compreender aquilo que se pretende investigar. Tais categorias não podem ser pensadas como meras palavras descritivas, mas sim como termos que sinalizam certas orientações teóricas e políticas dos/das pesquisadores/as. Algumas categorias de análise que recentemente vêm ganhando atenção e centralidade nesse campo de pesquisa são: indústria do sexo, mercado do sexo, trabalhador/a do sexo, trabalho sexual, profissional do sexo, prostituição, entre outras.

Segundo Adriana Piscitelli (2013), uma das principais pesquisadoras no Brasil sobre o assunto, há um acordo, entre estudiosos/as do tema, de que nas últimas décadas o trabalho sexual tem dado lugar a uma verdadeira *indústria*, o que resultou no surgimento da expressão *indústria do sexo*, a qual, segundo a autora

designa a estrutura organizativa vinculada ao sexo comercial, destacando sua solidez, as forças econômicas e os interesses que as impulsionam, a diversidade e a dimensão desses negócios e suas inter-relações com outras grandes indústrias, como cadeias de hotéis, turismo de tecnologia de informação [...]. A ideia é que o que há de novo nessa indústria é a crescente estrutura comercial e empresarial de obtenção de lucro, a escala desses lucros, a diversificação de modalidades de serviços sexuais envolvidos e o lugar fundamental que os meios tecnológicos têm em sua expansão. (PISCITELLI, 2013, p. 25)

³ A questão da *experiência* tem sido um elemento central nas teorias feministas e *queer*, como podemos notar em escritos de autoras como bell hooks (1989), Joan Scott (1999), Rosi Braidotti (2000), Gloria Anzaldúa (2005), Beatriz Preciado (2008).

Essa definição se alinha às reflexões Laura Agustín (2007), outra importante pesquisadora que entende que “indústria do sexo” seria um termo bastante amplo que contempla todas as atividades econômicas que, de alguma forma, se relacionam ao trabalho sexual. Tais atividades podem tanto se operacionalizar de modo direto, como nas relações que envolvem os/as trabalhadores/as do sexo e os/as clientes, como de modo indireto, como podemos perceber nas ocupações e serviços “adjacentes” que contribuem com o funcionamento de toda uma rede que sustenta a indústria do sexo. Esses serviços adjacentes podem ser oferecidos por manobristas de estacionamento, garçons e garçonetes, seguranças, motoristas, atendentes de caixa, faxineiras/os, cozinheiros/as, barmen e trabalhadores/as de lavanderia. Somar-se-iam, ainda, pessoas que investem em imóveis, entretenimento e turismo; proprietários de negócios e empresários; advogados; contadores; serviços aéreos, de limusines e de táxis; serviços de telecomunicação; serviços de internet; jornais e outros meios de comunicação que publicam anúncios que aproximam quem vende e quem consome sexo comercial; empresas que gerenciam dinheiro, como bancos; vendedores de trajes, acessórios, maquiagens, etc. (AGUSTÍN, 2007). Ainda de acordo com Agustín, a indústria do sexo pode ser encontrada em diversos locais, como bordéis, bares, clubes, discotecas, cabarés, sex-shops, saunas, hotéis, clubes de fetiche, salões de beleza, restaurantes, bares com karaokês, em locais públicos, como ruas, praças, etc. Em muitas atividades, as interações podem acontecer de forma *on-line* ou presencial (AGUSTÍN, 2007, p.65). Não se pode deixar de citar que o mercado da pornografia também está incluído na indústria do sexo, de modo que as/os trabalhadoras/es inseridos/as naquele nicho podem transitar em outras segmentos dessa indústria, oferecendo sexo em troca de bens, trabalhando como dançarinos/as eróticos (go-go-boys ou go-go-girls), como acompanhantes de luxo, etc.

Segundo Agustín, podem-se notar, em diferentes países, diversas maneiras de se conduzir os negócios relativos ao sexo. Em alguns contextos encontram-se formas locais ou “tradicionais”, mas, no geral, há muitas coisas em comum através das fronteiras. Essas diferenças podem, ou não, estar reguladas por determinações estatais que regulam, proíbem ou criminalizam as diversas práticas relativas à indústria do sexo. No Brasil, por exemplo, a prostituição não é considerada crime, mas o proxenetismo, função exercida pela figura popular do “cafetão” ou da “cafetina”, seria ilegal. Apesar de não ser

considerada uma prática criminosa o fato de os/as trabalhadores/as do sexo oferecerem seus serviços em espaços públicos, como em ruas ou praças, ainda podemos notar uma forte repressão policial contra essas pessoas durante o momento em que estão na “pista” e “batalhando”⁴, o que leva alguns/mas autores/as, como Ana Paula da Silva e Thaddeus Gregory Blanchette (2011), a considerarem a prostituição como um fenômeno *semicriminoso*.

Agústin (2007) e Piscitelli (2013) complexificam a discussão sobre trabalho sexual, salientando que somente a ideia de “prostituição” não daria conta da diversidade de práticas e trocas que podem estar incluídas nos serviços sexuais. Podemos entender a prostituição como um “tipo de relação sexual regida por uma lógica comercial imediatista e não recíproca”, como sugerem Silva e Blanchette (2011) inspirados na ideia de reciprocidade de Mauss. No entanto, ainda existiriam outras nuances no mercado do sexo que não se encaixariam exatamente nessa definição. Para Piscitelli (2013), as acepções correntes sobre a prostituição não são suficientes para uma compreensão mais aprofundada em relação aos diferentes jogos que envolvem a oferta e a demanda entre sexo e sensualidade que, segundo a autora, “embora mercantilizados, não necessariamente assumem a forma de um contrato explícito de intercâmbio entre sexo e dinheiro” (p. 26). O trabalho sexual passa, então, a ganhar outros contornos que evidenciam relações de trocas de serviços sexuais (e também não-sexuais) por outros tipos de “favores” ou “bens”. Dentre essas trocas possíveis, podemos citar, por exemplo, a possibilidade de “ajuda” nas mobilidades (trans)nacionais e nas tentativas de ascensão econômica e simbólica (FONSECA, 1996; KEMPADOO, 2004; PELÚCIO, 2005; SILVA & BLANCHETTE, 2005; PISCITELLI, 2011, 2013); presentes, “agrados” e ajudas que podem se estender para outros membros da família de um garoto de programa (MITCHELL, 2011); sociabilidades tarifadas, como as dos serviços de “garotos acompanhantes” (*escort boys*) que não necessariamente incluem o ato sexual e que produzem uma certa paródia

⁴ “Estar na pista” e “batalhar” são considerados termos êmicos no Brasil, utilizados pelos/as trabalhadores/as do sexo para se referir ao momento em que estão trabalhando, seja nas ruas e praças, ou em espaços fechados, como clubes, casas de massagem ou saunas. Aparentemente, o termo é usado por homens, mulheres e travestis profissionais do sexo. Para mais detalhes de realidades particulares, conferir: AMARAL (2012); AMARAL E TONELI (2013); PELÚCIO (2005); PERES (2005); POCAHY (2011); SILVA E BLANCHETTE (2011).

do amor romântico (“um amor romântico remunerado”) e uma subversão de enunciados normativos acerca da “carência” e “necessidade” de clientes (POCAHY, 2011), etc.

As questões dos fluxos migratórios e das mobilidades motivadas pelo mercado do sexo também têm sido dimensões importantes nos estudos sobre trabalho sexual (AGUSTÍN, 2005, 2007; BARRERO, 2005; KEMPADOO, 2005; SILVA E BLANCHETTE, 2005; PISCITTELI, 2006, 2007a, 2007b, 2008, 2013; MAYORGA, 2011; PELÚCIO, 2011). Segundo Piscitelli, Assis e Olivar (2011) as pesquisas feministas sobre migração vêm demonstrando que as *desigualdades de gênero* marcam as circulações de pessoas, como no caso de mulheres migrantes do sul global que viajam para o norte para trabalharem em serviços domésticos ou de cuidados⁵. No entanto, salientam os autores, esses estudos sobre migração têm dado pouca atenção ao *sexo* e à *sexualidade* no âmbito do mercado do sexo, de modo que podemos observar um silêncio em torno dessas temáticas. Além do mais, tradicionalmente quando se fala em migração para trabalhar no mercado do sexo, observa-se uma ênfase nas relações de gênero que envolvem homens (na posição de clientes) e mulheres (do lado da oferta). Essa olhar fixo sobre tais posições acaba também silenciando reflexões sobre sujeitos que embaralham as fronteiras do gênero, como as travestis, ou ainda sobre homens e masculinidades em situações migratórias, especialmente aquelas que acontecem por motivação de um mercado do sexo (PISCITELLI, 2013). De fato, durante meu levantamento bibliográfico sobre a produção acadêmica brasileira relativa trabalho sexual exercido por homens, não encontrei nenhuma pesquisa que problematizasse os deslocamentos e os trânsitos de garotos de programa, apesar de esses tipos fluxos serem bastante frequentes entre homens trabalhadores do sexo, como discutirei mais detalhadamente no capítulo seis.

Diferentemente da atenção dada às marcas do gênero nos fluxos migratórios, sexo e sexualidade têm recebido pouca ênfase nas pesquisas sobre migração. Tais estudos estão muito focados em grupos heterossexuais que se engatam em fluxos migratórios motivados pelo “turismo sexual”, que podem, ou não, envolver prostituição, como verificam Piscitelli, Assis e Olivar (2011). Esses autores destacam (p. 08), no entanto, que a maior parte dessas discussões acabam não

⁵ Para uma discussão sobre gênero e migração, conferir também o Volume 15, número 3/2007 da Revista Estudos Feministas que traz uma seção temática intitulada “Gênero e migrações contemporâneas”.

focando nos afetos que envolvem tais práticas: “[...] os afetos, sobretudo as emoções das pessoas de regiões pobres do mundo, têm recebido comparativamente escassa atenção, como se a importância adquirida pelos aspectos econômicos e sexuais apagasse as demais dimensões presentes nesses encontros”. As questões das emoções, dos desejos e das subjetividades, nesse sentido, acabam recebendo menos atenção, como se os afetos das pessoas não constituíssem uma dimensão importante na produção dos mercados do sexo e dos próprios territórios existenciais que se compõem nesses contextos.

Podemos notar, portanto, que o mercado do sexo pode envolver diversas situações, contextos e práticas e é a partir dessas complexidades intrínsecas que o trabalho sexual precisa ser localizado, articulado e pensado. Tais complexidades presentes nas relações entre economia e sexualidade têm sido apontadas em diversas pesquisas no campo dos estudos de gênero, feministas e *queer*.

Em relação a um dimensionamento histórico e cultural da prostituição, várias pesquisas demonstram o que algumas autoras consideram a coexistência temporal de pelos menos três *paradigmas da prostituição* que denotam diferentes modalidades de intercâmbios econômicos e sexuais. Tais leituras procuram articular a indústria do sexo ao processo histórico ao qual ela está vinculada (PISCITELLI, 2013). O primeiro paradigma segundo Bernstein (2007, *apud* PISCITELLI, 2013) estaria situado em um momento “pré-moderno”, quando as mulheres ofereciam “favores” sexuais nos próprios lares e/ou nas comunidades em que viviam sem que essas práticas implicassem, necessariamente, em trocas comerciais.

O segundo paradigma seria o que de fato podemos considerar como *prostituição comercial* em ampla escala, um fenômeno recente, produto do capitalismo industrial moderno. É nesse contexto que podemos ver o estabelecimento de fronteiras mais demarcadas entre espaços públicos e privados, de modo que a prostituta se torna aquela mulher “pública” que contraria as normas sociais e morais e que passa a ser alvo de gestão e controle estatal e policial nas crescentes cidades higienizadas (RAGO, 1985). A noção de prostituição industrial moderna delimita fronteiras subjetivas que marcam a “prostituta pública” e a “mulher da vida privada” como duas “personagens” que, teoricamente, não poderiam co-existir. Para Elizabeth Bernstein (2008) o momento histórico marcado pela industrialização das grandes cidades (entre o fim do século XIX e começo do século XX) produziu a imagem da prostituta como sujeito desviante e como um problema social. Já no

final do século XX, quando, de acordo com Bernstein (2008), ocorre uma mudança da economia baseada na produção, para uma economia baseada no consumo, nota-se uma alteração na ênfase que se dá às prostitutas. Essas “mulheres públicas” passam a ser vistas como vítimas de exploração sexual ou como *trabalhadoras* do sexo, de modo que a atenção pública se volta, então, ao comportamento do consumidor/cliente. Segundo a autora, a prostituição masculina também estava presente nas grandes cidades nesse período histórico, no entanto os discursos sobre os homens trabalhadores do sexo tendiam a englobar e homogeneizar todos esses sujeitos na então recente categoria médico-sexológica de “homossexuais”, como se verá mais adiante.

De acordo com Piscitelli (2013), seria nas chamadas cidades pós-industriais que percebemos o aparecimento de um terceiro paradigma da prostituição, no qual as fronteiras entre uma vida pública e outra privada para as trabalhadoras do sexo estariam mais borradas. Tal paradigma que surge nas cidades pós-industriais seria decorrente, segundo a autora, de questões como:

a desaparecimento das fronteiras entre produção e consumo; o aumento de trabalhos em tempo parcial e temporários e de pessoas que moram sós; a difusão da aceitação do sexo como recreativo, como atividade de lazer situada no âmbito do mercado; e a gentrificação das áreas centrais dessas cidades com a conseqüente expulsão das prostitutas da rua. Nesse processo, no âmbito em que teria surgido um terceiro paradigma, as prostitutas teriam passado a trabalhar em espaços fechados, a estabelecer encontros com clientes mediados pela tecnologia (celulares e internet) e a oferecer serviços marcados por formas diferentes de conexão erótica, incorporando mais trabalho emocional dentro do contexto comercial. Diferentemente do duplo *self* da prostituição moderna, as trabalhadoras envolvidas nessas modalidades de intercâmbio sexual aspirariam a um único *self* e não traçariam significativas distinções entre cenários e domínios eróticos públicos e privados (PISCITELLI, 2013, p.28, 29).

As pesquisas de Piscitelli (2013) que vêm relacionando o mercado transnacional do sexo ao trânsito de mulheres que migram para trabalhar nesse mercado são exemplos de como os paradigmas coexistem e se misturam. As análises desta autora referentes às múltiplas possibilidades de trocas econômicas e sexuais levaram-na a considerar que a “noção de mercados do sexo seria mais fértil, em termos analíticos, que a ideia de indústria do sexo” (PISCITELLI, 2013, p.30). Considerando que a maioria dos intercâmbios em contextos capitalistas sofre influência da economia de mercado, Piscitelli (2013, p.30) considera que a ideia de *mercado do sexo*

possibilita pensar nas relações mais intensamente marcadas por essa economia de mercado, frequentemente vinculadas à indústria do sexo. Contudo, ela situa as trocas que têm lugar no marco dessa indústria num universo muito mais amplo de intercâmbios sexuais e econômicos, materiais e simbólicos.

De acordo com Piscitelli (2016), a ideia de *mercado do sexo* que se disseminou no Brasil traz uma concepção que vincula a prostituição à indústria do sexo. Segundo a autora, a noção de mercados do sexo foi formulada a partir das teorias de Pierre Bourdieu, sociólogo que ampliou algumas concepções sobre *mercado*:

Trata-se de uma noção que não se reduz à economia de mercado, à organização das relações sociais constitutivas da esfera da produção e/ou ao âmbito no qual tem lugar o consumo. Longe disso, ela remete ao vasto terreno dos intercâmbios materiais e simbólicos mediante os quais se organiza o social (PISCITELLI, 2016, p.04).

Nessa vertente de compreensão alargada sobre o mercado, admite-se que os mercados do sexo não presumem apenas transações comerciais e de dinheiro, mas também envolvem outras trocas simbólicas. O trabalho sexual, nesse sentido, pode ser pensado a partir de diferentes intercâmbios “incluindo modalidades de trocas que não se confundem com a prostituição” (PISCITELLI, 2016, p.04). Piscitelli destaca, ainda, que a noção de mercados do sexo está, sobremaneira, embasada por referenciais teóricos feministas. Nesse sentido, o uso

dessa concepção pode nos conduzir a problematizações que considerem diversas categorias de diferenciação como raça/etnia, nacionalidade, sexualidade, gênero, idade, classe social, etc. Além disso, as pesquisas que vêm trabalhando com a noção de mercado do sexo têm tomado o cuidado de considerar a subalternização, o estigma e a precarização do trabalho sexual, sem com isso negligenciar as dimensões de agência dos sujeitos envolvidos nesses tipos de atividades (PISCITELLI, 2016). Tal concepção me parece pertinente para pensarmos o trabalho sexual exercido por homens, como se poderá observar principalmente nos capítulos cinco e seis.

As noções de *mercado do sexo* e de *trabalho sexual*⁶ como vêm sendo usada por importantes teóricas (cada qual com uma analítica peculiar), como Piscitelli (2013), Agustín (2007), Kempadoo (1998, 2004), Preciado (2008), entre outras, estão alinhadas a algumas correntes de pensamento que têm levado em consideração a voz de movimentos sociais organizados de pessoas que exercem o trabalho sexual. Trata-se de perspectivas que entendem que pessoas que dispõem do sexo como instrumento de trabalho possuem direitos, apesar de muitas vezes estarem sujeitas a situações de precarização do trabalho, de vulnerabilidades e de violência policial e de Estado.

Vale lembrar que no debate político, principalmente entre as diversas vertentes feministas, essas definições e formas de olhar e compreender o trabalho sexual e o mercado do sexo estão longe de se constituírem como um consenso. Na disputa por significados e interpretações, encontramos pelo menos dois pólos discursivos de entendimento sobre o trabalho sexual. Por um lado, há algumas teóricas que reconhecem que pode haver certa margem de agência por parte de sujeitos que decidem trabalhar no mercado do sexo e que seus direitos fundamentais devem ser assegurados (direitos trabalhistas, direitos a condições dignas de trabalho, etc); por outro lado, algumas teóricas consideram que o trabalho sexual já é em si mesmo assujeitador e que toda mulher em situação de prostituição estaria sob uma situação de violência e de violações de seus corpos.

A crítica aos viéses discursivos que são contrários a todo tipo de prática sexual comercial e que sobrevitimizam os/as trabalhadores/as do

⁶ Apesar das categorias “mercado do sexo”, “trabalho sexual” e “trabalhadores do sexo” estarem ganhando espaços nos debates políticos ao enfatizar o aspecto laboral da prática da prostituição, tais termos não parecem ser muito frequentes entre os próprios sujeitos da prostituição, como mostram Silva e Blanchette (2011) a partir de suas pesquisas etnográficas com prostitutas e seus clientes.

sexo como pessoas totalmente passivas à exploração sexual e econômica, pode ser encontrada em autoras como Gayle Rubin (1993), Laura Agustín (2007), Ana Paula da Silva e Thadeus Gregory Blanchette (2011), Adrianna Piscitelli (2006, 2011, 2013), Elizabeth Bernstein (2008), entre outras. Além dos/das pesquisadores/as e acadêmicos/as, também encontramos esses discursos entre vários movimentos sociais de trabalhadores/as do sexo ao redor do mundo, que vêm relativizando a concepção da prostituição como uma prática degradante e/ou como algo a ser exterminado. No Brasil, vários grupos organizados lutam, por exemplo, pelos direitos e pela cidadania das prostitutas, pelo reconhecimento legal de suas atividades, por uma vida digna e merecedora de respeito, por acessos à saúde sem discriminações, pela diminuição das vulnerabilidades, etc. Entre os grupos brasileiros podemos citar a organização Davida, a Rede Brasileira de Prostitutas e a Associação Pernambucana das Profissionais do Sexo (APPS). Em âmbito global, existem grupos como a Global Network of Sex Work Projects (Reino Unido), a Sex Worker Open University (Reino Unido), a TAMPEP - European Network for HIV/STI Prevention and Health Promotion among Migrant Sex Workers (fundada na Holanda, mas que hoje coordena uma rede de 26 organizações em 25 países da União Europeia), a SWEAT – Sex Workers Education & Advocacy Taskforce (África do Sul), a Scarlet Alliance Australian Sex Workers Association (Austrália), a APNSW - Asian Pacific Network of Sex Workers (atuando em países Asiáticos), a International Union of Sex Workers (com atuação na Europa), o Colectivo de Hombres en Accion Comunitaria (México), a RedTraSex – Red de Mujeres Trabajadoras Sexuales de Latinoamérica y El Caribe (Argentina), a AMMAR - Asociación de Mujeres Meretrices de la Argentina en Acción por Nuestros Derechos (Argentina), entre outros.

A existência desses diversos atores sociais e políticos (que vão desde pesquisadores/as, acadêmicos e gestores públicos a militantes, ativistas e profissionais do sexo) evidenciam a multiplicidade de agenciamentos coletivos que enunciam a prostituição e/ou o trabalho sexual como uma prática legítima, desde que os atores e atrizes envolvidos/as nessas trocas comerciais estejam exercendo tal ofício de maneira consensual, não coercitiva, conscientes de seus direitos e de forma não exploratória (seja econômica e/ou sexual). Essas posições relativas à prostituição se aproximam daquilo que se tem denominado como *modelos regulamentaristas e trabalhistas* perante a questão da prostituição. Piscitelli (2013) explica esses modelos:

No modelo regulamentarista, também denominado de legalização no discurso internacional, a prostituição é aceita, mas é vista como ameaça à saúde e à ordem pública. A prostituição é controlada pelo Estado, regulamentada, mediante a introdução de regras destinadas a garantir a ordem, a saúde, a moral e a decência e o pagamento de impostos. No modelo trabalhista, o foco recai sobre os direitos laborais e as condições de trabalho. Reivindicam-se o reconhecimento do trabalho do sexo como atividade legítima e a despenalização dos diversos aspectos vinculados à prostituição, exigindo-se que ela seja regulada por leis civis e laborais, e não por leis penais (PISCITELLI, 2013, p.35).

Contrariamente a essas perspectivas propostas por teóricas e pesquisadoras e por movimentos de trabalhadoras/es do sexo espalhados pelo mundo, também podemos encontrar visões e posições que entendem que toda forma de comercialização do sexo, sobretudo quando o serviço sexual é ofertado por mulheres, seria uma forma de exploração patriarcal e capitalista que objetifica os corpos femininos. Nesse lado do debate, estariam as autodenominadas “feministas radicais” como Catharine Mackinnon, Andrea Dworkin, Janice Raymond, Melissa Farley e Sheila Jeffreys. As feministas radicais endossam os discursos abolicionistas e proibicionistas no debate sobre a prostituição, alegando que as mulheres no mercado do sexo seriam sempre vítimas, passivas e sujeitas a um controle sexista violento sobre seus corpos. Segundo Piscitelli (2013, p.35), o modelo abolicionista “penaliza a todos que recrutam e organizam a prostituição e dela se beneficiam”, já o proibicionista, o modelo mais repressivo, “considera a prostituição um delito e penaliza todas as atividades a ela vinculadas e todas as partes envolvidas, incluindo as prostitutas, consideradas delinquentes”. Piscitelli salienta ainda que o modelo abolicionista seria de particular relevância no Brasil, pois é ele que vem orientando a legislação relativa à prostituição no país⁷.

⁷ Uma tentativa de mudança relativa ao viés abolicionista que permeia a lógica da legislação brasileira pode ser constatada no Projeto de Lei “Gabriela Leite”, proposto pelo deputado federal Jean Wyllys (PSOL), que pretende regulamentar a atividade dos/as profissionais do sexo.

Além desses posicionamentos das feministas radicais que lutam contra a prostituição, nota-se outro grupo social que também compartilha da racionalidade de que a prostituição seria uma atividade degradante e indesejável. Trata-se de grupos de orientação religiosa, especialmente cristã (católicos e evangélicos), que, atuando a partir de uma perspectiva filantrópica e salvacionista, pretendem “tirar as pessoas do mundo da prostituição”. Tais grupos atuam explicitamente a partir de um posicionamento moral relativo ao sexo e fazem uso de uma retórica proselitista para convencer as pessoas envolvidas com a prostituição de que suas atividades seriam inerentemente más, degradantes e/ou pecaminosas. Esses movimentos religiosos e filantrópicos anti-prostituição, bem como as políticas abolicionistas sustentadas por alguns setores conservadores e por algumas feministas radicais, compõem o que Laura Agustín (2007) vem chamando de indústria do resgate (*rescue industry*) que, sob o pretexto de “proteger e salvar” as mulheres dos “males da prostituição” as vitimizam e silenciam suas vozes.

Não tenho a pretensão de resolver aqui os nós presentes nos debates feministas a respeito da prostituição, do trabalho sexual e do mercado do sexo, mas apenas localizar as tensões nos diversos discursos presentes no debate político. É inegável a contribuição das teorias feministas na complexificação das discussões sobre tais temáticas. Porém, por uma *legítima questão de foco político*, as teorias feministas pouco têm ampliado o debate sobre a prostituição exercida por homens. As poucas pesquisas que vêm tratando desse tema de forma crítica estão mais próximas das teorias *queer*, o que não significa que esses estudos abram mão das teorizações feministas. É importante destacar, no entanto, que as dinâmicas e lógicas de funcionamentos da prostituição feminina (exercida por mulheres cis, trans e travestis⁸) diferem em muitos níveis daquelas dinâmicas que podem ser encontradas na prostituição masculina. Essas diferenças podem ser pensadas a partir de estruturas de opressão como o sexismo, o machismo e misoginia em relação às mulheres, a transfobia em relação às pessoas trans, e a homofobia e a heteronormatividade, em relação aos homens; a partir das diferenças de gênero dos sujeitos que atuam no mercado do sexo; a

⁸ Ao longo da tese utilizarei, quando necessário, a categoria cisgênero, tal como vem sendo usada, sobretudo, pelos movimentos de pessoas trans, pelo transfeminismo e pelos estudos trans. *Cisgênero* refere-se a sujeitos que se identificam com o mesmo gênero que lhes foi designado ao nascimento. Pessoas Trans (homens e mulheres transexuais e mulheres travestis), contrariamente, não se identificam com o gênero que lhes foi designado ao nascimento.

partir da gestão dos corpos, das sexualidades e do gênero que se impuseram sobre a vida de trabalhadores/as do sexo ao longo da história; a partir das dinâmicas e desigualdades de gênero presentes no mundo do trabalho, entre outros fatores. Como salientam Scott e Minichiello (2014, p.XIII), “se muito do que nós sabemos sobre o trabalho sexual feminino foi moldado pelo gênero, os entendimentos sobre trabalho sexual masculino foram ligados às explicações populares e oficiais sobre a sexualidade”. E, como Jeffrey Weeks (1981, p.130) também destaca em relação à prostituição masculina, “o ‘desvio’ da prostituição era suplementar ao ‘desvio’ da homossexualidade”. Kerwin Kaye (2003) discute as diferenças que podem ser estabelecidas a partir de múltiplas experiências sociais e vivências pessoais no âmbito da prostituição:

O sexo dos corpos de fato constitui um ato discursivo, carregado de sentidos próprios que lhes são socialmente atribuídos. Assim, o sentido do que é vendido varia de acordo com o sexo e com o corpo. Homens e mulheres que se prostituem não compartilham exatamente a mesma experiência em seus trabalhos porque os mesmos conjuntos de sentidos atribuídos não são aplicados para ambos os padrões de transações: eles não vendem a mesma coisa. Embora o “sexo” seja vendido em ambos os casos, trata-se de um ato sexual no qual seu sentido é distintivamente genericado. Diferenças (e desigualdades) entre mulheres e homens, portanto, existem tanto no nível do discurso, como nas práticas materiais que se assentam sobre as narrativas. Similarmente, o sexo que é vendido por “negros” e “brancos” ou por “homens” e “garotos”, carregam diferentes significados, produzindo assim diferentes experiências e (potencialmente) diferentes identidades, tanto para quem vende, como para quem compra. Talvez dito de forma mais convincente, esses terrenos variados de significados apresentam sentidos potencialmente diferentes, que são ou rejeitados ou apropriados em processos ativos de auto-representação (KAYE, 2003, p.51)⁹.

⁹ Tradução minha do original em inglês.

Nesse sentido, não podemos simplesmente transpor mecanicamente análises e teorias que se desenvolveram a partir de estudos sobre a prostituição feminina para o âmbito da prostituição masculina, ainda que muitas das reflexões em ambos os contextos podem e devem estar em constante diálogo, uma vez que o mercado do sexo frequentemente está conectado por diversas redes que mantêm seu funcionamento vigente¹⁰. Seguindo o desejo de avançar sobre um debate mais específico a respeito da prostituição masculina, destaco a seguir algumas problemáticas que se colocam quando pensamos nos homens do lado da oferta do trabalho sexual.

2.1. Do lado da oferta, os homens

Se o mercado do sexo é tão amplo, complexo e multifacetado, por que tão pouco se fala sobre os homens que trabalham nesse segmento? Por que a prostituição geralmente está atrelada às mulheres (cis e trans)? Qual são os motivos dessas invisibilidades? Será que realmente podemos considerar o argumento de que o número de mulheres trabalhadores do sexo é maior do que o de homens que também exercem o mesmo tipo de trabalho¹¹? E, ainda que fosse maior, esse seria um argumento plausível para justificar tal invisibilidade? Parece-nos evidente que em termos de visibilidade e de um imaginário social instituído¹², a prostituição é uma atividade “feminina” que serve

¹⁰ Durante as pesquisas de campo, foi comum, por exemplo, ouvir de homens trabalhadores do sexo que eles tinham muito contato com redes de prostituição de mulheres e de travestis. Esses contatos podiam ser estabelecidos tanto a partir de relações mais profissionais, como a partir de relações afetivas, quando o casal, homem e mulher, trabalhavam no mercado do sexo.

¹¹ A despeito da suposição de que o número de mulheres que oferecem serviços sexuais seja maior do que o número de homens, Jeffrey Weeks (1981) lembra que, em 1948, os estudos de Alfred Kinsey já haviam identificado que o número de homens prostitutas não era muito inferior ao número de mulheres prostitutas.

¹² Estou usando o termo *imaginário social* de acordo com a leitura de Ana María Fernández (2008) a respeito das teorizações de Castoriadis. Segundo Fernández, essa perspectiva se diferencia da proposta de Jacques Lacan, na medida em que para o psicanalista francês o imaginário se refere ao especular, à imagem refletida, ao espelho. Já para Castoriadis, o imaginário alude não à imagem, mas à *capacidade imaginante*, à invenção e criação incessante social-histórica-psíquica de produções de significações coletivas. Fernández destaca que haveria pelo menos dois tipos de imaginários sociais: o imaginário social

para atender a “homens heterossexuais”. Os motivos pelos quais associamos a prostituição ao feminino têm razões históricas e sociais bastante complexas que vem sendo discutidas por muitas pesquisadoras feministas já há algumas décadas. Contrariamente, pouco temos nos perguntado o porquê o ato de se prostituir *não* é associado ao masculino, ou, ainda, o porquê os homens raramente são pensados como ocupando o lado da oferta (e não só do consumo) dos serviços sexuais.

Jeffery Dennis (2008), ao discutir a ausência de pesquisas sobre homens que trabalham como profissionais do sexo, apontou que em um levantamento bibliográfico feito a partir de 166 publicações sobre trabalho sexual produzidas entre os anos 2000 e 2007, apenas 10% se referiam exclusivamente aos homens que atuavam nesse segmento. Segundo o autor, a crença de que o número de mulheres trabalhadoras do sexo ultrapassa o número de homens não poderia explicar o motivo pelo qual estes geralmente são apagados dessas investigações. Dennis observa ainda, a partir de seu levantamento bibliográfico, que termos como “*prostitute*” (prostituta) e “*sex worker*” (trabalhador do sexo) são frequentemente tomados como sinônimos de “*female prostitute*” (prostituta) e “*female sex workers*” (mulheres trabalhadoras do sexo), como se expressões como “*male prostitute*” (prostituto) e “*male sex workers*” (homens trabalhadores do sexo) fossem uma impossibilidade linguística. Em relação aos trabalhos analisados, o autor destaca:

termos, pronomes e descrições suplementares constantemente sugeriam que os autores não estavam conscientemente limitando suas populações “à maioria”; eles de fato acreditavam que somente as mulheres participavam na indústria do sexo como fornecedoras¹³ (DENNIS, 2008, p.14).

efetivo (instituído), que organiza os sentidos em uma aparência fixa e imutável e mantém a sociedade num certo nível de coesão; e o imaginário social radical (instituinte), que estabelece linhas de fuga dos disciplinamentos sociais, produz novas significações coletivas, reinventa outras subjetividades e produz transformações sociais.

¹³ Tradução livre do inglês: “Terms, pronouns, and subsidiary descriptions constantly suggested that the authors were not consciously limiting their populations to “the majority”; they actually believed that only women participated in the sex industry as providers”.

É notável que a maior parte das organizações que lutam pelos direitos dos/as trabalhadores/as do sexo é composta por mulheres cisgênero, mulheres transexuais e travestis. Os homens trabalhadores do sexo poucas vezes se envolvem em movimentos sociais organizados dessa categoria de trabalhadores/as. O motivo mais evidente que justifica esse protagonismo das mulheres é o fato de que historicamente o feminino, o corpo e a sexualidade das mulheres (aqui incluem mulheres cisgêneras, transexuais e travestis) sempre estiveram em condições de subalternidade e sujeitos às regulações masculinistas, sejam elas morais, filosóficas, jurídicas, estatais, científicas e/ou médicas. Diante desses controles e dessas gestões sobre os corpos femininos, insurgem movimentos de resistência feministas que conseguiram, até certo ponto, sensibilizar e articular as mulheres no combate às desigualdades de gênero. As lutas feministas e, mais recentemente, também as transfeministas (JESUS, 2013), pelo direito ao corpo, ao sexo, ao prazer, à autodeterminação de gênero e à não violação da própria sexualidade, contribuíram para o fortalecimento de movimentos de resistência, como podemos ver, por exemplo, no próprio movimento contra as explorações sexuais e econômicas muitas vezes presentes no mercado do sexo e na prostituição. Ainda que os debates sobre prostituição no campo feminista sempre seja tenso e permeado por visões contraditórias (PISCITELLI, 2012), não podemos negar que esses movimentos conseguiram produzir importantes mobilizações, fossem elas para combater a prostituição ou para regulamentar a profissão das prostitutas, o que conseqüentemente acabou aumentando a visibilidade dessa temática no campo social (na mídia, na saúde, nos direitos humanos, etc).

Não parece ter havido, no entanto, movimentos significativos que considerassem os homens trabalhadores do sexo como atores políticos, como aconteceu com as mulheres cis, transexuais e travestis. Apenas muito recentemente temos visto no Brasil algumas mobilizações que pretendem inserir os homens trabalhadores do sexo como sujeitos políticos. No entanto, isso só começou a ocorrer quando os órgãos de saúde pública, ativistas de organizações não governamentais e pesquisadoras/es da área de saúde passaram a reconhecer que a questão da prevenção e do controle da epidemia de HIV/Aids também precisaria atingir esse grupo, como fica evidenciado em alguns estudos brasileiros (SILVA Jr & ADORNO, 2009; SANTOS, 2011; ANTUNES & PAIVA, 2013). Uma tímida visibilidade desse segmento passou se formar verticalmente, ou seja, foram os órgãos públicos de saúde que o nomeia como um grupo distinto que precisaria de atenção específica.

Diferentemente, as mulheres cis, transexuais e travestis profissionais do sexo, apesar de também estarem sob o leque de preocupações governamentais no campo da saúde, organizaram-se, de forma mais horizontal, em uma ampla militância pelos direitos trabalhistas, pelos direitos humanos, pelos direitos sexuais e reprodutivos, pela luta contra repressão e violência policial e pelo exercício de suas cidadanias (PERES, 2004, 2005; PELÚCIO, 2007; OLIVAR, 2013; BARRETO, 2015).

No âmbito da saúde pública, os trabalhadores do sexo acabaram sendo inseridos na categoria *HSH* (homens que fazem sexo com homens)¹⁴, a qual pretende abranger sujeitos que não se identificam com identidades homossexuais ou gays, mas são considerados vulneráveis à infecção de ISTs¹⁵ e do HIV. Apesar de os garotos de programa teoricamente estarem subsumidos essa categoria guarda-chuva (*HSH*), o *Plano Nacional de Enfrentamento da epidemia de AIDS e das DST entre gays, HSH e travestis*, documento lançado em 2007 pelo Ministério da Saúde, não faz nenhuma menção a essa população, deixando evidente o silenciamento das ações em saúde direcionadas aos homens trabalhadores do sexo, que só aparecem de modo implícito na categoria “homens que fazem sexo com outros homens”. Essa invisibilidade nas ações do Ministério da Saúde denota a falta de pesquisas com essa população específica, especialmente aqueles estudos apoiados nas perspectivas dos direitos humanos e direitos sexuais.

Nota-se, pelo menos em contextos brasileiros, que os garotos de programa raras vezes aparecem como protagonistas ou lideranças de

¹⁴ O fato de os garotos de programa estarem englobados, no âmbito da saúde pública, na categoria *HSH*, não significa que esses sujeitos só ofereçam serviços sexuais a outros homens. É muito frequente que os garotos de programa atendam a homens e mulheres, e há ainda aqueles que só atendem mulheres. Essa diversidade de práticas indica o quanto essa associação dos garotos de programa à categoria *HSH* pode ser problemática.

¹⁵ A sigla IST se refere a Infecções Sexualmente Transmissíveis. Essa sigla passou a ser usada oficialmente em 2016 pelo Ministério da Saúde e pelo Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das IST, do HIV/Aids e das Hepatites Virais, substituindo a nomenclatura DST (Doenças Sexualmente Transmissíveis). Segundo Adele Benzaken, então diretora do Departamento “O termo IST é mais adequado e já é utilizado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e pelos principais Organismos que lidam com a temática das Infecções Sexualmente Transmissíveis ao redor do mundo”. Fonte: <http://www.aids.gov.br/noticia/2016/departamento-passa-utilizar-nomenclatura-ist-no-lugar-de-dst>.

movimentos sociais, especialmente naqueles onde eles poderiam se inserir de algum modo, como no movimento LGBT ou nos movimentos de trabalhadores do sexo. É evidente que essa ausência no campo da militância e do ativismo não diz respeito apenas a um desengajamento por parte dos garotos de programa, mas também aos próprios movimentos sociais¹⁶ que não parecem dar muita atenção a essa população em suas agendas políticas. A partir dos meus envolvimento com o movimento LGBT (como participação em conferências de políticas públicas para a população LGBT, atuação em ONG, etc.), percebo que a questão dos homens envolvidos nos mercados do sexo raramente aparece como pauta dos movimentos, como acontece no caso das travestis e transexuais em situação de prostituição, ou como pode ser visto em discussões feministas, no caso de mulheres prostitutas. Se, por um lado, no caso das travestis há um sobreinvestimento discursivo que as cola ao campo da prostituição (de maneira até estigmatizadora), no caso dos homens gays (ou heterossexuais) há um silenciamento sobre o fato de que muitos deles recorrem ao sexo comercial, seja para sobreviver, seja para fazer algum tipo de “bico” ou para arrumar algum dinheiro extra¹⁷.

¹⁶ O movimento LGBT, na tentativa de “proteger” homens que pagam por serviços sexuais com outros homens, acaba, por vezes, reproduzindo o discurso de que os garotos de programa seriam indivíduos potencialmente perigosos que poderiam atentar contra a vida do cliente. Apesar da legitimidade de tentar alertar os clientes sobre a homofobia ou sobre a violência que eles podem sofrer em situações de sexo comercial, esses discursos que homogeneizam todos os trabalhadores do sexo como potencialmente “delinquentes” contribuem com a perpetuação de um estigma que vem sendo construído desde o século XIX e que continua marcando esses sujeitos, como será mostrado mais adiante. Frequentemente, também vemos na mídia reportagens que relatam crimes de homicídio e/ou latrocínio envolvendo garotos de programa e seus clientes (vítimas). Um famoso caso noticiado no Brasil, na década de 1980, foi o do “Maníaco do Trianon”, considerado pelos veículos de comunicação como um “garoto de programa assassino em série” que matava suas vítimas (sempre homens homossexuais) no Parque Trianon, na Avenida Paulista, na capital do estado de São Paulo.

¹⁷ Eu mesmo, no meu círculo de amizades, conheço alguns jovens homens gays que já fizeram ou fazem programas esporadicamente, seja em algumas situações específicas de “aperto econômico”, seja para juntar um dinheiro para comprar algo desejado, ou mesmo por curiosidade. Em minhas pesquisas de campo, também ouvi histórias semelhantes de jovens homens (gays e heterossexuais), como discutirei mais a diante.

Um exemplo isolado de articulação entre homens trabalhadores do sexo no Brasil aconteceu em 2010, em Brasília, quando o Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais do Ministério da Saúde do Governo Federal promoveu o *Encontro Nacional de Prevenção junto aos Trabalhadores do Sexo Masculino – Entrasex*. Segundo o site da Agência de Notícias da Aids¹⁸, o encontro teve como objetivo criar um espaço de diálogo entre governo, organizações não governamentais e trabalhadores sexuais masculinos para discutir, sob a ótica dos Direitos Humanos, questões de saúde e prevenção às doenças. De acordo com a informação no site www.aids.gov.br, esse encontro marcou a primeira vez que garotos de programa de todas as regiões do país se reuniram para discutir temas relativos à saúde, bem como questões ligadas à legalidade da profissão, ao “combate às ilegalidades do mundo da exploração sexual (tráfico de pessoas e exploração de menores); segurança no trabalho, fidelização de clientela e redução de danos”¹⁹. Segundo o então diretor-adjunto do Programa Nacional de DST/Aids do Ministério da Saúde, Eduardo Barbosa, em entrevista concedida ao jornal *Estadão*, o evento teve o objetivo de “*determinar os problemas que o grupo enfrenta e, com ele, desenvolver estratégias para incluí-lo nas políticas de direitos humanos. ‘Essa parte da população [profissionais do sexo] é muito encoberta, invisível. Nós precisamos ouvi-la também. E, no caso do homem, é muito importante porque geralmente ele não procura serviço de saúde, só quando tem alguma infecção’*”, afirma Barbosa^{20, 21}.

Diferentemente do Brasil, em alguns países europeus a prostituição masculina parece ser um negócio muito mais lucrativo e, de certo forma, mais organizado em torno de instituições e grupos que sustentam a indústria do sexo. Em matéria publicada pelo site da BBC de Londres, muitos garotos de programa que vivem na capital inglesa

¹⁸ Fonte: <http://agenciaaids.com.br/noticias/interna.php?id=15523>

¹⁹ Fonte: <http://www.aids.gov.br/evento/encontro-nacional-de-prevencao-junto-aos-trabalhadores-do-sexo-masculino-entraxe>

²⁰ Fonte: <http://www.estadao.com.br/noticias/vidae.homens-profissionais-do-sexo-se-reunem-em-brasilia-para-discutir-prevencao-contra-dsts,600374,0.htm>

²¹ A desarticulação dos garotos de programa em termos de movimentos sociais poderia ser analisada a partir de uma leitura de gênero, considerando, por exemplo, as relações entre saúde e masculinidades, mas não irei me ater nessa questão específica durante a tese.

lutam para “profissionalizar” suas atividades²². Segundo a reportagem do site, alguns garotos conseguem lucrar até R\$115mil por mês e vivem em localidades de alto custo de vida na capital londrina. Estímulos para se manter nessa profissão também podem ser vistos, como por exemplo, no “Prêmio Profissional do Sexo do ano” e em cuidados à saúde oferecidos em clínicas que oferecem atendimentos especializados para trabalhadores do sexo.

A alta movimentação da prostituição masculina no Reino Unido também atrai muitos homens de outros países, reforçando a tese de que o mercado de sexo estimula um alto fluxo migratório de pessoas. Os brasileiros compõem essas estatísticas. Segundo um estudo sobre a saúde sexual de homens trabalhadores do sexo na Inglaterra, divulgado no site *www.aids.map*, aproximadamente um terço dos homens profissionais do sexo nesse país era migrante, principalmente originários do Brasil²³. Esse estudo apontou que das 50 diferentes nacionalidades, 39% vinham da América do Sul, sendo que destes, 97% eram do Brasil. Ainda de acordo com a matéria publicada pela BBC, um garoto de programa brasileiro em Londres chega a ganhar até R\$544 por hora. Em Paris, um garoto cobra até 300 euros por hora²⁴. Em minhas pesquisas de campo, observei que o preço médio da hora do serviço de um garoto de programa no Brasil custa em torno de R\$100,00, podendo variar para valores mais altos, dependendo do territórios onde se está trabalhando e dos clientes com os quais se está negociando.

Outro estudo publicado em 2006, conduzido pela organização espanhola *Fundación Triángulo*, indicou que a maioria dos homens migrantes que atuam como trabalhadores sexuais na Espanha são de origem latino-americana, sendo que desses, a maioria é de brasileiros, seguido de venezuelanos. Garotos do Leste Europeu, especialmente búlgaros, também integram a população de garotos de programa estrangeiros em território espanhol²⁵. No capítulo 6, desenvolverei uma

²² Fonte: <http://www.bbc.co.uk/news/magazine-25588234>;
http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/01/140106_prostituicao_masculina_londres_mv.shtml

²³ Fonte: <http://www.aidsmap.com/Study-provides-information-on-sexual-health-of-male-sex-workers-in-England/page/2810517/>

²⁴ Fonte: <http://www.worldcrunch.com/culture-society/the-male-prostitutes-of-france-have-their-say/male-prostitution-escort-boys/c3s14509/#.Uwz0AuN92AI>

²⁵ Fonte:
<http://www.fundaciontriangulo.org/documentacion/documentos/trabajadoresmasculinos.pdf>

discussão mais aprofundada sobre os deslocamentos motivados pelo trabalho sexual, tanto dentro do Brasil como para outros países.

Além da questão da não organização e articulação dos homens trabalhadores do sexo em movimentos sociais, outro fator que pode nos dar pistas sobre o motivo da invisibilidade da prostituição masculina é a associação e o englobamento dessa prática à categoria mais ampla da “homossexualidade”, como se verá no próximo sub-capítulo. Essa indeterminação e confusão entre práticas sexuais, categorias identitárias, modos de autorreconhecimento e formas de trabalho, acarretaria na incorporação de um duplo estigma sobre o profissional do sexo: o da prostituição e o da homossexualidade. É importante destacar que prostituição e homossexualidade só se convertem em estigma devido a manutenção de lógicas heteronormativas que desqualificam pessoas homossexuais e de discursos que demonizam e deslegitimam sujeitos que se prostituem. A possível marcação desse duplo estigma sobre os homens que trocam sexo por dinheiro (ou por outros bens) pode ser uma pista que indique o motivo pelo qual dificilmente vemos homens trabalhadores do sexo falando em espaços públicos sobre suas práticas. Preciado (2008) aponta que por debaixo da aparente indiferença dos nossos espaços democráticos subjaz uma relação paradoxal e constitutiva entre homofobia e homoerotismo:

el espacio público se caracteriza al mismo tiempo por la exclusión de la feminidad y la homosexualidad y por el placer derivado de estas segregaciones. Lo público es, por tanto, una erotización des-sexualizante del separatismo masculino. De aquí, es posible concluir, que la sexualidad feminidad, genérica, no sólo la homosexual, es en realidad un tipo de sexualidad periférica, en cuanto su producción se lleva a cabo por exclusión del espacio público.

Procurando problematizar os discursos constituídos historicamente que atrelam a prostituição masculina ao campo do desvio, da imoralidade, da delinquência e da psicopatologia, a seguir desenvolvo um breve rastreio genealógico (FERNÁNDEZ, 2008) a fim de apreender algumas condições de possibilidades da construção desse sujeito desviante, “o prostituto”.

2.2. Homens e prostituição: rastreando discursos

Há um certo consenso, entre muitos pesquisadores, que a proliferação de discursos sobre a prostituição masculina está intimamente ligada às produções discursivas sobre a homossexualidade masculina (WEEKS, 1981; KAYE, 2003, 2014; SCOTT, 2003; SCOTT & MINICHELLO, 2014; BIMBI, 2007). Se na modernidade o sexo é colocado em discurso, como nos mostrou Foucault (1988), é preciso rastrear essas redes de saber e poder que foram refinando modos de gestão das populações, especialmente quando pensamos em sexualidades ou práticas sexuais ditas desviantes e que desafiam concepções morais e (hetero)normativas. Um rastreamento genealógico, portanto, é de fundamental importância para não cairmos em algumas armadilhas epistemológicas que se supõem isentas de afetação de um campo histórico, social, político e cultural.

O sociólogo australiano John Scott (2003), a partir de uma pesquisa genealógica sobre os discursos científicos a respeito da prostituição masculina, mostra que, historicamente, a prática do sexo comercial ofertada por homens e a homossexualidade se constituíram como fenômenos que se confundiam no imaginário social e científico. Segundo o pesquisador, a prostituição masculina só se tornou socialmente problemática muito recentemente e sua gestão tem sido tratada como uma questão biopolítica com objetivos normalizadores estratégicos. O próprio aumento da preocupação epidemiológica com a prostituição masculina por parte dos gestores de saúde pública indicaria uma racionalidade de governo biopoliticamente interessada nesse (sub)grupo populacional.

Segundo Jeffrey Weeks (1981, p.115) “a associação com uma prática sexual estigmatizada moldou profundamente os contornos da prostituição masculina”. Nesse sentido, acompanhar uma genealogia da prostituição masculina seria, no limite, também se debruçar sobre uma genealogia da homossexualidade e suas mutações e transformações nos campos discursivo e histórico. Para Weeks (1981), haveria três grandes áreas de preocupação que devem ser consideradas nos estudos sobre prostituição masculina: 1) deve-se prestar atenção às circunstâncias sociais e históricas que moldaram os conceitos e as atitudes em relação à homossexualidade; 2) deve-se analisar a relação próxima e simbiótica entre formas de prostituição masculina e subculturas homossexuais; 3) deve-se teorizar sobre a “natureza” da prostituição ela mesma, seus conceitos nativos, os “modos de vida” que a partir dela se inventam.

A partir de uma extensa revisão bibliográfica, David Bimbi (2007) demonstrou como a prostituição masculina foi tratada, tanto nas ciências sociais como nas áreas biomédicas, como um fenômeno problemático a ser controlado, gerido, tutelado e normalizado. Segundo o autor, tais pesquisas estiveram orientadas por perguntas que atrelavam a prostituição à psicopatologia, ao uso de drogas, ao desvio social e à delinquência. Mais tarde, com o advento do vírus HIV, os homens que ofertavam serviços sexuais passaram também a ser vistos como “vetores de doenças”. Dentro desses quadros teóricos, muitos pesquisadores estavam preocupados em descrever “tipologias” de homens que trocavam sexo por dinheiro e suas supostas “características inerentes”, de modo que se pudesse estabelecer algum modelo que fosse capaz de prever as “causas” da prostituição e as formas de controlá-la, evitá-la, preveni-la e extingui-la. Bimbi (2007) denuncia que essas pesquisas contribuíram para a produção de generalizações e homogeneizações sobre todos os homens que ofereciam algum tipo de prática sexual que envolvesse, eventualmente, transações financeiras ou outros tipos de trocas (como sexo por drogas, vestuário, comida, etc.). Essas perspectivas, que dominaram amplamente os estudos sobre a prostituição masculina, resultaram em objetificação, exotificação, estigmatização, estereotipização e demonização sobre os sujeitos pesquisados. Autores como Weeks (1981), Scott (2003), Kaye (2003, 2014) e Bimbi (2007) evidenciaram, a partir de pesquisas históricas e documentais, que a noção de objetividade (sustentada a partir de testes e análises psicológicas e sócio-antropológicas) dos pesquisadores que se dedicaram aos estudos sobre homens que se prostituíam estava fortemente marcada pelas percepções culturais sobre a homossexualidade (orientadas, sobretudo, por discursos heteronormativos, criminalizantes e patologizantes).

Ao analisar a literatura científica sobre o tema, Bimbi (2007) identificou o que ele chamou de “três grandes paradigmas” que dominaram o entendimento científico sobre a prostituição masculina. Esses paradigmas seriam: 1) o *paradigma psicopatológico*, a partir do qual se entendia que os homens que faziam sexo por dinheiro apresentavam algum tipo de psicopatologia e/ou algum tipo de desvio de comportamento; 2) o *paradigma tipológico*, no qual se buscava agrupar esses homens em tipologias (delinquentes, homossexuais, heterossexuais, bissexuais, homossexuais situacionais, etc.); 3) o *paradigma do problema de saúde pública*, a partir do qual se buscava olhar para os homens que se prostituíam como “vetores de doenças” (HIV e outras IST’s). É importante destacar que esses paradigmas não

foram sendo substituídos um pelo outro, a partir de uma linearidade e/ou evolução no pensamento científico, mas passaram a conviver concomitantemente, informando diferentes racionalidades de investigação e metodologias de pesquisa. Tais mudanças na mentalidade científica que se debruçava sobre a prostituição masculina não correspondem, necessariamente, a uma continuidade teórico-científica, mas sim a descontinuidades epistemológicas que precisavam se ajustar e responder a contextos sociais, econômicos, políticos e culturais que também se transformavam em escalas globais. As relações entre tais transformações e as descontinuidades epistemológicas e discursivas sobre corpo, sexo e gênero já foram analisadas por importantes autores como Michel Foucault (1988), John Gagnon (2006), Thomas Laqueur (2001), entre outros. A ascensão e consolidação do Estado Moderno, as mudanças na economia (como a depressão da década de 1930), a expansão de ideais nazi-fascistas na ciência e na administração das cidades, a difusão de discursos biomédicos e sexológicos acerca das sexualidades e do gênero, as transformações culturais e políticas no campo sexual e a ascensão dos movimentos feministas, gays e lésbicos e *queer* nas grandes capitais são exemplos de alguns fatores que foram capazes de reorientar o entendimento e o olhar sobre o fenômeno da prostituição (tanto masculina como feminina), bem como sobre sexo, sexualidades, gênero e corpo de modo mais geral.

2.3. As mutações dos discursos sobre a prostituição masculina

Segundo Scott (2003) a prostituição masculina adquiriu status de problema social a partir dos discursos científicos que passaram a objetificar o “sujeito prostituto” como alvo de investigação. Esses saberes *sobre* os sujeitos da prostituição se multiplicaram a partir da tentacularização do dispositivo de sexualidade e da *scientia sexualis*. Segundo Foucault (1998), o dispositivo da sexualidade fez explodir e proliferar uma série de discursos que pretendiam enunciar uma verdade íntima do sujeito moderno a partir da decifração daquilo que, desde o século XVIII, seria um dos maiores fetiches da ciência: o sexo. No âmbito da *ciência sexual*, diversos enfoques foram produzidos para tentar explicar “*o que levava um homem a se prostituir*”. A própria formulação dessa pergunta, especialmente em disciplinas como a psicologia e a sociologia, implicava em um entendimento de que a prostituição decorria de alguma “falha” no desenvolvimento da

personalidade, seja ela uma certa concepção de perversão, seja ela fruto de algum trauma de infância, como o abuso sexual.

De acordo com Scott (2003), tanto a prostituição masculina como a feminina eram vistas, no século XIX, como negação e/ou transgressão às normas de gênero e sexuais. A categoria sexológica de homossexualidade, ainda embrionária nesse período, era usada para explicar os motivos pelos quais homens se prostituíam, seja através de argumentos com fortes vieses morais, que sustentavam que homens pagavam sexo com outros homens por motivos de luxúria e de devassidão, seja por argumentos essencialistas, que sustentavam que homossexuais tinham um “instinto sexual” naturalmente mais aguçado que os levaria a práticas como a prostituição.

É importante destacar que as noções de homossexualidade e heterossexualidade que surgem a partir do discurso médico-sexológico no século XIX foram se transformando ao longo do tempo. Segundo Jeffrey Weeks (1999) uma definição mais precisa da ideia de heterossexualidade foi se estabelecendo justamente pela tentativa de se definir seu correlato “anormal”, a homossexualidade. Se antes do século XIX as práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo eram entendidas a partir da noção religiosa de “sodomia” (que descrevia um pecado que qualquer pessoa poderia sucumbir, e não um tipo específico de indivíduo), no decorrer do século XIX tais práticas passam descrever, no discurso médico, os comportamentos de uma “espécie”, a saber, o “indivíduo homossexual”. Se, a princípio, o termo *homossexualidade* surge como uma tentativa de aludir a “uma variável benigna da sexualidade” (como pretendiam os que defendiam uma reforma sexual que abolisse as leis anti-sodomita na Alemanha, como Karl Kertbeny), aos poucos ele vai se tornando, a partir do discurso sexológico, uma questão médico-moral (WEEKS, 1999)²⁶.

Entre os primeiros sexólogos havia a tentativa de se estabelecer diversos “graus” e “tipos” de homossexualidade. Categorias como “homossexuais congênitos ou hereditários”, “homossexuais situacionais”, “homossexuais perversos”, entre outras, passaram a pulular nos manuais médicos e nos discursos científicos. Weeks (1981) aponta que no final do século XIX e começo do século XX, havia, nos discursos sexológicos, o entendimento de que existiam dois tipos de homossexuais: aqueles que eram “inerentemente homossexuais”

²⁶ Faço uma discussão um pouco mais aprofundada sobre as produções discursivas sobre a homossexualidade em artigo publicado na *Revista EPOS – Genealogias, Subjetivações e Violências* (SANTOS, 2013).

(acreditava-se em uma causa congênita da homossexualidade), chamados de “invertidos”; e aqueles que se “comportavam ocasionalmente como homossexuais devido à luxúria”, chamados de “perversos”. Os indivíduos do primeiro grupo eram classificados como “homossexuais congênitos” ou “homossexuais verdadeiros”; já os do segundo grupo eram considerados “pseudohomossexuais”. A gestão da homossexualidade se diferenciava, assim, de acordo com o tipo de homossexualidade identificada. De acordo com Kaye (2003), os sexólogos do começo do século XX defendiam que os “homossexuais verdadeiros” (invertidos) deveriam ser tratados com leniência legal e compreensão social, enquanto os “pseudohomossexuais” (perversos) deveriam ser submetidos a punições e a reformas morais. Essa ideologia sexológica que dividia a homossexualidade em diversos tipos foi perdendo sua força e, com o tempo, os limites entre “invertidos” e “perversos” foram ficando mais tênues. A partir da década de 1920 e 1930, a categoria “homossexual” passou a englobar todos os indivíduos que praticassem atos sexuais com pessoas do mesmo sexo.

Segundo Kerwin Kaye (2003), a figura do “prostituto masculino” emerge no discurso sexológico na medida em que esses sujeitos passaram a representar uma categoria de indivíduos que os sexólogos e médicos queriam classificar como sujeitos desviantes das normas sexuais vigentes. Como salienta Kaye (2003), na virada do século XIX para o XX a ideologia sexológica que instaurou a noção de que haveria duas “classes” distintas de “instintos sexuais” (a saber, homossexuais e heterossexuais) ainda estava se desenvolvendo e não tinha grande alcance entre as classes trabalhadoras e a sociedade em geral. Nesse contexto, não havia, necessariamente, uma ligação direta entre práticas sexuais e uma suposta natureza sexual de um sujeito. Homens considerados “normais” se engatavam em intercursos sexuais (mediados pelo dinheiro ou não) com outros homens sem que isso afetasse suas “reputações” de “normalidade”.

No Brasil, essa onda discursiva que passava a entender a homossexualidade a partir do campo da ciência foi disseminada por médicos como Leonídio Ribeiro, Viveiros de Castro e Pires de Almeida, que divulgaram com certo sucesso entre a comunidade científica brasileira do final do século XIX e começo do século XX a ideia da homossexualidade como uma patologia, um desvio, uma doença, uma perversão, uma anomalia (COSTA, 1992; ANTUNES, 1999; GREEN, 2000; TREVISAN, 2007). Nesse contexto, ainda que a homossexualidade já estivesse sob um regime de gestão biopolítica, a

prostituição masculina não aparecia como um grande problema de governo nos centros urbanos, diferentemente da prostituição feminina, que já era alvo de intenso controle social, de repressão policial, de objetificações científicas, de intervenções estatais, de gestão da população, de uma polícia dos costumes e da saúde pública da época (RAGO, 1985; DONZELOT, 1986; ANTUNES, 1999; COSTA, 1999; SCOTT, 2003; PEREIRA, 2004; SCOTT & MINICHELLO, 2014).

Isso não quer dizer que não houvesse homens envolvidos em práticas sexuais mediadas pelo dinheiro. O que ocorria, naquele momento, era que a prostituição masculina não era vista ou entendida pelos “especialistas” como um problema específico, mas sim como uma das variantes da homossexualidade (essa sim entrava para o rol das categorias “problemáticas”). De acordo com Scott (2003, p.181) há evidências históricas de que no século XVIII o sexo comercial entre homens já ocorria nos grandes centros metropolitanos europeus, apesar de estes comportamentos não serem reconhecidos como prostituição. Não se estabelecia a distinção entre o desejo por pessoas do mesmo sexo e as atividades sexuais comerciais envolvendo homens (SCOTT, 2003, p.181).

Segundo José Antunes (1999), um dos primeiros registros documentais sobre a prostituição no Brasil foi feito pelo médico Pires de Almeida, em 1798. Antunes aponta que Pires de Almeida reuniu concepções de clínicos da cidade do Rio de Janeiro sobre essa temática. Nesses documentos, percebe-se que o sexo comercial entre homens era confundido com a questão da homossexualidade. Em termos de gestão das cidades, o mais importante era explicar as origens e causas da homossexualidade, e não especificamente a prostituição masculina, que era entendida como uma consequência nefasta dos “instintos desviantes” de alguns grupos sociais. Antunes (1999, p.172) mostra que Pires de Almeida concebia que a prostituição masculina no Rio de Janeiro teria sido preponderante durante a primeira metade do século XIX. As explicações dadas para o alto número de homens envolvidos em relações sexuais comerciais tendiam a recair sobre algumas concepções de “homossexualidade situacional” (quando, pela falta de mulheres, prostitutas ou não, os homens recorriam aos serviços sexuais de outros homens), ou ainda sobre concepções racistas que hipersexualizavam os negros descendentes de escravos e os migrantes camponeses. De acordo com Antunes:

Havia uma forte prevalência demográfica do elemento masculino, sobretudo entre os estrangeiros livres, pois a cidade era um pólo

atrativo para a imigração e recebia grandes contingentes de portugueses. Também entre os escravos, os homens eram em maior quantidade, pois até a sua abolição de fato, o tráfico negreiro dava preferência à importação de cativos do sexo masculino. Com o tempo, a desproporção entre o número de homens e de mulheres aumentou ainda mais, pois a substituição da mão-de-obra escrava pela de imigrantes europeus fixou na cidade grandes levas de estrangeiros, homens em sua maioria. O doutor Pires de Almeida acusava outro motivo para a ampla disseminação da sodomia: a população era composta por portugueses de origem camponesa, segmento étnico que, segundo ele, deixar-se-ia seduzir mais facilmente. Em 1846, com o objetivo de diminuir a “pederastia que lavrava no comércio” (o “baixo comércio luso” que empregava “rubicundos caixeiros de jaqueta, sem gravata” e que atendiam “à prostituição e à pederastia reinantes”, estimulados pelos próprios patrões), o barão de Moreira promoveu o fluxo migratório de prostitutas provenientes de Açores – “as ilhoas”, como ficaram conhecidas popularmente. Sob o pretexto de se empregarem como domésticas no Rio de Janeiro, muitas delas vieram “avolumar a classe das meretrizes” (ANTUNES, 1999, p.172, 173)

Antunes prossegue em sua análise sobre o livro de Pires de Almeida salientando que o argumento central nesse estudo, e talvez sua própria motivação, era que a prostituição feminina seria algo inevitável e necessário em uma cidade como o Rio de Janeiro, marcada por seus portos que recebiam grandes fluxos de migrantes. Antunes destaca uma das conclusões de Almeida: “Eis o paradoxo da prostituição: conquanto essencialmente amoral, o fenômeno concorreria para uma finalidade moral, **evitando os males temidos da prostituição masculina**, da violência sexual e do relaxamento dos hábitos sexuais e das interdições morais” (ANTUNES, 1999, p.174) [*grifos meus*].

Seguindo o pensamento de Scott, com a proliferação dos discursos científicos sobre a sexualidade, no começo do século XX passa a haver uma mudança na forma como a prostituição masculina é vista, tanto nos contextos populares como no âmbito científico. Os homens envolvidos com o sexo comercial passam a ser caracterizados e

estudados como “jovens vítimas”, “fracos”, “sem muito senso de juízo” e que estariam “à mercê da exploração sexual dos ‘verdadeiros perversos’: homossexuais, geralmente homens mais velhos”. O prostituto seria, então, “a jovem vítima dos perversos” (SCOTT, 2003, p.183). Dentro desse quadro de entendimento, esses sujeitos não eram automaticamente classificados como homossexuais, o que leva o discurso científico, principalmente a partir do período pós-guerra, a estabelecer um sistema classificatório que pudesse determinar diferentes subgrupos de prostitutas, variando entre homossexuais (desde os afeminados aos masculinizados) e heterossexuais²⁷. Segundo Scott (2003, p.183), essas mudanças ocorreram, em termos gerais, devido a uma transformação nos modos de se entender o comportamento sexual, sobretudo após os estudos de Alfred Kinsey, que revelaram novos problemas para o governo da vida sexual das populações.

Foi nesse período que também se estabeleceu de maneira mais consolidada a noção de *adolescência* como uma categoria funcional à gestão biopolítica e ao refinamento do controle e da vigilância da sexualidade (SCOTT, 2003; CÉSAR, 2000). Segundo Maria Rita de Assis César (2000) o *adolescente* seria a junção de duas figuras já estabelecidas no imaginário ocidental:

o jovem, figura social descrita das mais variadas maneiras no decorrer do tempo, e o púbere, figura biológica e psíquica construída pelo discurso

²⁷ É interessante notar que na etnografia de Néstor Perlongher realizada na década de 1980, o autor se utiliza de sistemas classificatórios para categorizar diferentes “tipos” e grupos de garotos de programa, também de acordo com diferenças relativas às performances de gênero e sexuais. Dentre as categorias elencadas pelo antropólogo estariam a de *michê-macho* (*michê-mesmo* ou simplesmente *bofe*), *michê-bicha* e *michê-gay*. Além dessas categorias, também haveria aquelas relativas à idade do michê: *erê* (menino de 11 a 14 anos), *garoto* (rapaz jovem, de 15 a 16 anos) e/ou *bicha-baby*. Apesar da ideia de um sistema classificatório parecer estanke demais, Perlongher salienta que essas identidades não são necessariamente fixas e podem cambiar dependendo de contextos relacionais: “Cabe destacar que estas atribuições são sempre tentativas, assinalando antes arquétipos ou modelos do que sujeitos reais; estes costumam oscilar muitas vezes entre ponto e ponto, recebendo até qualificações diferentes segundo o seu lugar de exibição. Pontos de “fixitude” funcionam como eixos de distribuição, tanto populacional como retórico ou semântico das redes circulatórias por onde perambulam os sujeitos” (PERLONGHER, 2008, p. 138).

médico no decorrer do século XIX. Associada à ideia de puberdade, a adolescência irrompeu em um universo discursivo fortemente impregnado pela imagem da sexualidade, devendo ser vigiada nos jogos, nas leituras, na saúde e, principalmente, na sua solidão (CÉSAR, 2000, p. 134).

De acordo com Scott, esses novos entendimentos sobre sexualidade e adolescência passaram a informar outras concepções sobre a prostituição masculina. Durante as décadas de 1950 e 1960 a prostituição se tornou socialmente problemática, pois passou a ser pensada como algo que poderia “afetar” jovens homens heterossexuais de classe média. Caso ocorresse tal “desvio de conduta”, esses jovens poderiam ser submetidos a tratamentos médicos e psiquiátricos que envolviam desde sessões de psicoterapia até intervenções radicais, como a lobotomia, conforme mostra Scott (2003, p.184) a partir dos estudos do psiquiatra Fritz Freyan. Havia, nessa época, um misto de concepções que associavam a prática da prostituição à homossexualidade, à perversão, à delinquência e à ideia de indivíduos exóticos e perigosos, ainda que esses fossem vistos como vítimas que precisariam de tutela e “cuidados” médicos (com a óbvia finalidade de controle e de normalização daquilo que diferia da heteronorma).

Segundo Scott, na mesma época de Freyhan foi publicado outro estudo, de autoria do psicólogo clínico William Marlin Butts, que apresentou uma concepção diferente das ideias vigentes até então sobre a prostituição masculina. Scott sublinha que Butt estabelece uma nítida distinção entre *homossexualidade* e *prostituição* ao constatar que também havia homens heterossexuais que estavam envolvidos em atividades de sexo comercial. Esse novo ponto de vista sobre a prostituição masculina (sobretudo a ideia de que a orientação sexual não determinaria a prática de se prostituir, deslocando o “problema da prostituição” do “problema da homossexualidade”), influenciou, segundo Scott, um dos estudos mais extensos sobre a prostituição masculina que pautou muitas pesquisas posteriores. Tratava-se de uma pesquisa com jovens prostitutas dinamarqueses, desenvolvida por Jersild, que na época era uma espécie de chefe da polícia moral de Copenhagen. Tal pesquisa mostrava os prostitutas como jovens delinquentes, vítimas de determinadas circunstâncias sociais e que precisavam mais de assistência e orientação do que de punição. Jersild considerava que a prostituição masculina era um problema que requeria um tipo de gerenciamento social. Essa concepção, como mostra Scott,

demonstrava um interesse na sexualidade de jovens prostitutos, o que levou, posteriormente, a considerar que os “típicos homens prostitutos eram heterossexuais”. Segundo Scott (2003, p. 186), “essa revelação constituiu uma mudança paradigmática no modo pelo qual a prostituição masculina era conceitualizada, e veio alterar o governo da prostituição masculina”²⁸. Assim, a prostituição masculina passou a ser vista como uma ameaça à normalidade sexual de adolescentes pressupostamente heterossexuais.

A partir dessas pesquisas, começaram a surgir muitas outras investigações que exploravam a temática da prostituição masculina, principalmente em contextos norte-americanos e britânicos. Scott (2003) aponta para duas principais correntes: uma sociológica, preocupada com as subculturas desviantes e com a juventude “delinquente”; e outra clínica, que entendia a prostituição como uma sociopatologia que precisava ter sua etiologia desvendada. Tais estudos, que focavam a sexualidade dos prostitutos e dos clientes, criaram várias categorias classificatórias construídas a partir de estereótipos de gênero e de sexualidade e a partir dos territórios onde a prática da prostituição acontecia (espaços públicos, como ruas, ou privados, como clubes). A masculinidade era uma das referências para a construção desses esquemas classificatórios hierárquicos. Scott destaca um importante discurso, presente nessas pesquisas, que apontava os prostitutos como “homens heterossexuais em situação de pobreza”, “vítimas da sedução” e/ou da “coerção de homens homossexuais”. Tratava-se de uma perspectiva heteronormativa que considerava que o “mal” da prostituição era causado pelos “perversos” homossexuais que “desviavam” os jovens do caminho da sexualidade considerada normal. Para Scott (2003, 189), “a noção do heterossexual forçado a manter relações sexuais com homens mais velhos correspondia aos discursos médicos e criminológicos sobre a homossexualidade e seus temas de exploração sexual criança-adulto”²⁹. Vemos, nesse ponto, a atualização da chamada *psiquiatriação do prazer perverso* que, desde o século XVIII, tomou o “adulto perverso” como objeto privilegiado de

²⁸ Tradução livre do inglês: “This revelation constituted a paradigmatic shift in the way in which male prostitution was conceptualized, which was to alter the governance of male prostitution”.

²⁹ Tradução livre do inglês: “The notion of the heterosexual forced into sex with older men corresponded with medical and criminological discourses of homosexuality, and their themes of child-adult sexual exploitation” (SCOTT, 2003, p. 189)

dispositivos de saber e poder a respeito do sexo (FOUCAULT, 1988), e que associava, sob a mesma categoria, a homossexualidade e a pedofilia. Essas teorias da sedução e da coerção foram importantes para a construção da ideia de uma *etiologia* da prostituição masculina, colando-a ao campo da psicopatologia e do desvio. Além disso, esses referenciais deslegitimavam a possibilidade de existência do desejo homoerótico, negando a agência do prostituto (SCOTT, 2003)

Finalmente, o último paradigma de discursos científicos sobre a prostituição masculina apontado por Scott (2003) é aquele que entende essa prática como um problema de saúde pública, motivado especialmente pelo aparecimento do vírus HIV e pela tentativa de controle de infecções sexualmente transmissíveis, como já foi mencionado anteriormente. A prostituição, tanto a feminina como a masculina, surge como uma questão de gestão biopolítica e de governo na atual dinâmica do dispositivo da sexualidade.

Apesar da epidemia de Aids ter colocado a prostituição como um problema social no campo da saúde, especialmente no da epidemiologia, é preciso considerar que o vírus HIV também possibilitou um alargamento de discussões para além da perspectiva biopolítica. A sexualidade, notadamente depois da Aids, passou a ser pensada mais fortemente como um tema de direitos humanos e foi principalmente nesse contexto que os movimentos sociais organizados de trabalhadoras/es do sexo passaram a se organizar. As respostas sociais à Aids produziram, a partir da década de 1980, uma série de mobilizações que possibilitaram avanços nas discussões sobre vulnerabilidades, bem como a emergência de redes de solidariedade em apoio às pessoas infectadas pelo vírus. A nova epidemia trouxe, portanto, um outro campo de forças que hibridiza, na mesma arena política, a tentativa de controle e normalização (pelo lado da racionalidade biopolítica de governo) e movimentos sociais de resistência que atuam contra o estigma e o preconceito (no lado da defesa dos direitos humanos). Categorias morais e hierarquizantes relativas às diversidades sexuais presentes no campo da saúde e da ciência passaram a ser mascaradas ou “eufemizadas” no discurso oficial (RUSSO, 2004; BENTO & PELÚCIO, 2012)³⁰. Na política, entram em

³⁰ Para uma discussão sobre a medicalização contemporânea da sexualidade e do gênero, conferir o dossiê “*Medicalização, sexualidade e gênero: sujeitos e agenciamentos*”, organizado por Regina Facchini e Carolina Branco de Castro e publicado na revista *Sexualidad, Salud y Sociedad*, no.14 em agosto de 2013.

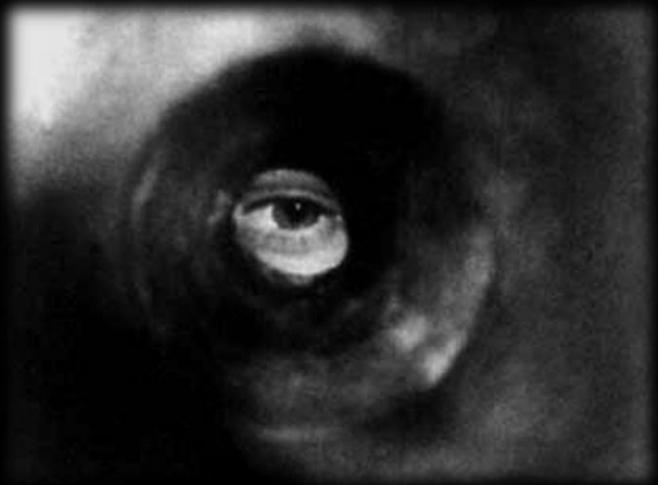
cena noções e conceitos mais próximos da ideia de democracia sexual (NARDI, 2013), ainda que costumeiramente encontremos resquícios de concepções que associam as homossexualidades a uma forma abjeta de sexualidade (SANTOS, 2013). Não superamos enunciados heteronormativos que ainda estão presentes no campo religioso, no parlamento, na mídia e nas relações cotidianas, como salienta Henrique Nardi (2013).

Além dos “paradigmas hegemônicos” que orientaram as pesquisas sobre a prostituição masculina, David Bimbi (2007), em diálogo com alguns movimentos de trabalhadores/as do sexo e levando em consideração a concepção de muitos homens trabalhadores do sexo, aponta que recentemente é possível observar um novo paradigma que se orienta para uma perspectiva que defende que o trabalho sexual é de fato um trabalho e uma ocupação laboral³¹. Nessa perspectiva, considera-se que os sujeitos envolvidos no mercado do sexo vêm desenvolvendo práticas e códigos que indicariam uma maior profissionalização de suas atividades. O trabalho sexual passa a ser entendido como uma forma legítima de trabalho que precisa ser regulamentada de modo a proteger os sujeitos que se dedicam a essas atividades e assegurar os direitos humanos fundamentais desses/as trabalhadores/as. As perspectivas que entendem o trabalho sexual como um trabalho legítimo, que buscam assegurar direitos trabalhistas e sexuais aos profissionais do sexo, e que lutam pela autonomia dos corpos e pela diminuição e/ou erradicação de situações de vulnerabilidades que esses sujeitos podem estar submetidos em seus cotidianos, têm sido adotadas pela maior parte de organizações que lutam pelos direitos dos/as trabalhadores/as do sexo, como já discutido anteriormente.

Após esse tímido rastreamento genealógico sobre o mercado do sexo e especialmente sobre a prostituição masculina e sobre o trabalho sexual exercido por homens, acredito que um dimensionamento histórico, político e cultural sobre o tema desta tese pôde ser minimamente traçado. Segundo Ana María Fernández (2008, p.28), genealogizar, ou ao menos realizar alguns “rastreamentos genealógicos”, nos permite desnaturalizar os domínios de objetos e discursos instituídos e interrogar os *a priori* “a partir dos quais um campo de saberes e práticas construiu suas conceituações”. Levando em consideração as linhas de força que fui pinçando até aqui, no próximo capítulo apresento algumas

³¹ É importante destacar que no Brasil a prostituição não é regulamentada, mas é reconhecida pelo Ministério do Trabalho como uma “ocupação”, desde 2002, como consta na Classificação Brasileira de Ocupações.

problemáticas que considero importantes para o desenvolvimento das minhas cartografias. Sigo algumas pistas de Ana María Fernández (2008, p. 28) que sugere que nossas investigações sejam pensadas a partir de um *campo de problemas* que tenham como critério de indagações um “pensar problematicamente” que des-discipline as territorializações disciplinares e que nos permita colocar nossas questões de pesquisa de um modo outro. Buscando me alinhar a tais perspectivas, a seguir apresento algumas reflexões teórico-metodológicas que embasaram essa tese sobre homens que atuam no mercado do sexo.



**NAS PISTAS DO
MERCADO DO SEXO**

3. NAS PISTAS DO MERCADO DO SEXO

“Numa cartografia, pode-se apenas marcar caminhos e movimentos, com coeficientes de sorte e de perigo.”
(DELEUZE, 2008, p.48)

Nesse capítulo apresento algumas pistas metodológicas que me orientaram nos traçados das cartografias desta tese. Não se trata aqui de uma mera descrição de “procedimentos de pesquisa”, ainda que no final desse texto eu apresente um relato sobre as minhas formas de inserção em campo, as dificuldades encontradas no percurso das investigações, e as estratégias e negociações desenvolvidas em parceria com meus interlocutores. Antes de querer fazer um relato meramente tecnicista sobre supostas formas de produção de informação e conhecimento, procurei problematizar um campo epistemológico que pudesse, minimamente, dar um suporte teórico, ético, estético e político para os argumentos que pretendi desenvolver e defender. Mais do que um “manual do que foi feito”, busquei ensaiar uma problematização sobre algumas perspectivas teórico-metodológicas que embasaram minha pesquisa.

Assim, defini pelo menos dois princípios que poderiam ser considerados basilares para o pensamento que fui desenvolvendo ao longo da tese: o princípio da *Cartografia*, tal como elaborado por Deleuze e Guattari (2009) e aprofundado por Beatriz/Paul Preciado (2008b) a partir da noção de *Cartografia Queer*; e o princípio de uma *Teoria Radical do Sexo*, proposta por Gayle Rubin (1993), que pode ser considerada como um dos pilares para o desenvolvimento do que hoje consideramos como o campo de estudos *queer*. Como se poderá observar ao longo da tese, esses dois princípios acabam se desdobrando em outras abordagens teóricas e em diferentes formas de problematização. Trata-se, talvez, de arriscar certa “promiscuidade intelectual” (que não abre mão de uma coerência epistemológica e política como fio condutor), que se desenrolou como num movimento rizomático que devora aquilo que pode dar língua às histórias que pretendi narrar e contar (ROLNIK, 2007; MAIRESSE E FONSECA, 2002). Além de destacar os dois princípios citados, procuro também esboçar um “campo de problemas” (FERNÁNDEZ, 2008) ou um “campo de questões” que considere importantes localizar para situar o tema da pesquisa. Posteriormente, apresento uma breve discussão sobre minha própria posicionalidade como sujeito/pesquisador que saiu a

campo sem a pretensão de produzir algum tipo de conhecimento desencarnado de si e do mundo.

3.1. Princípios

I – Cartografia

Esta tese é, entre outras coisas, um trabalho sobre corpo, desejo, prazer, erotismo e transgressão em um cenário onde esses elementos se articulam através de negociações financeiras e de fluxos do capital e de pessoas. Ou seja, trata-se de uma pesquisa que pretende problematizar alguns usos do corpo, do erotismo e do sexo que escapam das normativas morais que prescrevem o “bom uso” dessas dimensões.

Para desenvolver esta problematização, esta pesquisa focou em homens que trabalham no mercado do sexo, mais precisamente aqueles que colocam à disposição de algum tipo de negociação financeira seus próprios corpos e práticas sexuais. Busquei, portanto, acompanhar as relações entre o trabalho sexual, a produção de territórios existenciais e os modos de subjetivações contemporâneos, considerando a subjetividade como uma dimensão processual, contingente e efeito de interações imanentes entre fluxos e planos de forças históricas, políticas, culturais, sociais, econômicas e semióticas (BENEVIDES, 2009; CARDOSO JR., 2005; DELEUZE E GUATTARI, 2010; GUATTARI, 1992, 2008; FERNÁNDEZ, 2008; FOUCAULT, 1984). Para Foucault (1984) a sexualidade é uma das formas modernas através da qual nos reconhecemos e nos constituímos como sujeitos e a partir da qual podemos fazer a experiência de nós mesmos. Tendo isso em vista, considero relevante questionar os modos como certos territórios existenciais se produzem a partir de alguns usos do corpo e da sexualidade considerados, em vários contextos, como moralmente inaceitáveis, degradantes ou mesmo patológicos ou anormais.

Para acompanhar territórios existenciais que se produzem nessas paisagens marginais por onde se negociam práticas de sexo comercial, busquei traçar *cartografias* que pudessem cunhar matérias de expressão que evidenciassem e acompanhassem os fluxos movimentados no mercado do sexo. A cartografia funciona aqui como um princípio (DELEUZE E GUATTARI, 2009) que supõe pensar as relações de multiplicidades sem recorrer a um modelo estrutural, a algum tipo de eixo genético ou de estrutura profunda, ou a explicações transcendentais e binárias. Em outras palavras, a cartografia seria um

princípio do *rizoma*, imagem que Deleuze e Guattari usam para se contrapor a ideia de árvore ou de sistemas arbórescentes. Estes funcionariam a partir de uma lógica binária, hierárquica, centrada, linear e admitiriam explicações topológicas e comportariam centros de significância. A arborescência sugere explicações causais para os diversos fenômenos, sejam eles sociais, de grupos, do inconsciente, da sexualidade. Da imagem da “árvore”, com seu tronco como eixo de significância a partir do qual se produzem sentidos sempre remetidos à sua origem ou base, produz-se um sistema de pensamento uno, avesso às relações de multiplicidade e limitado a cadeias fixas de significantes. O rizoma, contrariamente, não se configura como a árvore e sua estrutura organizada (raiz, tronco e galhos). Ele se ramifica em todas as direções, se espalha, se multiplica, prolifera.

O rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um dos seus traços não remete necessariamente a traços da mesma natureza; ele põe em jogo regimes de signos muito diferentes, inclusive estados de não-signos [...] Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda [...] Oposto a uma estrutura, que se define por um conjunto de pontos e posições, por correlações binárias entre estes pontos e relações biunívocas entre estas posições, o rizoma é feito somente de linhas: linhas de segmentariedade, de estratificação, como dimensões, mas também linhas de fuga ou de desterritorialização (DELEUZE E GUATTARI, 2009, p.32)

O rizoma, portanto, é composto por linhas sempre em movimento e que traçam *mapas* que podem ser cartografados: ler um mapa é cartografá-lo (MAIRESSE, 2003). E o que seriam, afinal, essas linhas? Deleuze e Guattari nos explicam sobre a processualidade das linhas do rizoma:

todo rizoma compreende linhas de segmentariedade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc.; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar. Há ruptura no rizoma cada vez

que linhas de segmentaridade explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma. **Essas linhas não param de se remeter umas às outras.** É por isso que não se pode contar com o dualismo ou uma dicotomia, nem mesmo sob a forma rudimentar do bom ou mau. Faz-se uma ruptura, traça-se uma linha de fuga, mas corre-se sempre o risco de reencontrar nela organizações que reestratificam o conjunto, formações que dão novamente o poder a um significante, atribuições que reconstituem o sujeito [...]. (DELEUZE & GUATTARI, 2009, p. 18) [grifo meu]

Suely Rolnik (2007) considera que essas linhas-fluxos seriam as linhas abstratas do desejo, que o movimenta ou o paralisa. As linhas de fuga seriam as dos afetos, do invisível e do inconsciente, sempre contínua e ilimitada. Ela tem o poder de afetar e ser afetada, possibilitando novos encontros. São as linhas do devir, da transmutação dos valores. As linhas flexíveis seriam as linhas da simulação e teriam basicamente dois traçados: um invisível e inconsciente e que está ligado à produção dos afetos, e outro visível e consciente que compõe os territórios. Essas linhas são ambíguas: geram um estado de instabilidade entre as intensidades (inconscientes) e as expressões (conscientes). As linhas de fuga e as flexíveis operariam numa dimensão micropolítica do campo social. E, por fim, as linhas duras são as linhas finitas que demarcam os territórios, conferindo-lhes o aspecto de imutabilidade. Elas organizam os territórios em segmentariedades duras e binárias, operando exclusões a partir de lógicas identitárias. Criam um plano de visibilidade, daquilo que pode ser visto a “olho nu”. Seriam as linhas duras que conformam as macropolíticas. Segundo Rolnik, a formação do desejo no campo social acontece a partir do exercício ativo dessas três linhas “sempre emaranhadas, sempre imanentes umas às outras [...] **é em seu exercício [das linhas] que se compõem e decompõem territórios, com seus modos de subjetivação, seus objetos e saberes**” (ROLNIK, 2007, p. 53) [grifo meu].

Cartografar significa, portanto, ler esses mapas que vão se compondo nos territórios existenciais, ou seja, ler os movimentos dessas linhas em sua produção incessante no/do campo social. Um mapa nunca é algo fixo, estático. Ele pode se recompor, se transformar, se reconfigurar, mas por vezes se fixar numa modelização de fluxos e produzir agenciamentos muito próprios e particulares. De modo geral, a

cartografia trata de acompanhar processos e fluxos ao invés de representar objetos (BARROS & KASTRUP, 2009; ANTONIOLI, 2010).

Mas por que a cartografia? Trata-se de uma escolha metodológica (ainda que a palavra “método” pareça estranha à ideia da cartografia) que parece potente à proposta de uma análise dos modos de subjetivação produzidos entre sujeitos que transgridem a cena biopolítica do sexo dito “legítimo”³². Isso porque a cartografia pode funcionar como uma ferramenta útil que inspira possibilidades de entendimento sobre as realidades sociais recusando qualquer explicação totalizante, fatalista, essencialista e reducionista, e reconhecendo a complexidade das relações sociais a partir de imbricamentos entre micro e macropolítica. Segundo Preciado,

Guattari concibe la cartografía no simplemente como una técnica de representación de las subjetividades políticas dadas, sino (y de ahí su interés para las políticas sexuales) como una auténtica práctica revolucionaria de transformación estética y política (PRECIADO, 2008b).

Nesse sentido, trata-se de uma escolha ética e política que se alinha, faz amizade e devora outras correntes teóricas (ROLNIK, 2007) que me ajudam a pensar os temas de interesse desta pesquisa, tais como corpo, erotismos, sexualidade, gênero, desejo, subjetivações e trabalho sexual.

Se o erotismo e as práticas sexuais que se efetivam em relações comerciais se constituem numa topologia marginal (RUBIN, 1993), consideramos que a ideia de uma *cartografía queer* teria a potência para acompanhar esses traçados minoritários e esboçar mapas daquilo que escapa das narrativas dominantes e do campo normativo das representações. Segundo Preciado (2008b) “el cartógrafo de las identidades sexuales minoritarias hace las veces de un detective de lo invisible, a medio camino entre el policía secreto y el vidente capaz de sacar a la luz geografías hasta ahora ocultas bajo el mapa dominante”.

Minha aposta que pretendi defender ao longo desta tese é que o trabalho sexual praticado por homens e o próprio mercado do sexo criam uma lógica outra de funcionamento dos fluxos dominantes, produzem territórios existenciais e modelizações próprias, constituem

³² Para uma aproximação mais detalhada sobre o uso da cartografia em pesquisas sobre sexualidades, conferir Santos e Lago (2015).

espaços de subjetivações, possibilitam performatividades específicas. Diante disso, busquei acompanhar algumas paisagens sociais e territórios existenciais que se constituem a partir de uma diversidade de práticas nas quais o sexo é mediado pelo dinheiro; acompanhar as linhas de (de)composição de territórios; seguir os processos de produção do desejo (desejo entendido como potência de afirmação) e dos sujeitos no tenso campo micro e macropolítico. Para essas cartografias, sigo uma pista sugerida por Preciado ao desenvolver a ideia de *cartografias queer* que pretendem desenhar mapas de erotismos/práticas sexuais marginais:

Ya no partimos aquí de una identidad de género o sexual ontológica (mujer, gay, lesbiana, etc.), ni dada ni construida culturalmente, para hacer después la historia de sus prácticas artísticas, discursivas y de representación, sino que más bien, tomando como punto de partida una metodología cartográfica (en el sentido guattariano del término y por oposición a histórica, sociológica y psicológica) y *queer* (por oposición a identitaria o naturalista), **se tratará de entender la espacialización de la sexualidad, la visibilidad y la circulación de los cuerpos y la transformación de los espacios públicos y privados como actos performativos capaces de hacer y deshacer la identidad.** (PRECIADO, 2008b) [*grifos meus*]

Como recursos de pesquisa, meu próprio corpo se constituiu como elemento de afetação no/do campo: seja caminhando pelas ruas e (re)conhecendo códigos eróticos nas comunicações visuais e corporais com homens que estão na *pista*; seja em ambientes virtuais; seja a partir do meu corpo desnudo que adentra em saunas e se mistura no território onde trabalham os *boys*; seja reconhecendo minha subjetividade erótica (KULICK, 1995) como um importante recurso de afetação e afecção; seja fazendo uso das minhas experiências pessoais em contextos/territórios homoeróticos ou, como diria Preciado (2008b), caminhando como um “*flâneur* perverso” que conhece e frequenta territórios escondidos/“proibidos” na cena higienizada e supostamente des-sexualizada da cidade.

Esses recursos e percursos serão utilizados não no sentido de “catalogar dados e interpretá-los”, mas de direcionar o olhar aos agenciamentos que se compõem nos territórios existenciais e que

funcionaram no decorrer da pesquisa como analisadores. Sigo, portanto, uma pista de Guattari (2008, p.04): “a *démarche* esquizoanalítica não se limitará nunca a uma interpretação de “dados”; dirigirá seu interesse fundamentalmente para o “dadivoso”, para os agenciamentos que promovem a concatenação dos afetos de sentido e dos efeitos pragmáticos”.

II - Teoria radical do sexo

Um dos pressupostos com os quais me alinhei para o desenvolvimento destas cartografias foi a perspectiva de uma *teoria radical do sexo*, como proposta por Gayle Rubin em seu famoso texto “Pensando sexo: notas para uma teoria radical das políticas da sexualidade”³³. Segundo esta autora:

Uma teoria radical do sexo deve identificar, descrever, explicar e denunciar a injustiça erótica e a opressão sexual. Tal teoria necessita de ferramentas conceituais refinadas que possam compreender o sujeito e mantê-lo visível. Deve produzir descrições ricas da sexualidade na forma como ela existe na sociedade e na história. Requer uma linguagem crítica convincente que possa transmitir a barbárie da perseguição sexual. (RUBIN, 1993, p.09)

Em termos de questões metodológicas para uma pesquisa que pretende se articular dentro dessa perspectiva, Rubin (1993) propõe uma crítica às várias características persistentes do pensamento sobre o sexo que vêm se mantendo no mundo ocidental desde o século XIX até os dias atuais e que reproduzem alguns axiomas fundamentais no pensamento científico, no senso comum e nos discursos políticos e sociais. Existiriam, assim, algumas formações ideológicas que seriam de fundamental importância considerar para que não permaneçamos

³³ O texto de Gayle Rubin “*Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality*” foi publicado pela primeira vez em 1984 no livro “*Pleasure and Danger: Exploring Female Sexuality*”, organizado por Carole S. Vance. As citações utilizadas nesta tese são traduções livres feitas por mim a partir desse mesmo texto republicado em 1993, no livro “*The Lesbian and Gay Studies Reader*”, editado por Abelo, Barale e Halperin.

enredados nessas armadilhas discursivas. Essas formações axiomáticas seriam: 1) o essencialismo sexual, 2) a negatividade sexual, 3) a falácia da escala mal posicionada, 4) a valoração hierárquica dos atos sexuais, 5) a teoria dominó do perigo sexual e 6) a falta do conceito de variação sexual benigna.

O *essencialismo sexual* considera o sexo como uma força natural anterior à vida social. A crítica de autores/as como Michel Foucault (1988), Thomas Laqueur (2001), Jeffrey Weeks (1999) e Judith Butler (2003b) foram fundamentais à desconstrução da ideia de que o sexo pode ser tomado como algo pré-discursivo e anterior às suas significações mediadas por relações de poder, ou seja, por elementos da vida social e política. O sexo é, portanto, político, afirmação esta que estará no cerne de preocupações feministas, nos estudos gays e lésbicos e, mais tarde, no debate sobre as políticas *queer*. A partir dessa alternativa discursivo-desconstrucionista sobre a sexualidade, pode-se pensar o sexo em termos de uma análise social e de um entendimento histórico, não mais como um mero fenômeno biológico ou um aspecto da uma psicologia individual (RUBIN, 1993). A crítica ao “essencialismo sexual” tem importância metodológica nesta pesquisa, uma vez que ela orienta um olhar que procura não se deixar seduzir por explicações fáceis e prontas a respeito do erotismo e das práticas sexuais. Assim, podemos ficar atentos às possíveis psicologizações, patologizações e medicalizações que costumam rondar os discursos que visam normalizar, controlar e/ou patologizar aqueles/as sujeitos/as que estão envolvidos/as no mercado do sexo (AGUSTÍN, 2007). A postura anti-essencialista busca compreender e assumir a heterogeneidade e a complexidade da vida social do erotismo e do sexo, buscando evitar explicações generalizantes e metafísicas sobre o tema.

Outra formação ideológico-discursiva sobre o sexo, segundo Rubin, é a *negatividade sexual*. Trata-se da ideia de que o sexo é sempre algo inerentemente mau, perigoso, destrutivo. Tais perspectivas corroboram com fundamentos que hierarquizam em termos duais e binários elementos como “corpo e alma”, sendo que o corpo se situa em uma relação negativa e inferior à alma, a qual, por sua vez, ocupa um espaço de transcendência e de pureza. Esta seria a base de uma perspectiva platônica e, posteriormente, da moral cristã, que afetaram grande parte dos discursos jurídicos, médicos e científicos sobre o sexo e a sobre sexualidade nos últimos séculos no ocidente³⁴. Dentro desse

³⁴ Desenvolvi uma discussão mais aprofundada sobre essa questão em um artigo publicado no volume 4, número 1 da *Revista EPOS – Genealogias*,

pensamento que pressupõe que o sexo é sempre algo a ser controlado (sob o perigo de escapar de uma ordem simbólica se assim não for³⁵), os comportamentos sexuais e eróticos só podem ser autorizados e considerados legítimos se forem justificados pelo casamento, pela reprodução e pelo amor romântico (RUBIN, 1993; BUTLER, 2003a). Obviamente que o sexo pago exercido no mercado do sexo (tanto por quem “vende” - como os garotos de programa, mulheres cis, trans e travestis profissionais do sexo, como por quem “consome”) estaria dentro da categoria do “sexo mau e perigoso”. Estando alocado sob esse regime discursivo, a prática do sexo pago acaba se tornando alvo de discursos que tentam de alguma forma extingui-lo ou controlá-lo, seja por meio de tecnologias sociais que visam à sua normalização, seja por meios de aparatos jurídicos que criminalizam ora o/a profissional do sexo, ora o cliente, ou qualquer pessoa que esteja envolvida nesse mercado (AGUSTÍN, 2007; PISCITELLI, 2013).

Próximo a esses discursos, Rubin considera a *falácia da escala mal posicionada* como o corolário da *negatividade sexual*. Para a autora, atos sexuais seriam sobrecarregados com um excesso de significância, que decorreria da proliferação discursiva sobre o sexo, como mostrou Foucault (1988). Assim, alguns tipos de diferenças de valor ou de comportamentos cotidianos não são significativamente valorados, enquanto algumas diferenças no campo da sexualidade podem causar ódio, terror, raiva, ansiedades e hostilidades. A partir dessas valorações, as sociedades ocidentais estabeleceriam um sistema hierárquico de valores sexuais, constituindo, assim, a imagem de uma pirâmide erótica. Cabe aqui uma citação de Rubin, onde a autora descreve o funcionamento desta pirâmide:

Cônjuges e heterossexuais reprodutores estão sozinhos no topo da pirâmide erótica. Clamando abaixo estão os casais heterossexuais monogâmicos não casados, seguidos pela maioria dos/as outros/as heterossexuais. O sexo solitário flutua ambigualmente. O poderoso estigma do século XIX sobre a masturbação perdura de

subjetivações e violências, intitulado “As produções discursivas sobre a homossexualidade e a construção da homofobia: problematizações necessárias à psicologia” (SANTOS, 2013).

³⁵ Para uma discussão sobre a questão de como as múltiplidades sexuais e de gênero foram teorizadas (sobretudo a partir de algumas perspectivas psicanalíticas) como uma *ameaça* a uma suposta ordem simbólica estrutural, conferir Butler (2003a) e Arán e Peixoto (2007).

formas diferenciadas e menos potentes, do mesmo modo que a ideia de que a masturbação seria um substituto inferior aos encontros em casais. Casais estáveis de longa duração formados por lésbicas e homens gays estão no limite da respeitabilidade, mas sapatões de bar e homens gays promíscuos pairam um pouco acima dos grupos que compõem a base mais baixa da pirâmide. As castas sexuais mais desprezadas atualmente incluem transexuais, travestis, fetichistas, sadomasoquistas, trabalhadores/as do sexo, como as prostitutas e modelos pornográficos, e, abaixo de todas, aqueles/as cujo erotismo transgride as fronteiras geracionais.

Indivíduos cujo comportamento está no topo desta hierarquia são recompensados com saúde mental certificada, respeitabilidade, legalidade, mobilidade social e física, auxílios institucionais e benefícios materiais. Na medida em que os comportamentos sexuais ou as ocupações decrescem na escala, os indivíduos que os praticam tornam-se sujeitos às presunções de doença mental, má reputação, criminalidade, mobilidade social e física restrita, perda de benefício institucional e sanções econômicas (RUBIN, 1993, p.11, 12)

Subsumida a essa pirâmide erótica, está a ideia de que o (bom) comportamento sexual seria a raiz de toda virtude, tanto para o viés de uma moral religiosa, quanto para o de uma moral médica/psicológica (basta analisar os discursos patologizantes sobre a homossexualidade, a transexualidade, a travestilidade e outras variações sexuais, como o sadomasoquismo).

Tendo em vista os homens que atuam como trabalhadores do sexo, podemos considerá-los como sujeitos que estão multiplamente inscritos nas bases mais baixas da pirâmide erótica: são homens que fazem sexo por dinheiro (prostituição), na maioria das vezes com outros homens (práticas homossexuais), sem intenções procriativas, contestando (e por vezes parodiando) a ideia de amor romântico, são considerados promíscuos (podem possuir vários clientes e muitos deles também possuem relacionamento afetivo-conjugal), e interagem, muitas vezes, com clientes mais velhos que recorrem ao sexo pago (cruzamento de gerações). São sujeitos considerados ilegítimos dentro dos sistemas

de valorações morais na maior parte do mundo ocidental, pois estão inseridos num tipo de prática e “cultura sexual” que transgride as barreiras do “bom sexo” e investe em modos de existência “marginais”. Seriam sujeitos que estão do “lado de lá” da linha imaginária que separa o “bom sexo” e o “mau sexo”. Tais linhas que determinam os padrões de aceitabilidade sexual produzem modelos que assumem uma *teoria dominó de perigo/risco sexual*, a qual seria, segundo Rubin, outro axioma ideológico-discursivo sobre o sexo. Tais linhas demarcam um medo imaginário de que o “sexo mau” poderia produzir um caos social, um desajustamento social e simbólico³⁶. O sexo considerado perigoso, portanto, representaria um risco para uma suposta integridade, normalidade e manutenção da sociedade. É importante lembrar que, para Judith Butler (2002a), o que é considerado o “sexo mau” ou, numa perspectiva mais ampla, *abjeto*, seria essencial para assegurar o campo do legítimo e do inteligível, ou seja, seria um *exterior constitutivo* que forma os limites do humano a partir da exclusão daquilo que é considerado normativamente indesejável.

Por fim, o último axioma a ser considerado numa teoria radical do sexo seria a *falta do conceito de variação sexual benigna*. Segundo Rubin, a ideia de variação sexual é inerente ao desenvolvimento de uma ética sexual pluralística. Ocorre, no entanto, que somos levados a crer que a sexualidade deveria se ajustar a um padrão único, que há uma melhor forma de se fazer sexo e que todos/as deveriam seguir esses modelos. Haveria uma forma sempre ideal de sexualidade (heterossexual, monogâmica e procriativa) e esta é tomada como ideal regulatório, como já nos mostrou Butler (2002a, 2003b). Considerar a variação sexual como algo que *existe* e não como algo que deva ser *exterminado*, seria uma das apostas para uma teoria radical do sexo. É importante salientar, no entanto, que Rubin não está justificando a legitimidade de todo e qualquer tipo de prática sexual, como a pedofilia ou o abuso

³⁶ Tal medo pode ser observado na dificuldade política de se ampliar algumas noções de cidadania no campo sexual e de gênero, como o direito à autodeterminação de gênero, no caso de travestis e transexuais, o direito à adoção por casais homossexuais, a regulamentação e descriminalização do trabalho sexual, a criminalização da homo-lesbo-transfobia, entre outras questões. É possível encontrar vários exemplos históricos, onde políticos, sociedade civil e intelectuais se colocaram contra mudanças que visassem alargar o campo de reconhecimento político e social de sujeitos que estariam do lado do “sexo mau”. Para uma discussão mais aprofundada sobre essas questões, conferir Almeida (2010), Butler (2003a), Arán e Peixoto (2007), e Piscitelli (2013).

sexual. Segundo a autora, trata-se de considerar uma moralidade democrática, a qual

deveria julgar os atos sexuais a partir dos modos pelos quais um/a parceiro trata o/a outro/a, pelo nível de consideração mútua, pela presença ou ausência de coerção, e pela quantidade e qualidade dos prazeres que eles proporcionam. (RUBIN, 1993, p. 15)

As ideias presentes nas propostas de Gayle Rubin são, basicamente, uma das bases do que, desde a década de 1980, foi formando o corpus teórico daquilo que hoje compreendemos como o campo dos estudos *queer*. A partir desses princípios que embasaram grande parte das minhas reflexões, a seguir apresento o que considereei um “campo de problemas” sobre o qual me atentei durante a pesquisa.

3.2. Localizando um campo de problemas

“Pensar las cuestiones a indagar como campos de problemas atravesados por múltiples inscripciones: deseantes, históricas, institucionales, políticas, económicas, etc., implica un doble movimiento conceptual que abarca el trabajo sobre las especificidades de las diferentes dimensiones involucradas y – al mismo tiempo – su articulación con las múltiples inscripciones que las atraviesen [...] El trabajo en campos de problemas y no de objeto unidisciplinario implica considerar que pensar problemáticamente es trabajar ya no desde sistemas teóricos que operen como ejes centrales sino pensar puntos relevantes, que operen permanentemente descentramientos y conexiones no esperadas; el problema no es una pregunta a resolver sino que los problemas persisten e insisten como singularidades que se despliegan en el campo [...] La importancia de pensar desde

un criterio problemático radica en que sus posibles desarrollos mantendrán como ejes preguntas abiertas que operan como recurrencias que en sus insistencias aspiran a delinear método. Desde esta perspectiva se piensa la problemática como una categoría y no como una dificultad o incertidumbre pasajera.

(FERNÁNDEZ, 2008, p.28, 29)

Os trabalhadores do sexo (*boys, escorts, garotos de programa* ou acompanhantes) e o trabalho sexual, localizam-se, no interior de uma ordem social e sexual, em um lócus marginal em relação a outros sujeitos sexuais e outras formas de expressão do erotismo e de práticas sexuais. Os profissionais do sexo, inseridos na hierarquia mais baixa de uma estratificação sexual (RUBIN, 1993), seriam sujeitos/atores que comporiam uma cena erótica transgressora na cidade e desarranjariam, mesmo que provisória e/ou instantaneamente, sistemas normativos de sexualidade, gênero e desejo. É, no entanto, nesse espaço marginal, nessa zona de abjeção social (BUTLER, 2002a), que os fluxos desejo, do erotismo, do corpo e do capital se co-produzem e se movimentam numa lógica que tensiona alguns códigos de moralidades e de normatividades em torno do sexo, produzindo sujeitos que são socialmente vistos como “desviantes”.

Se as práticas sociais, os discursos, os enunciados e as relações de poder constituem sujeitos, de que modo as diversas linhas do dispositivo da sexualidade, somadas a regimes de subjetivação contemporâneos, como os regimes farmacopornográficos de produção de subjetividades (PRECIADO, 2008), constituem territórios existenciais a partir da experiência da prostituição? Parto aqui de uma premissa: se o trabalho sexual costuma ser enunciado como uma expressão marginal da sexualidade (RUBIN, 1993), então os sujeitos envolvidos nessas práticas teriam que estabelecer uma relação consigo mesmos e com um campo de moralidade que apontaria, por si só, para um peculiar modo de subjetivação para se constituírem, circularem e trabalharem nessas margens. É possível apreender, por razões históricas e por lógicas discursivas já apontadas previamente, os motivos que fazem com que esses sujeitos sejam posicionados como divergentes em relação a algumas moralidades do comportamento sexual dito “normal”. Diante desses “desvios” ou “divergências”, como pensar, a partir do

trabalho sexual, aquilo que Foucault chamou de *determinação da substância ética*, ou seja, como pensar “a maneira pela qual o indivíduo deve constituir tal parte dele mesmo como matéria principal de sua conduta moral” (FOUCAULT, 1984, p.27)? Segundo Foucault (1984), esse trabalho sobre si mesmo diante de códigos de comportamentos e de campos morais seria uma questão ética que indicaria a constituição de um sujeito moral, de modos de subjetivação, de uma ascética e de práticas de si. Habitar zonas onde as práticas de si e uma moralidade dos comportamentos se conflitam, implica na invenção de técnicas de si que costumam ser significadas como desviantes das normas sociais. Quais modos de vida se constituem a partir disso? Quais territórios existenciais se produzem a partir desses fluxos? Estas foram algumas das primeiras problemáticas que foram se constituindo desde o início da minha pesquisa.

A associação entre sujeitos desviantes e patologia, delinquência e periculosidade é uma operação frequente, tanto nos discursos científicos como no senso comum, como já denunciava Gilberto Velho na década 1970, em suas críticas aos estudos sobre comportamentos desviantes. Segundo Velho (1974), tais pesquisas costumam oscilar entre um *psicologismo* e um *sociologismo*, variações que reiteram a dicotomia entre indivíduo e sociedade/cultura como categorias estanques que não se afetam e/ou não se misturam. Ainda de acordo com o autor, o “indivíduo desviante” tradicionalmente costuma ser visto desde uma ótica médica que o qualifica como “insano” em comparação aos indivíduos “sãos”. Essas perspectivas denunciadas por Velho estão evidentes em alguns estudos históricos sobre a prostituição masculina, como aqueles desenvolvidos por Jeffrey Weeks (1981), John Scott (2003), Kerwin Kaye (2003, 2014) e David Bimbi (2007).

Velho (1974) aponta, no entanto, para outras possibilidades de olhar para os sujeitos desviantes. As teorias interacionistas, por exemplo, consideram que não existem desviantes *em si mesmos*, mas uma relação entre atores que acusam outros atores de transgressão e de quebrar regras sociais. Nessa perspectiva, “*os grupos sociais criam o desvio ao estabelecer as regras cuja infração constitui desvio* e ao aplicá-las a pessoas particulares, as marcam como *outsiders*” (VELHO, 1974, p.23). Esse entendimento sobre o desvio superaria a visão de uma estrutura social monolítica e acabada (como se o desvio possuísse uma natureza pronta e sua exclusão fosse uma operação lógica) e poderia ser, segundo Velho, uma alternativa para um estudo mais crítico sobre os chamados “sujeitos desviantes”. A definição mais produtiva de

desviante apresentada por Gilberto Velho pode ser útil para uma apreensão mais complexa sobre a produção social do desvio:

O “desviante”, dentro da minha perspectiva, é um indivíduo que não está fora de sua cultura, mas que faz uma “leitura” divergente. Ele poderá estar sozinho (um desviante secreto?) ou fazer parte de uma minoria organizada. Ele não será sempre desviante. Existem áreas de comportamento em que agirá como qualquer cidadão “normal”. Mas em outras áreas divergirá, com seu comportamento, dos valores dominantes. Estes podem ser vistos como aceitos pela maioria das pessoas ou como implementados e mantidos por grupos particulares que têm condições de tornar dominantes seus pontos de vista. O fato é que não é o ocasional *gap* entre a estrutura social e a cultural mas sim o próprio caráter *desigual* *contraditório* e *político* de todo o sistema sociocultural que permite entender esses comportamentos. Assim, pode-se perceber não só o sociocultural em geral mas, particularmente, o político nas mais “microscópicas” instâncias do sistema socioculturais” (VELHO, 1974, p. 28) [grifo meu].

Em um sentido semelhante, Butler (2002a) define sua noção de abjeção como um exterior constitutivo, esse “algo” que é expulso/excluído do que é considerado legítimo e inteligível no campo social e simbólico. Desse modo, para esta autora, assim como para Rubin (1993), podemos pensar na produção social da prostituição como algo que se constitui a partir da própria institucionalização daquilo que é legítimo e/ou aceito. Ou seja, o sexo comercial só pode ser considerado pecado ou imoralidade se existirem prescrições dos “corretos usos da carne”; só pode ser entendido como uma patologia quando se determinam as formas “sadias” e “normais” de sexualidade; só pode ser visto como um mal social, se há um ideal higienista e biopolítico na gestão das populações. De acordo com Preciado (2008b), “la producción de sujetos desviados en la modernidad es inseparable de la modificación del tejido urbano, de la fabricación de arquitecturas políticas específicas en la que estos circulan, se domestican o resisten a la normalización”. Assim, essas práticas sexuais marginais e desviantes, abjetas aos olhos

dos *outros*, configuram territórios existenciais que contestam - ou ao menos desestabilizam, os mais variados tipos de controle, rearticulando e colocando sob suspeita o próprio campo das representações normativas da cena biopolítica.

A partir desses olhares, de que modo a prática da prostituição masculina constituiria zonas de desvio e, por consequência, sujeitos desviantes? Como que o uso que se faz do corpo, da sexualidade e do erotismo nessas práticas se transforma em algo transgressor e marginal? Os trabalhadores do sexo são *sempre* sujeitos desviantes ou, seguindo a perspectiva de Gilberto Velho, eles seriam, em alguns contextos, vistos como sujeitos dentro dos padrões hegemônicos de comportamentos? Como se negociam essas posições de desvio? Fui, ao longo da pesquisa, considerando que essas problemáticas podem compor e atravessar os territórios existenciais de sujeitos envolvidos no mercado do sexo e que exercem trabalho sexual. Além disso, pude ir percebendo que as práticas eróticas e sexuais mobilizadas nesse contexto também podem nos dizer algo sobre a vida social do erotismo em termos mais amplos. Assim, deparamo-nos com pistas importantes sobre performatividades eróticas e sexuais marginais, transgressivas ou mesmo abjetas que insurgem no âmbito das negociações sexuais mediadas pelo dinheiro. Algumas práticas sexuais (e sujeitos) geralmente “invisíveis” e não-ditas (ou malditas) podem ficar evidenciadas: clientes homens cisgêneros que se identificam como heterossexuais, mas que sentem prazer em relações sexuais com outros homens (sendo ativos e/ou passivos); clientes homens homossexuais idosos que não conseguem ou não desejam encontrar parceiros sexuais na cena gay jovem e higienizada; clientes homens e mulheres que não se conformam dentro de ideais e padrões estéticos normativos, como obesos/as, deficientes físicos, etc.; clientes homens bissexuais ou homossexuais e mulheres heterossexuais (casados/as ou solteiros/as) jovens e/ou adultos/as que não se interessam em envolvimento afetivos e buscam, no sexo tarifado, uma forma de expressar a sexualidade, contrariando os ideais românticos da monogamia; clientes mulheres que escolhem pagar por sexo, subvertendo o senso comum de que “mulheres só fazem sexo com amor” e pondo em prática certa autonomia e controle sobre seus próprios corpos, desejo e prazeres, etc. Nota-se que, de modo geral, a prostituição diz respeito não apenas aos sujeitos que a praticam, mas a todo um funcionamento erótico da vida social. No plano do visível, esses erotismos estão organizados de forma supostamente coerente e conforme aos padrões e às normas sexuais vigentes, mas nas

micropolíticas sexuais cotidianas se expressam e gozam de diversos modos.

Nesta tese, procurei articular mercado do sexo, especificamente o trabalho sexual, como um elemento constituidor e produtor de territórios existenciais. Uso aqui noção de *territórios existenciais* proposta por Félix Guattari (1992; 2008). Para o autor, os territórios existenciais se comporiam, grosso modo, por processos maquínicos de (des)(re)territorialização dos fluxos sociais e estariam sempre emaranhados e conectados uns aos outros, de uma forma ou de outra. Se o que se passa sobre o corpo de uma sociedade são sempre fluxos – cortes de fluxos, ponto de partida para uma produção e ponto de chegada para uma recepção de fluxos (DELEUZE, 2013), o que acontece quando esses fluxos são capturados, codificados e modelizados a partir de uma máquina (o mercado do sexo) que explicitamente capitaliza o sexo? O que escapa e o que se produz nesse jogo? A máquina capitalista canaliza os fluxos (fluxos eróticos, fluxos do desejo, fluxos de pessoas, etc) e os codifica e os cristaliza, produzindo territórios existenciais (DELEUZE & GUATTARI, 2010; DELEUZE, 2005). Diante dessas problemáticas busquei, portanto, acompanhar e cartografar os formas de (de)codificações que o mercado do sexo opera na produção de territórios existenciais e de modos de subjetivação. Tais territórios, desse modo, não são nunca fixos, mas estão em constantes processos de agenciamentos, de modelizações, de singularizações, de capturas, de fuga.

Minha aposta foi que na prática do sexo comercial repetem-se algumas lógicas de mercado e axiomas capitalísticos e, ao mesmo tempo, produzem-se desterritorializações da própria noção de força de trabalho (que se reterritorializa de um outro modo). Trata-se de algo próximo ao que Paul/Beatriz Preciado (2008) problematiza como capitalismo farmacopornográfico, que toma a força orgásmica de um corpo vivo excitável como força de trabalho. Segundo Preciado (2008, p. 40), na perspectiva dos teóricos do capitalismo farmacopornográfico, o trabalho sexual é entendido como processo de subjetivação que se efetua a partir de dispositivos de subjetivação sexopolítica. Nessas perspectivas, trata-se de olhar para o trabalho sexual como índice emblemático nas configurações contemporâneas capitalistas, sexuais e corpóreas. Para Preciado (2008b), o trabalhador sexual seria representante de um invisível subproletariado sem estatuto legal e sem carta de cidadania que evidenciaria novos vetores cartográficos sexopolíticos:

Este cuerpo trabajador sexual anónimo del espacio público me interesa como nueva figura de lo político, como índice de una nueva cartografía. Notemos que aquí la identidad de género y sexual han dejado de tener relevancia, mientras que es la práctica misma de poner el sexo a trabajar en el espacio público la que define los posibles vectores cartográficos (PRECIADO, 2008b).

Diante dessas referências, parti da noção de que o mercado do sexo e o trabalho sexual canalizam e produzem fluxos eróticos, sexuais e econômicos (às vezes peculiares, outras nem tanto). A captura dos fluxos e suas codificações produziriam territórios geo-político-existenciais (DELEUZE, 2013) que podem se “nomadizar” ou se “modelizar”. Assim, (re)produzem-se performatividades de gênero e formas de erotismo que não se fixam numa identidade sexual específica e numa forma unitária de desejo, mas ao mesmo tempo podem reproduzir modelos totalizantes de expressões de gênero e de práticas sexuais. Apóio-me na afirmação da antropóloga Barbara Glowczewski (2008) para apostar na fertilidade do conceito de territórios existenciais:

A articulação de territórios existenciais com diferentes sistemas de valorização e de auto afirmação ontológica é, na minha opinião, uma chave essencial para analisar de maneira antropológica qualquer processo de resingularização em relação aos espaços em um universo contemporâneo de interações globalizadas³⁷ (GLOWCZEWSKI, 2008, p. 85).

É importante destacar que os territórios não estão necessariamente fixos a uma espacialidade, mas se movimentam nas dinâmicas de determinadas práticas sociais. Segundo Perlongher (2008, p. 160, 163),

um território, sugere Guattari, não é mais do que um nó de fluxos; um corte nesse território terá de

³⁷ Tradução livre do francês: “L’articulation de territoires existentiels avec différents systèmes de valorisation et d’auto-affirmation ontologique est à mon avis une clef essentielle pour analyser de manière anthropologique n’importe quel processus de resingularisation du rapport aux lieux dans un univers contemporain d’interactions globalisées”

estar atento às intensidades que os animam. Deslocamentos molares, da ordem dos macrocódigos sociais, mas também mobilizações moleculares, no nível das sensações dos corpos. [...] O dispositivo territorial agiria canalizando os fluxos, mas ao mesmo tempo veiculando-os.

Os territórios existenciais que se constituem a partir do mercado do sexo e da prostituição masculina, portanto, podem tanto se fixar numa localidade e num território específico, como em saunas, pontos de “pegação”³⁸ e determinadas áreas urbanas (praças, ruas) como já mostraram alguns autores (ABREU, 2013; ANTUNES E PAIVA, 2013; BARRETO, 2014; BARRETO, SILVEIRA E GROSSI, 2012; NETO, 2010; PERLONGHER, 2005, 2008; POCAHY, 2011; SANTOS, 2007; TEIXEIRA, 2011; VIANA, 2010), como também podem impulsionar trânsitos e mobilidades motivadas pelo desejo de trabalhar em outros contextos, seja no próprio país ou no exterior, como foi problematizado no capítulo 6. Segundo Miskolci e Pelúcio (2008, p.17) os *territórios marginais* que Perlongher discutiu na década de 1980, estendem-se agora “dos bares aos *blogs*; das praças aos *chats*; dos mictórios públicos às interações sexuais pelo MSN, mas sobretudo, da São Paulo analisada pelo pesquisador a todo o país”.

É nesse jogo de práticas sexuais mediadas pelo dinheiro que se produzem formas de experimentações do prazer, performances e performatividades de gênero, trânsitos e mobilidades de pessoas e a circulação de fantasias que envolvem transações comerciais, tesão, gozo, desejo, perigo e formas de sobrevivência. Esses jogos tornam-se interessantes campos de análise sobre as produções desejantes e as produções sociais, as quais, para Deleuze e Guattari (2010, p.46), seriam a mesma coisa: “o campo social é imediatamente percorrido pelo desejo, que é o seu produto historicamente determinado”. O trabalho sexual parece deixar exposta a relação entre capitalismo e desejo e alguns dos efeitos que essa combinação acarreta. Sexo por dinheiro faz parte da lógica de um mesmo processo de produção no qual estamos todos/as inseridos/as, onde, dos fluxos, é extraída a mais-valia.

³⁸ “*Pegação*” é uma gíria comum entre homens gays e diz respeito às práticas de flerte e interação sexual, geralmente em locais públicos. Locais comuns de pegação, pelo menos nas grandes cidades Brasileiras, podem ser praças públicas, parques, banheiros públicos, shoppings, praias, entre outros territórios.

Por fim, considero que outro elemento que atravessou a delimitação de um campo de problemas que foi me orientando durante a pesquisa foram as problematizações produzidas por trabalhadores/as do sexo ativistas e/ou por pesquisadoras/es politicamente engajadas/os nessa discussão. As críticas que vêm sendo construídas por esses/as atores/atrizes sociais tem sido de fundamental importância para nos descolarmos de toda aquela produção discursiva patologizante, criminalizante e marginalizante apontada no capítulo dois. Na tentativa de me aproximar desses olhares mais críticos sobre o trabalho sexual, procurei ler a acompanhar diversas discussões de ativistas e de movimentos sociais organizados de trabalhadores/as do sexo. Laura Agustín, uma pesquisadora referência que nos últimos anos vem produzindo contundentes críticas sobre pesquisas que objetificam e silenciam as/os trabalhadoras/es do sexo, oferece algumas orientações para que pesquisadores/as não reproduzam discursos discriminatórios e preconceituosos em relação ao trabalho sexual:

O objetivo da pesquisa é responder perguntas que irão ajudar as sociedades entender melhor elas mesmas, e essas perguntas não podem evitar existir dentro de algum tipo de referencial de teórico. Por exemplo, entrevistas com trabalhadores/as do sexo sobre suas vidas podem ser conduzidas dentro de uma perspectiva de “histórias de vida”, objetivando publicar vozes que foram anteriormente marginalizadas. Ou entrevistas com policiais podem tentar mostrar como eles percebem o trabalho de trabalhadores/as do sexo, dentro de um quadro criminológico. Pode haver etnografias de bordéis (antropologia), questionários sobre como proprietários de clubes de sexo enxergam seus negócios (estudos urbanos), trabalho comparativo com pessoas antes e após ingressarem na indústria do sexo (estudos sobre trabalho, psicologia), investigações sobre como pequenas redes de familiares e amigos funcionam para facilitar migrações (sociologia). A lista de possibilidades é interminável, e todas poderiam ser úteis para aprimorar nossos entendimentos sobre a indústria do sexo e sobre as pessoas que trabalham nela. **Entretanto, independentemente do “campo” o qual o referencial pertence, nós não precisamos**

de mais pesquisas impostas por pessoas que acreditam que sabem mais sobre como outras pessoas deveriam viver e por pessoas que já assumiram uma posição moralista antes da pesquisa ter começado [...] Ao contrário, nós precisamos de muitas pesquisas conduzidas por pessoas que são próximas das vidas de trabalhadores/as do sexo, ou que sejam elas mesmas trabalhadoras do sexo, mas que irão, acima de tudo, se comprometer em documentar honestamente todos os pontos de vista diferentes e conflitivos e as histórias com quais tomam contato durante a pesquisa³⁹ (AGUSTÍN, 2010, p. 26) [grifo meu]

Tomando como pistas tais posicionamentos ético-políticos, embarcando em algumas paisagens sociais e me aproximando de alguns territórios existenciais, procurei acompanhar cartografias que se desenham a partir do mercado do sexo e do trabalho sexual ofertado por homens. A produção social dos “marginais”, daqueles que estão nas bordas do legítimo e do autorizado, foi o interesse desta pesquisa. Nesse sentido, busquei meios por onde a transgressão ganha visibilidade e se enuncia, denunciando a fragilidade do campo da moralidade e da normalidade que tenta excluir para fora de suas fronteiras aquilo que ele mesmo consome.

3.3. Um andarilho [desnudo] colocando o corpo na pista

Como pesquisar um fenômeno como a prostituição, que está taticamente invisível, tacitamente ocultado na geografia da cidade? Como reconhecer os fluxos, as linhas e os códigos que compõem e atravessam tais territórios por onde o sexo pode ser negociado como uma mercadoria? Seria possível experimentar essas margens que desterritorializam códigos econômicos, sexuais e eróticos e os reterritorializam e os atualizam em outras modelizações? Certamente não se trata de se buscar uma representação acabada do que se passa nos fluxos do mercado do sexo, mas de acompanhar alguns movimentos que se pode tatear, testemunhar, flertar. Reconhecendo meu limitado acesso

³⁹ Tradução minha do original em inglês.

aos territórios existenciais que se produzem no contexto que busquei problematizar (haja vista meu lugar de fala enquanto sujeito não trabalhador do sexo), as cartografias que se desenharam nessa tese se situam nas adjacências de universos visíveis, veiculados por regimes de visibilidade pelos quais se pode acessar a prostituição (ainda que de forma discreta), como se pode observar na internet (sites, blogs, salas de bate-papo), nas ruas e em determinados espaços públicos; como de universos micropolíticos, que não são imediatamente representáveis pelas narrativas dominantes *sobre* a prostituição e *sobre* os sujeitos envolvidos nela, mas se efetivam nos encontros, nas práticas, nos erotismos performatizados, nas negociações invisíveis nas ruas, nas performances corporais nas saunas e nos espaços de subjetivação onde o sexo comercial ocorre. Essa pesquisa, portanto, localiza-se no interstício de um campo *molar*, que considera o campo político e discursivo a partir do qual os sujeitos são nomeados, interpelados e produzidos como supostos “sujeitos da prostituição”; e um campo *molecular*, onde encontramos movimentos singulares, contra-narrativas e processos que tensionam lógicas morais, seja através de subversões de normas que prescrevem os “bons usos” que se deve fazer do corpo, ou através da reiteração de lógicas normativas que se recodificam a partir de outros sistemas, nem sempre tão subversivos assim.

Para responder à pergunta sobre como proceder com essa aposta de investigação, tomei como estratégia lançar meu próprio corpo na experimentação dos afetos eróticos mobilizados em situações onde o sexo é negociado comercialmente. Assim, busquei “habitar como um andarilho”⁴⁰ territórios que são tidos como espaços onde tradicionalmente se pode encontrar homens trabalhando com prostituição. Conhecer esse universo e se afetar por ele durante o doutorado foi um processo gradual de tatear essas margens e ir, aos poucos, explorando melhor essas realidades que busquei acompanhar. É importante salientar que os “temas” relativos à prostituição masculina eram necessariamente “novos” para mim. Em minha experiência pessoal como sujeito que se localiza como gay e que frequenta diversos

⁴⁰ A aparente contradição da expressão “habitar como um andarilho” é usada aqui de forma proposital. A ideia de “habitar algo” nos remete a uma ação fixa e estática, pois como sujeitos não-nômades estaríamos sempre agarrados aos territórios que nos são familiares. Já a figura do “andarilho” sugere movimentos e deslocamentos. “Habitar como um andarilho”, portanto, sugere a possibilidade de estar e circular por certos territórios sem necessariamente se fixar nesses espaços, como um *flâneur* que caminha e experimenta novos territórios.

territórios de sociabilidades gays, em variados contextos, o tema da prostituição masculina e dos mercados do sexo em geral não é algo tão distante como possivelmente se pode supor, pelo menos entre os espaços pelos quais já perambulei. Entre grupos de amigos e conhecidos o imaginário sobre os “boys” circula de maneira muito habitual. “*Aquela sauna é de michê?*”. “*A bicha tá trabalhando de boy agora!*”. “*O viado tá fazendo a linha boy pra juntar uma grana*”. “*Naquele parque tem pegação, mas também rola muito michetagem por lá*”. “*To ‘laica’, acho que vou fazer michê!*”. “*Ouvi dizer que ele foi pra São Paulo e tá fazendo programa*”. “*To precisando de ‘aquê’⁴¹, acho que vou vender meu corpo*”. Essas são frases comumente ouvidas entre alguns círculos de homens gays com os quais já tive e tenho contato. É certo que essas falas, dependendo do contexto, carregam um tom de humor e não necessariamente estão expressando algum fato ou intenção, mas a questão é que, ainda que de modo jocoso, a figura do garoto de programa habita o imaginário de certos grupos e circuitos gays/homossexuais urbanos.

Essas experiências prévias me proporcionaram, até certo ponto, um olhar privilegiado sobre algumas questões que favoreceram o reconhecimento de códigos e o conhecimento sobre o acesso a territórios específicos (como as saunas gays). A experiência localizada de um pesquisador (HARAWAY, 1995; HARDING, 2015), nesse caso específico de um pesquisador gay e homem cisgênero, é importante a ser considerada, pois ela pode também funcionar como um analisador reflexivo sobre a inserção do cartógrafo em campo. Como homem cisgênero, reconheço que possuo alguns “privilégios” que me permitiram circular por determinados espaços e territórios de forma relativamente segura e autorizada. Um exemplo disso, é que pude caminhar sozinho, inúmeras vezes, nos finais de tarde e à noite, pelas ruas do centro velho de Florianópolis e pela praça central da cidade para observar algumas movimentações de garotos de programa que circulavam pela região. Nessas caminhadas, tive a oportunidade de me aproximar, conversar e interagir com eles. É sabido, como denunciam diversos movimentos feministas, que os espaços públicos, sobretudo à noite, oferecem riscos às mulheres que “ousam” caminhar sozinhas. Uma mulher que circula desacompanhada à noite no centro de uma cidade é frequentemente assediada e moralizada e sua reputação pode

⁴¹ No Bajubá ou Pajubá, linguagem usada entre grupos LGBT que combina diversas palavras de algumas línguas africanas e da língua portuguesa, a palavra *aque* significa “dinheiro” e *laica* significa “pobre, sem dinheiro”.

ser colocada em “dúvida”, especialmente se estiver usando “roupas curtas demais” diante de certas vigilâncias de uma moral sexista. Desse modo, ser socialmente lido como homem cisgênero me confere privilégios para, por exemplo, caminhar à noite com uma margem de segurança no centro de uma capital para fazer observações em pesquisas de campo.

Outro ponto importante sobre ser um homem cisgênero fazendo pesquisa sobre prostituição masculina, é que eu pude ter acesso inquestionado às saunas, locais privilegiados para a prática da prostituição. As saunas⁴² (e aqui me refiro às chamadas *saunas gays* que funcionam como espaços de interações sexuais entre homens) são espaços *de* e *para* homens. Mulheres cisgêneros e transexuais e travestis⁴³ não podem entrar nesses locais, pois há uma lógica de que esses espaços seriam exclusivos para a interação sexual entre homens (cisgêneros). Nesse sentido, muito provavelmente uma mulher que se propusesse a realizar uma pesquisa com tema semelhante ao meu, encontraria dificuldades que se colocariam justamente por causa de sua identidade de gênero. Não quero dizer com isso que mulheres não poderiam realizar uma pesquisa sobre prostituição masculina, como já fizeram Barreto, Silveira e Grossi (2012). Apenas sinalizo, no entanto, que o acesso a determinados territórios, como as saunas, seria vedado a elas, de modo que não seria possível circular por esses espaços. De modo semelhante, um homem heterossexual que não estivesse familiarizado com certos códigos que circulam em territórios ditos “gays”, provavelmente também se sentiria mais estrangeiro em sua interação com o campo.

⁴² No capítulo 4 desenvolvi uma discussão mais aprofundada sobre a dinâmica do trabalho sexual dentro das saunas.

⁴³ Apesar das saunas restringirem o acesso unicamente aos homens cisgêneros, em algumas saunas que frequentei durante a pesquisa pude observar a presença de pessoas trans. Nesses casos, essas pessoas estavam sempre acompanhadas por um grupo de outros homens e pareciam precisar se “comportar” de uma forma que suas travestilidades e/ou transexualidades não ficassem tão evidentes aos olhos do público em geral. Para isso, notei que sempre estavam mais cobertas e/ou vestidas do que os outros (cobrindo os seios siliconados), não acessavam as partes da sauna onde ocorriam interações sexuais, e circulavam mais nas “áreas comuns” do estabelecimento, como o bar. Algumas saunas possuem espetáculos de *drag-queens* e também empregam travestis na recepção da casa e/ou nos serviços de limpeza. Nesses casos, pessoas *trans* acessam a sauna por exercerem algum tipo de trabalho (não sexual) no interior desses espaços, o que é muito diferente de transitar neles como clientes.

Dois elementos que dizem respeito a minha posição de sujeito, portanto, foram importantes para o traçado das cartografias dessa tese: o fato de eu ser um homem cisgênero que possui o privilégio de acesso autorizado aos espaços públicos (espaços esses que estão historicamente delimitados por relações de poder que autorizam o masculino e interdita o feminino); e a minha experiência enquanto sujeito que se reconhece como gay (ainda que eu considere o caráter ficcional e performativo dessa categoria identitária, distante de qualquer essencialismo ontológico), e que possui certa vivência por entre traçados marginais nos espaços urbanos. Essas vivências facilitam o reconhecimento de locais de “pegação”, a intimidade com certos códigos-território (PERLONGHER, 2008), o conhecimento sobre o funcionamento e dinâmica de saunas gays, a familiaridade com territórios de sociabilidades, entre outros “saberes menores”.

Para Preciado (2008b), esses elementos produzem uma dupla situação que traz alguns efeitos para uma *cartografía queer*:

[...] la doble situación de habitante legítimo del espacio público (por su condición masculina) y de cuerpo marginal sujeto a vigilancia y normalización (por su condición homosexual) convierte al sujeto gay en un hermeneuta aventajado del espacio urbano: “el gay puede ser entendido como un *flâneur* perverso que pasea sin rumbo determinado por la ciudad en busca de novedades y acontecimientos. Su experiencia le convierte en un privilegiado observador que todo lo ve y todo lo conoce de una ciudad que parece no tener secretos para él... el gay penetra más allá de la superficie y descubre el carácter oculto de las calles, convirtiéndose en un intérprete de la vida urbana (sobre todo nocturna).

Destaco esses pontos sobre minha posicionalidade como pesquisador gay não por acaso. Considero de fundamental importância analítica e problematizadora localizar-me como sujeito que também está imerso e atravessado por interpelações identitárias que não podem ser menosprezadas ou ignoradas quando, por exemplo, circulo em uma praça pública onde ocorrem negociações de sexo comercial entre homens ou quando adentro em uma sauna gay. Levar em consideração minhas identidades, os modos como sou socialmente lido e percebido, meu corpo e os meus gestos também foi uma ferramenta importante para a análise dos agenciamentos que se compunham nos territórios por onde

circulei. Ao estar atento a essas dimensões, busquei não ignorar os efeitos produzidos a partir dos encontros no campo, como por exemplo, os códigos invisíveis que se fazem entender nas comunicações sexuais entre *boy-cliente*, a excitação sexual que tais encontros podem produzir (haja vista as frequentes investidas de vários garotos para que eu pagasse por um programa) e até mesmo relações de amizade que surgiram em algumas ocasiões. Procurei, portanto, não me colocar como um cartógrafo desencarnado que se abstrai de sua própria posição identitária e que procura uma posição neutra, como criticou Preciado (2008b) ao problematizar as possibilidades de se traçar cartografias *queer*.

Ao considerar os pontos destacados acima, pude, aos poucos, acessar e conhecer (mesmo dentro dos limites do que seria esse “conhecer”) algumas práticas, performances, negociações, itinerários, regras, narrativas, projetos e estratégias que circulam nos territórios por onde a prostituição masculina se exerce. Meu percurso de pesquisa durante o doutorado foi se desdobrando aos poucos, pelas “beiradas”, na medida em que eu fui me deixando afetar mais pelo tema das minhas investigações.

3.4. Estratégias e negociações de pesquisa em campo

Minha primeira estratégia para tatear o campo de pesquisa, ainda no começo do doutorado, foi fazer visitas virtuais não sistemáticas a sites⁴⁴ de publicidade de garotos de programa onde é possível publicar anúncios dos serviços sexuais oferecidos, salas de bate bato e blogs. Não tive como objetivo fazer uma discussão sobre o papel da internet na configuração do trabalho dos profissionais do sexo, nem aprofundar minhas discussões sobre as outras possibilidades de divulgação dos serviços sexuais⁴⁵, mas apenas me familiarizar com alguns recursos usados pelos garotos (e também pelos clientes) para negociar os programas.

⁴⁴ Apesar as visitas virtuais terem sido a primeira estratégia utilizada para tatear o campo, eu continuei realizando visitas frequentes em diversos sites durante todo o doutorado.

⁴⁵ Para uma discussão mais aprofundada sobre o uso de anúncios (tanto em jornais e em revistas, como na internet) usados para a divulgação dos serviços sexuais de homens profissionais do sexo, conferir Saldanha (2010) e Tyler (2014).

A segunda estratégia foi caminhar em algumas regiões do centro de Florianópolis onde trabalham garotos de programa. A região principal da cidade onde encontrei garotos foi na Praça XV e em suas redondezas, ou seja, o centro velho da cidade. Nessas caminhadas pude conversar com alguns garotos de maneira muito informal, mas foram esses instantes que ajudaram a me aproximar um pouco de alguns códigos operantes na prostituição, especialmente aquela praticadas/negociadas nos espaços públicos.

No mesmo período em que comecei a caminhar pelas ruas da cidade para conversar com alguns garotos, também passei a frequentar uma sauna em Florianópolis que autoriza a entrada e o trabalho de homens profissionais do sexo (nem todas as saunas *gays* permitem a prática da prostituição). Florianópolis possuía duas saunas gays, porém em apenas uma delas era possível encontrar os serviços de “boys”. Essa sauna também ficava na região central da cidade, próximo à rodoviária. Frequentei o local várias vezes, procurando conversar tanto com os garotos como com clientes (também de forma informal) e observar as dinâmicas do local. Em 2015, após voltar do meu estágio doutoral no exterior, descobri que esse espaço havia fechado, o que fez com que eu tivesse que interromper minhas visitas a sauna na cidade em que eu resido.

Além de ter frequentado a sauna de Florianópolis por algum tempo, também realizei algumas viagens de reconhecimento⁴⁶ a outras saunas que oferecem o serviço de garotos de programa em outras capitais. Conheci saunas em Recife (PE), São Paulo (SP), Porto Alegre (RS) e Rio de Janeiro (RJ). Nessa fase da pesquisa circulei por esses estabelecimentos, conversei com *boys* e clientes e realizei observações participantes. Adentrei nos locais como um cliente e como pede o *dress-code*⁴⁷ comum a todos esses espaços: deve-se entrar no local, passar pelo

⁴⁶ “Viagens de reconhecimento” é um termo usado por Silva e Blanchette (2011) para se referir a uma estratégia metodológica para conhecer e se familiarizar com territórios que não necessariamente compõe o território onde se está pesquisando. No limite, considero que toda prática de conhecer um território pressupõe uma “viagem de reconhecimento”, mesmo dentro da própria cidade.

⁴⁷ *Dress-code* é uma expressão em inglês muito usada em clubes de sexo, saunas e boates, inclusive no Brasil, para designar o “traje” ou o “código de vestimenta” que o cliente deve aderir para adentrar ao local. Em muitos espaços, se o cliente não estiver de acordo com o *dress-code* apropriado, ele pode ter sua entrada ao local negada.

“vestiário”, tirar a roupa, guardar os pertences em um dos armários com cadeado e ficar vestido apenas com a toalha enrolada no corpo (se preferir pode-se usar uma sunga e/ou cueca) e com chinelos.

Ainda durante essa fase da pesquisa, que foi focada em interlocuções informais e em observações em alguns territórios de prostituição, como a internet, ruas/prças e saunas, acabei decidindo que seria melhor focar nas saunas e nos sujeitos que trabalham nesses espaços. Minha escolha por direcionar meu olhar para tais espaços se deu por alguns motivos. Primeiro porque ao longo do doutorado fui percebendo que meu acesso a esses territórios era muito mais fácil e muito mais seguro comparativamente às ruas. As saunas oferecem, tanto para os clientes como para os *boys*, certa segurança que não pode ser encontrada em espaços públicos como as praças. Em minhas visitas às saunas, muitos garotos me disseram que preferiam trabalhar nesses locais, pois se sentiam mais seguros e mais protegidos do que em espaços abertos, desprotegidos e expostos. Eu mesmo, enquanto pesquisador, considerei não ser seguro caminhar a noite em territórios de prostituição em cidades com as quais não estava muito familiarizado e/ou não conhecia muito bem. Em Florianópolis, sentia-me mais territorializado e familiarizado com a geografia urbana, conhecendo territórios onde poderia ir e onde deveria evitar. Nas outras capitais não tinha essa segurança, o que me fez evitar circular pelas ruas daquelas cidades.

Outro motivo de ter escolhido as saunas como campo privilegiado de pesquisa e observação, foi o fato de que pareceram ser nesses locais onde a prostituição masculina se exercia de forma mais “intensa” e mais “frequente”. Se em alguns cantos da região central de Florianópolis eu dependia do acaso para encontrar dois ou três garotos de programa procurando por clientes, nas saunas eu sempre encontrava muitos deles. Na sauna de Florianópolis, por exemplo, todas as vezes em que eu a visitava, podia encontrar em média de 10 a 15 garotos. Já em outras cidades o número de *boys* costumava ser maior, variando entre 15 a 20 trabalhando ao mesmo tempo, no mesmo estabelecimento.

Depois desses percursos iniciais, que foram fundamentais para reconhecer certos territórios de prostituição masculina, decidi passar alguns dias nas capitais do sul (Porto Alegre (RS) e Curitiba (PR) – além de Florianópolis (SC), onde resido) e também na cidade de São Paulo (SP), para entrevistar garotos de programa que trabalham em saunas nessas respectivas cidades. Assim, passei a focar nesse eixo e roteiro geográfico composto por essas quatro cidades. Para compor

minha pesquisa e ir traçando mapas, também realizei 11 entrevistas em profundidade para conhecer mais sobre as trajetórias, histórias e vivências de alguns garotos de programa, tanto no âmbito de seus trabalhos como profissionais do sexo, como em outros contextos de suas vidas.

Antes de iniciar as viagens para as cidades referidas acima, e já durante meus percursos iniciais, fui percebendo que eu estava usando uma abordagem para propor as entrevistas que não estava dando certo. Tentei, por várias vezes, marcar entrevistas por telefone (liguei para alguns garotos que disponibilizavam números de telefone em algum site ou blog), e/ou por uma abordagem pessoal na sauna. Na sauna de Florianópolis, que eu frequentei várias vezes, eu até conseguia “bater um papo” com alguns garotos, desenvolver conversas mais informais e, em alguns casos, conversar sobre a intenção da pesquisa e sobre a proposta de uma entrevista. A ideia inicial era que trocássemos telefone para eu ligar em um outro momento e marcar uma entrevista em um outro lugar, fora da sauna. Essa estratégia não funcionou. Liguei para vários garotos com os quais eu troquei telefone, mas eles nunca podiam marcar um encontro, ou não atendiam o telefone, ou sempre protelavam para outro dia, e a entrevista acabava nunca acontecendo. Quando ainda estava usando essa estratégia, não ofereci nenhuma contrapartida financeira, de modo que estava contando apenas com a “boa vontade” dos garotos para que colaborassem com a pesquisa. Com passar do tempo, dei-me conta que essa estratégia estava sendo um pouco ingênua, pois os garotos não iriam dispor de seu tempo (e nem teriam porque o fazer) para conversar comigo em um contexto diferente do qual eu os conheci. Esse possível tempo “gasto” comigo demandaria deslocamento para me encontrar, tempo perdido que poderia ser usado com algum outro cliente ou para fazer suas atividades pessoais do cotidiano. Além do tempo gasto, os garotos não pareciam não ver vantagem pessoal em conversar comigo.

Diante desses impasses, resolvi mudar minha estratégia de abordagem com os garotos. Entendi que só conseguiria entrevistá-los no seu próprio local de trabalho (nas saunas, espaços onde foquei minha pesquisa) e se oferecesse alguma remuneração pelo tempo gasto conversando comigo. Não penso que isso tenha acarretado em nenhum problema metodológico, tampouco ético. Vários/as pesquisadores/as que se dedicam a pesquisas de campo com profissionais do sexo relatam (ainda que informalmente) que tiveram que desembolsar recursos próprios para pagar o tempo do/a entrevistado/a, sobretudo quando esses

encontros não são mediados por alguma ONG ou por profissionais militantes que tenham contatos mais próximos com outros profissionais. Apesar de considerar legítimo o pagamento para que o garoto de programa colaborasse com uma entrevista, reconheço que essa prática, em alguns campos acadêmicos no Brasil, ainda é vista com certa desconfiança. É como se, ao oferecer uma contrapartida financeira ao interlocutor, eu estivesse o induzindo a “inventar” alguma história, apenas para que ele recebesse o dinheiro da entrevista. Parece-me que esse argumento, no entanto, ancora-se em uma *vontade de verdade* que busca um certo purismo e uma objetividade na relação entre o pesquisador e as pessoas/grupos com quem se pesquisa. Minhas reflexões, que encontram ressonâncias em algumas críticas feministas, *queer* e pós-estruturalistas, não perpassam por esse viés que busca uma “verdade pura do sujeito” que se confessa “em nome da ciência” (ou para o seu bem). Afinal, em nome de que o boy me daria uma entrevista? Penso que essa é uma questão que precisa ser melhor problematizada entre nós, pesquisadores/as que fazemos pesquisas com grupos socialmente marginalizados, sobretudo no campo da sexualidade e do gênero.

No decorrer dos encontros com os *boys*, após a proposta de entrevista paga na própria sauna, fui percebendo que muitos deles se dispuseram a conversar comigo sem nenhuma resistência. Em todos os casos, a proposta de pagamento foi acordada antes da entrevista gravada. Não paguei o que seria o correspondente ao preço de um “programa inteiro”, que em média custa cem reais. Depois de uma negociação, fechávamos o pagamento pelo preço de cinquenta reais pela entrevista. A princípio, considerei a possibilidade de realizar a conversa em alguma cabine reservada na sauna. As cabines e/ou os quartos funcionam como espaços privativos que existem na maioria das saunas que oferecem serviços de *boys*, onde o garoto e o cliente podem ficar mais à vontade para a realização do programa. Para usar essas cabines e/ou quartos, eu também deveria pagar pelo preço do “aluguel” desses espaços (como fazem os clientes ao fechar um programa com um *boy*), o que acarretaria em mais gastos (a sauna de Florianópolis possuía cabines que podiam ser usadas gratuitamente, sem acarretar gastos extras para os clientes). No entanto, em todas as saunas os próprios garotos sugeriram que fizéssemos as entrevistas em algum canto do estabelecimento, que apesar de também serem espaços comuns de circulação de *boys* e clientes, eram mais reservados e silenciosos. Concordei com as sugestões e acabei realizando as entrevistas nesses “cantos”, em alguma mesa de bar, na área de fumantes ou alguma área de descanso.

Assim, tendo definido essa estratégia de abordagem para a realização das entrevistas (com contrapartida financeira e nas próprias saunas), segui com minhas incursões nas saunas de Porto Alegre (RS), Curitiba (PR) e São Paulo (SP). Além de fazer as entrevistas propriamente ditas, não deixei de circular e realizar as observações e de estabelecer conversas informais, tanto com os *boys*, como com outros clientes. Nessas três capitais, ao todo entrevistei onze garotos de programa que compartilharam comigo um pouco de suas histórias e suas vivências. Os conteúdos dessas entrevistas estão dispersos ao longo da tese e foram evocados para dar cor, vida e intensidade aos mapas que foram se compondo ao longo da escrita.

De modo geral, as estratégias utilizadas para o traçado dessas cartografias foram: tatear recursos de divulgação dos serviços sexuais (internet); circular e observar locais públicos onde é possível encontrar homens profissionais do sexo; estabelecer conversas informais com esses sujeitos; fazer viagens de reconhecimento para outras cidades a fim de visitar outras saunas e observar as dinâmicas da prostituição nesses contextos; circular pelas saunas das capitais do sul do país e de São Paulo; e entrevistar garotos de programa em seus próprios locais de trabalho.



AGENCIAMENTOS ERÓTICOS

4. AGENCIAMENTOS ERÓTICOS: TERRITÓRIOS, CORPOS E TRABALHO SEXUAL

“O agenciamento é o co-funcionamento, é a "simpatia", a simbiose. Acreditem em minha simpatia. A simpatia não é um sentimento vago de estima ou de participação espiritual, ao contrário, é o esforço ou a penetração dos corpos, ódio ou amor, pois também o ódio é uma mistura, ele é um corpo, ele só é bom quando se mistura com o que odeia. A simpatia são corpos que se amam ou se odeiam, e a cada vez populações em jogo, nesses corpos ou sobre esses corpos. Os corpos podem ser físicos, biológicos, psíquicos, sociais, verbais, são sempre corpos ou corpus”.

(DELEUZE E PARNET, p. 65)

O corpo na prostituição é um cartão de visita e um instrumento de trabalho. Exibe-se, oferta-se, insinua-se, performa-se, erotiza-se a fim de produzir tesão e desejo. Sequências de códigos e gestos compõem alguns rituais que vão fabricando as fantasias do cliente que se deixa seduzir pelas afecções eróticas que se instala entre quem oferta e quem demanda algum tipo de serviço sexual. O trabalho sexual movimenta uma política erótica, sexual e de gênero que é performatizada nos espaços virtuais (como sites de divulgação dos serviços ou aplicativos de celular), nos espaços públicos (ruas e praças) e em espaços fechados (como as saunas). Esses fluxos eróticos que circulam nas práticas do trabalho sexual é apreendido e compreendido pelos sujeitos envolvidos no mercado do sexo a partir de certos tipos de aprendizagem para ler e reconhecer gestos, expressões corporais, olhares e códigos, às vezes sutis, outras nem tanto, variando de acordo com o contexto.

Em alguns espaços públicos, dependendo da região da cidade e da hora do dia ou da noite, as negociações são mais discretas, haja vista a bruma marginal que envolve a prática da prostituição, que precisa estar, em certa medida, invisível às regulações morais, policiais e higienistas para que ela possa existir, circular e se efetivar. Em outros locais públicos específicos, como becos mais escuros, ruas mais desertas, cantos de parques mais afastados ou zonas “tradicionais” de prostituição, os corpos que se oferecem a algum tipo de negociação sexual estão parcialmente autorizados para se expressarem de modo mais ousado nos palcos da cidade. Já em espaços como as saunas, que

oferecem maior privacidade e liberdade para o trânsito de sujeitos que explicitamente buscam ou oferecem o sexo pago, é possível encontrar negociações mais diretas, corpos mais expostos, a nudez escancarada. Esse caráter explícito das interações eróticas das saunas acontece somente no seu interior. As fachadas da maioria delas são discretas, muitas parecem com uma residência “comum” e não ostentam *outdoors* e nem sinalizam no seu exterior que tipo de negócio funciona no local. Essa discricção das saunas faz parte de uma lógica de (in)visibilidades que opera de modo semelhante ao sexo que se negocia nas ruas: a prostituição está “semi-autorizada”, desde que ela esteja longe das vistas da sociedade.

Como já mencionado anteriormente, essa tese foca nas experiências de sujeitos que, no momento em que a pesquisa foi realizada, atuavam como garotos de programa em saunas. Tais espaços foram tomados como pontos de territorialização do trabalho sexual e como pontos de partida para minhas cartografias. No entanto, não podia desconsiderar algumas cenas que testemunhei nas ruas de Florianópolis (sobretudo nos dois primeiros anos do doutorado) que serão brevemente apresentadas nesse capítulo. Além disso, a partir das várias conversas que tive com os garotos que trabalham nas saunas, pude perceber que a rua muitas vezes é um território de passagem por onde muitos já tiveram experiências como garotos de programa, principalmente quando começaram a trabalhar nesse ramo, como se poderá perceber nos capítulos cinco e seis.

A circulação por diferentes circuitos de prostituição me fez considerar que não seria possível estabelecer uma separação “rígida” entre aqueles sujeitos que se prostituem nas ruas e aqueles que trabalham nas saunas ou que negociam suas atividades pela internet e atendem seus clientes em apartamentos privados ou motéis. O que pude perceber ao longo das minhas investigações é que esses espaços e essas formas de atuação certamente produzem territorialidades distintas, modos e lógicas de funcionamento específicos, performances corporais, temporalidades e códigos peculiares. Essas singularidades podem ser problematizadas como constituintes de diferentes paisagens sociais e territórios, mas não podemos pressupor que os sujeitos estão sempre fixados nos mesmos espaços geográficos, impossibilitados de mobilidade ou fechados em uma territorialidade que não se conecta com outras. Também considero que não podemos incorrer em armadilhas identitárias, que supostamente poderiam correlacionar, a partir de uma lógica de causa e efeito, o sujeito e o território em que ele atua, percorre

e se situa (sujeito x, no território x; sujeito y, no território y, etc.). Concordo com as observações de Perlongher (2008) que pontuou que os sujeitos envolvidos na prostituição ocupam diversos lugares de códigos-território, posicionando-se a partir de diferentes modos, conforme o local e a situação onde se encontram. Segundo o autor (2008, p.159), “poder-se-ia falar, então, de um deslocamento do sujeito pelas redes do código”.

Ocorre, portanto, que muitos homens que se prostituem acabam circulando por vários espaços e territórios e experimentando diversas práticas e estratégias para oferecer trabalhos sexuais. Essas variações de contextos, que contribuem com processos de desterritorializações, reterritorializações e nomadizações dos mercados do sexo e das próprias posicionalidades desses sujeitos, podem ser motivadas pelo desejo de mudança de cidade, por ambições e projetos pessoais diversos, pelo desejo de conhecer outras cidades, estados ou países, pela necessidade econômica, pela vontade de ganhar mais dinheiro, por querer ficar mais perto dos familiares, por disputas de territórios com “os/as donos/donas do pedaço”, por escassez de clientela, por aumento de demanda em determinadas regiões, por fluxos sazonais (como acontece durante o verão nas capitais litorâneas com vocação turística, como é o caso de Florianópolis), entre outros fatores. Essa complexa dinâmica dos fluxos de trânsitos e deslocamentos motivados pelo mercado do sexo será aprofundada no capítulo seis.

Ainda que hierarquias se estabeleçam entre os próprios profissionais do sexo, criando uma topologia que qualifica alguns como “michês de rua craquento” (usuários de drogas) numa ponta, e outros como “acompanhantes de luxo” ou “acompanhantes executivo” no outro extremo, as dinâmicas do mercado do sexo não estão cristalizadas e essas topologias não são necessariamente intransponíveis⁴⁸. Tais hierarquias e topologias (aparentemente imóveis) constituem o próprio caráter *rizomático* do trabalho sexual - pois não se trata de uma prática na qual podemos localizar pontos fixos e estáticos, mas sim linhas de composição e de ambulação que se movimentam nas margens sociais; e o aspecto *performativo* - pois reproduzem e repetem reiterativamente sistemas normativos na construção dos corpos, dos prazeres, do gênero e das sexualidades, ao mesmo tempo em que deixa escapar singularidades que tensionam e dobram as linhas duras que constituem as normas reguladoras que se impõem sobre o uso do corpo e do sexo.

⁴⁸ Uma discussão um pouco mais detalhada sobre essas hierarquias dos circuitos da prostituição será desenvolvida no capítulo cinco.

Nesse sentido, tenho considerado que os espaços por onde a prostituição se efetiva funcionam como territórios de subjetivação que produzem sujeitos sexuais. “Sujeitos sexuais”, nesse âmbito, poderiam ser tanto aqueles e aquelas que demandam o serviço sexual de algum garoto de programa, quanto os/as próprios/as trabalhadores do sexo. Falo aqui em *sujeito* buscando me contrapor às representações identitárias que buscam descrever de forma totalizadora indivíduos envolvidos/as na prática da prostituição. Não tentei descrever ou formular uma representação que pudesse identificar “indivíduos”, mas sim problematizar como o trabalho sexual posiciona alguns sujeitos de maneira contingente e estratégica, e produz modos de subjetivação.

Néstor Perlongher (2008) também sinalizou a importância de se problematizar os “nós de fluxos” que compõe as territorialidades sem cair em categorias individualizantes ou identitárias. Inspiro-me em Perlongher (2008) para sustentar que as cartografias que se esboçam nessa tese devem ser lidas como

redes de sinais por cuja trama transitam os sujeitos, não enquanto identidades individualizadas, definidas, “conscientes”, mas como sujeitos à deriva, na multiplicidade dos fluxos desejantes, na instantaneidade e acaso dos encontros (PERLONGHER, 2008, p.159).

É nesse sentido que podemos pensar em territorialidades performativas, ou seja, em territórios que mobilizam e canalizam certas estilísticas, gestos e expressões que constituem performatividades (sexuais, eróticas, de gênero) e que criam certas ficções que estão à deriva nas redes dos mercados do sexo. Não se trata, portanto, de precisar uma identidade (do cliente ou do profissional do sexo), mas sim de problematizar algumas performatividades, posicionalidades, fluxos, códigos e territorialidades que traçam cartografias. Perlongher (2008, p.159), embasado em algumas concepções de *território* de Deleuze e de Guattari, nos lembra que as *territorialidades* não se restringem ao *espaço físico* (ainda que não se possa negar a importância da interpelação dos espaços físicos e seus agenciamentos de enunciação, como pontua Guattari (1992)), mas devem também ser pensadas no próprio “*espaço dos códigos*”. Para Perlongher (2008, p.160), a ideia de identidade é, portanto, justaposta à ideia de *territorialidades*, que sinaliza o lugar que certos sujeitos ocupam numa “rede mais ou menos

fluida de circulações e intercâmbios”. São nessas territorialidades que se formariam “sistemas de rede”.

[...] não interessará tanto a identidade, construída representativamente por e para o sujeito individual, mas os lugares (as interseções) do código que se atualizam em cada contato. Sistema de redes que indicia outras mobilizações, conexões e conjugações de fluxos: fluxos de corpos e de dinheiro, fluxos desejantes e sociais, etc. Um território, sugere Guattari, não é mais que um nó de fluxos; um corte nesse território terá de estar atento às intensidades que os animam. Deslocamentos molares, da ordem dos macrocódigos sociais, mas também mobilizações moleculares, no nível das sensações dos corpos (PERLONGHER, 2008, p.160).

Tendo como referências essas considerações, para acompanhar alguns movimentos de homens que atuam como trabalhadores do sexo e se localizam nessas redes de circulações e intercâmbios, segui algumas pistas de Beatriz/Paul Preciado que, ao comentar algumas concepções de Félix Guattari sobre uma aposta cartográfica, nos lembra que a cartografia, especialmente uma cartografia *queer*, não busca por uma taxonomia (identitária) de sujeitos minoritários, mas procura esboçar mapas dos modos de produção de subjetividade. Segundo Preciado (2008b):

Este mapa não se poderá fazer, nos adverte Guattari, sem ter em conta o que ele denomina de tecnologias de representação, informação e comunicação que (como autênticas máquinas performativas) não se contentam com veicular conteúdos dados, mas produzem a subjetividade que pretendem descrever. Deste ponto de vista uma cartografia busca desenhar uma paisagem do que Guattari chama “equipamentos coletivos de subjetivação.

O que seriam esses “equipamentos de subjetivação” que operam nos mercados do sexo, em especial na prostituição? É importante lembrar que “equipamento” aqui se aproxima da noção de máquina/maquinismo, muito presente em todo pensamento de Deleuze e

Guattari. Uma máquina é tudo aquilo que coloca algo a funcionar e a se movimentar a partir de cortes e redirecionamentos dos fluxos. As máquinas podem produzir territórios e modelizações enrijecidas - como no caso das lógicas de opressão e da perpetuação dos microfascismos cotidianos (máquinas fascistas, máquinas do Estado, etc.), como podem movimentar linhas e composições que desterritorializam alguns códigos e axiomas (como aqueles axiomas sexuais referidos por Gayle Rubin (1993)). Não há nenhum dualismo nessa perspectiva: não se trata de opor o poder ou as normas (como se fosse possível localizar precisamente onde, o que e quando as produzem) àquilo/àqueles que supostamente se sujeitam (ou resistem) a ele/elas. O que está em questão é justamente mapear esses emaranhados de linhas que compõe algumas cartografias e, nesse caso, cartografias que se desenham no contexto da prostituição e no mercado do sexo. Como salienta Deleuze (2013), na vida de indivíduos ou grupos há um certo conjunto do que se pode chamar de *cartografias*. E uma cartografia está feita de linhas que são sempre imanentes e inseparáveis entre si: linhas duras que cobrem o visível, operam a partir de relações de binarismos, dualismos, pares de oposição, de sobrecodificação do espaço social e que constituem os territórios; linhas flexíveis de códigos e territórios entrelaçados, mas que produzem fissuras nos códigos morais e tensionam as relações de poder; e por fim as linhas de fuga, definidas por descodificação e desterritorialização, que desmancham os territórios, que produzem outras expressões e conteúdos e que teriam como figura emblemática, nas palavras de Deleuze (2013), o *clandestino* (DELEUZE, 2013; DELEUZE E GUATTARI, 2008; ROLNIK, 2007).

Assim, “equipamentos de subjetivação”, ou ainda, “máquinas de subjetivação” no contexto do mercado do sexo e especialmente da prostituição masculina, podem ser pensados como sendo as estratégias de negociação empreendidas por garotos de programa, os territórios explorados para essas práticas, o uso de dispositivos farmacopornográficos⁴⁹ (PRECIADO, 2008), a configuração dos espaços das geografias eróticas na/da cidade, os dispositivos arquitetônicos que abrigam tais práticas (como as saunas), as micropolíticas da percepção, da afecção e da conversa (DELEUZE E GUATTARI, 2008), do corpo e do erotismo, que vão se entrelaçando nas paisagens que se formam nos territórios da prostituição, etc. Seguindo o pensamento de Guattari, não faria sentido pensarmos em

⁴⁹ A questão dos dispositivos farmacopornográficos será aprofundada no capítulo sete.

produção de subjetividade sem considerarmos a articulação do humano à pluralidade de máquinas e equipamentos de subjetivação que se acoplam a ele. A subjetividade, nesse sentido, está em relação de co-produção com as semióticas dos mass mídia, com a informática, com as tecnologias de representação e fabricação dos corpos, com as tecnologias de informação, com a internet, etc.

Todos os entrecruzamentos dessas máquinas de subjetivação, ou ainda, desses Equipamentos Coletivos de subjetivação, atuam a partir da lógica de **agenciamentos**, ou seja, dessas misturas, conexões e combinações de forças que produzem ficções e movimentam “populações, multiplicidades, territórios, devires, afetos, acontecimentos” (DELEUZE E PARNET, 1998, p.65). Tenho considerado que nas territorialidades (virtuais ou presenciais) nas quais o trabalho sexual é exercido e/ou ofertado, podemos pensar em termos de **agenciamentos eróticos** que permitem com que corpos interessados em intercâmbios sexuais mediados por dinheiro e/ou outros tipos de bens se atraiam, se reconheçam e se afetem.

Como se constituem, portanto, os/as sujeitos que circulam por entre esses fluxos maquínicos de subjetivação sexual? Quais territórios existenciais se inventam a partir dessas máquinas? Certo de que posso apenas esboçar uma ficção que contempla temporalidades parciais, espaços localizados e alguns tipos de corpos (como homens cisgêneros trabalhadores do sexo e o meu próprio corpo investido nessa cartografia), considerei que um bom analisador sobre a produção dessas paisagens onde o sexo é posto a trabalhar seriam os próprios agenciamentos que se estabelecem nos encontros (seja nos encontros entre mim e meus interlocutores nos territórios pesquisados, ou nos encontros narradas pelos meus interlocutores em seus cotidianos de trabalho). Foram nesses encontros e no compartilhamento de narrativas, relatos e memórias, que pude me aproximar um pouco dos territórios existenciais dos meus interlocutores.

Durante as pesquisas de campo, meu próprio corpo estava implicado no reconhecimento de outros códigos-território (PERLONGHER, 2008) e na abertura aos perceptos (um pacote de sensações e relações, como sugere Deleuze (2008)). Levei em consideração que minhas investigações se situam no polêmico campo das práticas sexuais consideradas ilegítimas e imorais, e que são vistas socialmente como formas inadequadas de uso do corpo e dos prazeres. Apesar da tensão que este campo pode apresentar, reconheço a importância daquilo que Don Kulick (1995) chamou de subjetividade

erótica do pesquisador em trabalhos de campo. O reconhecimento e a problematização desta dimensão em pesquisas sobre práticas sexuais, segundo o autor, pode favorecer importantes *insights* e ser epistemologicamente produtivo (apesar do tabu deste tema, ainda muito presente na academia).

Considerando esses pontos, esboço a seguir algumas considerações sobre meus encontros e conversas que estabeleci com alguns garotos de programa. Começo a partir de algumas cenas vivenciadas no espaço público para, posteriormente, aprofundar minha discussão nos espaços das saunas. Trata-se de situações que envolvem agenciamentos entre corpos que se engatam numa política erótica na paisagem urbana. O encontro dos corpos interessados no sexo comercial possibilita uma posicionalidade de sujeitos que os desloca do andar e do caminhar cotidiano, colocando o corpo sexual e erótico a funcionar num “modo clandestino”. Nesse capítulo problematizo alguns desses movimentos, nuances e micropolíticas que eclodem em algumas territorialidades e fazem movimentar os cenários que servem de palco para a prostituição masculina.

4.1. Por onde perambulam os prazeres que se vendem?⁵⁰

*“Os jogos eróticos
desvendam um mundo
inominável que a linguagem
noturna dos amantes revela.
Essa linguagem não se escreve.
Chochicha-se de noite, ao
ouvido, com voz rouca. De
madrugada está esquecida”.*
Jean Genet em
“O diário de um ladrão”

O mercado do sexo tem suas lógicas, suas dinâmicas e toda uma rede que sustenta seu funcionamento de modo que os intercâmbios

⁵⁰ Alguns trechos deste sub-capítulo foram apresentados no Seminário Internacional Fazendo Gênero10, realizado na UFSC, com o trabalho intitulado: “Prazeres tarifados: territórios, códigos e desejo nas práticas de prostituição masculina”.

sexuais possam se manter e se articular de maneira eficiente. Nem todos os trabalhadores do sexo estão envolvidos em algum tipo de rede de colaboração mais ou menos complexa ou mais ou menos organizada. Mesmo aqueles que gerem seu negócio de forma mais “autônoma” ou mais “informal” parecem também estabelecer algum tipo de parceria nas redes pelas quais transitam.

Na minha interação com o campo, pude observar a existência de uma ampla rede de colaboração que atua, direta ou indiretamente, no mercado sexo e que dá sustentação e apoio para o exercício do trabalho sexual. Na rede que se comunica mais diretamente com os *boys* estão os gerentes e funcionários de saunas; pessoas que mantêm sites de publicidade dos garotos; fotógrafos que trabalham tanto particularmente com os garotos quanto em parceria com as empresas de publicidade; gerentes/funcionários de boates GLS que possuem contatos de alguns garotos que por vezes também trabalham como go-go-boys, etc. Entre as pessoas envolvidas de modo mais indireto com o mercado do sexo estão gerentes e/ou funcionários de hotéis para onde os garotos levam seus clientes (notei que às vezes há uma espécie de parceria, pois os funcionários muitas vezes conhecem os *boys*, alguns dos quais, inclusive, moram ou passam alguns períodos nesses estabelecimentos); redes de amizade estabelecida na rua/prça com donos de bares, vendedores ambulantes, pessoas que costumam estar sempre na região. Os territórios de prostituição masculina e as estratégias para negociação do trabalho sexual são muito semelhantes aos encontrados por Silva e Blanchette (2011) em suas longas pesquisas etnográficas sobre a prostituição feminina em algumas cidades do Brasil⁵¹. Abaixo, descrevo alguns desses territórios e estratégias.

Negociações virtuais

Em minha busca pelas estratégias de negociações entre garotos de programa e seus clientes, acabei encontrando um material interessante na internet. A web tem sido amplamente utilizada como meio de negociação, como forma de publicidade dos serviços sexuais oferecidos e como facilitadora para efetivação do programa (tanto na prostituição masculina como na feminina). Pela rede é possível uma maior “discrição” na contratação dos serviços, o que pode ser vantajoso para ambos os lados. Para o/a cliente porque ele/a pode garantir a preservação da imagem de si (ao procurar e negociar um programa em

⁵¹ As pesquisas de Silva e Blanchette ocorreram entre os anos de 2000 e 2009.

plena praça central da cidade ou mesmo em ruas popularmente conhecidas como territórios de prostituição, o/a cliente está sujeito ao possível olhar de outras pessoas, sejam elas conhecidas ou não. Ser visto negociando um programa, numa sociedade que execra o trabalho sexual, pode ser um “risco” à imagem do sujeito). Por outro lado, para os *boys* e/ou prostitutas, a negociação pela internet parece fornecer um controle maior da situação, podendo eles ou elas, de antemão, estabelecerem regras do programa de forma mais criteriosa, como: condições de pagamento; posições sexuais “permitidas” – por exemplo: “ativo”, “passivo” e “ativo liberal”, “com beijo na boca”, “com sexo oral”, se “atendem só homens, só mulheres, homens e mulheres e/ou casais”, etc.); podem estipular em que tipo de local atendem (hotéis, motéis, local próprio, domicílio do/a cliente); podem mostrar suas fotos de corpo e rosto (nem todos exibem seus rostos); podem descrever seus atributos físicos (altura, peso, dote/pênis); podem dizer se aceitam ou não o uso de drogas, etc.

A internet também oferece alguma proteção e autonomia, pois os garotos não precisariam ficar em espaços públicos expostos a possíveis violências, ao clima (geralmente à noite, no frio, na chuva, no vento). Além disso, com um blog/site os garotos agilizam as negociações e podem administrar melhor seu tempo, ao passo que nas ruas eles podem ficar horas sem que apareça algum cliente. Pode identificar pelo menos cinco tipos de recursos para negociar e/ou oferecer virtualmente os serviços sexuais:

1) *Sites de “classificados”*. Essa é uma forma mais direta e breve de anunciar os serviços. Encontrei, apenas na cidade de Florianópolis, um número enorme de anunciantes. Os sites mais comuns encontrados que comportam anúncios relativos ao mercado do sexo (mas não só) foram: <http://vivastreet.com.br>; <http://classiaqui.com.br>; e <http://quetesaio.com.br>.

2) *Sites de “publicidade de acompanhantes”*. Nesses sites há um número maior de anúncios. Eles podem ser categorizados por etnia (negros, latinos, loiros, etc.), por tipo físico (magros, masculosos, ursos, dotados, etc.), e por cidades (geralmente as grandes capitais). Os sites de publicidade cobram um preço para publicar os anúncios, que incluem uma breve descrição dos garotos, formas de contato direto com o *boy*, um link para o site pessoal do garoto (caso haja), e um espaço para que os garotos publiquem suas fotos. Exemplo de alguns desses sites:

<http://www.osgarotos.com.br/>,
<http://www.volupiamodels.com.br/>.

<http://www.megatopsbrasil.com/>,

3) *Blogs e/ou sites pessoais* (incluindo páginas no Facebook e/ou outras redes sociais). Esses veículos são mantidos pelos próprios garotos. Através dos sites pessoais os *boys* geralmente têm mais espaço para colocar suas fotos e, eventualmente, algum vídeo sensual onde fazem strip-tease e/ou se masturbam. Encontrei alguns casos de *boys* que também atuam em filmes pornô e que divulgam esse tipo de material em seus sites (geralmente fazer filme pornô torna o boy mais “valorizado”, de modo que ele acaba podendo cobrar mais caro pelos seus serviços).

4) *Salas de bate-papo/chats*. As salas de bate-papo ainda são usadas como recursos para procurar e oferecer serviços sexuais, apesar de que considero que essa estratégia esteja caindo em desuso. Nesses ambientes virtuais os garotos divulgam seus anúncios, descrevem seus atributos físicos e enviam o link para seus sites/blogs pessoais, caso também usem esses recursos. É possível, a partir do próprio chat, negociar preços, locais de atendimentos (geralmente hotéis baratos pela região central de cidade ou, se o cliente preferir, algum motel). Nos *chats* os “nicks” (apelidos) usados para o bate papo geralmente vêm acompanhados de algum símbolo que indica que o usuário está oferecendo algum serviço sexual. Costumam-se usar as letras GP (garoto de programa), a palavra “*Boy*”, o símbolo “\$”, e o tamanho do pênis (em centímetros), acompanhados de algum adjetivo ou substantivo, como: “\$Boy24\$”, “22cmGP”, “\$\$\$Militar\$\$\$”, “Sarado20cmGP”, etc. Geralmente deixam alguma frase que os descreve e, quando possível, colocam o link para seus blogs ou sites pessoais, onde se podem encontrar fotos de corpos nus para apreciação dos/as clientes.

5) *Aplicativos de celular com geolocalização*⁵². Esse é um dos meios virtuais mais práticos para divulgar os serviços dos garotos de programa. Existem aplicativos que são usados principalmente para

⁵² Para uma discussão mais aprofundada sobre o uso de tecnologias de geolocalização que mediam encontros sexuais entre homens, conferir o artigo de Walter Couto, Fábio Morelli, Dolores Galindo e Leonardo Lemos de Souza (2016)

facilitar os encontros sexuais entre homens (trabalhadores do sexo ou não). Os aplicativos de celular funcionam através de mecanismos de geolocalização, ou seja, o usuário consegue visualizar outros usuários que estejam nas redondezas e conectados no mesmo aplicativo. Essas ferramentas facilitam muito o trabalho dos garotos de programa (e também dos clientes), uma vez que as negociações podem acontecer entre pessoas que estão geograficamente próximas umas das outras. Os aplicativos destinados aos encontros sexuais entre homens mais usados atualmente no Brasil são o *Hornet*, o *Grindr* e o *Scruff*.

Negociações presenciais: ruas, praças e saunas

Além dos ambientes virtuais que favorecem os encontros entre *boys* e clientes, existem também possibilidades de negociações mais diretas, como é no caso da prostituição de rua, praças e em saunas. O que observei em relação à prostituição de rua, pelo menos na cidade de Florianópolis, onde pude circular com mais frequência por alguns territórios de prostituição, é que os homens que atuam nesses contextos aparentemente não encaram esse tipo de atividade como um recurso principal de fonte de renda. Durante algumas observações realizadas na Praça XV de Novembro, localizada na região central de Florianópolis, conversei com alguns homens que transitavam pelas redondezas e que ofereciam serviços sexuais (sobretudo para outros homens). Todos me disseram que exerciam outros tipos de atividade profissional, sendo que a prostituição funcionaria mais como uma renda extra, algo para complementar o orçamento. Foi comum ouvir desses garotos que tinham algum “trabalho oficial” e que, após o expediente, passavam pela praça pra ver “se rolava algo”, “uma graninha extra”. Também conversei com alguns homens que haviam acabado de chegar à cidade, não tinham emprego e estavam por lá para arrumar dinheiro até conseguirem um trabalho mais fixo. Minha impressão é que a prostituição de rua funciona, em muitos casos, como algo semelhante a um “bico”, uma atividade que não parece haver muito investimento, por parte dos garotos, para uma profissionalização do trabalho sexual.

Os *boys* que negociam programas na rua com os quais conversei me informaram que após fechar negócio com o cliente seguem para alguns “hoteizinhos” na região central da cidade. Em Florianópolis, ouvi falar principalmente de dois estabelecimentos, um mais caro, porém um pouco mais agradável, e o outro mais barato, porém mais “sujo”, segundo os próprios garotos diziam. Ter um local próximo e barato para

realizar os serviços sexuais é muito importante para suas atividades, uma vez que muitos clientes não podem dispor de muito tempo para se locomover para lugares mais distantes, não podem receber os boys em casa e, em alguns casos, precisam de discrição e não podem chegar tarde em casa, pois mantém um casamento e/ou relação heterossexual. Em termos gerais (mas nem sempre), a prostituição de rua parece ser uma prática muito mais fugidia e rápida

Outra questão significativa que observei é que os programas com os garotos que atuam nas ruas e praças são bem mais baratos do que com aqueles que anunciam serviços pela internet ou atendem em saunas. Enquanto os primeiros costumam cobrar entre R\$50,00 à R\$80,00, os segundos chegam a cobrar de R\$100,00 à R\$300,00 por hora.

As *saunas* é outro território onde se pode negociar diretamente um programa. Esses espaços parecem ser um dos locais mais seguros para o exercício do trabalho sexual, tanto para os clientes quanto para os *boys*. As saunas, também conhecidas como “*saunas gays*”, são estabelecimentos comerciais destinados à sociabilidade de homens, que podem ou não buscar interações sexuais com outros homens. Apesar do termo “sauna”, tais locais não se restringem às saunas propriamente ditas. Uma “sauna” pode abrigar, além das saunas (seca e à vapor), bares, pistas de dança, cabines privativas para encontros sexuais, salas com exibição de vídeos pornô, piscinas e jacuzzis, área para fumantes, *dark-rooms* (“quartos escuros”, também destinados às interações sexuais), etc.

O espaço das saunas oferece discrição, além de ser um local onde é possível fazer tudo no mesmo ambiente: conversar e interagir com vários *boys* e clientes, negociar e realizar o programa em algum quarto privativo, tomar banho antes e após as práticas sexuais, e além de tudo isso, aproveitar um ambiente lúdico, com música, bebidas, a sauna propriamente dita e, em alguns casos, shows e performances com drag-queens e go-go-boys. Penso que as saunas, como espaços para a prostituição masculina, seriam correspondentes aos bordéis, puteiros, termas⁵³, casas de massagem ou clínicas de estéticas onde ocorrem, mais

⁵³ Segundo as pesquisas de Silva e Blanchette (2011), uma “terma” seria uma casa de sauna que oferece serviços sexuais. No entanto, a maioria dos estabelecimentos pesquisados por esses autores que são identificados como termas não possuíam a sauna propriamente dita. “Terma” seria, portanto, um termo genérico para se referir às “casas de prostituição”. Em geral, é muito comum que os locais destinados à prostituição sejam referidos a partir de termos

tradicionalmente, a prática da prostituição feminina. É importante salientar, no entanto, que nem todas as chamadas “saunas gays” permitem o exercício do trabalho sexual no seu interior. Algumas são conhecidas e famosas pelos seus *boys*, de modo que os clientes que geralmente chegam até esses locais já têm a intenção de pagar por algum serviço sexual. Outras proíbem a prática do trabalho sexual e não permitem a presença de garotos de programa (a não ser, é claro, que estes estejam no local como clientes e não ofereçam seus serviços sexuais). Essas últimas são conhecidas como territórios para o intercâmbio sexual entre os próprios frequentadores. Essa diferenciação é facilmente encontrada no site das saunas, onde podemos ver avisos como “*Lindos garotos no ambiente*”, “*Pilotos de plantão*”, ou mesmo de forma mais direta “*Sauna com Boys*”. Outra forma de descobrir se as saunas oferecem o serviço de garotos de programa é fazendo uma rápida pesquisa na internet em sites que divulgam opções de lazer para o público gay, como os famosos *Guias Gays* (atualmente quase todas as capitais brasileiras possuem um Guia Gay on-line que compila informações de interesse do público LGBT, como bares, restaurantes, boates, saunas, “locais de pegação”, praias, etc.). Já nos estabelecimentos onde a prostituição é proibida, podem-se ver avisos como “*Não permitimos a entrada de garotos de programa*”, “*Não há serviços de boys*”. Além desses dois tipos de saunas, há também um tipo “misto”, onde há garotos de programa, mas também é possível a interação sexual entre clientes sem que isso seja um “problema”.

Durante o período em que realizei minha pesquisa, a cidade de Florianópolis abrigava apenas uma “sauna de boys”, localizada próxima à Rodoviária. Frequentei esse estabelecimento por um tempo, porém no começo de 2015 essa sauna encerrou suas atividades e até o momento não há nenhuma alternativa de sauna na capital catarinense onde se pode encontrar o serviço de garotos de programa. Atualmente há apenas uma sauna gay na cidade, porém esta não permite o trabalho dos *boys*.

Tendo apresentado esse breve quadro que localiza os principais locais e estratégias para o exercício do trabalho sexual, a seguir apresento uma discussão um pouco mais detalhada sobre dois desses territórios que tive contato durante minha pesquisa: os espaços públicos,

menos “chocantes” do que os populares “puteiros”. Desse modo, “casa de massagens” e “clínica de estética”, por exemplo, são nomes eufemísticos comuns que aludem aos locais de prostituição feminina. As saunas, por sua vez, são os principais locais fechados onde se pode encontrar a prática da prostituição masculina.

em especial na cidade de Florianópolis; e as saunas de quatro cidades diferentes (Porto Alegre, Florianópolis, Curitiba e São Paulo), territórios com os quais tive mais contato e nos quais realizei as entrevistas com os meus interlocutores.

4.2. Micropolítica sexual nos espaços públicos da cidade

*“Meia Noite,
Em pleno Largo do Arouche,
Em frente ao Mercado das Flores,
Há um restaurante francês, e lá te esperei⁵⁴”*

Caminhar pelo centro velho de Florianópolis, bem como de qualquer outra capital, pode ser uma experiência que demande uma abertura do olhar, das sensações e dos sentidos para novos e/ou outros códigos de grupos e sujeitos que transitam pelas ruas. Na cidade em que habito, costumo andar frequentemente por suas vielas, ruas e regiões consideradas mais populares, como a região do antigo terminal de ônibus urbano, da Praça XV de Novembro (praça central) e da Catedral. Agrada-me muito circular por aqueles caminhos que parecem ser um quadro movente de personagens que incorporam situações e modos de vida que denunciam a “falha” de certas morais que vem se consolidando desde a ascensão dos grandes centros urbanos brasileiros. Testemunhas de que os códigos de comportamento aceitáveis em nossa sociedade ocidental são fictícios, performáticos, frágeis. Estão sempre à espera do (e resistindo ao) confronto, seja pelo escândalo que tais sujeitos às margens provocam quando explodem na cena higienizada da cidade, seja no silêncio, no escuro, nos becos onde a transgressão ganha espaço, num jogo de experimentações e de misturas entre grupos: o jovem de classe média que vai comprar sua droga numa “boca”; o homem que mantém um casamento e uma vida heterossexual e procura sexo casual em saunas; homens “de respeito” que sucumbem ao tesão pelo sexo “desrespeitado”: sexo com putas, travestis, *boys*; os homens que gozam com o olhar, com a pegação e com a masturbação coletiva nos banheiros públicos. Enfim, a cidade borbulha, flerta, transa e goza.

⁵⁴ Trecho da música “Freguês da meia noite”, composta por Criolo.

Ao circular por essas paisagens, sempre me interessei especialmente por algumas cartografias dissidentes do desejo, do erotismo e do sexo, ou seja, por esses movimentos de experimentações do prazer que não podem (no sentido de não serem autorizados) ser ditos e vistos, mas que acontecem, e muito eficazmente, no cotidiano da cidade. Com seus códigos próprios, num jogo de fluxos quase incapturáveis pelo plano visível das paisagens da cidade, o sexo se consoma, o desejo adquire matérias de expressão e todo um sistema de afecções e negociações torna-se possível. É no trânsito desse erotismo que se insinua em cantos, estabelecimentos e praças da cidade que vasculhei o terreno por onde alguns homens oferecem sexo por dinheiro e/ou outros bens.

As primeiras vezes que caminhei pela Praça XV com a intenção de procurar e conversar com homens dispostos a oferecer serviços sexuais, não tive, de início, muitas dificuldades para encontrar tais sujeitos. Já sabia de antemão que naquela região aconteciam esses tipos de negociações. Quando passava pelo local, podia perceber, através de alguns gestos e olhares, que ali era possível encontrar garotos de programa. A percepção e identificação dos garotos de programa nas ruas não é algo tão evidente para as pessoas que não estão familiarizadas com certos códigos compartilhados entre homens homossexuais e/ou entre aqueles que procuram alguma interação homoerótica (não necessariamente homens gays). Isso me pareceu evidente, quando, ao comentar com algumas pessoas que eu costumava circular pela praça para fazer observação de campo e para conversar com alguns garotos de programa, pude escutar várias vezes falas como: “*Mas lá rola prostituição?!”, “Lá tem michê?!”,* Estranhamentos que evidenciam como diferentes códigos-territórios circulam muitas vezes nos mesmos espaços geográficos da cidade, fazendo co-existir diferentes territorialidades, desde as mais cotidianas, organizadas e banais, até as mais efêmeras e marginais.

Observei que os garotos que ficam na praça não se expõem tão visivelmente como algumas mulheres cis e/ou mulheres trans e travestis prostitutas que também circulam em outras regiões do centro e que muitas vezes investem em uma imagem explicitamente sexualizada, tornando-se facilmente identificáveis, pela maioria, como trabalhadoras do sexo. Elisiane Pasini (2000), em sua pesquisa sobre prostituição feminina na cidade de São Paulo, também identificou que as performances corporais (uso de determinadas roupas, a quantidade de maquiagem no rosto, a forma de abordagem do cliente, etc.)

empreendidas por mulheres que atuam como trabalhadoras do sexo nas ruas comunicam visualmente que elas estão fazendo “ponto”, ou seja, oferecendo serviços sexuais. Com os *boys* que encontrei na Praça central de Florianópolis, esses jogos pareciam funcionar de outro modo. Eles se vestiam casualmente, sem chamar atenção. Nada além de uma calça jeans, camiseta, uma blusa. São vistos como um transeunte qualquer, que passeia pela praça desinteressadamente. Essa estética, de certa forma, já me pareceu fazer parte de uma fantasia que os *boys* (pelo menos aqueles que atuavam nas ruas) vendem: uma masculinidade viril, uma performance “heterossexual e discreta”. Quanto mais próximo do homem viril, masculino e heterossexual ele parecer, mas valorizado será pelos clientes, como me informaram alguns garotos que circulam nas ruas. Néstor Perlongher (2008) já havia mostrado essa importante relação entre virilidade e a prostituição masculina. A masculinidade exacerbada e a virilidade naquele contexto agregam valor ao programa, fato este que fez com que Perlongher chamasse a prática dos garotos de programa de *prostituição viril*. Apesar de em minha experiência na Praça de Florianópolis eu me deparar com essas performances bem masculinas e viris, durante minha pesquisa notei que nem toda prostituição exercida por homens é necessariamente performada pelas marcas da virilidade. Essa minha percepção me levou a não fazer uso da categoria “prostituição viril” para descrever o trabalho sexual exercido por homens, ainda que, em alguns contextos, a virilidade seja uma marca importante nas performances dos *boys* (mas não a única forma de expressar a masculinidade entre esses sujeitos).

Os homens com os quais conversei pareciam passar despercebidos pela multidão apressada no andar cotidiano. Mas o que me fez aproximar e saber que eles eram garotos de programa? Fui percebendo que os códigos, os movimentos e os gestos são antecedidos por algo muito fugidio e discreto: o olhar. O olhar, que sinaliza e autoriza a sequência de um ritual de negociação, aproxima dois sujeitos pelo desejo. O erotismo começa a se desenhar pelos olhares de ambos, que desencadeiam uma sequência de códigos. Tal interação, a princípio, ainda não denuncia que se trata da intenção de se pagar ou oferecer serviços sexuais. Traça-se um novo *rosto* entre mim (visto como um possível cliente) e o *boy*. Para Deleuze e Guattari (2008), um rosto seria uma superfície semiótica formada pela montagem de um dispositivo: um “sistema muro branco-buraco negro”. Muro branco de significação, de atribuição da linguagem, das nomeações e significados, dos enunciados, dos significantes; buraco negro das subjetivações, das ressonâncias, das paixões, que desterritorializa a superfície do muro branco. O rosto surge

desse sistema, a partir de uma máquina abstrata de rostidade que pode ser acionada no agenciamento dos corpos, na rua, no olhar, nos gestos. O rosto, lembram Deleuze e Guattari, não pode ser confundido com a cabeça. A cabeça é parte do organismo e não necessariamente há um rosto codificado nela, do mesmo modo que nem sempre o rosto se estabelece nesta região. O corpo todo pode ser rostificado. O rosto é uma superfície, um mapa de linhas, traços, velocidades.

Mesmo humana, a cabeça não é forçosamente um rosto. O rosto só se produz quando a cabeça deixa de fazer parte do corpo, quando para de ser codificada pelo corpo, quando ela mesma para de ter um código corporal polívoco multidimensional – quando o corpo, incluindo a cabeça, se encontra descodificado e deve ser sobrecodificado por algo que denominaremos *Rosto*. [...] Não se trata absolutamente de tomar uma parte do corpo para fazê-la assemelhar-se a um rosto, ou representar um rosto de sonho como em uma nuvem. Nenhum antropomorfismo. A rostificação não opera por semelhança, mas por ordem de razões (DELEUZE E GUATTARI, 2008, p. 35)

Parece-me que o encontro de corpos interessados numa prática sexual, especialmente uma prática marginal que não pode ser vista nem percebida no espaço público, favorece a produção de máquinas abstratas de rostificação: há uma operação que passa a maquinar outros códigos e a operar um corte daqueles fluxos dispersos que até então não eram capazes fazer aproximar dois corpos. O corpo organizado que se movimenta em caminhos já codificados (na paisagem higiênica, policiada e vigiada da cidade), engata-se numa outra política que favorece a aproximação pelo desejo. Esse mesmo corpo é descodificado ao ser afetado por um outro corpo. Dois corpos que, num encontro, são sobrecodificados e produzem uma rostidade. Esse rosto não está estampado como uma impressão ou uma fotografia no corpo de cada um, mas está justamente nos perceptos visuais, gestuais e eróticos que se estabelecem numa comunicação que começa a se esboçar. “Os rostos não são primeiramente individuais”, como afirmam Deleuze e Guattari (2008, p.32), “eles definem zonas de frequência ou de probabilidade, delimitam um campo que neutraliza antecipadamente as expressões e conexões rebeldes às significações conformes”. Afinados numa outra

frequência, os corpos se comunicam eroticamente. O rosto é uma política e favorece, nesse caso, o exercício de uma política erótica.

O olhar é o primeiro contato, a primeira significação que transcorre nesses tipos de encontros. Não se trata do olhar de um flerte qualquer, mas de um olhar erótica e sexualmente interessado que afeta os dois envolvidos e os envolve em um outro caminhar. A partir do olhar, seguem-se alguns códigos sutis, códigos bastante efetivos nessa comunicação pública e erótica. Desacelera-se o andar, disfarçadamente olha-se um para a direção do outro, muda-se a rota do percurso, caminha-se para algum sentido comum, ficam parados em algum ponto esperando novos sinais, mexe-se no celular para disfarçar qualquer ansiedade ou para parecer que se parou ali por outro motivo. Esperam-se outros movimentos, os olhares continuam a se cruzar e o corpo começa a ser mais direto. Do lado do *boy*, uma acariciada no pau, um movimento do corpo que deixa evidente que, sob a calça, ele está excitado, com pênis ereto. Nesse ponto, não se olham nos olhos, parecendo evitar qualquer constrangimento de maus entendidos. Um olhar mais fixo para outro homem que não se conectou a essa política erótica compartilhada entre cliente e *boy* poderia mobilizar de afetos homofóbicos, resultando em algum tipo de agressão verbal ou mesmo física. Não se olham nos olhos, mas se olham mesmo assim, entre o horizonte disfarçado e os corpos interessados. O *rosto* desloca-se para outras partes do corpo, de modo que mínimas gestualidades podem compor afecções eróticas: uma leve levantada da camiseta, uma acariciada no peito, uma coçada no saco... Aos poucos os dois vão se aproximando. Um deles se senta no banco da praça e o outro, confiante de que já pode puxar uma conversa, senta-se também, ao seu lado.

Variações desse “ritual” (de decodificação e recodificação) foram recorrentes no encontro com os boys da praça. São esses movimentos afetivos, com variações de intensidades e velocidades dependendo do modo como os corpos se conduzem, que possibilitam uma aproximação, um entendimento dos interesses e um reconhecimento do outro. Imerso nesses códigos, não posso negar que os (re)conheço e os (com)partilho talvez por saber interagir, em outros contextos, com alguns flertes homoeróticos. O flerte homoerótico, que historicamente precisou passar dissimulado do olhar público e ainda hoje precisa, em alguns contextos, ser feito de modo cauteloso (haja vista o risco iminente de retaliação homofóbica), precisou inventar agenciamentos próprios para se efetivar e dar expressão ao desejo que não se deixa capturar por prescrições heteronormativas. Além de saber

ler e reconhecer tais códigos, ser homem e jovem configura uma significação sobre meu corpo que facilita muito as aproximações nesses encontros (na minha pesquisa de mestrado (SANTOS, 2012) sobre homossexualidade e velhice isso já foi um facilitador muito importante no meu encontro com homens homossexuais mais velhos).

As conversas que tive com os garotos da praça costumavam se iniciar após sentarmos (eu e algum garoto) em algum banco. Começávamos timidamente: “*E ai, passeando?...*”. Um dos primeiros garotos que conheci, perguntou-me: “*Tá na pista também?*”. Sorri, disse que não, mas aproveitei para puxar conversa sobre o assunto. Perguntei sobre preço, local onde ele realizava o programa... Ser confundido com um *boy* foi algo muito recorrente durante minhas pesquisas de campo. Alguns diziam que tenho o “tipo de boy”, como se as marcas do meu corpo fossem concordantes com aquilo que se espera vender nas negociações do mercado do sexo. Durante a conversa que tive com esse homem, ele me contou que trabalhava à tarde e que às vezes, antes de ir para casa, passava pelo centro para fazer programa, “juntar uma grana”. Disse que era casado com uma mulher e deu a entender que os programas eventuais eram mais uma forma de “bico”.

Já com outro homem com quem conversei, estabelecemos um contato diferente. Primeiramente, ele mostrou interesse em oferecer um programa, queria cobrar porque precisava viajar de volta para o Rio Grande do Sul, local onde morava. Não disse o que tinha ido fazer em Florianópolis. Eu lhe falei que não tinha dinheiro para ajudá-lo. Começamos a conversar sobre coisas “banais” e resolvi ir embora. Ele disse que me acompanharia até o terminal de ônibus, pois também estava indo naquela direção. Fomos caminhando juntos e durante o percurso ele se posicionou de forma diferente, parecendo estar “interessado” em mim. Disse que não cobraria mais se eu quisesse sair com ele, pois havia “gostado de mim”. Ao chegar no terminal trocamos celular. Avisou-me que provavelmente estaria voltando pro Rio Grande do Sul naquela noite e que ficaria difícil manter contato. Mas guardei seu número de celular mesmo assim, caso um dia ele entrasse em contato comigo, o que não veio a acontecer.

Em outra ocasião caminhando pela Praça XV, encontrei Leonardo, outro garoto com quem troquei alguns olhares e logo percebi que se tratava de alguém interessado em oferecer um programa. Ao cruzarmos nossos caminhos, o olhar atraiu nossos rostos fazendo-nos olhar para trás e conferir se a intenção era recíproca. Voltamos um em direção ao outro, cumprimentamo-nos e sentamos num banco para

conversar. O jovem parecia bastante tímido, com jeito de garoto do interior, loiro, alto, olhos claros. Disse-me que tinha 27 anos, que era do Rio Grande do Sul e que estava em Florianópolis havia uma semana. Não tinha emprego e estava sem sua carteira de trabalho. Estava hospedado em um hotel popular no centro da cidade e procurava trabalho, mas vinha encontrando dificuldades por falta dos documentos. Insinuou, muito timidamente e desconcertado, se eu estava interessado em “algo”. Parecia bastante inexperiente na negociação do programa. Cobrava R\$50,00 e “curtia tudo” (em relação ao sexo), só não “dava” (fazendo referência a ser passivo durante o ato sexual). Perguntei onde que poderia “rolar” e ele me disse que iríamos no hotel onde ele estava hospedado. Falei que não poderia naquele momento, pois estava indo ao encontro de um amigo com quem tinha um compromisso. Ao perceber que o programa não aconteceria, começamos a conversar sobre outras coisas. Pediu um cigarro e falou que não tinha grana nem pra comer. Dei-lhe um cigarro. O cigarro, em geral, parecia facilitar muito os contatos. Ao oferecer um, um gesto de camaradagem se instala, e passamos a falar de um outro modo, na “parceria”. Mais à vontade, disse que já tinha feito alguns programas em outras cidades, e também se envolvia com mulheres. Pareceu-me que ele se interessava muito mais por mulheres do que por homens. O sexo com homens era mesmo “por uma questão de grana”. Perguntei se ele conhecia a “sauna de boys” em Florianópolis (na época ainda em funcionamento). Contou-me que nunca tinha ido e nem sabia como funcionava uma sauna. Ficou curioso e me perguntou como poderia chegar ao local e se conseguiria arrumar algo por lá. Disse-lhe que era possível, precisaria ir pessoalmente e conversar com o gerente do espaço. Expliquei-lhe onde era a sauna e ele pareceu um pouco intrigado com essa possibilidade.

Durante nossa conversa, Alex, um amigo de Leonardo que aparentava ser bem mais novo, aproximou-se de nós. Cumprimentou-me, apresentou-se a mim e pediu um cigarro. Tirei um da minha mochila e lhe entreguei. Parecia que Alex e Leonardo já tinham alguma intimidade (pelo menos já se conheciam). Leonardo perguntou ao Alex se ele conhecia a sauna de que eu havia falado. Ele disse que sim e que era um bom lugar pra ganhar uma grana, porque os clientes pagavam bem mais, dava pra tirar até uns R\$500,00 numa noite. Leonardo pareceu bastante empolgado e pediu para que Alex o levasse até lá, mas este disse não saber exatamente onde era. Perguntou a mim, disse que sabia, mas que estava sem tempo para levá-lo ao local. Leonardo ficou curioso pelo fato de Alex não ir nessa sauna, uma vez que lá poderia

“tirar mais grana”. Recrio aqui um diálogo que se passou entre nós três e que posteriormente foi anotado em um dos meus diários de campo⁵⁵:

- Ah, eu não tenho presença como você, sou normal. Além disso, minha namorada não deixa eu ir lá – Contou Alex.

- Você tem namorada? – perguntei

- Tenho!

- E sua namorada não deixa você ir na sauna mas deixa você ficar aqui na praça? – perguntei intrigado e achando a situação engraçada.

Leonardo soltou uma gargalhada:

- É mesmo! Não vai na sauna, mas trabalha aqui!

- É, sei lá, aqui ela deixa! – respondeu Alex.

Leonardo, ainda interessado na tal sauna, continua a conversa com Alex:

- Mas como faço pra trabalhar lá?

E Alex:

- Você ta com seus documentos aí?

- Tô.

- É só chegar lá, conversar e apresentar seus documentos.

- Só isso?

- É.

- Pow, me leva lá?!

- Não sei como chegar, pede pra ele te explicar... – disse Alex apontando pra mim.

Expliquei ao Leonardo como chegar ao local e ele disse que ia tentar ir até lá. Acho que com o grande interesse pela sauna e pela necessidade de dinheiro, resolveu procurar o local. Disse que ia nos deixar sozinhos e despediu-se de nós. Ficando sozinho com Alex, conversamos por pouco tempo, pois eu precisava ir embora. Ele pareceu bastante aberto para conversar, por isso aproveitei pra perguntar sobre o programa. Disse que também cobrava R\$50,00 e que se eu “fechasse” a gente podia ir pra algum “hotelzinho” ali pela região mesmo. Indicou-me dois: um próximo da rodoviária e outro mais próximo da praça XV. Um era mais caro, R\$28,00 por duas horas e, segundo ele, era mais

⁵⁵ Esse diálogo não foi gravado. Trata-se de uma recriação minha, que foi escrita em um dos meus diários de campo logo após a conversa com Leonardo e Alex.

limpo e organizado. O outro era R\$20,00 pelo mesmo tempo, mas era mais sujo. Ele disse preferir o mais caro, sentia-se melhor por lá. Conversamos mais um pouco lá pela praça e nos despedimos.

Apesar de a prostituição de rua não ser meu foco nessa tese, essas cenas foram importantes para conhecer um pouco a dinâmica desse território pelo qual muitos dos garotos que atuam nas saunas já passaram, pelo menos em algum momento de suas vidas. Experimentar um pouco as movimentações dessa rede de circulação por onde muitos garotos atuam foi importante para começar a perceber que os *boys* não estavam restritos a uma única territorialidade. Tendo apresentado um pouco esse cenário das ruas, a seguir passo a narrar um pouco sobre as saunas, um dos pontos de territorialização do trabalho sexual com os quais tive mais contato.

4.3. Saunas, territórios do prazer: algumas notas sobre a organização desses espaços

Apresento aqui algumas anotações relativas à configuração e formatação espacial das saunas onde realizei observações de campo e onde também realizei entrevistas em profundidade com meus interlocutores. Essas notas são relativas, portanto, às saunas de Porto Alegre (RS), Curitiba (RS), Florianópolis (SC) e São Paulo (SP). Não me ateei aqui às saunas que visitei em “viagens de reconhecimento”, como as do Rio de Janeiro (RJ) e de Recife (PE). Apesar de as visitas a esses estabelecimentos nessas últimas cidades terem me proporcionado algumas experiências interessantes que me ajudaram a pensar sobre os fluxos e os códigos operantes em saunas de diversas localidades, resolvi focar apenas naquelas onde pude dialogar mais com os garotos. Saliento, no entanto, que as visitas em todas as saunas geraram anotações em diários de campo, que foram úteis na composição das cartografias.

As notas que se seguem têm um teor mais descritivo/narrativo e foram organizadas a partir da reelaboração e reorganização dos meus diários de campo. Achei importante fazer essa apresentação mais descritiva, pois considero que as saunas funcionam como importantes pontos de territorialização do trabalho sexual e como significativos espaços de subjetivação sexual (PRECIADO, 2008b).

Porto Alegre (RS)

Cheguei em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, no meio de uma tarde quente. Viajei de ônibus, partindo de Florianópolis, e como não estava cansado da viagem, resolvi ir à sauna nesse mesmo dia. Já tinha pesquisado na internet em quais saunas da cidade eu poderia encontrar garotos de programa trabalhando. Descobri, através de alguns sites, que havia pelo menos duas saunas mais conhecidas na cidade que ofereciam serviços de *boys*. Acabei escolhendo visitar somente uma delas, pois segundo vários comentários de clientes em sites de divulgação de saunas, essa seria onde haveria maior concentração de *boys*, portanto maior possibilidade de interlocução no campo.

Ao chegar ao local, já me impressionei com o tamanho do estabelecimento. Era uma grande construção, como um grande galpão, com uma fachada discreta (como sempre, sem grandes chamativos que descrevessem qual tipo de atividade comercial funcionava por lá). No site da sauna, já somos informados que o local é realmente grande: “*Mais de 1000 mts. quadrados para seu divertimento*”, anuncia-se já na página inicial do site. O site do estabelecimento também ostenta a descrição de que se trata da “*Melhor sauna masculina do sul do país*”.

Percebi uma sauna que tinha certo clima de *glamour*. Sua fachada apresentava uma arquitetura moderna e elegante, diferente de outras saunas que conheci que muitas vezes ficam em lugares mais escondidos, em zonas da cidade mais pobres e com uma arquitetura mais simples. Antes de entrar no estabelecimento, notei que à frente do local, no estacionamento destinado aos clientes, havia vários carros de luxo estacionados. Essa composição entre fachada arquitetônica e carros me fez deduzir que se tratava de um local freqüentado por pessoas de classe média/alta. Outra informação presente no site do local também já indica o público que o estabelecimento pretende atingir:

“A [sauna] proporciona tudo que o homem gay moderno deseja, na companhia dos mais belos e sensuais rapazes no sul do País.

Fala-se: Inglês, Frances, Alemão, Espanhol, Italiano, Holandês e Hebraico.

Tudo isto por apenas R\$ 35,00 de entrada”

“[...] foi a primeira sauna no Brasil, construída com o objetivo de proporcionar entretenimento adulto num ambiente de conforto, de higiene, de discricção e de total segurança por um preço justo”

Nota-se, aparentemente, uma intenção de criar a imagem de um estabelecimento que recebe pessoas de outros países (o que de fato pude confirmar ao entrar no local e ver alguns estrangeiros circulando e também quando os boys me falaram sobre a diversidade da clientela). A expressão “*gay moderno*” me parece ser uma forma de tentar promover certo distanciamento daquela imagem do “*viado que procura sexo em locais mais undergrounds ou mais marginais*”. O “*gay moderno*” não precisaria recorrer aos encontros clandestinos em parques ou *banheiros*, nem frequentar aquelas saunas ou *cinemões* mais “*precários*”. O mercado gay – ou o *pink money* – reconstrói e reconfigura os territórios de circulação homoeróticos, veiculando e reforçando algumas homonormatividades, ainda que vários dos sujeitos que tensionam determinadas homonormas também circulem e consomem esses espaços.

Ao entrar, não percebi nada muito diferente de nenhuma outra sauna que já conheci. Algo, no entanto, me surpreendeu: na recepção, uma mulher me recebe para me dar a chave do armário e fazer meu cadastro. A figura da mulher foi uma surpresa para mim, pois dentre as minhas experiências em saunas eu raramente vi mulheres trabalhando no seu interior. Após me aproximar mais da recepcionista e conversar um pouco com ela, notei que era uma mulher *trans*⁵⁶.

Após a conversa com a recepcionista, o ritual de sempre: passo na recepção, pego uma chave com o número do armário onde vou guardar minhas coisas e que também funciona como “comanda” de tudo que eu for consumir no bar. Recebo duas toalhas, um par de sandálias, sigo para a área do vestiário com os armários, tiro a roupa, guardo

⁵⁶ As grandes saunas, como espaços freqüentados hegemonicamente por homens cisgêneros, raramente permitem o acesso de mulheres transexuais e/ou travestis, salvo algumas exceções, quando estas podem entrar em tais locais com a finalidade de entreter os clientes, atuando como *drag-queens*. Achei interessante ver essa mulher trans trabalhando na recepção, haja vista que a população trans é sumariamente excluída do mercado de trabalho. A Chilli Peppers, uma das maiores e mais famosas saunas da cidade de São Paulo (mas que não permite o trabalho de garotos de programa no seu interior), ganhou destaque, em alguns sites voltados ao público LGBT, por admitir profissionais transexuais em seu quadro de funcionários/as. Mais informações sobre as funcionárias trans da sauna Chilli Peppers, podem ser lidas no site: <http://www.nlucon.com/2014/04/chilli-pepper-comemora-dois-anos-e.html>

minhas coisas no armário, me enrolo na toalha e sigo para outros ambientes.

Nessa sauna, como nas outras onde entrevistei garotos de programa (Florianópolis, Curitiba e São Paulo), os *boys* não podem acessar a parte do vestiário, onde os clientes se trocam. É como se fosse um “espaço neutro”, onde o boy ainda não pode interagir com o cliente, que ainda está se “preparando” para entrar na “zona de consumo”. Alguns boys, no entanto, ficam esperando, estrategicamente, na saída desse “espaço neutro”, já com a intenção de se apresentarem aos clientes que estão chegando.

Quando saí da área do vestiário para seguir para os outros ambientes, já fui abordado por vários garotos que, de modo muito simpático (como bons vendedores), procuram se apresentar, puxar papo, envolver o cliente num certo jogo inicial de sedução. Muitos cumprimentam os clientes com um beijo no rosto e com abraços, insinuam o volume do “dote” (pênis) por debaixo da toalha. Toda uma performance erótica já se estabelece nesse momento, inserindo e/ou iniciando o cliente no jogo dos códigos-território locais. Esse momento parece ser importante tanto para os clientes habituais, que reencontram os *boys* com quem já estabeleceram contatos em ocasiões anteriores, como para os novos clientes, que muitas vezes chegam meio perdidos e precisam de um quebra-gelo para se sentirem mais à vontade.

Depois de algumas abordagens iniciais, segui meu caminho para explorar o ambiente. Entre a área do vestiário e o saguão central havia um corredor pelo qual os clientes passavam. Nas paredes desse corredor, mais *boys* exibindo seus corpos, se masturbando, com o pênis à mostra. Mais abordagens, mais investidas. Muitos me param, converso com alguns, apresento-me, falamos sobre coisas triviais. Entre conversas e tentativas de conquistar um novo cliente, mais abraços, mais exibição dos dotes. Alguns *boys* são mais contundentes na abordagem. Durante a conversa se aproximam mais, pedem para que toquem em seus pênis semi-eretos... Continuo meu caminho, reconhecendo os afetos eróticos que o território mobiliza e apreendendo os jogos dos códigos envolvidos nas negociações do sexo que se vende.

Passando pelo corredor, chego ao saguão central, onde se encontra o bar, um pequeno palco onde ocorrem shows de *stripers*, o acesso às saunas (seca e à vapor) e aos chuveiros. Mesas e cadeiras de bar ficam dispostas pelo saguão, onde os clientes bebem, comem, conversam entre si e eventualmente com outros *boys*. Noto algumas “rodinhas” de clientes e outras de *boys*.

Depois de conhecer o saguão, sigo caminhando para o segundo andar, onde se encontram algumas salas nas quais são exibidos filmes pornô (hétero e gay), e onde se concentra uma grande quantidade de *boys* e clientes. Nesse piso é onde ficam os quartos privativos que são alugados pelos clientes e onde se realizam os programas. O cliente que quer pagar pelo programa negocia com o *boy*, vai até a recepção, pega a chave de um quarto e fica lá o tempo que achar necessário. O aluguel do quarto é por hora e é pago quando o cliente vai acertar sua conta na recepção. O dinheiro do programa é pago diretamente para o *boy* que ofereceu o serviço, não havendo nessa transação nenhuma mediação da administração da sauna.

O clima do segundo piso é um pouco diferente do saguão central. Clientes e *boys* parecem estar mais focados na busca e oferta do programa. Alguns *boys* passam um tempo se masturbando nas salas de vídeo pornô hétero, buscando, aparentemente, ficar excitados com o que vêem. Os vídeos excitam os *boys* que precisam mostrar um pênis sempre à disposição sexual, e os *boys*, que se masturbam com o pornô hétero, excitam os clientes, que têm acesso a essas salas e ficam admirando a cena, possivelmente fantasiando sobre a aparente heterossexualidade daquele garoto que pode lhe oferecer um encontro (homo)erótico. Jogos de fetiches que criam uma atmosfera pornográfica fora da tela e que compõe um quadro luxurioso, mobilizando fantasias e instigando o desejo do consumo sexual.

No mesmo andar, em outra sala de vídeo, filmes pornográficos gays são exibidos. Nessa sala é mais freqüente encontrar apenas os clientes, que ficam sentados ou de pé, por vezes descansando ou também se masturbando. O lugar, à meia luz, produz uma atmosfera um pouco abafada. A comunicação nessa zona do estabelecimento é menos verbal e muito mais corporal. Ouve-se o som dos atores do pornô na televisão, que performam um sexo quase teatral e estimulam o tesão que passa a percorrer o ambiente como um contágio. Vídeo pornô, televisão, música eletrônica, corpos nus e semi-nus, gemidos dos que já estão nos quartos usufruindo do programa, toques mútuos, alguns homens conversando baixinho próximo ao ouvido, sussuros, *boys* discretamente trocando informações entre si sobre um cliente ou outro, *boys* tentando negociar com os clientes que transitam nos corredores, *boys* exibindo seus dotes, *boys* abraçando clientes num ritual de provocação sexual, certos de que essa é uma das estratégias que catalisa a decisão do cliente em pagar pelo serviço sexual. Uma paisagem que não parece se diferenciar muito de uma feira ou um mercado público, a não ser pelo

produto vendido (a prática sexual), e pelas formas de se anunciar o que se vende, onde o corpo erótico, a “lábria” e o tesão são elementos decisivos⁵⁷.

Sigo meu caminho para o terceiro e último andar. Lá se encontra o terraço, uma parte aberta para fumantes e outro bar. É um ambiente de encontros parecido com a área do saguão central, porém com algumas diferenças. A música é menos intensa, a circulação de pessoas é menor e o clima parece “menos sexual” (mas não menos erótico). Nesse lugar converso com alguns clientes, *boys* e com o *barman*, tomo uma cerveja e observo com mais calma algumas interações entre *boys* e clientes que vão além das práticas sexuais. Circulei bastante por essa sauna e pude conversar com vários garotos e clientes.

Curitiba (PR)

Em minha passagem por Curitiba, acabei escolhendo como campo de observação uma sauna localizada em um bairro da região central de cidade. O critério para ir diretamente nessa sauna foi o mesmo usado na sauna de Porto Alegre e de São Paulo: busquei por informações em sites que me orientassem sobre quais das saunas de cada uma dessas cidades havia mais garotos de programa trabalhando e circulando.

O nome desta sauna é uma referência ao número da casa onde ela está localizada. A estratégia de dar à sauna o mesmo nome do número da casa ou, em alguns casos, o mesmo nome da rua onde ela está localizada, é uma prática bem comum no Brasil. No caso específico dessa sauna, a numeração da casa já serve como um sinalizador de que a sauna é ali, ajudando novos clientes a encontrar o local que, como as saunas em geral, não possui placas ou outdoors que indiquem sua existência.

Esse estabelecimento é mais modesto que o de Porto Alegre. Trata-se de uma casa comum, que foi transformada e adaptada para funcionar como sauna. Dificilmente um transeunte desinformado que passa pela rua pode deduzir que ali funciona um espaço destinado a

⁵⁷ No capítulo sete retomarei o tema da exibição corporal, do imperativo da excitação, da lábria nas negociações e da fabricação do corpo sexual entre os garotos de programa.

práticas sexuais e à prostituição masculina. Como a maioria das saunas gays, a descrição e invisibilidade do estabelecimento parece se constituir como um elemento necessário para agregar aqueles clientes que não podem (ou não querem) ser vistos nessas cenas/espços sexuais da cidade. A sauna fica em um bairro de classe média/alta de Curitiba, em uma região muito arborizada, na área central da capital paranaense. As casas do entorno da sauna são grandes, algumas bastante luxuosas. A localidade parece indicar um distanciamento daqueles espaços urbanos tradicionalmente associados ao sexo, à prostituição, à clandestinidade, à boemia, à luxúria e à marginalidade, como as “regiões morais” (PARK, 1973), os “guetos gays” (LEVINE, 1998) e as “bocas” (PERLONGHER, 2008). Certamente esses espaços mais marginais ainda existem nos grandes centros urbanos e possibilitam o funcionamento de certas políticas eróticas e sexuais muito singulares. Mas é importante sinalizar aqui como alguns estabelecimentos, antes restritos a zonas menos elitistas e higienizadas, passam a ocupar regiões mais “nobres” e mais ricas da cidade.

Adentrando à sauna, fica muito evidente a adaptação arquitetônica destinada ao funcionamento deste tipo de negócio. O local, antes uma casa, passa a funcionar como sauna com a reorganização do espaço e da estrutura interna. O lugar é bem amplo, com uma área central onde fica o bar, um jardim interno, mesas e cadeiras. As saunas (seca e à vapor) ficam mais aos fundos. Há também os “quartos de massagem” (onde os programas são realizados), “sala de relax”, sala de TV e computadores com acesso à internet. O espaço externo para fumantes, que seria o quintal da casa, foi onde eu realizei as entrevistas, seguindo a sugestão dos próprios garotos. Esse ambiente era mais calmo, mais silencioso e com menor circulação de pessoas.

Comparativamente à sauna de Porto Alegre, na de Curitiba havia uma presença menor de *boys* e de clientes, ainda que houvesse uma quantidade razoável de garotos. Conversando com um dos *boys* que trabalhava no local, descobri que essa sauna poderia ser considerada “mista”, ou seja, a interação sexual entre clientes com outros clientes aparentemente não causava nenhum constrangimento entre os *boys*. O mesmo garoto me disse que havia alguns dias da semana que a sauna era destinada apenas aos clientes e que, nesses dias, os *boys* não podiam frequentar o lugar.

A atmosfera interna dessa sauna me pareceu menos “glamorosa” do que a de Porto Alegre, talvez porque ostentasse menos

luxo e porque tinha uma organização e estrutura mais simples. O clima era bem mais calmo e um pouco mais intimista.

Florianópolis (SC)

Em Florianópolis, cidade onde resido, encontrava-se a sauna que pude frequentar por mais vezes. Porém, no começo de 2015, quando voltei do meu estágio doutoral no exterior, descobri que ela havia fechado, o que me impossibilitou de continuar fazendo observações de campo por lá. Florianópolis possuía apenas duas saunas gays em funcionamento, sendo que somente uma delas permitia a prática da prostituição no seu interior. Com o fechamento desta sauna, os boys que trabalhavam naquele local tiveram que encontrar outras formas de oferecer seus serviços, seja pela internet, nas ruas, por aplicativos de celular, apartamentos privados ou em algumas casas de massagem.

Essa sauna ficava num grande galpão antigo. Ao lado desse estabelecimento, havia uma igreja evangélica que funciona em um espaço com uma arquitetura quase idêntica a da sauna, pelo menos no que diz respeito à fachada. A impressão que temos é que ambos os galpões foram construídos no mesmo período e, posteriormente, serviram para propósitos diferentes.

A igreja evangélica e a sauna ficavam localizadas na rua de trás de uma famosa casa noturna de shows, descrita pelo seu site como “*a primeira casa de luxo voltada para o sertanejo de Santa Catarina*”. Tal espaço é conhecido como um lugar de classe média/alta na cidade. Os altos preços de entrada no estabelecimento já indicam uma marca de classe que “seleciona” quem pode pagar e frequentar o local. De acordo com as informações do site do estabelecimento, homens com nome na lista pagam R\$50,00 e mulheres R\$30,00, e sem nome na lista, homens pagam R\$100,00 e mulheres R\$60,00. Anexo a este estabelecimento, há também uma estrutura que funciona como um espaço para sediar festas de formatura, casamentos, bailes, aniversários e eventos corporativos, além de shows de grandes nomes do cenário artístico nacional e internacional.

O fato de uma sauna gay que abriga garotos de programa estar ao lado de uma igreja evangélica e na rua de trás de uma casa noturna considerada de “luxo”, parece apontar para um “borramento” das fronteiras do que muitos autores consideram como territórios específicos para a prática da prostituição. A partir da localização de todas as saunas

nas quais realizei as observações, considero que noções como gueto gay (LEVINE, 1998), territórios homossexuais (BARBOSA DA SILVA, 1959), região moral (PARK, 1973) ou mesmo as bocas (PERLONGHER, 2008), parecem categorias que precisam ser relativizadas. A localidade da sauna e suas vizinhanças sugerem que diferentes grupos podem estar circulando num mesmo espaço urbano, sem que fronteiras radicalmente delimitadas marquem a divisão de zonas específicas para modos de sociabilidades bastante distintos. O funcionamento de algumas territorialidades, especialmente aquela que se constitui a partir da sauna, pode ser invisível aos olhos de muitas pessoas. Na sauna de Florianópolis, por exemplo, algumas das vezes em que eu saí do estabelecimento coincidiram com o momento do fim do culto da igreja evangélica, de modo que as “bichas”, os “bofes” e os “boys” acabavam cruzando com os crentes na rua e na calçada.

A forma arquitetônica de um grande galpão se assemelha muito à sauna de Porto Alegre, com a diferença de que naquela sauna o prédio é uma construção bem moderna e esteticamente mais glamurosa. O galpão antigo da sauna de Florianópolis era bem mais simples e modesto, porém também bastante amplo no seu interior. Sua fachada era discreta, sem grandes anúncios. Algumas vezes notei algum informativo impresso em uma folha de sulfite e anexado à porta de entrada.

Ao entrar no espaço de circulação comum onde se localizava um bar, há uma grande área de sociabilidade, com algumas mesas de bar e uns sofás. Nessa sauna os *boys* usavam uma toalha vermelha e os clientes ficavam com uma toalha branca, de modo que esse código facilitava a diferenciação entre *boys* e clientes. A parte superior da sauna era como um mezanino, onde ficavam localizadas as cabines com camas nas quais os programas eram realizados, um *labirinto* (uma construção com tapumes de madeira) e cabines menores, sem camas, onde clientes podiam circular e interagir sexualmente. Um dos *boys* me disse que na área do labirinto os *boys* não podiam circular, de modo que ali era um espaço exclusivo para os clientes que quisessem interagir entre si. Havia também na parte do mezanino uma sala de vídeo onde, como na maioria das saunas, ficavam sendo projetados vídeos pornôns. Nessas salas também era comum encontrar *boys* se masturbando e assistindo vídeos pornôns heterossexuais e clientes admirando, “voyeuristicamente”, os *boys* exibindo seus dotes.

Nesta sauna percebi a presença de diferentes “tipos” de *boys*: alguns homens “sarados”, magros, mais “gordinhos”, peludos, lisos (sem pêlos). Uns mais velhos e outros aparentando ser bem jovens, na

faixa dos 18 a 20 anos, fazendo o estilo *gurizão*, *universitário*, *ninfeto*, *twink* ou *teen* (como muitas vezes são chamados e/ou auto-identificados não só no grupo de *boys*, mas entre algumas “comunidades” gays). Nessa sauna, mais do que nas outras, encontrei *boys* que performatizavam um espectro mais diversificado de masculinidades. Notei a presença desde os “parrudos” e bem “viris” até alguns *boys* de aparência mais “delicada”, “andróginos” e “afeminados”. Esses últimos geralmente eram os *boys* que podiam ser identificados com “*twinks*” ou “ninfetos”, ou seja, os mais novos. Conversando com um desses garotos que aparentava ser bem jovem e se portava de modo “menos viril” na sauna, ele me contou como que essa característica pode funcionar como um atrativo para alguns clientes: “*eu procuro às vezes fazer um jeitinho de moleque ingênuo, com cara de novinho, cara de menino pidão. Até tento falar de forma mais infantil, mais suave, mais delicado. Tem cliente que pira nisso e eles caem nesse meu jeito*”.

A sauna de Florianópolis não era tão movimentada quanto as outras saunas que conheci. Era bem comum eu estar no local e ver pouquíssimos clientes, algo que chegava a incomodar os *boys*, como alguns deles me relataram. Uma época em que pude ver uma circulação maior de pessoas foi durante a Copa do Mundo de Futebol, pois o estabelecimento transmitiu os jogos ao vivo, que eram projetados num grande telão, no saguão central do estabelecimento. Nos dias dos jogos, a sauna também promovia o “Bingo Boy”, prática comum também em outros estabelecimentos, na qual se sorteava o número de um dos clientes, que ganha o direito de escolher um *boy* que é pago pela própria sauna⁵⁸. Um dos garotos me contou que não gostava dessa prática, pois sentia que não podia negociar, nem escolher se queria ou não sair com o cliente. Apesar de os *boys* geralmente saírem com diferentes tipos de clientes, notei, a partir de conversas com vários garotos, que existe certa “margem de escolha e de seleção”. Se algo em um cliente os incomoda muito, é comum os *boys* encontrarem estratégias para evitar o programa⁵⁹. Esse garoto que relatou não gostar da prática do “Bingo Boy”, disse que quando chegava a hora do sorteio se escondia algum

⁵⁸ Um dos garotos com quem conversei na sauna de Porto Alegre me contou que o “Bingo Boy” funcionava de forma diferente da sauna de Florianópolis. Segundo esse interlocutor, o cliente sorteado no Bingo ganha um crédito de cinquenta reais e, caso queira sair com um *boy*, ele deve complementar com mais cinquenta reais (ou com uma quantia que complemente o valor do programa do garoto escolhido)

⁵⁹ Esse tema será retomado no capítulo sete.

canto da sauna, de modo que o cliente sorteado não poderia apontá-lo como possível pretendente.

Infelizmente, com o fechamento da sauna de Florianópolis no começo de 2015, não pude mais frequentar esse estabelecimento até o fim do doutorado. Recebi informações de que a sauna estava passando por um período de reestruturação e seria reinaugurada em outro local, mas até o momento de conclusão da pesquisa o estabelecimento continuou fechado.

São Paulo (SP)

Por dois motivos resolvi também conhecer uma sauna na cidade de São Paulo e entrevistar garotos nessa cidade. O primeiro motivo é que quase todos os *boys* com quem conversei, tanto nas cidades onde fiz as entrevistas, como nas cidades onde apenas fiz as observações das “viagens de reconhecimento”, em algum momento eles mencionavam a capital paulista como o melhor destino no Brasil para atuar no mercado do sexo. São Paulo, inclusive, me pareceu, a partir dos relatos de vários garotos, ser vista como uma cidade com um maior potencial lucrativo, até mesmo comparativamente ao Rio de Janeiro no que diz respeito à quantidade e ao fluxo de clientela. Muitos diziam que a cidade não tem a característica da sazonalidade como acontece em cidades como Florianópolis que recebe muitos clientes no verão, mas fora de temporada a clientela é muito baixa e se torna difícil viver dos programas. Os garotos também relataram sobre o poder aquisitivo e o perfil do cliente de São Paulo: “muitos empresários ricos”, “muitos executivos estrangeiros”, “muita gente com grana”, “em São Paulo os clientes não reclamam em tá pagando pelo preço que cobramos”. O tamanho da megalópole também era um atrativo para muitos boys: “sempre vai ter cliente”, “sempre vai ter para onde ir”. O segundo motivo de ir pra São Paulo é que minha família é de lá e, como estou mais familiarizado em circular pela capital paulista, considereei que isso seria uma vantagem.

A sauna que conheci em São Paulo é conhecida como uma das mais tradicionais e antigas da capital. De todas as saunas que frequentei, essa era a que possuía o site com informações mais explícitas sobre a presença de garotos de programa trabalhando no seu interior. O estabelecimento fica localizado na zona sul de cidade, em um bairro de classe média alta em uma região de fácil acesso, com várias linhas de

ônibus no entorno e próximo a uma estação de metrô. O espaço onde a sauna está alocada também parecia ser uma antiga casa, que foi reestruturada para abrigar o negócio. Na entrada, ainda na parte externa, percebi uma movimentação maior que nas outras saunas. Pessoas entravam e saíam, alguns homens ficavam na frente conversando entre si, carros estacionando e partindo. Ao entrar no estabelecimento logo percebi que era um lugar bastante amplo. A tradicional área central, com o bar e as mesas, ficava ao lado do área do videokê, onde clientes se revezavam para cantar. Um pouco mais ao fundo, encontravam-se as saunas e os chuveiros. Também próximo ao bar, uma escada levava ao terraço da casa, um área aberta aonde *boys* e clientes iam para fumar. Uma escada também levava à área onde ficavam localizadas as salas de projeção de vídeo, comum em todas as saunas que conheci. Nessa sauna também havia a sala do pornô gay e a sala do pornô hetero. Nesses ambientes, notei uma circulação mais intensa de clientes e *boys*. Como me parecia ser de costume, nessas zonas internas os códigos de comunicação mudam, as vozes se calam ou se ouvem apenas cochichos. O som dominante é o da música e dos filmes pornôs. Na sala do pornô gay, um ou dois garotos ficavam sentados, sem a toalha, assistindo ao vídeo e se masturbando. Com a presença dos *boys*, a movimentação no ambiente aumenta. Muitos clientes passam a entrar no local, alternando o olhar entre a tela da TV e o boy em carne e osso que se exhibe, provoca e alimenta a fantasia de todos presentes. Alguns *boys* mais “liberais” deixavam que alguns clientes lhes tocassem, permitindo uma experimentação mais tátil daquele que potencialmente pode pagar por um programa. Tocar o *boy*, no entanto, parecia ter um certo limite. Notava que quando alguém tentava avançar demais esses limites dos toques, o *boy* se enrolava na toalha e saía da sala, aparentemente demonstrando algum desconforto, ou apenas provocando um jogo erótico com os clientes. O público parecia compreender esse código, e como que querendo que o “show” continuasse, entendiam até onde podiam avançar. O *boy*, espertamente, também não quer que sua exibição encerre o tesão dos presentes. Se ele nota que muitos clientes passam a se masturbar no local e que há o “risco” de um orgasmo, ele também se retira do lugar. Com a saída do boy, os clientes se dissipam e voltam a circular em outros ambientes. Nos corredores, os *boys* tentam seduzir e negociar com aqueles que pareceram encantados com aquela pequena “amostra erótica”. Se o cliente não quer nada no momento, passados alguns minutos o boy volta para a sala, e o ritual recomeça. Foi muito comum perceber esses tipos de jogos eróticos em todas as saunas por onde circulei

Em outro ambiente, um pouco mais afastado do bar e da área dos vídeos, há uma “zona de passagem” onde funciona o “vestiário do boys”. Os clientes podem circular nesse espaço e ver os garotos que chegam e/ou aqueles que já estão indo embora. Lá trocam de roupa, guardam o dinheiro que recebem dos programas, interagem entre si. Passando por esse vestiário, chega-se a uma área com uma banheira de hidromassagem, onde alguns clientes ficam relaxando, tomando cerveja e, em alguns momentos, fazendo sexo entre si. Seguindo o caminho, encontra-se uma pequena academia de ginástica, onde alguns *boys* se exercitavam, fazem musculação e exibem provocativamente seus corpos musculosos e suados. Alguns clientes também entram na academia, ora para apreciar os boys, ora para também fazer exercícios físicos. Próximo à academia, uma escada leva à área com os quartos privativos onde os programas são realizados.

Apesar de esta sauna ser bem grande e ampla e de contar com a presença de muitos boys, tive a sensação de estar num clima menos “amistoso”, comparativamente às saunas que conheci nas capitais do sul. Os garotos não me pareciam tão receptivos para conversar. Mesmo entre eles mesmos não consegui notar muito entrosamento ou relação de camaradagem, algo que me parecia mais evidente nas outras saunas.

4.4. Fluxos, códigos e territórios

Diante desse quadro no qual procurei descrever e apresentar a organização espacial das saunas que frequentei, a partir dos próximos capítulos passo a problematizar alguns territórios existenciais que se conformam nas experiências dos sujeitos que atuam como trabalhadores do sexo nesses espaços. As saunas não eram os únicos territórios nos quais os meus interlocutores trabalhavam. Como se poderá notar ao longo da tese, alguns relataram que também atuavam em locais públicos (como ruas e praças); outros também atendiam em domicílios e/ou motéis; e outros também exerciam a função de “acompanhantes”, ou seja, viajavam com clientes que pagavam por suas companhias por um tempo determinado. Fui percebendo que os territórios de prostituição não estão fixados em pontos estáticos, mas se constituem, como já anunciado anteriormente, por diversas *redes de fluxos, códigos e territórios* pelas quais os *boys* circulam e transitam.

Tais trânsitos se efetivam nas redes circulatórias de ambulacão, como apontou Néstor Perlonguer (2008) em sua pesquisa sobre

prostituição masculina desenvolvida na década de 1980. Algumas diferenças históricas, políticas e culturais em relação à etnografia de Perlongher podem ser observadas, por exemplo, a partir da ampliação das possibilidades de circulação e deslocamentos (os garotos parecem circular com mais facilidade entre diferentes cidades, estados e países); do uso de recursos virtuais (como aplicativos de celular e sites de classificados dos anúncios) para negociar com os clientes; de diferentes formas disponíveis de autorreconhecimento em termos de gênero e sexualidade, entre outros temas que serão desenvolvidos nos próximos capítulos.

Apesar de atualmente essas redes de circulação estarem mais “ampliadas” e passarem por outros processos de (des)territorializações que acompanham as características de uma geopolítica global, as saunas eram o ponto em comum entre todos os garotos que entrevistei. Tais locais se constituíam como os principais territórios para o exercício do trabalho sexual, pelo menos naquele momento de suas vidas. Assim, tomei as saunas como um ponto de partida para minhas cartografias e não como ponto de chegada ou como um território definidor dos sujeitos.

A importância de apresentar esse quadro mais descritivo das saunas reside na minha percepção de que esses estabelecimentos parecem funcionar como *pontos de territorialização do trabalho sexual*. Nesse sentido, podemos pensar nesses espaços como um “nó de fluxos”, como diria Néstor Perlongher desde sua leitura das teorias de Félix Guattari, a partir dos quais se constituem territórios geo-político-existenciais.

As saunas, como um dos territórios centrais (mas não o único) para o exercício do trabalho sexual, funcionam como *máquinas*, no sentido atribuído por Deleuze e Guattari (2010). Segundo os autores (2010, p.54), uma máquina se define como um *sistema de cortes*. As máquinas operam cortes nos fluxos que percorrem o *socius*, extraindo deles a mais-valia. Trata-se de uma operação que desterritorializa, descodifica e axiomatiza os fluxos e os reterritorializam numa outra lógica, outra dinâmica, outros movimentos, produzindo outros códigos e, novamente, outros fluxos. “A máquina só produz um corte de fluxo se estiver conectada a outra máquina que se supõe produzir o fluxo” (DELEUZE E GUATTARI, 2010, p.55). Podemos pensar, nesse sentido, que as *máquinas-saunas* estão conectadas com outras máquinas que codificam fluxos a partir dos quais se pode extrair a mais-valia sexual, ou seja, a força excitável de um corpo que é posta a trabalhar

(PRECIADO, 2008a). Temos, assim, um conglomerado de máquinas que se agenciam e dão suporte para o exercício do trabalho sexual: *máquinas-saunas, máquinas-banheirão, máquinas-virtuais, máquinas-de-migrações, máquinas-farmacológicas, máquinas-de-excitação, máquinas-pornográficas*⁶⁰, entre outras, todas conectadas ao que talvez possamos considerar uma máquina mais ampla: *máquina-mercado-do-sexo*. Um corte de fluxos, portanto, não significa paralisação dos fluxos, mas simplesmente um “desvio” que faz com que novas ordenadas se reorganizem e outros territórios possam ser criados. “*Toda máquina é corte de fluxo em relação àquela com que está conectada, mas ela própria é fluxo ou produção de fluxos em relação àquela que lhe é conectada*” (DELEUZE E GUATTARI, 2010, p.55). Não se trata, é importante destacar, de considerar que o trabalho sexual ocorra fora das lógicas capitalistas, mas sim que ele se operacionaliza a partir de processos desterritorialização e reterritorialização (característica inerente ao capitalismo, segundo Deleuze (2013)), canalizando certos fluxos, veiculando seus próprios sistemas de códigos, movimentando dinâmicas particulares e criando territórios específicos. Para Guattari (1992), toda máquina comporta um tipo de código que se encontra maquinado, ou seja, podemos pensar que a *máquina-mercado-do-sexo* maquina seus próprios códigos que passam a constituir modos de ser, agir, atuar, trabalhar, performatizar gênero e sexualidade, etc. *Códigos-território*, como apontou Perlonguer (2008), que se inscrevem em zonas do corpo social.

Quais fluxos seriam esses que, ao serem codificados, constituem territorialidades que abrigam o trabalho sexual? Para Deleuze (2013), mais importante do que desenvolvermos uma definição real dos fluxos, seria estabelecermos um ponto de partida desde o qual podemos pensar em nossas problemáticas. Assim, sem querer ter a pretensão de nomear, localizar e definir precisamente os fluxos que se emaranham na constituição dos territórios do trabalho sexual, arrisco dizer que as saunas acabam fazendo confluir fluxos eróticos, sexuais, pornográficos, desejanter, de fantasias sexuais, de gênero, de excitação, farmacológicos, midiáticos, entre tantos outros. Seguindo o pensamento de Deleuze e Guattari (DELEUZE E GUATTARI, 2010; DELEUZE, 2013; GUATTARI, 1992;), proponho pensar o mercado do sexo como uma máquina que canaliza diversos fluxos, codifica-os a partir de suas lógicas e dinâmicas próprias e constitui territórios geo-político-existenciais. Ao atentarmos a essa dinâmica “*fluxos – códigos –*

⁶⁰ Todos esses temas serão aprofundados ao longo dos capítulos posteriores.

territórios” (fluxos que são organizados pelos códigos que, por sua vez, constituem os territórios), seria possível acompanhar o traçado de cartografias que se desenham no campo social. Isso porque, segundo Guattari,

[...] cada indivíduo, cada grupo social veicula seu próprio sistema de modelização da subjetividade, quer dizer, uma certa cartografia feita de demarcações cognitivas, mas também míticas, rituais, sintomatológicas, a partir da qual ele se posiciona em relação aos seus afetos, suas angústias e tenta gerir suas inibições e pulsões (GUATTARI, 1992, p.22)

Ao levar em consideração essas cartografias que se esboçam nos contextos do mercado do sexo e do exercício do trabalho sexual, podemos considerar a emergência de territórios existenciais e de modos de subjetivação. Nesse sentido, todas aquelas máquinas citadas anteriormente funcionam também como *máquinas de subjetivação*. Isso implica em considerar que a *máquina-mercado-do-sexo* (e todas as outras que se conectam a ela) produz subjetividades. Para Preciado (2008a), o trabalho sexual funciona como uma das plataformas contemporâneas de produção de capital que é capaz de funcionar como “próteses da subjetividade”. Não se trata, nessa perspectiva, de considerar a subjetividade desde referenciais que a remetam a um “mundo interior e privado”, a uma “personalidade”, a um “indivíduo isolado”, a uma “psicologia individualizante”. Guattari (1992, p. 14), propõe que olhemos para a subjetividade de maneira mais transversalista, ou seja, considerando, ao mesmo tempo, suas “amarrações territorializadas idiossincráticas (Territórios Existenciais)” e suas “aberturas para sistemas de valor (Universos incorporais) com implicações sociais e culturais”. Assim, o autor oferece uma definição provisória de subjetividade que pode ser útil aqui. A subjetividade poderia ser entendida como:

[...] o conjunto de condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como *território existencial* auto-referencial, em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade ela mesma subjetiva (GUATTARI, 1992, p.19)

Segundo Guattari (1992, p.20), portanto, diferentes contextos sociais e semiológicos podem fazer com que a subjetividade se

individue (posicionando um sujeito em meio a relações de alteridades regidas por sistemas de códigos específicos, costumes locais, etc.); e/ou que a subjetividade se faça coletiva (entendendo “coletivo” como uma mutiplicidade que se desenvolve para além do indivíduo e junto ao socius).

Mas como apreender, acompanhar e cartografar essas máquinas de subjetivação? Como problematizar esses territórios existenciais que se maquinam no âmbito do mercado do sexo e do trabalho sexual? Minha escolha e aposta teórico-metodológica foi transitar por algumas redes pelas quais os *boys* circulam; conhecer e frequentar as saunas nas quais garotos de programa atuavam (entendendo-as como máquinas de territorialização do trabalho sexual); problematizar imbricamentos macro e micropolíticos na constituição desses territórios; e, no diálogo com os *boys*, escutar suas histórias, narrativas e memórias para, aos poucos, me aproximar das experiências de si em relação a si mesmos e em relação com o mundo. Diante dessa proposta de cartografia e orientado por essa perspectiva que busca apreender a complexa dinâmica dos fluxos, dos processos de (des)codificações e de (des)territorializações, os capítulos a seguir visam lançar luz, desde diferentes ângulos, sobre alguns vetores dos territórios existenciais dos sujeitos com os quais conversei durante a pesquisa.



**PEDAGOGIAS DO
TRABALHO SEXUAL**

5. PEDAGOGIAS DO TRABALHO SEXUAL: O APRENDIZADO DOS CÓDIGOS, SUAS INICIAÇÕES E SUAS DERIVAS

*“O espírito humano está exposto às
 mais surpreendentes injunções.
 Incessantemente ele tem medo de si mesmo.
 Seus movimentos eróticos o aterrorizam.
 A santa se desvia com pavor do voluptuoso:
 ela ignora a unidade entre as paixões inconfessáveis
 deste e as suas próprias.
 Entretanto, é possível buscar a coesão do espírito humano,
 cujas possibilidades se estendem da santa ao voluptuoso.
 Coloco-me num ponto de vista tal que percebo
 essas possibilidades opostas se coordenando.
 Não tento reduzi-las umas às outras,
 mas me esforço por apreender,
 para além de cada possibilidade negadora da outra,
 uma última possibilidade de convergência”.*

Georges Bataille, “O Erotismo” (2013, p.29)

“Você vai aprendendo... E eu sou um cara muito de observar. Eu acabei observando muito como os meninos agem, pra que eu pudesse agir igual. Então eles foram, tipo, um espelho pra mim. ‘Ah, se eles agem assim, é assim que eu tenho que agir também’. Pra diminuir essa sensação de que eu to fazendo com quem não quero, que to fazendo coisas que talvez eu não queira. E é claro que muitas vezes você pensa no dinheiro. Pensa na sua dificuldade, qual que é o seu objetivo financeiro” (Mike, Curitiba)

Inicio esse capítulo com esse relato de Mike, pois ele foi importante para me suscitar algumas problemáticas que pretendo aprofundar aqui: ser garoto de programa é algo que se aprende? De que

modo as experiências de vender um serviço sexual demanda uma aprendizagem específica de códigos, de saberes e de estratégias? Como constituir uma relação com o próprio corpo e com o erotismo em um contexto onde esses elementos são disponibilizados ao trabalho sexual? Se entendemos que o trabalho sexual *é* um *trabalho*, também devemos levar em consideração que há pedagogias e aprendizados nesse fazer. A partir das histórias relatadas pelos meus interlocutores e também das minhas observações em campo, pude ir percebendo a existência de todo um conjunto de regras, de códigos, de gestos e de expressões que vão dando contornos às performances que teatralizam um jogo de representações erótico-sexuais nas negociações com os/as clientes. Concomitantemente a essas expressividades, certas performatividades mobilizadas nos contextos das relações sexuais comerciais vão constituindo modos de se fazer gênero, sexualidade e erotismo.

Muitos dos homens com os quais conversei nas saunas me contaram sobre o início de suas trajetórias como garotos de programa, que, no geral, eram marcadas por acontecimentos do acaso, imprevisibilidades do cotidiano, como se a “*ocasião fizesse o boy*”. São histórias que evidenciam primordialmente a questão material da necessidade de sustento econômico que pudesse garantir condições básicas de sobrevivência, ou, ainda, a possibilidade de exercer uma atividade que fosse mais lucrativa do que os trabalhos “tradicionais”. Ainda que “fazer programa” fosse uma alternativa para conseguir dinheiro, no geral não ouvi relatos que evidenciassem que o trabalho sexual foi a “última opção” ou “única saída” para sobreviver. Essas trajetórias não expressavam um tom “vitimista” e não reproduziam a ideia de que prostituição fosse um destino trágico e inevitável, como sustentam grande parte dos discursos que circulam no senso comum, bem como em algumas correntes científicas e políticas. Muito pelo contrário. Percebi que muitos dos garotos entendiam suas atividades como uma alternativa de trabalho “mais esperta” para lidar com os momentos de “aperto” e/ou uma forma “mais rápida” para acumular bens e manter um estilo de vida mais próximo daquilo que desejavam. É importante destacar, no entanto, que essa minha percepção foi produzida a partir dos campos de pesquisa pelos quais circulei, ou seja, as saunas, e a partir da minha interlocução com os garotos que frequentam esses espaços. É possível que em outros contextos nos quais a prostituição é

exercida, como no caso da prostituição de rua, produzam-se condições de trabalho diferentes⁶¹.

Além da questão material e econômica, que geralmente era a principal motivação expressada para o exercício do trabalho sexual, outros discursos “secundários” atravessaram as narrativas de grande parte dos interlocutores. Alguns começaram a fazer programa por curiosidade, outros porque um amigo sugeriu essa atividade como uma alternativa possível, outros porque viam como uma forma de conciliar algo útil (ganhar dinheiro) com algo que também lhes dava prazer. Não pretendi fazer especulações sobre supostas “motivações internas” que conduziram tais sujeitos a exercerem algum tipo de trabalho sexual. O que me interessou foi traçar um panorama de alguns dos percursos dos garotos com os quais dialoguei, acompanhando seus movimentos, os traçados de suas trajetórias, as derivas de suas práticas, os modos pelos quais os códigos do trabalho sexual foram apreendidos e como, na dinâmica desses movimentos, criaram-se outras formas de relação com o corpo, com o erotismo e com a sexualidade. Em síntese, busquei traçar uma cartografia, a partir das narrativas escutadas, que pudesse esboçar um mapa que sinalizasse como os fluxos dos mercados do sexo passam a constituir territórios existenciais a partir da circulação de certas pedagogias do trabalho sexual.

5.1. “*A ocasião faz o boy*”: histórias de algumas iniciações

Nas narrativas de vários dos meus interlocutores, foi possível perceber que muitos tinham a sensação de que o início da vida como garotos de programa aconteceu “por acaso”. A iniciação nas práticas sexuais mediadas pelo dinheiro pode se desenrolar de diversas maneiras, mas um elemento que me pareceu permear a maioria das histórias escutadas foi a questão de uma *imprevisibilidade* que marcou o início de suas trajetórias como *boys*. É como se esses sujeitos fossem afetados por uma possibilidade *inesperada* ou *pouco planejada* de exercer um tipo de atividade que lhes parecia lucrativa e que trouxesse mais benefícios comparativamente a outros tipos de trabalhos (como mais tempo livre e mais autonomia para gerenciar as próprias condições de trabalho).

⁶¹ A questão da prostituição de rua exercida por homens também será discutida nesse capítulo (ainda que de forma mais breve), uma vez que muitos dos garotos que trabalham nas saunas têm ou já tiveram experiências de trabalhar nas ruas.

As histórias sobre iniciações no mercado do sexo indicam que o trabalho sexual é aprendido nas relações com outros garotos; nas observações das práticas em territórios específicos; na afetação e nas capturas das lógicas de um mercado que se operacionaliza de formas múltiplas; no reconhecimento e na reprodução de códigos que fazem funcionar tais práticas. Há, nesse sentido, toda uma rede de aprendizagens informais que vão inserindo os sujeitos em circuitos nos quais se podem ofertar serviços sexuais.

A partir das histórias compartilhadas, destaco cinco principais situações que perpassaram as trajetórias de iniciações dos meus interlocutores: 1) a necessidade econômica; 2) os contatos e as redes de amigos e conhecidos; 3) a curiosidade; 4) as propostas insistentes; 5) as sociabilidades masculinas. Essas situações, que frequentemente se entrecruzam e não são, necessariamente, experienciadas de forma isolada, exemplificam como as questões da imprevisibilidade e do acaso se materializaram nas experiências dos sujeitos com os quais conversei.

A *necessidade econômica* costuma ser a justificativa mais imediata e, aparentemente, a mais óbvia para relatar a motivação de se iniciar nas práticas sexuais tarifadas. Jean, um *boy* com quem conversei em uma sauna de Porto Alegre, falou um pouco sobre esse início:

Eu comecei mesmo foi... eu já tinha relações mesmo com homens dentro do quartel, né... No quartel já rolava. E quando eu me mudei pra Porto Alegre, em 2012, eu comecei a passar por algumas dificuldades financeiras e acabei conhecendo alguns amigos meus que falaram: “*tem um lugar bacana, um lugar que vai gente de classe média, de classe média alta, que você pode ganhar um bom trocado!*”. Normalmente os garotos que trabalham aqui, eles ganham um salário que varia de 3 mil a 4 ou 5 mil por mês. Isso, se vir todos os dias, né. [...] eu fui descobrindo através de amigos. [...] cheguei com amigos, ficava assim, meio de canto, meio tímido. (Jean)

Justin, de Curitiba, também relata que sua iniciação foi marcada pela necessidade econômica:

No começo foi por necessidade. Tinha um rapaz que sempre mandava mensagem pra mim, na

época do Orkut ainda. Ele sempre queria sair comigo. E eu... era do quartel tudo. Só que eu falei: “*não, não, não!*”, né? Aí eu lembro até hoje [...] Eu perguntei pra esse menino do Orkut: “*oh, como que funciona esse negócio?*”. Ele: “*vou te passar o endereço e você vai lá*” [...] ele era cliente. Ele queria ficar comigo. Aí bem no fim... eu acabei conhecendo ele bem depois. Fiquei com ele tudo, mas depois que eu conheci a sauna. Ele só me passou o endereço. Daí eu fui lá, como eu tava precisando, aí no primeiro dia eu fui lá, acabou rolando. Fiquei meio cabreiro. Nunca tinha ficado com homem até então. Aí o cara me pagou cinquenta reais: “*não, só pra eu dar uma chupadinha... e pra beijar, quanto que é?*”. Daí eu: “*Pô, eu não beijo, né, imagina?*”. Daí ele: “*Eu te dou mais vinte!*”. Daí eu, porra, ganhava 800 por mês... 70 conto em um dia é dinheiro, né? Aí falei: “*Fechado*”. Foi ali que eu comecei. (Justin)

As falas de Jean e de Justin mostram o que várias pesquisas no campo da prostituição, bem como vários movimentos de trabalhadores/as do sexo vêm demonstrando: que o trabalho sexual é uma alternativa de fonte de renda diante das dificuldades de inserção no mercado formal e informal de trabalho e dos obstáculos para se conseguir um emprego que pague suficientemente bem. “*É tudo uma questão de grana*”, como muitos diziam. A partir de relatos de pesquisa e de testemunhos pessoais de muitos/as trabalhadores/as do sexo, percebe-se uma crítica, ainda que feita de forma por vezes indireta, a um modelo econômico ao qual todos/as os/as trabalhadores/as estamos sujeitos/as e que exige uma alta carga horária de trabalho, paga um salário considerado baixo e injusto e aliena o/a trabalhador /a de produto produzido. A prostituição, na percepção de muitos garotos, surge como uma forma de trabalho que garantiria melhores condições materiais de vida (melhor renda mensal, melhores condições de habitação, mais condições para adquirir bens, como automóveis e imóveis, e produtos, como vestuário, etc.). Nick e Mick também comentaram sobre as suas percepções quanto ao fato do trabalho sexual ser mais lucrativo em relação a outros tipos de trabalhos:

Muito melhor! Trabalho menos, ganho mais. Que nem, minha tia, estudando o dia inteiro, há 15

anos, fez direito e tal, e ganha a mesma coisa que eu to ganhando agora. E sei lá, eu não fiz nada e to ganhando esse dinheiro. (Nick)

Quando eu decidi a entrar como garoto, logo em seguida eu decidi sair da empresa onde eu tava trabalhando, porque vi possibilidades financeiras melhores aqui, claro, como garoto de programa, e foi assim que eu comecei [...] Aqui é mais lucrativo, com toda a certeza! (Mike)

A ideia de que o sexo tarifado seria uma alternativa possível e rentável pode ser reforçada pelas *redes de amigos e colegas* que já desenvolvem algum tipo de trabalho sexual e que acabam orientando “o novato no ramo” sobre *como e onde* começar a oferecer os serviços sexuais. As redes de contato são muito efetivas nas negociações no mercado do sexo, tanto para aqueles que já trabalham e já foram iniciados, como para aqueles que pretendem começar no ramo. Através das histórias escutadas, percebi ser bastante comum os garotos começarem a oferecer serviços sexuais acionando algum tipo de rede composta por outros garotos de programa ou por pessoas que de alguma forma já conheciam alguns dos códigos operantes no mercado do sexo. Esses contatos constituem importantes relações para que se possa aprender o “ofício” e para adquirir dicas e sugestões sobre os melhores caminhos e as melhores estratégias para conseguir clientes. Roger, um *boy* que na época da pesquisa trabalhava numa sauna em São Paulo, relatou uma dessas experiências casuais mediada por alguns colegas:

Um vizinho meu falou: “*olha, tem um cara que vem aqui, chupa o nosso pinto e dá um dinheiro*”. Ai eu falei: “*ah, vamos lá!*”. Ai eu fui. Entrei no carro, eu mais três amigos meus. O cara começou a chupar... Esse cara morava perto da minha casa. Ele me apresentou pra um amigo dele, pra outro amigo dele... e assim foi indo... Na hora que eu vi eu tava na prostituição. (Roger)

Mike, de Curitiba, também se iniciou como garoto de programa através do contato de um amigo que já sabia “*como as coisas funcionavam*”. Movido por uma *curiosidade* inicial e seguindo as orientações desse amigo, dirigiu-se diretamente para uma sauna onde já pôde trabalhar como *boy*:

[...] Na real foi um amigo que trabalhava na minha empresa e ele comentou que freqüentava a sauna. E, a partir daquele momento, me despertou uma curiosidade pra saber como que funcionava uma sauna e também como que os garotos de programa trabalhavam, como eles ganhavam. E ai logo em seguida eu vim atrás. E ai cheguei aqui na sauna, perguntei como que funcionava, e o cara me deixou entrar. Vi como que os garotos trabalhavam e ai eu perguntei como que eu poderia ser garoto de programa aqui.

[...] perguntei pro funcionário da sauna, que era o responsável, o gerente na época. Como que funcionava e tal. Ele disse que eu tinha que trazer umas documentações e tal. E nisso veio eu e um outro amigo. Nessa época eles escolhiam os meninos pelo perfil. Então ele disse que eu tinha o perfil e o meu amigo não. E ai eu acabei aceitando, trouxe o que ele pediu de documentação na época e comecei a frequentar aqui como garoto de programa.

Daniel: E como que esse perfil? Era o biotipo...?

Mike: Provavelmente. Era o biotipo, a aparência talvez, contava muito na época. Foi assim que eu comecei.

O relato de Mike traz o elemento da *curiosidade*, além da questão *financeira* e da facilitação do *contato do amigo*, como uma motivação para a se iniciar como garoto de programa. O contato prévio com o amigo possibilitou que já começasse a atuar diretamente na sauna, o que não acontece com todos os garotos, como se verá mais adiante. Justin foi outro garoto que relatou se espelhar num conhecido como motivação para começar a trabalhar como boy numa sauna:

Fui aprendendo... tinha um menino que ele foi o meu exemplo. Quando eu entrei na sauna, ele que chegou assim e começou a me passar as dicas. Ele falou: “*Olha, você tem que escolher. O que que você quer pra sua vida? Você quer ser um garoto de programa, ou você quer trabalhar e ganhar 800 reais por mês?*”. Ai quando fui ver ele tinha um carro já de 50 mil reais! Eu falei: “*puta, eu*

com minha moto e devendo 10 mil e minha moto financiada”. Falei “diacho, né?”. Ai eu peguei, consegui, me mandaram embora, ai eu consegui a me dedicar só à sauna. Ai eu comecei a ganhar 7 mil já de cara. (Justin)

Rick, de Curitiba, também teve umas das primeiras experiências com sexo comercial instigado por um amigo, que lhe apresentou a possibilidade de ganhar mais dinheiro do que ganhava com o trabalho que exercia na época, como servente de pedreiro:

Ai depois... como é que foi? Dai eu conheci um cara, tava numa festa, conheci ele, daí eu achei ele um cara diferente, um cara descolado. E chamei ele pra ir na minha casa e ele foi. E eu trabalhava de servente de pedreiro. Ai ele pegou e falou assim: “cara, eu vou precisar sair, porque preciso arrumar um dinheiro”. Eu fui trabalhar e ele foi pro destino dele. Ai cheguei em casa e ele chegou com dinheiro. Com bastante dinheiro. Ai eu perguntei pra ele: “Oh, onde você conseguiu esse dinheiro?”. Daí ele falou: “Ah, tal lugar, se quiser ir lá, te levo lá, tu faz assim, assim, assado, tu tira o pau pra fora...” - era num banheiro público. “Ai você tira o pau pra fora, finge que ta mijando, o cara vai olhar pro seu pau, você faz um sinal que cobra e dá um toque pra ele sair”. E foi assim. Ai eu fui lá, fiz do jeito que ele falou. Apareceu um monte de cara e ai eu me infiltrei nisso. Ai eu comecei a trabalhar na rua. Através dele, ai ele me levou pra rua. Ai ele falou: “Oh, tem outro lugar que é a noite e é o mesmo esquema. Tu vai ficar ali, os caras vão passar, você vai falar o preço. Ai você vai combinar com eles e vai sair com eles. Vai fazer o serviço”. Foi assim. (Rick)

Essa fala de Rick expressa bem como as redes (nesse caso, um único colega), foi importante para a transmissão de alguns códigos operantes em territórios específicos (banheiro público e rua). O amigo de Rick transmitiu o funcionamento das codificações da “clássica” ritualização erótica que ocorre nos banheiros públicos masculinos, popularmente conhecida entre os gays por “*banheirão*” (ou “*fazer banheirão*”) e usufruída - porém muitas vezes não nomeada – também

por homens que não necessariamente se identificam como gays, homossexuais ou bissexuais, mas gozam e se excitam com os olhares (in)discretos da exibição genital que acontece nos mictórios. Lee Edelman (2011), em sua brilhante análise sobre certa semiótica do desejo que percorre os banheiros públicos masculinos, descreve o funcionamento erótico desses espaços:

A lei do banheiro masculino decreta que os pintos dos homens devem estar disponíveis para a contemplação pública nos urinóis precisamente para permitir um mandato correlativo: que tal contemplação não deve jamais ocorrer. A bravata performática, “naturalizada” apenas pela insistência cultural, implícita no gesto de se segurar o pau na presença de homens engajados na mesma tarefa, depende de uma de duas assunções dominante: ou essa exposição pode ocorrer porque o espaço que o permite é consagrado, mais ou menos explicitamente para fins de sexo gay, ou a própria exposição displicentemente – ou apotropicamente – declara sua recusa em permitir que tal espaço seja porventura onde homens gays, ou o desejo gay, possam aparecer. Apesar da exibição aberta da glândula no urinol negar sua capacidade de propiciar desejo, o vetor do olhar, não importa quão oblíquo, permanece alerta para observar a espiada que expõe qualquer interesse na glândula assim exposta [...] No urinol [...] a indiferença ritualística que deve parecer acompanhar, e deve parecer saudar, cada ato de exposição genital visa esconder o constante escrutínio de cada olhada de viés em direção a cada olhada de viés [...] os homens, ao entrar no banheiro, põem em foco sobre como eles olham nu, ou mais precisamente, como seu olhar poderá ser visto pelo olhar do outro [...] (EDELMAN, 2011, p.258, 259).

Não sabemos se Rick já conhecia previamente essa “ritualística do banheirão”, mas o que importa destacar aqui é que foi a partir da “instrução” de um conhecido que ele passa a identificar os banheiros públicos como um dos primeiros territórios onde era possível oferecer serviços sexuais. Aquilo que o amigo de Rick o ensina, e o que irá mais

tarde ser colocado em prática, faz eco com a análise de Edelman: no banheiro público os homens são estimulados a responder ao chamado de uma subjetivação que transgride os disciplinamentos que tentam domesticar (e heterossexualizar) o erotismo. Edelman não problematiza como esses espaços também podem funcionar como um ponto onde o sexo pode ser negociado comercialmente. Sua análise foca nos agenciamentos eróticos que produzem aproximações ou repulsões – dependendo das fantasias que a arquitetura do *banheirão* mobiliza (fantasias homoeróticas, do tabu da homossexualidade, de ameaça a heterossexualidade, de estar infringindo uma lei por atentado ao pudor, etc.). Alguns sujeitos interessados em trocar sexo por dinheiro, no entanto, se beneficiam das cartografias eróticas que se movimentam nos *banheirões*. Rick e seu amigo (como possivelmente outros garotos), conhecedores dos códigos canalizados pelos fluxos sexuais que oscilam nos espaços públicos (ruas e banheiros), se apropriam desse saber e fazem desses espaços potenciais locais de trabalho (ou meios para conseguir clientes).

Se, como analisa Edelman (2011), em ocasiões nas quais o sexo *não* é mediado pelo dinheiro o olhar interessadamente disfarçado sobre o *pau* já suscita a pergunta “*Você está olhando pra mim?*” – e, nesses casos, a resposta pode ser um “sim” ou um ataque violento que brada “Viado!” - na situação relatada por Rick, tal pergunta é respondida com outro código: basta fazer um “*sinal que cobra*” e dar “*um toque*” para o potencial cliente “sair” e negociar o serviço. Essa sequência de gestos e códigos, que podem ser “aplicados” nos *banheirões* e nas ruas, também foi por mim percebida nas observações de campo pelo centro de Florianópolis, como já relatado no capítulo quatro, bem como em minhas vivências pessoais em outros territórios. Anteriormente, descrevi essa ritualística a partir da minha percepção em relação aos agenciamentos eróticos que se efetivam nos espaços públicos. Já no relato de Rick, podemos perceber esses jogos de codificações a partir de outro dimensionamento, desde um ponto de vista de quem oferece o serviço sexual. Em ambos os casos (do meu ponto de vista e do ponto de vista de um garoto de programa), é interessante perceber como o fato de “abrir o corpo” a esses agenciamentos sexuais micropolíticos – ou a esses micro-códigos - permite com que se aprendam algumas lógicas de expressões eróticas que estão invisíveis na paisagem da cidade. “[...] *E aí eu me infiltrei nisso*”, como disse Rick, numa fala que parece expressar justamente que para estar “dentro” de uma prática marginal, é preciso se infiltrar, penetrar e aprender a jogar com os códigos disponíveis nesses territórios.

Outro elemento que imprime a marca do *acaso* no início das trajetórias de alguns *boys* são as *propostas insistentes* que são oferecidas por alguns clientes que sugerem pagar para fazer sexo. A partir dessas propostas, alguns garotos passam a ser confrontados por essa possibilidade de trocar serviços sexuais por dinheiro. Nas histórias ouvidas, tais investidas de clientes às vezes são recebidas com espanto, desconforto ou constrangimento, pois o garoto acaba se vendo diante da escolha de exercer uma atividade moralmente marginalizada (prostituição) e, em alguns casos, diante de uma prática (homo)erótica até então impensável para alguém que se identifica como heterossexual. Em outros casos, essas propostas parecem ser recebidas como uma “aventura”, uma experimentação possível, no campo da sexualidade e do erotismo, que movimenta desejos e fantasias sexuais. As *propostas insistentes*, somadas às necessidades econômicas do momento e a algumas fantasias mobilizadas nos encontros com esses primeiros clientes, criam condições para a iniciação de alguns garotos. Thor, de Porto Alegre, relata como o trabalho sexual foi uma alternativa rentável para ele, um jovem de uma cidade do interior que, ao chegar à capital gaúcha, passa a receber várias propostas para oferecer serviços sexuais.

Eu comecei quando eu vim de fora né... eu morava na fronteira e era ruim pra serviço, era ruim tudo. Eu tinha 18 anos, não conseguia serviço, não conseguia nada, ta ligado? Ai eu consegui um serviço no centro. Ai começou as primeiras propostas pra mim. Eu recebia um monte de proposta, tipo “ah, vamos sair e tal, quanto que você quer pra sair comigo e tal”. Ta, e eu era meio acanhado e nas primeiras vezes eu dizia não... Eu era mais novo e eu era assustado, né? Mas ai as coisas começaram a apertar e eu falei: “foda-se, eu vou ir, né?!”. Ai eu fiz o meu primeiro programa. Eu me lembro que no meu primeiro programa... Eu me lembro que eu ganhava o que eu levava a semana inteira trabalhando, o cara me deu o que eu levava a semana inteira trabalhando, suando né...? E ai pá, eu ganhei aquilo em questão de uma hora! Falei: “caramba! Vou fazer de novo!”. E fui de novo, fui de novo e ai acabei conhecendo sauna né... (Thor)

As *propostas insistentes* não se restringem aos pedidos para o exercício de práticas exclusivamente homoeróticas. No caso de Frank (Porto Alegre) e de Rick (Curitiba), os propositos partiram de homens que queriam ver suas esposas tendo relações sexuais com outro homem. Esses dois interlocutores, no contexto das suas iniciações, não tiveram, de imediato, que se confrontar com o tabu da homossexualidade. Isso porque, naquele momento, eles se reconheciam como heterossexuais e a proposta oferecida por aqueles homens era para ter relações com suas esposas (ainda que na presença e com a participação do marido). A “ampliação” dos serviços sexuais para atender a outros homens passou a acontecer gradualmente, na medida em que esses sujeitos foram percebendo que as demandas partiam tanto de mulheres como de homens (separadamente e/ou em casais). Rick contou sua experiência:

Comecei em São Paulo. Trabalhava com um cara numa empresa. E de vez em quando eu saía com ele. Com ele e com a mulher dele. Um dia eu tava trabalhando lá [...] terminei o meu serviço e daí ele deixou a janela aberta, porque o escritório dele era na casa dele [...] E aí ele me convidou pra dentro do escritório e falou assim: “*você sabe deixar uma mulher com tesão?*”. Aí eu respondi que sim. Aí ele chamou a esposa dele pra falar comigo. Aí chamou ela e falou: “*deixa ela com tesão!*”. E ali começou. Comecei a beijar ela, deixar ela com tesão, e ele se masturbando e depois ele começou a participar da cena. E daí a gente transou com a mulher dele, fiz a mulher dele gozar e tal... E isso foi direto. Direto acontecia isso. Um dia ele me chamou pra viajar com ele. Daí ele falou: “*eu quero que você vá viajar comigo pra fazer esse tipo de serviço*”. Que era transar com ele. “*Vou pagar pra você*”. E foi aí que começou, cara. Foi a partir daí [...] Foi minha primeira experiência como garoto. (Rick)

Frank, de Porto Alegre, também se iniciou em uma situação bem casual, a partir de um convite feito por um homem heterossexual que desejava pagar para ver sua esposa com outro homem:

Comecei num bar. É, num bar... Foi num banheiro. Aí a pessoa falou assim: “*Pô! Bah*”

negão, minha mulher que ia gostar disso!". Ai eu: "Bah, não to te entendendo". Ai ele: "Cara, se eu tivesse isso que tu tem eu taria padre de rico". Ai eu: "Não to te entendendo". Ai ele: "Não cara... muita gente queria ter o que tu tem aí...". Ai eu comecei a observar, e aí eu me envolvi com esse casal aí. Era um casal né... Eles começaram a me levar pra casa de swing. Ai eles começaram a falar pra eu fazer programa e tal. Eu não fazia, mas eles me ajudavam, sabe... Ai foi indo, foi indo...

[...] Fui conhecendo outras pessoas, e ai um dia me fizeram uma proposta: se eu queria fazer filme, né? Pela questão do meu dote, né... Mas ai não rolou, daí. Eu fiz um making-off, assim, mas...

[making-off] é tipo umas preliminares do filme, né... E foi interessante pela experiência.

[...] aí eu comecei a divulgar mais em site. Em site porque o que chamava atenção era a questão do meu dote. Porque eu era considerado um dos mais dotados daqui.

E aí foi quando eu comecei a iniciar com isso né... Que era um casal de swing, que ele falou que a mulher dele, a esposa ia gostar... E ai fui, tentei a primeira vez, não deu certo, porque eu não tava acostumado com esse tipo de coisa né... Ai eu fui e consegui me adaptar... Ai foi, depois fui conhecendo o resto... (Frank)

Hulk, de Curitiba, começou a ganhar dinheiro em troca de serviços sexuais ainda muito jovem, através da proposta de um homem mais velho que foi lhe apresentando alguns caminhos:

Cara, o começo assim... Eu sou de *[fala a cidade natal]*. Fui nascido e criado em lá. E quando eu tinha 15 anos eu tava pedindo carona pra ir pra cachoeira. Lá a galera faz isso até hoje. Ai passou esse cara, com um carrão, todo bonitão. Na época eu era moleque, né cara... Ai ele me deu uma carona, ele me perguntou pra onde que eu tava indo. Eu falei: "to indo pra cachoeira". E ele falou "to indo pra lá também! Só que to indo pra minha casa, que eu tenho uma casa lá...". Ai eu cheguei na casa do cara, tinha assim, uns 50 boys

na casa do cara! Que ele bancava, porque ele tinha muita grana! Aí fiquei... Fiquei o final de semana com esse cara, ele me deu uma grana muito, muito boa, sabe? Na época eu voltei e comprei um carro, pra ter uma ideia... com 15 anos! Comprei um fusca. Tinha 15 anos na época. Aí passou o tempo, aquela coisa toda e como as coisas foram ficando ruim... E por acaso eu encontrei com esse cara de novo na praia, no Rio, no Recreio. Ai ele me convidou de novo pra ir na casa dele. Aí eu fui e ele me deu mais uma grana e ai lá eu conheci um outro moleque que me levou na sauna. Ele me levou na sauna em Copacabana e começou... comecei a fazer programa, entendeu? Nisso eu já tinha 17 anos. Arrumei uma carteira de trabalho falsificada [*risos*]... E comecei a fazer programa, e foi dando grana, foi dando grana. Dava muita grana! (Hulk)

O relato de Hulk também é marcado pela questão de uma proposta inesperada (apesar de não tão insistente) que o inseriu e o iniciou em um novo território e em uma nova forma para conseguir dinheiro. Esse interlocutor relatava sua história como se tivesse contando uma “aventura”, com um tom de humor que deixava transparecer que sua iniciação não o remetia a sentimentos negativos. Ao lhe perguntar sobre sua relação pessoal com o trabalho que exerce, afirmou: “[...] *pra mim sempre foi muito tranquilo. Nunca encanei!*”

Thor (Porto Alegre) também relata em tom de humor algumas histórias de iniciações no trabalho sexual. Contou que começou a oferecer serviços sexuais por necessidade financeira quando chegou à capital gaúcha. Do mesmo modo que Jean, destaca, além da questão econômica, sua passagem como soldado pelo quartel da cidade, que foi marcada por um tipo de *sociabilidade masculina* que estimulava a prática da prostituição. Ganhar dinheiro fazendo sexo com outros homens, na lógica daquele espaço de sociabilidade, adquiria um caráter lúdico e de brincadeira, como se essas práticas fossem capazes de suspender alguns regimes de vigilância sobre a sexualidade, sobre as práticas sexuais e sobre um modelo de masculinidade viril, típicos das instituições militares. O relato de Thor traz alguns elementos interessantes para pensarmos sobre as performatividades de gênero e sexuais produzidas por/em algumas sociabilidades que permitem afrouxar fronteiras rígidas da heterossexualidade. Através do sexo

comercial, as práticas homoeróticas mediadas pelo dinheiro passam a ser toleradas, compartilhadas e até mesmo estimuladas entre os colegas do quartel:

Thor: Quando eu tava no quartel... eu servi dois anos e meio como militar. Fui militar dois anos e meio. E nós saíamos de turma pra se prostituir! Até o sargento ia! Ia pra sauna! O sargento ia dançar lá, se prostituía pá, e voltava.

Daniel: E como era essa questão no meio do exército? O pessoal era preconceituoso?

Thor: Não!! A gente acabava levando até na risada, porque tava tudo de turma junto né, meu? E a gente ganhava dinheiro, um mexia com o outro, fazia frescura com o outro, comemorava no quartel. E a maioria que ia na sauna comigo a gente ia tudo no quartel... e a gente ganhava pouco né, meu. A maioria era tudo cara de fora.

Daniel: Isso aqui em Porto Alegre?

Thor: Isso, eu servi aqui, lá no centro, lá no TG. Então a gente ia de bando. Saia até os oficiais. A gente encontrava até os oficiais lá na sauna. O oficial olhava e falava: “*bah, olha lá meu pelotão!*” [*gargalhadas*]. É! Tem um aqui, tava aqui hoje. Esse que saía na minha época, ele tava aqui hoje. Tava aqui hoje comigo! Então os oficiais... bah, mostra as fotos dos guri tudo pelado dentro do quartel. Tem até minhas fotos, do tempo que eu era mais novo, fardado e tal. A gente entrava... a gente olhava, não tinha ninguém, antes de vir pra cá na sauna, um ficava numa esquina e o outro ficava na outra. Se tava sossegado a gente ia pra sauna. Já chegou a PE [*polícia do exército*] pra querer entrar na sauna. A gente teve que se enconder. Eles colocaram a gente dentro de um quarto, chavearam... E aí disseram: “*vocês podem entrar, só não pode entrar nos quartos, porque têm clientes e é privativo*”. Ai os caras olharam e foram embora. Mas já passei uns...

Daniel: E os clientes sabiam que você era do quartel?

Thor: Sabiam!! Ai que a gente ganhava mais dinheiro! Às vezes queriam sair com a gente de

farda! Ai a gente botava a farda na mochila, porque muitos gostavam que a gente ia no quarto e botasse a roupa, gostava que a gente transasse de farda. Tinha fetiche, muito fetiche! Passei por muito isso também.

As sociabilidades masculinas que se iniciam no quartel e se estendem às saunas, como relatadas por Jean e por Thor, bem como a prática do *banheirão*, como descrita por Rick, se assemelham, em alguns aspectos, ao que Daniel Welzer-Lang (2001), em sua releitura dos trabalhos do antropólogo Maurice Godelier, chamou de “casa dos homens”. Welzer-Lang sustenta que existiriam, em diversas culturas, um tipo específico de sociabilidade masculina que estrutura e dissemina os códigos de masculinidades e virilidades que precisam ser aprendidos, compartilhados e reproduzidos pelos sujeitos que são designados, pelo grupo do qual fazem parte, como homens. A “casa dos homens” seria uma metáfora que alude aos espaços e lugares exclusivamente masculinos onde os sujeitos, além de aprenderem a “como se tornar homens”, são iniciados em jogos do erotismo, da sexualidade e do gênero. Essas sociabilidades seriam formas de se diferenciar do “mundo das mulheres” e de serem reconhecidos como “homens verdadeiros” pela comunidade, especialmente entre os outros homens “já iniciados” nos códigos da masculinidade. Para o autor, a análise da “casa dos homens” não se limita às sociabilidades infantis ou juvenis (como se vê em rituais de meninos em escolas, colégios, etc.), mas se estendem ao longo da vida dos sujeitos. Espaços como cafés, clubes, prisões, quartéis e saunas seriam “peças” da casa dos homens onde se atualizam rituais marcados por gênero, assegurando, performativamente, uma suposta estabilidade da masculinidade. Ou seja, esses espaços seriam importantes dispositivos para a manutenção da masculinidade, que precisa se citar a todo momento para garantir a ficção de sua “naturalidade imutável”.

A história de Thor tangencia essa ideia apresentada Welzer-Lang no que diz respeito a um tipo de sociabilidade masculina que ritualiza códigos, gestos e práticas que produzem gênero e sexualidade. Porém, aquilo que é contado sobre o quartel e sobre a sauna, e também aquilo que pude observar nas saunas durante minhas observações de campo, sinaliza para algum tipo de transgressão de um modelo dominante de masculinidade, ainda que eu concorde com o autor, que afirma que “essas variações do masculino **não significam *ipso facto***”

que se recolhem em causa as relações sociais de sexo (ou de gênero)” (WELZER-LANG, 2001, p.471) [grifo meu].

É interessante perceber no relato de Thor que as interações no campo do sexo comercial, que se organizavam a partir do quartel e se concretizavam nas saunas, se efetivavam como meios de experimentações da sexualidade sem que isso necessariamente fosse tomado, pelos menos entre os homens do grupo, como uma “ameaça” à suposta estabilidade de suas (hetero)sexualidades. A experiência de trocar sexo por dinheiro no contexto do quartel aparentemente não dizia respeito a uma afirmação coletiva de uma identidade gay. Tratava-se, antes disso, de um estilo de transgressão às normas da instituição militar, de uma forma de construção/reafirmação de um tipo de masculinidade que insiste em resistir às formas de vigilância e controle do corpo, e do exercício de uma “malandragem lucrativa” que acabava sendo encoberta e compartilhada pelos colegas e até mesmo pelos superiores. O sexo tarifado, nesses contextos, oferecia a possibilidade de driblar algumas barreiras eróticas, sem que com isso fosse necessário ser/estar identificado com uma identidade gay/homossexual. Se por um lado esses movimentos podem indicar uma recusa heteronormativa de ser taxado como gay ou viado entre os colegas que se identificam como heterossexuais, por outro lado podemos pensar que essas formas de experienciar a masculinidade e o erotismo constituem dobras e derivas em relação às normas mais restritivas que balizam as experiências de gênero e de sexualidade, especialmente no caso de homens cisgêneros heterossexuais.

A experiência de Thor denuncia, mesmo que despreziosamente, as fissuras e as falhas das normas sexuais e de gênero operantes em algumas relações sociais e institucionais. Se por ora podemos perceber, nessas histórias de iniciações, a reafirmação e repetição de uma masculinidade tida como mais “dominante”, vemos também movimentos que desestabilizam algumas prerrogativas (discursivas, corporais, sexuais, eróticas, etc.) que modelam aquele tipo de masculinidade mais normativa e que desafiava o que se convencionou entender como a “natureza do homem” ou do “macho”. Segundo Welzer-Lang, o paradigma que normatiza o que deve ser a sexualidade masculina:

produz uma norma política andro-heterocentrada e homofóbica que nos diz o que deve ser o *verdadeiro* homem, o homem *normal*. Este homem viril na apresentação pessoal e em suas

práticas, logo não afeminado, ativo, dominante, pode aspirar a privilégios do gênero. Os outros, aqueles que se distinguem por uma razão ou outra, por sua aparência, ou seus gostos sexuais por homens, representam uma forma de não-submissão ao gênero, à normatividade heterossexual, à doxa de sexo e são simbolicamente excluídos do grupo dos homens, por pertencerem aos “outros”, ao grupo dos dominados/as que compreende mulheres, crianças e qualquer pessoa que não seja um homem *normal* (WELZER-LANG, 2001, p. 468).

Essa “exclusão simbólica” do grupo dos homens “normais” não implica em submissão às lógicas convencionais desses, ou em falta de agência por parte dos que transgridem os imperativos da heterossexualidade imposta aos homens cisgêneros. Muito pelo contrário. Há um estilo de “deboche”, como podemos perceber no relato de Thor, que satiriza a norma heterossexual e desafia as hierarquias (ao se estabelecer uma horizontalidade na relação entre soldados, oficiais e sargento) e as rígidas regras da instituição militar. A “camaradagem” presente em determinadas sociabilidades masculinas (que se estendiam, por exemplo, das interações entre os colegas do quartel às relações que esses estabeleciam com os funcionários da sauna) permitia manter a prostituição como um segredo compartilhado que era guardado pela rede de sujeitos que compunham tal cena. A gestão desse segredo pode proteger os sujeitos contra alguns estigmas (da prostituição e/ou da homossexualidade) e contra sanções legais, como uma possível punição imposta pela polícia do exército caso a atuação dos soldados na sauna fosse descoberta.

Essas trajetórias de iniciações expressam diversas experiências e singularidades que marcaram o início da vida dos interlocutores como garotos de programa. Os elementos do acaso e da imprevisibilidade sugerem que as práticas sexuais mediadas pelo dinheiro não produzem um imediato autorreconhecimento como trabalhadores do sexo, garotos de programa ou *boys*. Ao contrário, trata-se de acontecimentos ora intempestivos e imprevisíveis, ora motivados por questões mais pragmáticas (como conseguir dinheiro mais rápido para pagar uma dívida ou comprar algo). De qualquer modo, essas iniciações “perturbam” estabilidades de certas posições de sujeitos sexuais e algumas percepções sobre trabalhos socialmente (i)legítimos. Prossigo adiante problematizando essas questões.

5.2. Narrar a si mesmo: do inominável à construção de uma posição *boy*

De modo geral, sejam como “brincadeiras”, como práticas que atravessam sociabilidades masculinas, como curiosidades, como experimentações diante de propostas de terceiros, e/ou como estratégia para aumentar e/ou ter uma renda, o ato de trocar sexo por dinheiro não era visto inicialmente, pela maioria dos meus interlocutores, como um trabalho e/ou como um modo de vida. Algumas histórias de iniciações se referiam a atos inomináveis (ou parcialmente nomináveis) que não estavam imediatamente colados a uma identidade *garoto de programa*. Inomináveis não porque não se sabia o que se estava fazendo, mas porque o sexo tarifado não era, em todos os casos, reconhecido como *prostituição* ou como uma forma de *trabalho*. Ainda que no momento da pesquisa todos os interlocutores se reconhecessem como *garotos de programa*, *boys* e/ou *profissionais do sexo* (categorias usadas de modo intercambiável), fui percebendo que se posicionar dessa forma dizia respeito a um processo de construção de si que se efetivava no cotidiano das práticas, das experiências e dos territórios.

A construção de uma posição que afirma que o sexo pode ser um trabalho legítimo e que esta atividade pode constituir um modo de vida depende de certa elaboração a respeito dos significados do trabalho sexual e sobre os meios pelos quais seria possível conduzir e organizar a própria vida entorno do sexo comercial. No período de suas iniciações, muitos ainda não se reconheciam como garotos de programa e aparentemente não associavam, de modo linear, suas práticas (trocar sexo por dinheiro) a uma identidade específica (garoto de programa, gay, bissexual, etc.). Para alguns, esse autorreconhecimento passava por uma série de afetos, como a culpa e a sensação de que se estavam fazendo algo errado. Certas práticas sexuais eram, para alguns, uma barreira que aos poucos ia se flexibilizando. Justin, como citado anteriormente, disse que nunca tinha ficado com homens até fazer seu primeiro programa e que ficou “*meio cabreiro*” com a experiência. Mesmo afirmando que “*não beijava*”, acabou aceitando a proposta quando o cliente lhe ofereceu mais dinheiro. Roger, Jean e Jorge, que quando se iniciaram também nunca tinham tido experiências sexuais com outros homens, relataram esses episódios:

Ah, foi estranho, né? A primeira vez foi essa. Falei: “*meu deus, o que que eu to fazendo da minha vida? Acabei com a minha vida!*” [...] Nossa! “*o que que eu fiz da minha vida! Fiquei com homem!*”. Me senti o pior cara do mundo. Mas depois vai acostumando. (Roger)

[...] [*no começo*] tive a dificuldade de beijar outro homem na boca né? É porque ter uma pessoa só é normal! Beijar teu namorado, tua namorada. Agora quando tu ta fazendo programa, vem outras pessoas, pessoas feias, que tu não quer beijar, mas aí você acaba... Tem cliente feio, gordo, meio bigodudo

[...] Eu não consigo ser passivo, porque eu não consigo relaxar. Se começa a tocar muito ali atrás, eu fico nervoso e não consigo relaxar... eu não gosto [...] Já falo: “*Sou ativo, só como*”. Como, beijo, chupo. (Jean)

No começo tinha dificuldade de ereção. Mas depois rolou tranquilo. Foi acostumando... na sequência, né? (Jorge)

Nick, o garoto mais jovem com quem conversei e que era também o mais novo no ramo (na época em que eu o entrevistei, ele trabalhava como garoto de programa há apenas quatro meses), apesar de se reconhecer como bissexual e não expressar sentimentos negativos quanto ao fato de transar com outros homens, também relatou um incômodo quanto à sua atividade como *boy*:

Nick: [...] na verdade o que mais me incomoda não são os clientes. O que mais me incomoda é chegar em casa e pensar que eu tava transando com uns caras que eu nem conheço, sabe? E a minha namorada... eu conheci ela virgem, entendeu? Eu fui o primeiro dela, entendeu?

Daniel: Sei... e ela não sabe né?

Nick: É, pois é. E eu tenho medo de um dia, sei lá, passar alguma doença pra ela. Mesmo eu me cuidando, a camisinha pode estourar. Mas... isso me deixa muito mal. Mas os clientes, no geral, por mim... desde que não me machuque...

[minha maior dificuldade] acho que foi quando comecei a fazer passivo... Sei lá... mas é... sei lá. Eu gosto de fazer sexo com homem. Pra mim ta legal... Mas tipo, eu já gostava antes de homem, entendeu? Então foi mais fácil pra mim, né? Mas não que seja uma coisa tranqüila, né? Porque às vezes vêm pessoas que a gente não gosta... (Nick)

Já para outros, a experiência de se reconhecer como garoto de programa foi um processo mais fluido. Hulk, que, como já mencionado anteriormente, lida com o trabalho sexual de forma “tranquila”, comentou sobre a questão:

[...] E nesse meio tempo eu já trabalhei também! Já trabalhei de vendedor de carro [...] E a vida sempre leva a voltar a trabalhar como puto. Porque se você vai ser mandado embora, você tem que pagar as suas contas. Você tem sua família, você tem filho, como eu. Eu sou obrigado a pagar as minhas contas. Se eu não tenho dinheiro eu tenho que vir pra sauna fazer programa. Mas não é uma coisa difícil! Não é uma coisa difícil! Não é um bicho de sete cabeças! A gente leva isso aqui como um trabalho. A gente vem na hora que abre, às quatro horas da tarde, e sai na hora que fecha, às onze. Entendeu? A gente leva como um trabalho. (Hulk)

Em todos os casos, a questão de uma ética sexual parece perpassar essas histórias. Afinal: o que estou fazendo de mim mesmo? Qual o meu desejo? Qual a verdade do meu desejo? O que significa colocar o corpo sexual para trabalhar? Tais indagações, que aparentam ser bastante presentes nas histórias de iniciações, sugerem uma reflexão ética sobre um campo moral, especialmente um tipo específico de moralidade que prescreve determinados usos que se pode fazer do corpo e do erotismo e que condena estilísticas que escapam dessas normativas. É importante ponderar que esses questionamentos só são possíveis e viáveis devido às condições historicamente localizáveis daquilo que Foucault (1988) chamou de dispositivo de sexualidade. Para o autor, a sexualidade se constituiu, nas sociedades ocidentais modernas, como um dispositivo histórico que possibilitou um tipo específico de experiência a partir da qual os indivíduos passaram a se reconhecer como “sujeitos de

uma sexualidade”. Ou seja, o dispositivo da sexualidade interpela a todos/as nós a responder a uma verdade (de nossa “própria sexualidade e nosso próprio desejo”), que poderia ser acessada a partir da observação das condutas sexuais, dos tipos de usos do erotismo e da decifração dos nossos “desejos mais íntimos”. No entanto, é válido destacar que, para Foucault, os modos de (auto)reconhecimento sexual e/ou a própria experiência da sexualidade seriam mediados pela “correlação entre campos de saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade” (FOUCAULT, 2006, p. 193). Assim, para o autor, o desejo e o sujeito do desejo não podem ser alocados fora do campo histórico no qual estão inseridos. As narrativas sobre as formas de se posicionar, seja em termos de alguma identidade sexual (gay, bissexual, etc.) ou como trabalhador do sexo (garoto de programa, boy, etc.), estariam reguladas por regimes discursivos que oferecem condições de possibilidade para o reconhecimento de si mesmo. Judith Butler, ao comentar sobre a noção de sujeito em Michel Foucault, pontua:

No relato foucaultiano da constituição de si [...] os termos que possibilitam o reconhecimento de si são dados por um regime de verdade. Esses termos estão fora do sujeito até certo ponto, mas também são apresentados como normas disponíveis, pelas quais o reconhecimento de si acontece, de modo que o que posso “ser”, de maneira bem literal, é limitado de antemão por um regime de verdade que decide quais formas de ser serão reconhecíveis e não reconhecíveis (BUTLER, 2015, p. 34)

Se outros tipos de trabalhos, que não desafiam uma moralidade sexual e que são socialmente mais aceitos, não produzem questionamentos que interpelam os sujeitos no sentido de confessar a verdade íntima dos seus desejos, o trabalho sexual, ao contrário, pode conduzir a problematizações sobre o desejo sexual (ou sua suposta “natureza”). Assim, o ato de colocar o sexo à disposição comercial faz com que os sujeitos que se engatam nessas práticas sejam interpelados por regimes de verdade previamente constituídos num plano de forças (de saberes, poderes e formas de subjetivação). Seria nesse plano, marcado por normas sexuais e de gênero, por moralidades sobre o corpo e sobre o erotismo e por racionalidades biopolíticas de vigilância sobre as subjetividades, que os trabalhadores do sexo são interpelados a

responderem e a narrarem sobre si mesmos. Não há um quadro invariável estabelecido por um regime de verdade para o reconhecimento de si, como sublinha Butler (2015, p.35), mas seria “em relação a esse quadro que o reconhecimento acontece, ou que as normas que governam o reconhecimento **são contestadas e transformadas**” [grifo meu]. A partir do dispositivo da sexualidade, que produziu um tipo particular de regime de verdade sobre o sexo na modernidade ocidental, podemos identificar pelo menos duas matrizes discursivas que atravessam as narrativas dos garotos sobre o trabalho sexual que exercem: o discurso sobre as “orientações sexuais” (que tem como referência normativa a heterossexualidade) e o “discurso sobre a prostituição” (que, como já visto em capítulo anterior, está historicamente associado a formas de gestão, tutela e controle sobre o corpo). Já indiquei, a partir de um rastreo genealógico desenvolvido no começo desta tese, que os discursos sobre a *homossexualidade masculina* e sobre *prostituição masculina* se confundiram no imaginário social e científico durante o final do século XIX e grande parte do século XX. Não é por acaso, portanto, que as narrativas de si de muitos garotos estejam atravessadas por reflexões que relacionam (ora de modo linear, ora de modo desestabilizador) questões relativas às identidades sexuais à práxis do trabalho sexual.

Seguindo as problematizações de Butler (2015) em sua leitura sobre Foucault, uma relação com um regime de verdade é, ao mesmo tempo, uma relação consigo mesma que implica, necessariamente, em uma dimensão reflexiva que possibilite narrar a si mesmo. Para Butler (2015), questionar um regime de verdade significa também questionar um regime que se atribui ao meu “ser” e a minha própria condição ontológica. Vemos, assim, que as narrativas que tangem às identidades sexuais dos garotos de programa indicam uma multiplicidade de formas de autodeterminação sexual, que extrapolam as identidades mais rígidas, binárias e tradicionais que estão organizadas pelos regimes de verdade do dispositivo da sexualidade. Notamos, desse modo, que alguns dos interlocutores se definiam como bissexuais; outros como gays/homossexuais; outros como heterossexuais que só praticam sexo com outros homens por dinheiro; outros, ao contrário, se definiam como homossexuais que só praticam sexo com mulheres no contexto da prostituição. Há ainda alguns que se definiam como bissexuais apenas baseando-se na prática sexual (se se pratica sexo com homens e mulheres, logo se é bissexual), ou como bissexuais que poderiam se envolver afetivo-sexualmente tanto com homens, como com mulheres

(não restringindo a definição da bissexualidade à prática sexual, mas também a questões afetivas).

Para aqueles que não se reconheciam como homossexuais, nem se identificavam com uma identidade gay, o sexo comercial parece começar a ser praticado como um acontecimento que deslocava tais sujeitos de algumas certezas relativas ao próprio desejo e às suas próprias posições como sujeitos sexuais, como indica a fala de Roger: “*o que que eu fiz da minha vida! Fiquei com homem! [...] Mas depois vai acostumando*”. Ainda que fosse bem recorrente a ideia de que o trabalho sexual era exercido de uma “forma profissional”, ou seja, que essa prática não teria relação direta com os modos pelos quais os sujeitos se reconhecem em termos de identidades sexuais, percebe-se, na reflexão sobre esse fazer, uma aparente desestabilização do par de binarismo “homossexualidade” e “heterossexualidade”, como se notam nos relatos a seguir:

Eu acho que todo garoto é bissexual. Transa com homem e transa com mulher. O dinheiro não tem nada a ver com a sexualidade. Eu acho que todo garoto é bi. Mas eles falam que não... Eu sou casado com mulher. Mas eu transo com homem e transo com mulher, então sou bissexual. *O dinheiro não tem nada a ver com a sexualidade!* (Roger)

[...] que nem, eu nunca tinha ficado com homem e nunca tinha feito passivo. *Mas depois eu acabei aprendendo, por questão de necessidade.* Um garoto tem que fazer tudo, senão acaba não ganhando dinheiro. (Justin)

Nenhum dos meus familiares sabem que eu fico com homem. Que no caso eu sou bissexual. Eu gosto tanto de homem, como de mulher. E eles não sabem disso. (Harry)

[...] Porque eu faço programa pela grana, porque eu preciso. Já a galera que são gays, já fazem programa porque gostam. (Hulk)

[*me considero*] bissexual. Porque eu tenho uma namorada também. Lá em casa ela ta me esperando. E ela não sabe. (Nick)

Essas variações de reconhecimento de si indicam a insuficiência de categorias identitárias que comportem expressões diversas do erotismo. Além disso, demonstram o caráter performativo das identidades sexuais, que estão em constantes processos de repetição, reiteração e manutenção de gestos, atos discursivos, estilos de se conduzir e formas de se reconhecer e se nomear como sujeitos sexuais. O trabalho sexual, nesse sentido, abre possibilidades para outras performatividades no campo sexual e do gênero, evidenciando a impermanência do sistema sexo-gênero-desejo, como fica expresso na fala de Justin, que diz ter aprendido “*ficar com homem e fazer passivo*” por questão de “*necessidade*”. Thor, com seu estilo sarcástico de narrar que atravessou toda nossa conversa, escancara a fragilidade dos discursos que tentam forçar uma relação linear e causal entre práticas sexuais, identidades e orientações sexuais e o trabalho sexual:

[...] E tem às vezes preconceito entre eles mesmo. Eu acho que não tem nada a ver, se é hetero, se é homo, mas tem, até entre garotos de programa mesmo, tem preconceito. São tudo igual, fazem tudo a mesma coisa, não adianta dizer que não fazem, porque fazem! Não adianta, entrou nessa vida, não adianta... pode até não fazer, mas uma hora ou outra vai acabar fazendo. E tudo! [*solta uma gargalhada*]. Verdade! Vai acabar fazendo! Sempre rola uma proposta, na terceira o cara vai aceitar. Tu diz que nunca vai fazer, mas na hora do aperto, tu vai fazer. E todos falam a mesma coisa, mas não adianta, é universal.

Não tive a intenção de fazer uma “taxonomia” das identidades sexuais dos garotos com os quais conversei, muito menos especular sobre suas orientações sexuais⁶². Porém, os relatos sobre essas

⁶² Néstor Perlongher, em seu clássico livro “O negócio do michê”, que trata de uma etnografia realizada com garotos de programa que atuavam no centro da capital paulista, estabeleceu o que ele chamou de “quadro geral de nomenclaturas classificatórias”. Esse quadro pretendia classificar os chamados michês a partir do gênero (dos mais masculinos aos mais afeminados –

identidades, ou melhor, sobre algumas formas de se posicionar como sujeitos sexuais, acabaram aparecendo nas conversas, mesmo sem que eu tivesse perguntado algo a respeito. Destaco essas questões, portanto, para salientar seus aspectos performativos, instáveis e discursivos que são postos em evidência nesse tipo de trabalho que toca diretamente os modos pelos quais os sujeitos se narram e se reconhecem em termos sexuais. Ainda que na fala de alguns possamos perceber um imperativo identitário que faz com que acabem se definindo como bissexuais, notamos que a própria definição de bissexualidade não é tão estável assim. A categoria “bissexual” aparenta ser a mais “inteligível” no processo de autorreconhecimento. No campo discursivo sobre o qual as sexualidades são construídas, esta acaba sendo a posição, dentro de um espectro de inteligibilidade das identidades sexuais, que mais se aproxima das experiências vividas. O posicionamento dos sujeitos em certas identidades pode ser importante nesses processos, inclusive para a saúde mental de alguns, como me relatou Thor:

tem muito guri que acaba entrando em depressão, porque às vezes entra nessa vida... Mesmo sendo bissexual, não se auto-aceita, entendeu? Não tem uma auto-aceitação. Aquela coisa: “*não sou, não sou*”, mas no fundo ele é, mas no fundo ele não quer ser. Então meu, cria um distúrbio psicológico e a pessoa acaba se metendo em droga [...]

Eu sou bissexual. Hoje em dia eu digo: “*eu sou bissexual, gosto de homem e de mulher. Gosto de sair com homem e gosto de sair com mulher*”. Mas pra mim não foi fácil pra mim, até eu compreender isso. Eu não queria, no começo eu: “*não, não, não, homem não. Eu sou homem*”. E eu tive uma criação, um cultura diferente. Então geralmente a gurizada que tem um criação, uma

incluindo entre esses últimos as travestis, algo que hoje certamente seria considerado um equívoco político-conceitual); da idade; e do estrato social. Ainda que o autor salientasse que essas classificações não dissessem respeito a alguma identidade fixa e que elas poderiam estar sujeitas a transições dentro dos códigos territoriais, percebe-se, por parte do autor, um esforço descritivo para dar conta de categorizar seus interlocutores dentro de determinadas identidades. Decidi não seguir essa orientação nas minhas problematizações, pois preferi enfatizar mais os efeitos performativos que são produzidos no trabalho sexual do que a “forma-identidade” que aparentemente se organiza nos territórios de prostituição.

cultura diferente é aquilo. Foi desenvolvido aquilo na cabeça e tem que ser isso, isso e isso... Então quando tu te mete numa coisa assim, teu psicológico fica totalmente confuso. Então a galera acaba... acaba gastando dinheiro com mulher, gasta com um monte de puta, com droga, com isso e aquilo pra esquecer o que fez, entendeu? Sendo que no outro dia vai lá e vai fazer tudo de novo! Ai vai pra noite de novo pra querer aliviar e gasta todo o dinheiro e ai vira um ciclo vicioso. (Thor)

Para Thor, portanto, o autorreconhecimento como bissexual pareceu ser decisivo para que pudesse conciliar seu trabalho como garoto de programa com uma percepção menos culposa sobre si mesmo. Apesar desse relato que expressa certa culpa por transar com outros homens, as histórias das iniciações de Thor não se resumem a esse “tom culposo”, como mostrado anteriormente a partir do tom de humor e deboche com o qual relata suas experiências no quartel.

De todos os meus interlocutores, apenas Hulk afirmava mais categoricamente ser heterossexual (excluindo a possibilidade de se reconhecer como bissexual). A ênfase dada à sua heterossexualidade também era reforçada pelo papel sexual exercido como garoto de programa: “*Eu só faço ativo [...] Mas eu sempre me dei bem. Porque meu pinto é grande, entendeu?*” (Hulk).

É interessante também perceber como alguns garotos fazem a separação entre o trabalho sexual e autorreconhecimento em termos sexuais. A frase de Roger “*o dinheiro não tem nada a ver com a sexualidade!*” denota que o uso do erotismo e do corpo excitável posto a trabalhar não precisa, necessariamente, coincidir com alguma identidade sexual e de gênero. Esta é uma questão cara a Preciado (2008b), que considera o corpo do trabalhador sexual como uma nova figura do político e como índice de uma nova cartografia *queer* (não identitária). Para o autor, nesses casos, as identidades de gênero e sexual deixam de ter relevância, de modo que é “a prática mesma de colocar o sexo para trabalhar no espaço público que define os possíveis vetores cartográficos”. Seguindo o pensamento de Preciado, o trabalho sexual não estaria produzindo algum tipo de identidade ontológica (gay, bissexual, etc.), mas movimentando, na sua própria inerência performativa, posicionamentos eróticos, sexuais e de gênero, que se constroem e se desconstroem nos agenciamentos que se efetivam nos territórios.

De modo geral, considero que essas histórias de iniciações nos dão pistas consideráveis sobre algumas pedagogias eróticas, sexuais e de gênero que permeiam o trabalho sexual. As narrativas sugerem que “fazer boy” ou “ser boy” implica na construção de uma posicionalidade que é aprendida através de códigos, de experiências, de trocas com outros sujeitos e grupos. Narrar-se a partir dessas posições demanda também um trabalho reflexivo atravessado por certos regimes de verdade. Em meio a esses processos, os novatos se deparam com *dificuldades* e *ganhos* que são inerentes a essas pedagogias e que contribuem com a constituição de territórios existenciais que se delimitam entorno do trabalho sexual. A seguir, pontuo algumas dessas questões.

5.3. Dificuldades e ganhos dos novatos

“Caminhava pela sauna de Porto Alegre como um cliente, apenas circulando e vendo a movimentação do ambiente. Muitos boys desfilavam seus corpos, que variavam em cor, altura, tipo físico. Jean, meu primeiro interlocutor e que posteriormente acabou sendo meu “informante chave” que me apresentou aos outros garotos do estabelecimento, aproximou-se de mim de forma muito simpática e bem humorada. Tentava me oferecer seus serviços sexuais com abraços, conversas e ritualizando um jogo de sedução. Resolvemos ir até o bar, onde lhe paguei uma cerveja. No balcão, comentei que estava fazendo uma pesquisa sobre prostituição, que gostaria de conversar com alguns garotos e se ele poderia ser um dos meus interlocutores. Jean ficou animado com a proposta e disse que poderia me ajudar, pois “conhecia todo mundo lá dentro”. Continuamos tomando nossa cerveja e conversando coisas banais sobre a sauna. Ele me perguntou se eu também era garoto, se já tinha feito programa ou se tinha vontade. Respondi que não era garoto de programa e que nunca tinha oferecido serviços sexuais por dinheiro, mas que era comum, quando eu circulava pelas saunas, acharem que eu era um boy que trabalhava no local. Ao saber que eu era “virgem” no ramo da prostituição, Jean prontamente me fez uma proposta: “se você quiser começar a trabalhar me fala, porque eu conheço um cliente que paga 500 reais quando ele sabe que é a primeira vez que o boy tá fazendo programa. Ai posso te colocar em contato com ele!”. Agradei a indicação e continuamos nossa conversa”.

(Trecho de diário de campo)

Essa cena com Jean, meu principal informante na sauna de Porto Alegre, me fez refletir sobre o “valor da carne nova” no mercado do sexo e como esse valor acaba sendo um atrativo para os garotos que estão se iniciando no trabalho sexual. A questão “da carne nova no pedaço” será retomada no capítulo seis, no qual problematizarei os fluxos e os deslocamentos geográficos motivados pelo mercado do sexo. O que gostaria de destacar, nesse momento, são alguns relatos de “benefícios” que os que estão se iniciando na prostituição acessam (como a possibilidade de receber um alto pagamento por um programa de clientes que “fetichizam” os novatos), bem como algumas das dificuldades encontradas nesse período de inserção. A fala a seguir de Mike exemplifica um pouco essa relação ambígua entre ganhos e dificuldades, experienciada pelos iniciantes:

Eu acho que... Eu não tive nenhuma dificuldade no início. Porque assim, quando tudo é novo e quando você entra no início, você ganha mais dinheiro, porque você não é conhecido. Você é novo. Todo lugar que você é novo, você acaba chamando um pouco mais de atenção. Então quanto a isso eu não tive dificuldade. É claro que existe assim, dificuldade, não sei em relação aos outros, mas em relação a mim, eu acho você fazer sexo com pessoas desagradáveis, que você que não sente nenhum tipo de atração, acho isso bem complicado. Além de você não sentir atração, são pessoas que não tem uma higiene íntima pessoal, e acaba... sei lá. É chato. Eu sou um cara que sempre me cuidei, em relação a doenças. Eu acho que isso também é o que me motiva muito mais a sair. Porque eu morro de medo de pegar qualquer tipo de doença. (Mike)

Harry também relata esse tema, contando que mesmo sem a “malandragem” no começo de sua vida como garoto de programa, ele conseguia fazer vários programas e ganhar um bom dinheiro:

Então, no começo, quando você chega, por você ser novidade, por você não saber muito bem como funciona, por não ter a malandragem de dentro de

uma casa ainda, todos os clientes que vêm repetidamente no mesmo lugar, eles olham você e querem sair, porque você é novidade. Então no começo eu ganhei muito dinheiro! Eu saía da sauna com... nossa, eu já cheguei a sair com 1500,00 de uma sauna. De fazer 10 programas. E nossa, eu fiz muito programa quando eu cheguei em São Paulo. Hoje eu continuo fazendo bastante, só que não no mesmo ritmo né. Porque antes era muito! Era muita ligação! Ainda mais se a pessoa gostasse! Se a pessoa gostar do seu jeito de ser na cama, seu jeito como pessoa fora dela, tudo fica ótimo! Eu, pelo meu casamento, a minha mulher, ela me prendeu muito. Ela me ferrou muito e eu ficava muito pra baixo. Ai eu comecei a perder um pouco dos clientes. Por isso que eu separei! Eu falei: “*não quero mais, eu quero seguir a minha vida! Quero trabalhar, quero fazer minha faculdade. Se você não quer ficar bem comigo, vai embora!*”. Eu fiz ela ir embora. Ela não me dava paz. E o garoto de programa precisa ter paz, porque senão ele vai pras drogas ou pras bebidas. Porque ele já enfrenta a maior stress aqui, ai chega em casa e se estressa também, ai não tem como! Daí eu preferi me separar, do que estragar a minha vida e não ter nada, nenhum futuro. Então eu prefiro que ela fique lá, daí um dia se der certo, quem sabe, né? (Harry)

Nota-se, em relatos como os de Mike, de Thor (como citado em outro sub-capítulo) e de Harry, que o início de suas vidas como garotos de programa foi marcado por várias propostas de clientes interessados neles que eram novatos no território. É interessante observar na fala de Harry a sua percepção de que estar em um relacionamento com sua ex-companheira seria algo que atrapalharia seus negócios como *boy*. Um casamento, naquela época, poderia prejudicar seus rendimentos e seus lucros, seja porque ele se sentia “preso”, seja porque ele não se “sentia em paz” para realizar seu trabalho. Essa narrativa não me parece muito diferente de pessoas (homens e mulheres) que exercem outros tipos de profissões e que elegem a carreira como prioridade em detrimento de uma vida conjugal; e que preferem focar no trabalho ao invés de se dividir entre vida profissional e vida amorosa (ainda que, evidentemente, o peso dessa escolha recaia mais sobre as mulheres).

Para Harry, seu trabalho como *boy* era algo que parecia significar um investimento que não poderia ser adiado por causa de um relacionamento, que na época estava representando a “perda de clientes”: “*Daí eu preferi me separar, do que estragar a minha vida e não ter nada, nenhum futuro*”. Nesse caso, a “dificuldade” em sua fase de início de atuação como garoto de programa foi conciliar casamento com trabalho. Terminar o relacionamento significou ter mais oportunidades para aproveitar os benefícios (maior demanda por serviços sexuais) que os novatos muitas vezes se beneficiam.

A questão da “honra” é outra problemática com a qual um garoto pode ter que se confrontar, especialmente quando começa sentir os efeitos de um modo de vida sexualmente marginalizado. Os estigmas inerentes à prostituição masculina, que concatenam discursos morais sobre o próprio ato de se prostituir, sobre a homossexualidade e a sobre a ideia de promiscuidade, rondam as experiências dos sujeitos, produzindo fantasmas que ameaçam a honra de uma masculinidade heterossexual. No relato de Jean, nota-se o peso atribuído a essa ameaça:

Jean: A família até achou uma época que eu tava traficando. E eu até menti pra eles que eu tava traficando mesmo, porque eu tava ganhando muito dinheiro. Imagina uma pessoa que ta acostumado a ganhar 1500, 1800 por mês, daí começa a ganhar 3 ou 4 mil... Então dá muito na vista né...

Daniel: Então pra sua família era mais tranquilo falar que você tava traficando do que tava fazendo programa?

Jean: É... é que minha família é toda evangélica, de igreja né? E daí traficava daí... era tranquilo. Mas agora saber que o filho ta transando com outros homens por dinheiro, fica meio chato né? [...] Minha família é direita entendeu?

Daniel: E você tem contato com eles ainda né?

Jean: Tenho! É de boa, mas eles não sabem né...

Para Jean, foi possível gerir o “segredo da prostituição” em relação à sua família e se desviar e se proteger daquela ideia clichê heteronormativa (porém bastante violenta e concreta) de que algumas famílias “*preferem ter um filho bandido a um filho viado*”. Sua honra manteve-se intacta ao assumir a prerrogativa desse imperativo e pactuar com o fato de que seria melhor ser traficante do que garoto de programa.

Já para Thor, o segredo em relação à família não pôde ser mantido. Ele me contou que começou a trabalhar como garoto de programa muito jovem, entre os 18 e 19 anos. Na época, ele visitava Porto Alegre com frequência, fazia alguns programas e também foi convidado para posar nu para uma revista masculina, o que contribuiu para que posteriormente ele passasse a receber muitas propostas de clientes interessados em pagar pelos seus serviços sexuais. Porém, após ter suas fotos publicadas na revista, sua família acabou descobrindo sobre seus trabalhos, o que acarretou em exclusão familiar quando tinha 20 anos:

[...] Só que meu, eu não sei como conseguiram o telefone do meu pai e meu pai me expulsou de casa. E meu pai descobriu que eu saí na revista, aí meu pai me expulsou de casa e fui pra rua, né? E aí comecei a fazer mais programas ainda. Aí sim eu comecei a aceitar várias propostas. Aí o primeiro lugar que eu fui foi pra São Paulo. Aí o dono da sauna de São Paulo me levou pra lá. Me pagou hospedagem, deixou hotel pago (Thor)

A expulsão da casa da família implicou na necessidade de fazer mais programas para se manter financeiramente e foi um dos motivos para que fosse passar uma temporada em São Paulo⁶³. Além disso, Thor ainda aceitou outros convites para posar nu para outras revistas, fato que sempre impulsionava o seu trabalho como garoto de programa e a receber cada vez mais propostas de clientes. Em meio a tantas demandas, algumas “ciladas” aconteciam:

Muitos telefonemas. Propostas... o cara chega a ficar até meio desnordeado, tá ligado? Mas também tem muita pessoa que liga só pra encher o saco mesmo. Ligar e perguntar e perguntar, muita coisa mentirosa. Muitas pessoas que tu não pode confiar também, né? Não pode cair em qualquer papo que tu escuta! Eu também já caí em vários contos. Já cheguei a viajar pro Rio de Janeiro. O cara: “*Não, vem!*”. Era uma pessoa que eu até conhecia... “*Não vem, não te preocupa, pode pagar a passagem e tal, e chega aqui eu te pago*”

⁶³ O tema das “temporadas” será aprofundado no capítulo seguinte.

tudo”. E ai chego lá e cadê o cara? E eu fico lá e não tenho dinheiro nem pra voltar depois...

Daniel: E ai, o que você fez?

Thor: Ai me prostitui... É, ai liguei pra amigos meus: “*tu conhece alguma sauna aqui no Rio, assim, assim...?*”. Bah, cheguei a dormir no centro, no outro dia fui pra sauna e consegui fazer dinheiro. Ai graças a deus, só porque eu tenho né [*faz um gesto aludindo ao tamanho do pênis*]. Se fosse outro, pô, eu ia morrer de fome!

Essas “ciladas” ou “problemas com clientes” parece ser uma situação que os novatos estão mais expostos, talvez por ainda não terem adquirido certa “malícia” ou “malandragem” nas negociações, algo que a experiência dos que atuam há mais tempo no ramo proporciona⁶⁴. Mike também relatou ter caído numa cilada com um cliente:

Uma vez eu levei um trote de um cliente. E era um cliente que eu já conhecia. Era um menino muito novo. Pela terceira vez a gente tava saindo. Ele era usuário de cocaína. Então quando a gente tava no quarto ele cheirava muito... E, enfim... uma vez ele falou: “*olha, não trouxe o dinheiro agora, posso te pagar amanhã?*”. Eu disse não. Ai ele falou: “*Então beleza. Vamos procurar um caixa eletrônico, pra eu te pagar*”. E quando a gente parou no caixa eletrônico eu falei “*Eu vou te esperar no carro?*”. E ele: “*Não, eu quero que você vá junto comigo no caixa*”. E quando eu desci do carro, ele arrancou com o carro! [...] Ou seja, eu perdi o programa e não consegui mais contato nenhum [...] depois disso eu nunca mais vi ele.

Hulk, um dos *boys* mais experientes com quem conversei, relata um postura diferente diante dessas ciladas:

Ah [*já tive*] problemas que os caras ligam e o cara dá uma de louco, entendeu? Não querer te pagar o que é justo, entendeu? O que é combinado. Aí tem

⁶⁴ Obviamente que a experiência adquirida não isenta os garotos de programa de possíveis problemas com clientes. Essa questão será retomada no capítulo sete.

sempre problema... Ai você tem que bater no cara. Aí cara chama a policia, tem toda essa coisa, não é fácil. Mas isso rola muito pouco! Por isso que na sauna é bom cara! Porque na sauna você tem uma segurança. O cliente que frequenta a sauna, ele vem na sauna sempre! Ele não vai deixar de vir na sauna porque ele ta te devendo! Se sai sem pagar... Às vezes sai do quarto e já tem outro te esperando, ai você já vai com o outro entendeu? Ai esse que tava pra te pagar, ele já vai embora, mas é um que vai voltar e vai te pagar normal, entendeu?

Daniel: Então já teve problemas com cliente...

Hulk: Já!

Daniel: Ai resolve...

Hulk: Resolve...! Na porrada... ou pega o celular do cara e fala que se ele nao pagar ele vai ficar sem celular! É assim que funciona! O que é justo é justo. Esse aqui é meu trabalho! É mesmo que falar no teu trabalho e... E não te pagar! Não funciona assim, entendeu? Acho que o respeito é pra todos. Independente do que a gente faça!

Esses excertos de falas ilustram um pouco as situações de dificuldades e benefícios que os novatos podem experienciar. Se por um lado eles eventualmente ganham mais dinheiro justamente por serem “novos na área”, por outro lado também acabam se vendo diante de desafios que envolvem a gestão do segredo da prostituição, a manutenção da honra que pode ser ameaçada caso suas atividades sejam descobertas, e a exposição a algumas situações desagradáveis, as quais, a exemplo do que relatou Hulk, são enfrentadas com um estilo de resistência e de autodefesa com o passar do tempo.

Fazendo um gancho com a última fala de Hulk, que pontua os benefícios de se trabalhar nas saunas, adiante apresentarei uma reflexão sobre certa hierarquia dos circuitos da prostituição pelos quais muitos garotos acabam transitando.

5.4. A hierarquia dos circuitos

Ao longo das minhas interações no campo de pesquisa, seja através de sites na internet (blogs e sites pessoais de garotos de

programa ou de “agências” de divulgação usadas por *boys*), através das minhas circuladas por espaços públicos que se constituem como territórios para o trabalho sexual, ou principalmente através das minhas visitas às “saunas de *boys*”, pude perceber a produção de uma hierarquia dos circuitos da prostituição, que posiciona tanto os trabalhadores do sexo como os clientes em determinadas categorias.

Na internet, por exemplo, é comum encontrarmos sites de garotos que se definem como “*garotos de luxo*”, como “*acompanhantes executivo*” ou simplesmente “*escort*”. A maioria desses *boys* que são considerados “de luxo” costuma corresponder a padrões estético-corporais hegemônicos: geralmente são brancos, musculosos, “sarados” e/ou definidos, “bem dotados”, ou seja, com pênis grande. Percebe-se, por parte desses sujeitos, um investimento na imagem veiculada nos sites, que são nitidamente resultantes de ensaios fotográficos produzidos por algum/a fotógrafo/a profissional. Alguns também fazem vídeos com cenas sensuais e/ou participam de filmes pornô (com homens e mulheres). Esses *boys* geralmente cobram mais caro que aqueles que são vistos como impossibilitados de “acessar” a essa categoria.

Numa topologia “abaixo” desses garotos de luxo estariam os “*boys de sauna*”, que se situam numa hierarquia “intermediária” nesses circuitos. Determinados garotos conseguem, por vezes, circular naqueles contextos que seriam considerados de “prostituição de luxo”, e outros, ainda, circulam tanto pelas saunas como pelas ruas. Alguns dos garotos com os quais conversei nas saunas também faziam o serviço de “acompanhante” (ou “escort”), acompanhando, em pequenas viagens, clientes considerados “especiais” ou “fixos”, como será discutido num capítulo posterior.

Os “*boys de sauna*” até divulgam seus serviços pela internet, mas, pelos menos entre meus interlocutores, me pareceu que eles optam focar seu trabalho nas saunas, e eventualmente também nas ruas. Expor-se na internet é algo que preferiam evitar. Jean, por exemplo, não usava a internet para divulgar seus serviços, pois tinha medo que sua família, que segundo ele é uma “*família direita e evangélica*”, descobrisse seu trabalho. Mike também se dizia preocupado com o sigilo e com a discrição: “*eu não mostrava o rosto, só uma parte do corpo, assim. Pra não ser identificado claro... Mas já usei [site]!*”. Hulk foi outro que também chegou a usar o recurso da internet, apesar de se mostrar preocupado com a exposição de sua imagem, especialmente por ter um filho: “*E tem um site que eu botei umas fotos minha falando do meu trabalho. Tem um site que você não precisa botar foto entendeu? Só fala*

o anúncio e ai passa as fotos pelo whatsapp. Pra não ficar exposto, né cara. Porque eu tenho um filho". Justin se dizia incomodado com a repercussão do site e preferia as saunas ao uso da internet: *"Eu até tentei colocar na internet, mas eu não gostei muito. Porque o pessoal só quer ficar mandando mensagem, pedindo foto e acaba se expondo muito, né? E eu, que moro aqui na cidade, fica ruim pra mim. Sou daqui mesmo. Aí coloquei, ficou só umas duas semanas e acabei tirando. Então só venho na sauna mesmo*". Nick pensou em divulgar suas fotos em um site de agência, mas além de se incomodar com o alto preço que cobravam, também se mostrava preocupado por não poder ter controle sobre o tipo de cliente que iria querer contratar seus serviços: *"E pode ser qualquer um né? Qualquer um tem acesso ao site, ai eu corro muito risco, né? [...] aqui é muito difícil acontecer alguma coisa. Porque tem os clientes certos já que vem*". Frank chegou a usar a internet, como já relatado anteriormente, e considerava que essa era uma maneira bem lucrativa para conseguir clientes (homens e mulheres). Porém, quando conversei com ele, disse-me que atualmente se considerava *"mais reservado"*, evitando os anúncios na internet.

As ruas, as praças e/ou os lugares públicos, pareciam ser considerados, pela maioria dos meus interlocutores, como territórios "problemáticos", sobretudo porque percebiam esses espaços como lugares perigosos para trabalhar. Alguns viam com maus olhos aqueles garotos que atuam na rua e inclusive reproduziam alguns discursos que associam a prática da prostituição de rua à noção de "indivíduos perigosos". No geral, o grande problema das ruas seria a exposição (poderiam ser vistos por conhecidos que não sabem de suas atuações como garotos de programa); a violência, seja por estar vulneráveis a assaltos, seja pela violência policial; e o contexto das drogas (ainda que nas saunas também fosse frequente o uso e a circulação de drogas entre clientes e *boys*), que envolvem situações de tráfico e o compartilhamento de territórios com usuários de drogas, os quais alguns dos meus interlocutores consideravam potencialmente "violentos" e/ou "perigosos". Diante desse espectro de marginalidade que parece recair mais sobre as ruas, as saunas se constituem, para a maioria, como espaços mais seguros, mais confortáveis e mais práticos (tanto para conseguir clientes como para negociar os serviços). Jean relata sua percepção sobre a rua, resumindo um pouco essa questão:

Daniel: E você não chega a fazer programa na rua?

Jean: Não, não... só se for um cliente que já conheço há muito tempo, aí a gente vai pro motel... Mas não, porque é muito perigoso, né...

Daniel: Mas aqui em Porto tem boy que trabalha na rua, né?

Jean: Tem sim! Tem na Rua José Bonifácio...

Daniel: No centro?

Jean: Passando do centro... lá perto do quartel. Daí na rua tem um monte de garotos, eles tiram o pau pra fora, daí chega a polícia e bate neles...

Daniel: Ah é?

Jean: Porque isso é atentado ao pudor né...

Daniel: Na rua é mais perigoso então..

Jean: É... e tem mais drogado e tal né... Ai o cara vê que você ta ganhando muito dinheiro, vai lá e te assalta. E aqui não. Aqui todo mundo é cadastrado...

Jorge, um dos garotos que relatou atuar tanto nas saunas como nas ruas, disse que apesar de circular por esses dois territórios diferentes, também sentia que nas saunas era mais seguro para trabalhar. Apesar de não ter sofrido violência policial, ele também falou sobre as intimidações policiais sobre alguns garotos que trabalham nas ruas:

Jorge: Aqui dentro é mais seguro!

Daniel: E você já sofreu algum tipo de violência na rua? Da polícia, ou de cliente?

Jorge: Não...

Daniel: E já ouvir algum caso de alguém que sofreu?

Jorge: Sim! Sim! A polícia tenta dar uma... pros garotos sair fora, entendeu? Mas eles não podem tirar os garotos dali, porque é uma via pública... Então é tranquilo. É mais aquela intimidação pros garotos saírem.

Hulk, que na época da pesquisa morava em Curitiba, mas já tinha morado em São Paulo e trabalhado nas ruas dessa cidade, também falou sobre a questão das violências a quais se pode estar exposto e sobre as diferenças entre ruas e saunas:

Daniel: Sauna é mais seguro, você disse, né? Você já chegou a trabalhar, ou conhece algum garoto que trabalha na rua?

Hulk: Eu já trabalhei na rua! No Trianon, em São Paulo...

Daniel: No Trianon, em frente ao MASP?

Hulk: É...

Daniel: E como que era?

Hulk: Tranquilo... De boa, de boa mesmo! Ai seguia pra um hotel, transava e voltava pra rua. É um pouco mais perigoso na rua. O pessoal passa, joga garrafa...

Daniel: E já teve algum problema com a polícia?

Hulk: Ah... sempre, eles sempre vão encher o saco! Isso é normal! Param, revistam e tchau.

Daniel: Então dentre esses espaços, a sauna é mais seguro...

Hulk: Mais seguro! Tanto pra nós, quanto pro cliente!

Mike também relatou sobre a sensação de segurança oferecida pelo ambiente da sauna e sobre o medo de ser assaltado:

Mike: Eu nunca fiz, nunca teria coragem, mas tenho conhecimento de que em Curitiba tem garotos que fazem rua. Tem uns garotos que vêm aqui umas vezes que fazem rua, fazem praça...

Daniel: E você acha que tem alguma diferença, entre rua e sauna?

Mike: Com certeza! Aqui a gente acaba tendo um pouco mais de segurança. Acho que na rua acaba sendo muito mais perigoso.

Daniel: Perigoso como?

Mike: É...você pode ser assaltado, você pode entrar no carro de alguém que você não conhece e a pessoa pode te matar. Pode te levar pra algum outro tipo de lugar e acaba sendo muito perigoso.

Daniel: Então você prefere a sauna...?

Mike: Com toda certeza! Muito mais seguro.

No caso de Justin, percebe-se uma tentativa de não se “misturar” e não ter contato com os garotos que atuam nas ruas, bem

como a reprodução de um discurso que categoriza os *boys da rua* como mais marginais:

Daniel: Você conhece outros garotos que trabalham ou já trabalharam em rua, praças, lugares públicos...

Justin: Não... que nem... tem uns boys que vêm aqui e vão lá, na rua. Só que eu não tenho muito contato. Dizem que o pessoal de rua é mais bandido. Só que eu não sei [...] fui uma vez só, mas bem no comecinho, porque eu tava aprendendo. Fui lá, fiquei 20 minutinhos, mas não gostei não.

Daniel: Você acha na sauna mais seguro?

Justin: Ah, com certeza. Sim... tem segurança tudo...

Harry tinha uma percepção similar a de Justin quanto aos territórios das ruas e aos sujeitos que circulam nesses espaços:

Harry: [...] Primeiramente eu tive uma experiência de trabalhar na rua, como garoto, e não foi nada legal. Foi muito desagradável [...] Porque é muito perigoso, muito risco, muita droga na rua, muito assalto, nunca sabe o carro de quem que você ta entrando. A pessoa pode ta armada, a pessoa pode ta drogada. Você pega tudo quanto é tipo de gente, pessoas que querem te fazer o mal... Então a rua nunca foi um lugar... Mais por questão de segurança.

Daniel: E tem garotos que trabalham mais na rua?

Harry: Tem! Exato! Aqui em São Paulo, nessa praça que eu comecei, só tem garoto que fuma pedra!

Daniel: Que praça que é?

Harry: Praça da República! Rua do Arouche⁶⁵... ali os caras a maioria é nóia!

⁶⁵ A República e o Arouche fazem parte das localidades onde Néstor Perlongher fez sua pesquisa de campo sobre “prostituição viril” na década de 1980. É interessante observar, a partir do relato de Harry, um indicativo de uma possível mudança das territorialidades constituídas nessa região do centro de São Paulo. Pesquisas sobre a configuração atual da prostituição masculina naquelas

Daniel: Ali é uma região bem antiga de prostituição, né?

Harry: Muito antiga! No começo, o pessoal me falava que era ótimo, era excelente! Mas depois virou um caos. Depois virou muita cocaína, muita pedra, muita droga. Infelizmente estragou, né? Estraga pra quem quer trabalhar de verdade.

Nick, o mais jovem dos meus interlocutores, disse-me que já tentou fazer programa na rua, mas acabou não gostando, pois em sua primeira tentativa ele foi assaltado. Como a maioria dos outros garotos, disse que preferia as saunas devido à segurança que o espaço oferece. Em seu relato, ele também comentou sobre a experiência na rua e sobre uma situação na qual um cliente não quis pagar pelo serviço oferecido, de modo que ele teve que recorrer aos funcionários da sauna para mediar uma negociação:

Nick: Aconteceu uma vez de um cliente querer fazer uma coisa que eu não queria e ai ele não quis pagar... Mas ele já tinha feito outras coisas comigo, então teve que pagar.

Daniel: E quando acontece esse tipo de coisa na sauna, você tem a quem recorrer aqui dentro? Você chamar o segurança, de repente?

Nick: Ai você tem que ir lá na portaria, no caso... Aqui nessa sauna é só pedir direto lá embaixo que eles falam direto com o cliente. O cliente não pode sair sem pagar. Por isso é mais seguro trabalhar aqui dentro do que numa rua, no centro...

Daniel: E você já chegou a trabalhar em outro lugar, ou desde que você começou foi sempre aqui?

Nick: Eu fui pra conhecer a Plataforma [*outra sauna que abriga garotos de programa em POA*] e também já trabalhei na rua. Só que eu fui assaltado lá... no primeiro dia que eu fui trabalhar lá.

Daniel: É mais perigoso na rua...

redondezas poderiam trazer uma interessante problematização para o campo de estudos sobre prostituição.

Nick: É! Ainda mais que tem gente que... os caras já vão sabendo que a gente é garoto, vai ter grana...

Daniel: Os próprios garotos?

Nick: Não... caras que sabem que somos garotos, e aí eles vêm.

Em uma das minhas observações de campo na sauna de Florianópolis testemunhei uma situação na qual os funcionários da local tiveram que intervir numa discussão entre um cliente e um *boy*. Ambos começaram a brigar, na área próxima à entrada do estabelecimento, também motivados por questões relativas ao pagamento do programa. Na briga (que não culminou em agressões físicas, apenas verbais), o *boy* cobrava pelo preço total do programa, mas o cliente dizia que iria pagar apenas a metade do valor. O *boy* e o cliente estavam bastante irritados e alguns funcionários e o gerente da sauna se aproximaram para tentar estabelecer um acordo. Segundo o cliente, a briga aconteceu porque eles tinham combinado que o *boy* “faria passivo” durante a relação sexual, mas no momento do programa o *boy* não concordou em realizar a prática sexual combinada. O cliente se irritou devido à quebra do acordo inicial e eles acabaram não concluindo o programa. Mesmo assim, o *boy* queria o pagamento “completo”. A intervenção do gerente da sauna possibilitou o acordo e os dois resolveram que o cliente pagaria apenas a metade do valor integral do programa. Nesse dia, eu estava na companhia de um colega que estava trabalhando na sauna como *boy*. Ele me disse que às vezes era comum um *boy*, geralmente hétero, negociar um serviço, pois “*precisa da grana*”, mas depois “*não dá conta, pois não consegue fazer passivo, porque não tá acostumado*”. Na visão do meu colega, o cliente estava certo, pois “*o correto seria seguir o contrato inicial*”.

Tanto nessa cena que pude testemunhar quanto no relato de Nick, observa-se a mediação dos funcionários da sauna para resolver possíveis problemas que emergem na relação entre *boys* e clientes. Esse tipo de mediação provavelmente não aconteceria num programa negociado na rua e/ou que se estendesse para um hotel/motel. O trabalho na sauna, nesse sentido, parece estar mais protegido pela rede dos sujeitos que ali transitam, bem como pela própria configuração espacial desses locais.

A percepção de que há uma hierarquia nos circuitos também pode ser um dos elementos que atravessam a transmissão das pedagogias do trabalho sexual. Frank me contou que quando conhece

algun novato na cidade que está tentando trabalhar como *boy*, ele procura explicar sobre o funcionamento desses diferentes territórios:

Orientar...Mostrar o que a cidade tem a disposição pra ele... lugares pra ele frequentar, pra ele procurar clientes, recursos... onde não ir. É bom não ir, porque pode complicar pro lado dele...Se expor na rua é muito complicado também... Mostrar pra ele o lado correto, onde que ele pode se dar bem. Porque tem o lado bom e o lado ruim. São escolhas. “*Olha, eu vou optar por ficar nesse lado aqui... vou ficar na rua*”. Na rua é complicado. Envolve drogas, risco de vida. E o lado bom: agências, sites, conhecer pessoas bacanas, sabe? Se envolver e conhecer pessoas mais... Passar elas como referência. “*Olha o cara é tranquilo, é um garoto legal*”. De repente encaixar ele lá no cliente assim, assim.... E aí vai... é tranquilo. Porque esse mundo é muito complicado. Têm pessoas ruins e têm pessoas boas. (Frank)

Além dos circuitos pelos quais circulam os *boys de luxo* e os *boys de sauna* (com possíveis intercâmbios entre esses dois circuitos, bem como eventuais experiências desses sujeitos pelas ruas), por fim, percebi, durante minhas caminhadas por espaços públicos, a existência de homens que oferecem seus serviços sexuais *apenas* nestes territórios, não acessando as saunas, muito menos os espaços da prostituição considerada de “luxo”⁶⁶.

A partir dos relatos sobre esses circuitos e das minhas observações em campo, notei que os territórios podem estar associados a posições hierarquizadas de sujeito. A fala de Frank me pareceu bastante emblemática quanto à constituição dessas hierarquias dos circuitos:

Frank: Então... eles chamam, assim, de “michê”. Pra mim é assim... digamos assim, vamos separar por classe social, entendeu? Tipo. No site, é “acompanhante executivo”. Ai liga, marca, é uma coisa mais... com postura, etiqueta. “Garoto”,é

⁶⁶ No próximo subcapítulo falarei um pouco sobre aqueles sujeitos que não conseguem acessar nenhum desses circuitos e acabam ficando restritos apenas aos espaços das ruas e a todas as precariedades que esses territórios comportam.

sauna... em sauna. Eu considero... eu consigo classificar assim: “garoto de programa”: sauna; “acompanhante executivo”: site; “miche”: boates, rua...

Daniel: E o de rua seria michê também?

Frank: De rua! De rua, exatamente. De rua. Por questão de valores e tudo, a postura, o perfil da pessoa [...] tipo uma coisa mais vulgar...

Daniel: E você acha que também tem uma diferença de valor, o preço que eles cobram?

Frank: Tem! Tem!

Daniel: É mais barato o michê...?

Frank: Totalmente!

A ideia valorada de que o “*michê é o garoto que trabalha na rua*” me parece evidenciar um dos motivos pelo quais muitos garotos preferem evitar se reconhecer nessa categoria. Lembro-me que em uma das primeiras vezes em que fui a uma “sauna de boy”, logo na entrada perguntei a um senhor, que também estava no local como um cliente, se ali “*tinha michê*“. Ele disse que sim, mas me alertou: “*Não chame os garotos de michê, muitos ficam ofendidos, não gostam...*“. É como se os “boys da rua”, aqueles reconhecidos por alguns como “michês”, ocupassem uma posição inferior no jogo das valorações morais que também se faz presente e se reproduz no interior do mercado do sexo. Heide Castañeda (2014), em sua pesquisa sobre trabalhadores do sexo migrantes na Alemanha, também observou que muitos garotos preferiam usar o termo em alemão *Jungs* (garotos ou rapazes), que seria mais “neutro” e evitaria o rótulo negativo de *Stricher* (algo próximo de “puto”, “prostituto” ou do que seria o “michê” no Brasil).

Essa estratégia de evitar se reconhecer numa categoria já socialmente marginalizada acaba sendo uma forma de driblar os estigmas associados à prostituição, bem como de produzir outros modos de autoidentificação que estejam atrelados a representações mais “positivas” (como se pode ver em expressões como garoto de *luxo* ou acompanhante *executivo*, designações que estão associadas a um status econômico, ou *escort* e *boy*, termos que inglês que podem soar mais “elegantes” e/ou trazer em si uma carga menos pejorativa). Ao perguntar ao Frank em qual das três categorias ele se identificava, disse-me que preferia se denominar como “*acompanhante executivo*” e que essa identificação tinha a ver com seu tempo de atuação como trabalhador do sexo e com a experiência que ele já havia adquirido:

Acompanhante executivo! Porque... pelo o que eu passei. E é o estágio que eu cheguei. As pessoas com quem eu me envolvi, com o tipo de cliente... O pessoal: “*Pô, sai lá da Áustria...Tem tal hotel assim, assim, tu me aguarda lá que eu to chegando*” [referindo-se a um cliente estrangeiro que vem com frequência para o Brasil]. Tudo organizadinho, tudo... É ótimo! (Frank)

Apesar de essas hierarquias serem reproduzidas nas experiências e nas percepções dos *boys* (e também dos clientes), é importante frisar que tais *territorialidades não se constituem necessariamente como barreiras intransponíveis*, como já sinalizei anteriormente, no capítulo quatro, e como ficará ainda mais evidente no capítulo seis. Porém, por mais que os sujeitos transitem pelas redes territoriais e pelos diversos circuitos do mercado do sexo, percebem-se movimentos de (re)territorialização que demarcam essas topologias numa aparente fixidez. Nos deslocamentos e ocupações por essas redes, vemos a produção de diferentes modos relacionais (entre *boys* e clientes, entre corpos e espaços, entre performance erótica e oferta dos serviços sexuais, etc.). Néstor Perlongher pontuou essa questão também observada em sua pesquisa:

Os pólos relacionais não são “lugares vazios” – como num árido esquema estruturalista -, mas estão ocupados por sujeitos concretos. Os diversos pólos e categorias funcionariam como pontos de “reterritorialização” na fixação a um gênero ou a uma postura determinada; fixação que manifestar-se-á na adscrição categorial e, correlativamente, na aparência gestual e discursiva, indícios de um desempenho sexual esperado ou proclamado.

Na ocupação desses pólos relacionais por sujeitos concretos – marcados por raça/etnia, camada social, local de origem, performances de gênero e eróticas, etc. – organizam-se os territórios, codificando tanto os espaços como os próprios sujeitos que se fixam nesses pólos. Produz-se, assim, um modo de organização que funciona a partir de códigos-territórios que lhes são peculiares. Em termos deleuzianos (DELEUZE, 2013), poderíamos dizer que, nesses jogos de circulação pelas redes dos códigos, ocorre um processo de *estratificação*. Nos *estratos de organização*, constituem-se camadas sobre o campo social que veiculam

sistemas próprios de semiotização e que produzem a ficção da hierarquia rígida dos circuitos/territórios (lembrando que a ideia de ficção não significa que não se produzam efeitos concretos e materiais nas paisagens ali constituídas). Além de estrato de organização dos territórios, haveria também um *estrato de significação*, que confere status de representação/identidade àqueles que se movimentam por esse plano. O estrato de significação produz sentidos de expressão, significando determinadas figuras (michês, boys, garoto de luxo, etc.).

Acontece que tanto as organizações quanto as significações dos territórios são montagens passíveis de serem dribladas, furadas e interpenetradas, possibilitando que, entre territórios e categorias identitárias, sejam viáveis trânsitos e deslocamentos pelas redes do mercado do sexo. Podemos perceber o transbordamento desses circuitos a partir dos relatos anteriores, nos quais vários garotos diziam já ter tido pelo menos alguma experiência nas ruas, nas saunas, usando recursos da internet e como acompanhantes. O relato de Jorge, um garoto que dizia frequentar tanto as saunas como as ruas, expressa bem essa questão:

Daniel: E na época [*em que você começou*] você já sabia que tinha possibilidade de trabalhar em sauna também? Ou você descobriu depois?

Jorge: É, na época eu ainda não tinha o conhecimento da sauna. Tinha umas outras saunas na cidade, mas eu não tinha esse conhecimento. Eu fui descobrir só depois a Plataforma. Daí eu comecei a frequentar a Plataforma e aí a Plataforma quebrou e aí abriu essa aqui. Na realidade essa aqui quebrou a Plataforma. A Mezzaninu, essa... Mas no período dos 16 anos pra frente eu fui garoto de programa na rua, circulando. De passar o cidadão, parava... Ai aquela coisa: “*ah, tu é um cara legal, bonito*”. Aquela conversa de sempre. E eu oferecendo sempre os valores. E foi aí que eu acabei me tornando um... um boy.

Daniel: E você hoje trabalha na rua também ou só em sauna.

Jorge: Eu trabalho na rua, eu venho na sauna de vez em quando... Mas acontece bastante de eu ta circulando e ocorrer né? De os caras me pararem. Até eu saio mais na rua do que aqui, na sauna...

Daniel: É mais fácil conseguir na rua do aqui?

Jorge: Exatamente... Em bares também. Barzinho social, assim e tal. Mais pra Cidade Baixa, né? [...] Na Cidade Baixa são diversos bares sociais, a galera se reúne pra trocar uma ideia, conversar, beber, comer alguma coisa. E aí sempre tem um outro que ta de olho num garoto, ou numa pessoa experiente. E aí rola...

Daniel: E você acha que tem diferença entre trabalhar na rua ou numa sauna?

Jorge: Na rua dá mais movimento, no meu ponto de vista. Tem garotos que é forte na sauna e é fraco na rua. Eu não sou forte na sauna.

Daniel: Porque você acha que tem essa diferença?

Jorge: É diferente, né? Na sauna tem muita concorrência.

Daniel: Entendi... e essa sauna tem muitos garotos né?

Jorge: Tem muitos garotos! Na rua não tem muita concorrência. Tu ta ali, ta só tu. Chega o cliente... é tu!

Jorge foi um dos poucos garotos com quem conversei que, no momento da pesquisa, circulava tanto pelas saunas como pelas ruas, dando preferência a estes territórios. De todos os meus interlocutores, apenas Jorge e Frank⁶⁷ eram negros e penso que esse é um detalhe importante a ser considerado. Nas saunas que frequentei, observei que a presença tanto de garotos de programa como de clientes negros era bem menor comparativamente a presença de garotos e clientes brancos. Algumas saunas, em certas ocasiões, nem mesmo era possível encontrar *boys* ou clientes negros. Penso que não são meros acasos os relatos de Jorge de que na sauna “*tem muita concorrência*”, que na “*rua tem mais movimento*”, que na rua é “*mais fácil conseguir cliente*”, que a “*sauna não é o seu forte*” e que ele vai à sauna “*de vez em quando*”, dando preferência às ruas. Em recente artigo publicado na Revista Estudos Feministas, Santos e Pereira (2016) trazem uma importante problematização sobre as saunas serem marcadas pelo o que chamam de uma “*economia racializada do desejo*”. Os autores apresentam uma

⁶⁷ Jorge e Frank tinham um grau de parentesco e, eventualmente, faziam programas juntos quando um cliente pedia para ter a companhia de dois *boys*. Eles também estabeleciam uma relação de cumplicidade e parceria, indicando o trabalho de um ou de outro para possíveis clientes.

reflexão, desenvolvida a partir de uma etnografia realizada em saunas de São Paulo, indicando que nesses espaços são reproduzidas demarcações racistas que circulam na sociedade. O corpo negro nas saunas seria “denegado” e incorporaria um duplo movimento, de *fetichização* e *rejeição*. Outro relato de Jorge retrata bem essa questão da racialização do desejo que atravessa as saunas:

[...] tem clientes que só gostam de homens negros. Tem clientes que é variado. Eu conheço um cliente que falou assim pra mim: “*ah, eu só gosto de alemão. Tu é um cara bonito e tal, eu até gostei*”... Mas varia! [...] Tem cliente que busca um homem negro **por causa do pau** [...] Então é variável. Gosto é variável. [*grifos meus*]

A fala desse cliente reportada por Frank expressa exatamente o que Santos e Pereira (2016), bem como outros/as teóricos/as e movimentos negros, denunciam. A *denegação* do corpo negro fica bem delimitada quando o cliente diz gostar *só* de alemão (referindo-se aos brancos/caucasianos), mas que mesmo assim *até* gostou de Frank, que é negro. O uso da palavra “até” é um recurso linguístico emblemático nos discursos discriminatórios – racistas, homofóbicos, misóginos, etc. O emprego dessa palavra tende a expressar uma hierarquia sobre determinada(s) categoria(s) do(s) sujeito(s), ao mesmo tempo em que tenta se livrar do peso do enunciado performativo injurioso (vemos esse recurso em frases como: “não sou racista, *até* tive um(a) namorado(a) negro(a); não sou homofóbico, *até* tenho amigos gays”; etc.). Essa exceção proferida pelo cliente, que é comunicada como se fosse um ato de “benevolência”, parece reforçar o lugar de não desejabilidade do corpo negro. O desejo direcionado a um homem negro, nessa fala, é construído como exceção, como algo “fora do comum”. Primeiro o cliente precisa dizer que prefere um “alemão”, para depois expressar que achou Frank “bonito”, como se estivesse querendo minimizar o peso racializado do seu desejo. Frank continua seu relato destacando sua percepção sobre o que podemos entender como práticas de *fetichização*, *exotificação* e *estereotipização* do corpo do homem negro. Segundo ele, alguns clientes procurariam os garotos negros “por causa **do pau**”, o que reitera o estereótipo de que todos os homens negros teriam pênis grandes, seriam cisgêneros, e seriam necessariamente ativos e penetradores no papel sexual.

Segundo Santos e Pereira (2016), essa denegação do corpo negro não ocorre apenas em relação aos garotos de programa negros, mas também em relação aos clientes negros que acabam sendo evitados pelos garotos de programa brancos: “[...] o michê negro é hipersexualizado e objetificado. O cliente negro é evitado, pois representa uma troca de posições que o michê tem dificuldade em aceitar” (SANTOS E PEREIRA, 2016, p.146).

Já indiquei acima que, dentro das hierarquias dos circuitos de prostituição, a rua é considerada o espaço mais marginalizado e um território que a maioria dos boys das saunas preferia evitar. O fato de Jorge afirmar que seu “*forte é nas ruas*” parece fazer eco com as problematizações de Santos e Pereira (2016) sobre os processos de racialização dos corpos que circulam nas saunas. A rejeição ao corpo negro acabaria produzindo esse efeito de dificuldade de inserção num mercado do sexo que também valora e atribui hierarquizações com base nos marcadores étnico-raciais. Parece-me importante considerar, portanto, que a divisão das hierarquias dos circuitos de prostituição seja também marcada por questões raciais que estabelecem seus limites e contornos.

Contrapondo-se um pouco ao relato de Jorge, Frank disse que não fazia programas nas ruas e não se sentia negativamente afetado em relação às escolhas dos clientes pelo fato de ser negro. Ele mesmo se identificava como “*acompanhante executivo*”, como relatado acima. Para Frank, o fato de ser “bem dotado⁶⁸” e ativo (o que acaba coincidindo com as expectativas de hipersexualização e estereotipização do corpo do homem negro, como já mencionado anteriormente) era um atrativo que lhe trazia “benefícios” e que contrabalanceava com o fato de ser um homem que não estava totalmente dentro de outros padrões corporais:

Frank: [...] eu tenho o dote grande e sei usar ele... Isso aí faz a diferença. Tem gosto pra todos, né? Alguns clientes gostam de homens mais definidos. Depende... gosto é muito relativo. *Mas os clientes que me procuram, é mais direcionado ao dote grande...*

Daniel: E você acha que os clientes têm preferências quanto ao fato de você ser negro?

⁶⁸ A questão da centralidade do dote (tamanho do pênis) no exercício do trabalho sexual será aprofundada no capítulo sete.

Frank: Pelo o que eu observo, é mais pela pessoa. Tipo, como eles falam assim, tem que ter uma química. Às vezes tu olha pra uma pessoa e não quer nem chegar perto dela. Acha aquela pessoa arrogante. Mas têm outras que falam: “*eu me simpatizo com negros...*”, mas nem todos são iguais... cada um tem um jeito...”. Então é com a pessoa, afinidade, né? Às vezes o cliente olha e: “*ah, fiquei curioso com aquele rapaz, vou ali conversar com ele*”. Mas aí conversa um pouquinho e aí: “*ah não, não faz o meu tipo*”. Porque eles não querem o sexo... às vezes é uma palavra de conforto, né... uma coisa... uma coisa que faz a diferença...

Ainda que eu tenha testemunhado essas duas narrativas de homens negros que expressavam percepções e experiências diferentes no que diz respeito à racialização dos corpos nos territórios das saunas, penso que não podemos negar que há, de fato, uma forte marca do racismo na produção de corpos desejáveis e na divisão territorial desses corpos. O fato de eu ter visto poucos garotos de programa e clientes negros certamente indica pontos que articulam dimensões importantes como classe social, raça/etnia e regionalidade. Deixo em aberto algumas questões que não pude responder a partir da minha pesquisa, mas que podem ser aprofundadas em outro momento: como é ser um garoto de programa negro em saunas de cidades do sul do país (reconhecidamente a região mais racista)? Por que há poucos garotos de programa negros? Será que de fato há menos garotos de programa negros, ou estes garotos acabam ocupando outras territorialidades mais marginais e mais vulnerabilizadas, como as ruas, devido a uma exclusão simbólica dos espaços mais “privilegiados” nas hierarquias dos circuitos de prostituição? Quanto aos clientes negros, por que também não os vemos nas saunas de *boys*? Quem pode pagar por um programa e pela entrada na sauna? Será que a possibilidade de acesso e de consumo aos/dos serviços sexuais nestes espaços de lazer está atrelada à camada social e, por conseguinte, correlacionada às questões raciais?

Em resumo, penso que as hierarquias dos circuitos contribuem com a organização territorial da prostituição, com o posicionamento dos sujeitos em determinadas categorias, e com a produção de pedagogias do trabalho sexual que variam de acordo com o contexto do circuito e com os códigos que operam singularmente em cada um desses territórios. Esses circuitos compõem uma rede pela qual os *boys* acabam

circulando ou pelo menos tendo contato de um modo ou de outro. A partir dos relatos dos meus interlocutores, pude problematizar as maneiras pelas quais os garotos transitam por algumas redes dos códigos e aprendem a “fazer boy”. No entanto, nem todos conseguem se inserir nesses jogos de códigos operantes no mercado do sexo. A seguir, apresentarei um breve relato que trata da questão daqueles que “falham” ao tentar se inserir nesses circuitos.

5.5. E aqueles que “falham”?

Problematizei neste capítulo como operam algumas pedagogias do trabalho sexual e como os sujeitos que oferecem serviços sexuais acabam se inserindo em algumas redes de códigos e territórios que possibilitam o exercício da prostituição. Destaquei que há uma série de aprendizagens informais que vão posicionando os sujeitos em jogos que fazem e desfazem gênero, sexualidade, erotismo. Esses movimentos que foram localizando os garotos com os quais conversei, produzem formas singulares de se posicionar frente aos usos que se pode fazer de um corpo que se dispõe a um trabalho socialmente marginalizado.

Mas se há uma pedagogia, ou seja, um conjunto de práticas, códigos, regras, gestos, rituais que devem ser aprendidos, incorporados e reproduzidos, não podemos desconsiderar que alguns “falham” ao tentar se inserir nesse jogo. Não pretendo me aprofundar nessa questão, mas não posso deixar de relatar uma história envolvendo Leonardo, um interlocutor que conheci durante minhas circulações pela região central de Florianópolis. Já mencionei esse garoto em capítulo anterior, quando descrevi alguns encontros que tive com homens que perambulavam pela Praça XV e que ofereciam serviços sexuais. Era muito frequente encontrar com Leonardo durante minhas caminhadas pelo centro da cidade. Como descrito em outra ocasião, já em nossas primeiras conversas pude perceber que ele não tinha experiência como garoto de programa e que ele não conhecia muito bem as “malícias” de como negociar com clientes, nem os territórios possíveis onde trabalhar (ele nem mesmo conhecia a “sauna de boy” da cidade, na época ainda em funcionamento). Durante as vezes em que passava pela Praça XV e nos encontrávamos, sentávamos num banco para “trocar uma ideia”. Com o tempo, percebi que fui me tornando um rosto familiar para ele. Sempre que me via, acenava, me chamava, abria um sorriso e conversávamos. No começo ele me perguntava se eu “estava a fim de algo”, insinuando

se eu queria pagar por um programa. Porém, com o tempo, parece que deixei de ser um potencial cliente e me tornei um colega que lhe dava atenção quando passava pela praça e às vezes lhe pagava um salgado ou um caldo de cana, que costumávamos consumir juntos enquanto conversávamos um pouco.

Leonardo era do interior do Rio Grande do Sul e estava em Florianópolis sem casa, sem trabalho formal, sem ter como voltar para casa. A cada encontro que tínhamos, notava que ele estava ficando em uma situação cada vez mais precária. Quando o conheci, ele era mais “marrento”, mais forte e tinha uma aparência mais “saudável”. Com o passar do tempo, ele foi emagrecendo e fui percebendo que ele estava sempre “sujo”, como se não tivesse acesso a um chuveiro para tomar banho – e, de fato, não tinha, como acabei descobrindo. Em uma de nossas conversas, ele me disse que às vezes ia dormir num abrigo da prefeitura, pois ainda não havia encontrado um emprego e não estava em condições de pagar por um lugar para morar. Fiquei preocupado com ele e lhe falei sobre a Associação em Defesa dos Direitos Humanos (ADEH), ONG onde eu atuo como parceiro há cinco anos desenvolvendo trabalho voluntário como psicólogo clínico e social. Disse para que procurasse a sede, pois lá talvez ele pudesse encontrar algum tipo de apoio, mas aparentemente ele não se interessou muito pela minha indicação. Foi ficando mais evidente para mim que, de um garoto de uma cidade do interior que tentava oferecer serviços sexuais numa capital, ele foi se tornando uma pessoa em situação de rua.

Um dia, caminhando pela Praça XV, nos encontramos por acaso, como de costume. Ele chegou até mim, com uma expressão meio desanimada e me mostrou uma de suas mãos, que tinha um grande machucado visivelmente inflamado, entre o polegar e o indicador. A mão estava tão inchada que parecia ter uma bola golfe próximo aos dedos. Perguntei o que tinha ocorrido e ele me disse que tinha levado uma facada. Segundo seu relato, no dia da agressão ele tentava fazer programa na Avenida Hercílio Luz – território no centro velho de Florianópolis conhecido pela presença de profissionais do sexo (homens, mulheres cis e travestis). Estava parado num “ponto”, quando uma mulher se aproximou disfarçadamente (ele não soube me dizer se era uma mulher cisgênero ou uma travesti) e lhe deu a facada, dizendo que ele não poderia ficar ali sem permissão. Após o golpe, ele saiu do local e não voltou mais para aquela região para tentar fazer programa. Perguntei se ele tinha ido ao médico, num posto de saúde ou num hospital. Ele disse que não precisava, que logo ficaria bem e que tinha

apenas feito um curativo, provavelmente numa farmácia. Reforcei que seria bom procurar um médico, pois a mão parecia estar infeccionada, mas novamente ele não pareceu dar muita importância para a minha sugestão. Conversamos um pouco sobre a questão dos territórios onde se pode fazer programa, que nesses espaços geralmente tem um(a) “dono/a do pedaço” e que para atuar lá é preciso conversar com quem “comanda” o lugar. Ele me disse que não sabia de nada disso e que achou que era só chegar lá e trabalhar, como já vinha fazendo na praça. Infelizmente Leonardo acabou conhecendo uma “lei do território” a partir do próprio corpo ferido. Nesse dia, conversamos mais um pouco, reforcei para que ele procurasse um posto de saúde e nos despedimos. Depois desse episódio, não encontrei mais com ele pela Praça XV. Fiquei um bom tempo sem o ver e sem ter notícias dele. Depois de um longo período, acabei cruzando com Leonardo na mesma região central da cidade. Estava ainda mais magro. Ele me olhou de longe, mas parece que não me reconheceu. Tentei acenar com o rosto, mas ele não parou para conversar. Depois disso, acabamos não nos vendo mais.

Apresento essa história como uma figuração que retrata o recorte da vida de um sujeito que não conseguiu jogar com os códigos-territórios que operam nas margens nas quais o mercado do sexo se efetiva. Apesar de Leonardo flertar com alguns fluxos que permeavam os espaços por onde andava, ele aparentemente não conseguiu apreender certas pedagogias que envolvem o trabalho sexual, “falhando”, desse modo, ao tentar se inserir nos territórios de prostituição.

O caso de Leonardo traz diversas intersecções possíveis de análise que não irei me aprofundar nessa tese por uma questão de foco. Porém, indico que a situação na qual ele se encontrava poderia/deveria nos trazer reflexões importantes. Destaco alguns elementos problematizáveis a partir dessa história: a precariedade das condições de vida a qual muitos/as trabalhadores/as do sexo estão expostos/as (não apenas as mulheres cis e trans, mas também os homens); a problemática da falta de acesso a empregos dignos para aqueles/as que não desejam atuar como/estar trabalhadores/as do sexo; o contexto de também precariedade da população em situação de rua; as condições problemáticas das políticas públicas de habitação e de trabalho, emprego e renda; os deslocamentos do campo e/ou das cidades do interior para as cidades grandes e/ou capitais; a falta de acessibilidade aos serviços públicos de saúde, sobretudo os serviços de atenção básica que muitas vezes não estão preparados para receber pessoas socialmente marginalizadas (quais as condições efetivas para que um garoto de

programa em situação de rua pudesse falar num posto de saúde que levou uma facada enquanto tentava fazer programa?); a falta de informação sobre as possibilidades de acesso aos serviços de assistência social; entre tantos outros assuntos e temas que a situação de Leonardo poderia suscitar.

O caso de Leonardo é apenas *uma* história que trago aqui para se contrapor àquelas outras histórias apresentadas nesse capítulo sobre as pedagogias do trabalho sexual. Considerei relevante apresentar esse relato de uma interação que tive em minhas observações de campo para evidenciar como o trabalho sexual é algo que envolve uma aprendizagem e uma relação do sujeito com códigos territoriais. Essas pedagogias requerem modos de se relacionar consigo mesmo que são marcados por questões de gênero, de sexualidade, de erotismos, de corpos e que também estão atravessadas por outras intersecções, como classe social, raça/etnia, local de origem, etc.

Alguns aprendem, conectam-se, e se inserem nesse jogo; outros, sem conseguir se engatar nos códigos operantes nessas territorialidades, acabam ficando “às margens da margem”. Em diálogo com o que Foucault (1981) falava sobre as possibilidades de se “*criar modos de vida homossexuais*”, diria que nessas pedagogias do trabalho sexual é “perigosa” a ideia de um programa ou de proposições que prescrevem regras e caminhos de como se tornar/aprender a ser um garoto de programa. Podemos ver, por parte dos *boys*, movimentos de certa *inventividade*, do *acaso*, e da *imprevisibilidade* que perpassam as narrativas aqui apresentadas. Por outro lado, também notamos que concomitantemente a esses fluxos, *códigos de conduta* também operam com certa efetividade na construção de um modo de se fazer *boy*. Junto com Foucault, em meio a essas pedagogias, podemos nos perguntar: “*o que se pode jogar e como inventar um jogo?*”. Nos capítulos seguintes irei problematizar algumas dessas estratégias de jogo empenhadas nos fluxos do cotidiano do mercado do sexo.



FLUXOS DO COTIDIANO

6. FLUXOS DO COTIDIANO

6.1. Trânsitos e deslocamentos motivados pelo trabalho sexual

As redes que se constituem nos mercados do sexo não se restringem a um único território ou espaço geográfico. Como mostrei no capítulo anterior, há uma diversidade de circuitos que se organizam a partir dos seus próprios códigos, delimitam hierarquias territoriais, interpelam e posicionam os sujeitos que se inserem nessas diferentes redes. Diante dos fluxos desterritorializantes característicos de uma geopolítica global contemporânea (APPADURAI, 1996; BOCAYUVA, 2013; MEZZADRA, 2005; NAIL, 2015), não podemos desconsiderar que as sexualidades e os mercados do sexo sejam afetados por esses processos que se espriam por todo o campo social. Devemos atentar às lógicas locais específicas que produzem suas próprias modelizações, regras, axiomáticas e jogos. No entanto, não podemos pressupor que as territorialidades desses contextos não se conectam com outros espaços e localidades, e não estejam em relações de agenciamentos com outras forças (políticas, econômicas, sociais, morais, etc.). As redes territoriais as quais tive acesso não estão necessariamente restritas e limitadas a um único espaço urbano – como se poderia imaginar a partir das definições mais clássicas de *gueto* - mas podem se expandir pelo mundo virtual e ultrapassar barreiras geográficas.

Esse “transbordamento” geográfico, que sugere um borramento das fronteiras que supostamente delimitariam os trânsitos de sujeitos, foi uma questão muito presente nas narrativas escutadas. Pesquisadoras e ativistas como Kamala Kempadoo (1998, 2005), Ana Paula Silva e Thaddeus Gregory Blanchette (2005), Gloria Barrero (2005), Laura Agustín (2005, 2005b, 2007), Wendy Chapkis (2005), Cláudia Mayorga (2011), Larissa Pelúcio (2011), Adriana Piscitelli (2006, 2007a, 2007b, 2008, 2013) entre muitas outras, vêm discutindo, já há alguns anos, como o mercado do sexo impulsiona trânsitos, migrações e mobilidades nacionais e transnacionais de mulheres (cis e trans). As análises dessas pesquisadoras indicam uma complexidade de roteiros, necessidades, motivações, desejos, afetos, interesses e relações de agência e sujeição, que fazem com que mulheres migrem para diferentes regiões do país de origem, ou mesmo para o exterior, a fim de trabalhar nos mercados do sexo.

A partir das narrativas compartilhadas pelos interlocutores da pesquisa, percebi que esses trânsitos migratórios motivados pelo

trabalho sexual também ocorrem entre os homens trabalhadores do sexo. Ainda que as diferenças de gênero⁶⁹ que permeiam esses fluxos não possam ser menosprezadas, a questão dos trânsitos (entre cidades, estados e países) entre homens que exercem trabalhos sexuais me pareceu algo bastante frequente, do mesmo modo como vem sendo observado entre as mulheres que se inserem nos mercados do sexo. Quase todos os garotos de programa com os quais conversei já tinham atuado como trabalhadores do sexo em diferentes cidades e/ou estados. Além disso, muitos deles também já haviam viajado (ou planejavam viajar) para outros países a fim de atuar como garotos de programa, como se verá no decorrer deste capítulo.

De modo geral, os relatos foram me indicando alguns elementos que conferem a característica daquilo que fui denominando de *circularidades nômades*, algo muito presente nas narrativas de deslocamentos por diferentes redes territoriais e geográficas. Destaco alguns desses elementos que serão problematizados adiante: as migrações pendulares; a “fuga para a cidade” (deslocamento de cidades pequenas e/ou do interior para cidades grandes e/ou capitais) e o desejo de viver uma vida menos vigiada e controlada; a sazonalidade; a demanda do mercado do sexo por “corpos inéditos”; as temporadas; a vontade de conhecer outros lugares e de viajar; a busca por territórios “mais lucrativos”; e a função *escort* que permite com que o *boy* acompanhe um cliente que geralmente já conhece previamente em viagens para lugares mais distantes e por um período de tempo definido.

Para uma melhor visualização sobre os fluxos dos garotos que me relataram experiências de deslocamentos motivados pelo trabalho sexual, construí a tabela a seguir (TABELA 1), na qual reuni

⁶⁹ As migrações, os trânsitos e os deslocamentos territoriais motivados pelos mercados do sexo não podem ser analisados sem que se considere o gênero como marcador dos sujeitos e como categoria fundamental de análise. A partir das minhas leituras sobre os mercados (trans)nacionais do sexo, pude perceber que muitas das condições sociais que levam mulheres cis, transexuais e travestis a migrarem para trabalhar como profissionais do sexo são diferentes das realidades dos homens que também se engatam nesses deslocamentos. No caso de pessoas *trans*, especialmente, as condições de opressão, exclusão e discriminação seriam os principais motivos que forçariam que muitas delas se mantivessem nessa atividade, ainda que não desejassem. Nesse sentido, reforço que não podemos transpor mecanicamente as reflexões e análises desenvolvidas nesta tese a partir da prostituição masculina para todas as formas de prostituição e trabalho sexual.

informações relativas aos trânsitos (tanto a nível nacional como internacional).

TABELA 1: Relação de garotos que relataram experiências de deslocamentos motivados pelo trabalho sexual, suas cidades de origem, cidades em que residiam no momento da pesquisa e cidades/países para onde já tinham viajado (ou planejavam viajar).

Nome	Local de origem	Cidade atual	Cidades/Países onde já trabalhou como <i>boy</i>
Jean	Interior do RS	Porto Alegre/São Leopoldo	Curitiba
Thor	Interior/Região de fronteira do RS	Porto Alegre	Espanha (Madri, Barcelona), Suíça (Zurique), Luxemburgo, Africa do Sul, Itália (Milão), Rio de Janeiro, São Paulo
Nick	Porto Alegre	Porto Alegre	Cidades da região metropolitana de Porto Alegre
Jorge	<i>Não informou</i>	Porto Alegre	São Paulo
Frank	<i>Não informou</i>	Porto Alegre	São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador
Mike	<i>Não informou</i>	Curitiba	Rio de Janeiro.
Justin	Curitiba	Curitiba	São Paulo, Brasília, Fernando de Noronha (como acompanhante) Planeja ir pra Buenos Aires no fim do ano.
Hulk	Interior do RJ	Curitiba/Pinhais	Rio de Janeiro, São Paulo, Espanha, EUA (Miami), Itália, França (como acompanhante). Recebeu convite para a Alemanha e Inglaterra (acompanhante)

Nome	Local de origem	Cidade atual	Cidades/Países onde já trabalhou como boy
Rick	São Paulo	Curitiba	São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Campos de Jordão(acompanhante), Chile, Itália (Milão, Roma), Suíça (Zurique), Espanha (Barcelona), França, África do Sul.
Roger	Curitiba	São Paulo	Curitiba, Recife, Rio de Janeiro, Salvador
Harry	Curitiba	São Paulo	São Paulo
*Lito	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro, Florianópolis, EUA
*Fernando	Porto Alegre	Porto Alegre	Porto Alegre, São Paulo, Florianópolis
*Leonardo	Interior do RS	Florianópolis	Florianópolis, Porto Alegre
*Danilo	Pará	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro
*Fred	Interior do RS	Porto Alegre	Florianópolis

*Com Lito, Fernando, Leonardo, Danilo e Fred estabeleci apenas conversas informais durante minhas pesquisas de campo. Não realizei entrevistas em profundidade com esses garotos.

Apesar de eu ter notado (seja nas minhas conversas presenciais em campo, ou nas minhas pesquisas virtuais por sites de agência de *boys*, redes sociais e/ou blogs) que muitos homens migram para outras localidades a fim de trabalhar no mercado do sexo, pouco tem se falado sobre os trânsitos desses sujeitos. Heide Castañeda (2014), que pesquisou garotos de programa que migraram principalmente da Europa Central e do Leste Europeu para a Alemanha, afirma que “homens e garotos no mercado global do sexo são quase completamente ignorados pelas agências de serviços sociais, pelos órgãos administrativos, pela mídia e pela academia” (CASTAÑEDA, 2014, p. 400). A partir das minhas impressões pessoais durante o doutorado e pelas minhas buscas por referências bibliográficas sobre o trabalho sexual exercido por homens, concordo com essa afirmação de Castañeda. Porém, recentemente tenho notado um tímido aumento de visibilidade dos profissionais do sexo na mídia (mesmo que de forma sensacionalista) e a

partir de relatos pessoais dos próprios sujeitos envolvidos com os mercados do sexo, seja em blogs, redes sociais e/ou através de publicações de livros⁷⁰, nos quais também podemos encontrar narrativas de deslocamentos geográficos motivados pelo trabalho sexual.

Uma primeira característica desses deslocamentos que pude observar a partir das narrativas escutadas durante a pesquisa de campo foi a questão de o mercado do sexo mobilizar o trânsito local no interior da própria cidade (da periferia para o centro) ou entre cidades da região metropolitana das capitais. Essas *migrações pendulares* são mais frequentes, haja vista que a distância geográfica percorrida é menor e a mobilidade acaba sendo mais “fácil”. Tais tipos de deslocamentos também foram observados por João Diógenes Ferreira dos Santos (2013), em sua pesquisa sobre as trajetórias de vida de garotos de programa que atuavam na cidade de Salvador (BA). Segundo o pesquisador, todos os garotos com os quais conversou atuavam em saunas localizadas na região central ou na “região da orla” da cidade, mas residiam ou em regiões periféricas da capital baiana, ou nas cidades da região metropolitana.

Jean, que trabalhava em uma sauna de Porto Alegre e residia em São Leopoldo (município localizado na região metropolitana de Porto Alegre), viajava frequentemente para a capital gaúcha para trabalhar como *boy*. Ele me relatou sobre a presença de garotos de diversas localidades nas saunas onde ele costuma frequentar:

Varia, né? Depende do dia. Tem dia que têm muitos, dia que têm poucos. É que aqui nós tamos na capital, Porto Alegre, né. Vem garoto de tudo quanto é lugar! Vem garoto de Sapucaia, vem garoto de Canoas, vem garoto dos morros, vem garotos de Petrópolis. (Jean)

Hulk, que trabalhava em uma sauna de Curitiba e morava em Pinhais (município distante sete quilômetros da capital paranaense),

⁷⁰ Um exemplo de relato autobiográfico foi o livro “#SoyPuto,” de José Carlos Henríquez, lançado em 2016. José Carlos é um trabalhador do sexo chileno, ativista e escritor. Segundo o site *El Desconcerto*, o livro reúne mais de 30 textos que mesclam autobiografia, crônica e opinião sobre os desejos sexuais de homens que pagam por sexo com outros homens. Para mais informações, conferir: <http://www.eldesconcerto.cl/cultura-y-calle/2016/03/31/todo-listo-para-el-lanzamiento-de-soyputo-el-libro-de-relatos-eroticos-de-un-prostituto-chileno/>

também se deslocava quase diariamente para a capital. Segundo ele, o deslocamento era necessário, pois era na sauna onde conseguia a maioria dos seus clientes e porque na região onde morava não era uma localidade frequentada pela sua clientela: “*É que eu moro lá onde os clientes não querem andar, né cara... Em Pinhais que eu moro. Aqui do lado, um distrito daqui*” (Hulk).

Outro elemento que impulsiona os deslocamentos de cidades é o fato de muitos garotos não se sentirem a vontade para atuarem como *boys* na cidade de origem e/ou onde têm familiares. Alguns até atuam na mesma cidade da família, mas a preocupação e o medo de serem descobertos e de sofrerem preconceito por conta de suas atividades fazem com que busquem outros lugares onde possam trabalhar como profissionais do sexo. Ao tentar se desviar das vigilâncias e dos controles (da família, da comunidade, etc.) sobre suas atividades e suas vidas, acabam migrando para outras cidades ou fazendo viagens para locais mais distantes. Isso aconteceu com Jean (que, como já relatado no capítulo anterior, era natural do interior do Rio Grande do Sul, trabalhava em Porto Alegre e conseguiu esconder da família seu trabalho como *boy*), e também com Harry, que era natural de Curitiba, mas residia em São Paulo:

[...] fora São Paulo, a prostituição não aconteceu. Eu não entrei na prostituição antes de vir pra São Paulo. Eu fiz no máximo três programas no Paraná, mas bem escondido, num lugarzinho bem reservado, porque pra mim era complicado lá. Principalmente por causa da minha família. São todos evangélicos. E eles são muito preconceituosos em relação à pessoa que é gay, bissexual, que é emo, que é punk... Todas essas culturas diferentes que essas pessoas seguem (Harry).

Apesar de ser uma capital, Florianópolis traz diversas marcas culturais locais que seriam comuns às territorialidades das cidades pequenas⁷¹. A pessoalidade seria uma dessas características que ainda se

⁷¹ Em 2014 publiquei um artigo na *Revista Bagoas – estudos gays: gênero e sexualidades*, no qual problematizei a questão das experiências da homossexualidade masculina em uma cidade do interior. Para uma discussão mais aprofundada sobre o tema, conferir Santos & Teixeira-Filho (2014).

faz presente na cidade, sobretudo em comunidades mais tradicionais da ilha. Segundo Joseli Silva,

as relações sociais na cidade pequena são marcadas pela pessoalidade que geralmente exerce um controle muito eficaz sobre os membros de sua coletividade [...]. Os usuários obedecem às regras sem necessariamente dar-se conta disso, pois o padrão está internalizado e, para obter o reconhecimento da coletividade e aproveitar-se das relações sociais profundamente marcadas pela pessoalidade, não se deve transgredir as regras culturais, "não se pode causar falatório na cidade" [...]. Em qualquer ponto comercial ou repartição pública em que se esteja, "se sabe com quem está falando". As práticas que se desenrolam são entre pessoas, e não entre indivíduos, que são sempre identificadas com particularidades, reconhecidas e localizadas social e espacialmente. (SILVA, 2000, p. 25, 27 e 28).

A questão da pessoalidade também foi sentida por Thor. Ele já tinha tido experiências em diferentes cidades brasileiras e também em outros países, era natural do interior do Rio Grande do Sul e, na época em que eu o entrevistei, residia em Porto Alegre. Porém, durante um tempo de sua vida morou em Florianópolis, onde conheceu uma mulher com quem foi morar junto. Na capital catarinense não se sentia a vontade para trabalhar como *boy* por achar "que todo mundo se conhecia" na ilha e por medo que os familiares de sua companheira descobrissem sua atuação. Apesar de restringir sua atuação enquanto estava em Florianópolis, não deixou de exercer suas atividades como garoto de programa:

[...] em Floripa eu nunca me prostituí... Eu só morei, nunca me prostituí. E era uma cidade que eu morava, e era pequena, todo mundo se conhecia. O pessoal da ilha, todo mundo se conhece. Eu já tinha meu [*fala sobre o outro trabalho que desenvolvia na ilha*] e não precisava né, cara? E o pessoal não sabia que eu fazia pra fora... "*Trabalhava com evento, com turismo*". As pessoas achavam que eu trabalhava com evento, turismo... Nunca imaginavam que eu me prostituí

internacionalmente. Eu era um prostituo internacional [*risos*]. Ninguém sabia disso! (Thor)

Outra característica desses deslocamentos é que, apesar de muitos terem viajado para diversas localidades, nem todos pareciam fazer dessas viagens uma experiência definitiva⁷². Alguns iam para outras cidades para viajar e passear e aproveitavam a estadia para ganhar dinheiro nas saunas locais; outros viajavam como acompanhantes (*escorts*) de clientes e ficavam fora apenas algumas semanas; outros iam porque consideravam uma boa oportunidade para conhecer diferentes países e/ou regiões do Brasil; e outros viajavam com o propósito determinado de trabalhar como *boy* em outra cidade, ganhar um dinheiro extra por ser um garoto diferente na localidade e fazer uma nova rede de clientela e contatos. Mike, de Curitiba, por exemplo, contou-me que às vezes viajava para o Rio de Janeiro quando estava de férias da faculdade e aproveitava para fazer programas nas saunas de lá para ajudar nos custos da viagem:

Mike: Eu só fui [*pro Rio de Janeiro*] pra ficar um mês, um mês e meio. E fiquei lá e fiz programa lá.

Daniel: E você acha que lá funcionava diferente, ou o esquema era parecido?

Mike: Ah... é tudo parecido! Não muda não.

Daniel: E quando você foi, você já tinha a proposta de ficar um mês, ou você foi...

Mike: Não, eu já tinha a proposta de voltar... Eu fui justamente pra passar férias. E como eu estudo aqui, não tem como largar a faculdade e ir embora pra outro lugar. E como eu queria passar as férias e eu precisava de dinheiro pra gastar lá, pra ficar lá de boa... Ai já sabia como que funcionava a sauna e tal. Ai fui lá e fiquei fazendo programa durante um mês. E voltei outras vezes. Sempre que eu to no Rio eu vou na sauna e faço programa como se eu tivesse em Curitiba.

⁷² Alguns dos interlocutores falaram sobre suas mudanças de cidades do interior para alguma capital, mas nesses casos a mudança geralmente não era motivada pelo trabalho sexual, mas pelo desejo de viver em uma cidade maior, de conseguir um emprego ou ter uma qualidade de vida melhor. O trabalho sexual, nesses contextos, passou a ser exercido *após* a chegada desses sujeitos nas cidades grandes/capitais.

Durante essas viagens curtas, muitos costumam frequentar as saunas locais, como fazem nas cidades onde residem, e/ou também anunciam seus trabalhos e divulgam a chegada às novas cidades em blogs, sites de classificados, salas virtuais de bate-papo ou aplicativos de celular (como *Hornet*, *Grindr*, etc.). A circulação dos garotos entre cidades e estados diferentes me pareceu outra característica marcante nos trânsitos dos garotos. Nas conversas informais que tive nas saunas, vários garotos me relataram experiências de viagens que eram atravessadas pelo interesse de trabalhar como *boys* em outras localidades. Esse tempo viajando e trabalhando como profissionais do sexo em diferentes cidades costuma ser chamado de *temporada*. Tal expressão era muito usada tanto nas conversas que tive nas saunas, como também nos anúncios virtuais veiculados nas redes sociais que tive acesso. No ambiente virtual, é frequente encontrarmos classificados com dizeres como: “*Gaúcho em Florianópolis, curta temporada*”; “*Garoto do sul em temporada em São Paulo*”, etc.

A *sazonalidade* é outro fator que parece impulsionar os trânsitos e as temporadas. Cidades como Florianópolis, que não é uma capital muito grande, mas que durante o verão recebe bastante turistas (e possíveis clientes), era considerada pelos garotos como um destino/local atrativo entre os meses de dezembro, janeiro e fevereiro. Fora dessa época, muitos acabam se deslocando para outras capitais, pois consideram que a cidade fica “morta”, ou seja, sem muita demanda pelos serviços sexuais. A partir das minhas observações virtuais (pela internet e/ou por aplicativos de celular) e também através de conversas informais pela sauna da capital catarinense, percebi o aumento de *boys* na cidade durante o verão. Mantive contato por um tempo maior com dois garotos que trabalhavam na sauna de Florianópolis e que se mudaram da cidade quando notaram a queda da clientela na baixa temporada. Um deles foi para Porto Alegre e lá conseguiu um emprego formal, e o outro para os Estados Unidos, onde atuou como garoto de programa por um tempo, posteriormente voltou para o Brasil, para a cidade do Rio de Janeiro, e continuou atuando como *boy* nas saunas desta cidade.

Curitiba e Porto Alegre aparentemente eram cidades percebidas com um fluxo mediano de clientes. Alguns também consideravam tais cidades “mortas” e com baixa clientela, mas outros diziam que era possível manter um número razoável de clientes, de modo que pudessem manter-se financeiramente nessas localidades. Das quatro capitais por

onde circulei, São Paulo era considerada, pela maioria, como a melhor opção em termos de retorno financeiro. Muitos afirmavam que na cidade paulista os clientes pagavam mais, pois tinham melhores condições econômicas. Também ouvi relatos de que na cidade não havia o problema da sazonalidade, de modo que a demanda pelos serviços sexuais era contínua e a renda mensal poderia ser mais estável. Roger, garoto com quem conversei em uma sauna de São Paulo, falou sobre esse ponto:

Ah, São Paulo é a terra do dinheiro. Você consegue vir e fazer uns 200, 300 reais por dia. Tem dia que você pode vir e pegar um cliente, fazer uns mil, 500... Tem um cliente que vem aqui e me dá dois mil. E não saio com ele. Só pra ficar bebendo com ele. São clientes que podem, né? [...] Aqui todo dia tem cliente novo. Todo dia. Tem muitas pessoas que vem a trabalho pra São Paulo e da uma passadinha aqui (Roger).

Hulk, que na época da pesquisa trabalhava em Curitiba, mas já tinha tido experiências em várias cidades brasileiras e também em outros países, também pontuou os benefícios de trabalhar como *boy* em São Paulo:

Hulk: Morei em São Paulo. Eu comecei a fazer programa, depois conheci a galera toda e fui pra São Paulo. Morei a maior parte da minha vida, eu morei lá.

Daniel: Em São Paulo... Bom, no Brasil você passou por várias cidades né? Rio, São Paulo, Curitiba... E você acha que tem diferença nessas cidades pra trabalhar como garoto?

Hulk: Tem! São Paulo é top! [...] Tem mais cliente! Você ganha mais, você tem mais oportunidade. Você tem a oportunidade de encontrar um cliente que vai te bancar. Vai te dar carro, vai te dar casa... Já Rio e Curitiba não! Já é mais sossegado. Você vem na sauna, o cliente vai na sauna. Torna-se até o seu cliente, volta a sair com você, mas nada além disso. Entendeu como é que é? (Hulk)

Por outro lado, alguns garotos de regiões do sul do país diziam que em São Paulo a concorrência era muito maior, que o mercado era mais disputado, que havia menos “camaradagem” entres os próprios garotos e que o custo de vida na cidade era muito alto. No relato de Jorge é possível perceber algumas questões sobre as diferenças de cidades:

Daniel: E lá [*São Paulo*] você acha que é melhor pra trabalhar? O que você achou?

Jorge: Bem melhor!

Daniel: Porque tem mais cliente? Como que é?

Jorge: É melhor em termos de...é tem bastante cliente! É dobrado o número de boy... Tem muito mais boy do que cliente, na real.

Daniel: Isso em São Paulo?

Jorge: Em São Paulo... Só que a concorrência é enorme. Enorme... São diversos boys, todos são bombados de corpo, magros, coroas... Então é muito louco, mas dá pra trabalhar legal!

Daniel: E por que você pretende voltar? Você acha que lá acaba sendo melhor?

Jorge: Lá dá mais movimento em termos de cliente, grana... Lá da mais do que aqui. Aqui é muito fraco. Porto Alegre pra programa é muito fraco. Caiu. São Paulo gira muito dinheiro!

Daniel: Por que você acha que em São Paulo gira mais?

Jorge: Turista... tem mais cliente. É uma cidade que tem vida. Muito grande São Paulo. Tem vida. Aqui é morto. Lá tem vida. O cliente tá a fim de transar ele vai procurar um garoto. “*ah, tu quer quanto*”. “*Tanto...*”. Eles te pagam! Aqui eles choram pra pagar 100 pila, entendeu? 100 pila eles choram, querem pagar 50. Em São Paulo, não! É 100, é 100, 150... Depende do cliente. Depende do lugar onde tu vai...

Daniel: E no Rio... você teve alguma experiência?

Jorge: Experiência no Rio eu não tenho.

Daniel: Mas você já ouviu falar de alguém que foi pra lá? Sabe como que funciona o esquema lá?

Jorge: Sim... o Rio é muito concorrido... O boy... na sauna no Rio é selecionado, não entra qualquer um. Se não for um boy bacana, malhado...

diferente daqui, Porto Alegre. São Paulo, Recife... No Rio, não. Pode até entrar ali, na sauna, e não ter um corpo malhado, legal... Mas tu vai entrar lá e tu vai se sentir mal. Porque os caras são tudo malhado. Mais aquela coisa de praia e tal. Uma cidade turística...

São Paulo é onde tudo gira, né? O forte mesmo é São Paulo. Pra trabalhar não tem outra cidade.

Durante minha circulação pelas três capitais do sul (Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba) e pela capital paulista (São Paulo), percebi que muitos dos garotos que trabalhavam nessas cidades eram naturais de um desses quatro estados. Nessas cidades, não cheguei a conversar com nenhum garoto que não fosse natural de algum estado do sul ou do sudeste do Brasil. Essa aparente ausência de garotos de outras regiões pode sugerir pistas sobre alguns roteiros de deslocamentos e migrações internas dos homens brasileiros profissionais do sexo. Ainda que não seja possível tirar conclusões precipitadas e/ou generalizantes sobre as trajetórias de deslocamentos dos garotos (haja vista a limitação do meu campo de pesquisa), não pude desconsiderar a predominância, entre meus interlocutores, de garotos do sul e do sudeste que permanecem nas suas regiões, bem como a baixa presença de garotos de outras regiões do país. É possível que a demarcação desses trânsitos possa estar relacionada à distância geográfica (no eixo norte-sul); à falta de necessidade de procurar outros territórios de prostituição para além daqueles mais próximos de onde os garotos têm residência fixa; às diferenças culturais e regionais que podem demarcar hierarquias dentro dos territórios e circuitos de prostituição; entre outros fatores.

Quanto ao aspecto das diferenças culturais e regionais, alguns garotos me relataram histórias que exemplificam como o local de origem também era um elemento que perpassava tanto a organização dos códigos-territórios das saunas e das redes, como a própria possibilidade de se deslocar pelo país.

Daniel: E nesse tempo todo que você trabalhou como garoto, você disse que conheceu muita gente, né? E como que você acha que é a relação entre os garotos? É tranquilo, tem brigas...?

Thor: Depende, depende. Depende se tá aqui (*Porto Alegre*). Em São Paulo a relação de garotos é diferente. Lá reúne todo o país. Sabe que o pessoal do sul, de Curitiba, Floripa, Paraná, o

peessoal é mais unido do que lá pra cima. O pessoal é mais unido...

Daniel: Por que você acha que é?

Thor: Não sei, mas são mais unidos. Quando chega: “*Ah eu sou sulista...*”. “*Eu também, chega ai...*”. Às vezes o guri chega, tá meio perdido, não sabe aonde ir, aonde não ir, a galera geralmente ajuda.

Daniel: Pessoal aqui é mais unido então?

Thor: Pessoal aqui do sul é mais unido! Aqui pra baixo é mais unido... Lá pra cima o pessoal já é mais encrenqueiro, se chegar pessoal de fora, eles já não são assim mais unidos. O pessoal, se você chega lá, o pessoal já te intimida, já quer te botar pra fora dos lugares, entendeu? Pode ser com o pessoal da terra deles mesmos, tu chegar e não querem saber: “*aqui tu não vai ficar, aqui nessa sauna tu não vai trabalhar...*”. Então é assim [...] Tem uma comunidade. Do Paraná pra baixo eles são mais unidos. Tenho vários amigos aqui do sul. Teve uma época que tinha uma turma que era só nós do sul. Então a gente alugou uma pensão só pra nós. Toda a pensão era nossa...

Daniel: E todos vocês moravam lá?

Thor: A gente alugou a pensão! A casa toda só pra nós. Então não rolava treta e era um pessoal mais do sul que a gente botava. Era a gente botar uma pessoa de fora, não adianta, era treta. Era briga... não tinha muita união. E tem muito disso às vezes. Inveja, preconceito...

Frank, que teve experiências em cidades da região sul, em São Paulo, no Rio de Janeiro e em Salvador, também expressou sua percepção sobre essas demarcações e disputas territoriais que são definidas pelo local de origem do *boy*. Em sua passagem por uma sauna de Salvador (BA), para onde viajou para atender um cliente estrangeiro que já conhecia previamente, relatou um atrito com os garotos locais:

Frank: Cheguei na sauna em Salvador. Cheguei lá, os clientes olham, mesmo eu indo com cliente, os outros clientes vão olhar: “*ah, é um boy diferente dos outros. É novidade*”. Ai o que acontece? Até vieram conversar comigo... Mas em

questão de respeito pelo cliente que tava junto, entendeu, não aconteceu nada. Mas troquei telefone, tudo... E aí o que que aconteceu? “*Pô... o que que esse boy gaúcho ta fazendo aqui?*”...

Daniel: Os outros boys falaram?

Frank: Isso... “*O que que essa porra do caralho ta fazendo aqui?*”... não sei o que...

Daniel: Isso em Salvador?

Frank: Em Salvador... Então ficou um clima chato. Ali é tipo um cartelzinho deles fechado. “*Aqui é só nós e mais ninguém*”. Tem esse tipo de coisa...

Daniel: Aqui tem esse tipo de coisa também? Nessa sauna? [*referindo-me à sauna de Porto Alegre*]

Frank: Não! Aqui é tranquilo. Não, aqui até porque é sempre as mesmas pessoas que vêm. É um lugar pequeno, reservado... E o que que acontece? O pessoal já orienta, né? Às vezes acontece de chegar um estressadinho. “*ah, que aquilo, não sei o que...eu vou mandar...*”. E aí: “*Não! Não é por aí que funciona o negócio, entendeu?!*”. Existe aqui toda uma equipe, um grupo, sabe? Até a questão de valores... tem que manter um valor x. Aí tem um que quer abaixar um pouco, aí fica complicado. Aí dá stress... [...] tem que ter cabeça né? O pessoal que se conhece mais se respeita, tem cabeça, orienta: “*olha, não faz isso...*”. Mas assim... eu venho aqui eventualmente, né. Quando eu vinha com mais frequência, não tinha atrito assim, briga...

Os relatos de Thor e Frank sugerem que a construção das redes de apoio e de amizade que atravessam as dinâmicas e os códigos territoriais também pode ser marcada pelos elementos da regionalidade e do local de origem dos garotos. Essas marcações identitárias que denunciam a região de onde o garoto vem podem contribuir com a possibilidade de acolhimento nas redes locais; ou com as *rixas* por disputas de territórios (especialmente quando o garoto chega à nova localidade como um desconhecido, sem a mediação ou indicação de terceiros). No caso relatado por Thor, a solidariedade entre o “pessoal do sul” se materializou na formação de uma pensão que abrigava os sujeitos que buscavam abrigo e residência na capital. Porém, a presença

de *boys* de outras regiões era motivo para “tretas”. Na percepção de Thor, essas *tretas* decorriam da ideia de que “*lá pra cima o pessoal já é mais encrunqueiro*”, como se os garotos de outras regiões fossem “naturalmente mais violentos” e os da mesma região que ele não expressassem relações territorialistas violentas e/ou hostis. Parece-me que esses tipos de conflitos acabam ocorrendo justamente pela percepção de que a sociabilidade com os semelhantes (em termos regionais e culturais) seria mais harmoniosa e amigável do que com os “de fora”.

No caso de Frank, que experienciou ser o “boy de fora” em uma sauna de Salvador, percebe-se que a demarcação de um sujeito como “invasor do território” era atravessada pelo local de origem do *boy*: “*o que esse boy gaúcho ta fazendo aqui? O que essa porra do caralho ta fazendo aqui?*”. O fato de Frank ser um *boy gaúcho* parece ter criado um sentimento de animosidade entre os garotos locais, o que reforça a ideia de que o local de origem pode facilitar ou dificultar as sociabilidades entre os garotos nos contextos da prostituição. Como durante minha pesquisa apenas estabeleci contatos com garotos do sul do país e de São Paulo, não pude escutar sobre as percepções de *boys* de outras regiões acerca das diferenças regionais e culturais que perpassam as organizações dos territórios e das redes nas quais estão inseridos. No entanto, suspeito que as tretas e as rixas, bem como o sentimento de comunidade, não estão isentas de uma espécie de identificação territorialista. É como se, ao identificar um *boy* de origem semelhante (seja do mesmo bairro, cidade, estado ou região) pudessem ser estabelecidas potenciais relações de afinidades, parcerias e solidariedades; por outro lado, se o *boy* vem “de fora”, é como se ele estivesse invadindo o território, o “*cartelzinho fechado*”, como disse Frank. Ainda que eu tivesse ouvido vários relatos sobre a camaradagem dos *boys* do sul (seja entre eles mesmos ou entre garotos que vêm de outras regiões), essa relação de hostilidade direcionada aos “de fora” também pode se estabelecer entre os “semelhantes”, apesar dos relatos de uma suposta harmonia. Jorge, de Porto Alegre, por exemplo, destacou que a concorrência pode estabelecer uma relação de competição no território, mesmo entre aqueles da mesma cidade/região: “[...] *aqui é uma concorrência. Os caras... rola traiagem... Se puderem roubar teu cliente eles roubam*”. De modo semelhante às “solidariedades locais”, a relação de camaradagem também pode se estabelecer entre *boys* que venham de diferentes regiões do país.

Destaco aqui essas relações territorialistas marcadas por diferenças regionais e culturais, pois essas dinâmicas parecem ser um

elemento importante na canalização dos fluxos de deslocamentos dos *boys*. A percepção de que se possa ser melhor acolhido em alguns territórios, ou, contrariamente, hostilizado e ameaçado em outros, pode ser uma questão que determine as escolhas de destinos dos garotos. O acolhimento e/ou a dificuldade de inserção nos circuitos de sociabilidades dos mercados do sexo também são pontos relevantes na decisão de sair do país para trabalhar como *boy*. Em relação aos deslocamentos dentro do próprio país, a predominância de garotos do sul nas cidades por onde circulei sugere que esses sujeitos optam por trânsitos mais circulares dentro da sua região de origem.

Entre os relatos escutados, notei a predominância de trânsitos “circulares”, ou seja, modalidades de deslocamentos por diversas localidades geográficas que acabavam sempre retornando para o “ponto de partida” ou para o local onde o sujeito se “sente residente” (que não necessariamente coincide com o local de origem). Ainda que fosse comum perceber que os garotos voltassem para a cidade onde se sentiam residentes, muitos tinham, ou já tinham tido, pelo menos em algum período de suas trajetórias, um modo de vida “nômade”, a partir do qual se deslocavam de cidade em cidade, experimentando novos territórios, saunas e clientela. Foi frequente escutar que os trânsitos circulares eram motivados pela demanda dos clientes locais por “*carne nova no pedaço*”. Um *boy* que fica muito tempo no mesmo lugar, se não tiver uma clientela fixa, teria os serviços cada vez menos solicitados, pois os clientes “enjoariam” do “mesmo garoto de sempre”. Essa dinâmica do mercado do sexo, que atribui ao sexo o valor de um mero objeto descartável e de um produto rapidamente consumível e cambiável, impõe a necessidade de deslocamentos territoriais para que os garotos possam continuar com um fluxo estável de clientes e de rendimentos econômicos. Rick, de Curitiba, explica essa questão:

[...] Porque a gente circula, né? A gente não fica... A gente fica um tempo aqui, depois um tempo em outro lugar. Sempre ta mudando de cidade. Porque se fica um tempo aqui, por exemplo, tu fica uns seis meses aqui você já fica uma carne velha, né? Você tem que ir pra um lugar onde ninguém te conhece. A gente fica fazendo um rodízio. A verdade é essa. (Rick)

A ideia do “rodízio” (esse tipo de circulação temporária por diferentes cidades) torna-se frequente, portanto, devido à própria

dinamicidade do mercado do sexo e à demanda por “novos corpos no território”. Essa dinâmica sugere uma objetificação do corpo do trabalhador sexual que está costumeiramente exposto a um valor mercadológico de uso e troca. Tão logo um novo produto-corpo aparece na área, cria-se a necessidade de consumo desse corpo-objeto, que pode ser fetichizado, por alguns clientes, justamente por seu “ineditismo local”. Os *boys* compreendem muito bem essa lógica e se engatam nos parâmetros dessa dinâmica para conseguirem ampliar a clientela, como fica explícito no relato anterior de Rick. Os rodízios de cidades que constituem as temporadas podem ser bancados de forma independente, quando os garotos pagam pela própria viagem e não acionam nenhum intermediário para os deslocamentos; podem ser financiados por clientes que já conhecem previamente, como se verá mais adiante; e podem também ser patrocinados por donos de saunas que, ao viajarem para cidades diferentes, escolhem os garotos que acham “interessantes” e propõem para que esses *boys* viajem para trabalhar nos seus estabelecimentos.

Durante uma visita à sauna de Florianópolis, tive uma longa conversa com Lucas, um funcionário local que me contou sobre o funcionamento desse tipo de negociação e de intercâmbio entre gerentes/donos de saunas e *boys*. Lucas, que atuava como *barman* e como recepcionista na sauna, tinha bastante conhecimento sobre o cotidiano dos *boys*, o funcionamento das saunas e as dinâmicas do mercado do sexo. Disse-me que o então dono desta “sauna de *boys*” era também o dono de uma conhecida casa noturna GLS da cidade, que sempre contava com a presença de *go-go-boys*⁷³. Isso provavelmente facilitava o intercâmbio entre os dois estabelecimentos, de modo que era frequente notar a presença dos mesmos garotos, tanto na sauna (atuando como *boys*), como na boate (atuando como *go-go-boys*), como também pude observar pessoalmente em ambos espaços. Além da facilitação para que os *boys* circulassem entre sauna e boate, o funcionário também relatou sobre a constante prática de estarem sempre circulando entre cidades diferentes, fato este que era motivado pela demanda dos clientes por “corpos inéditos”. Assim como Rick, Lucas também comentou sobre a questão de o *boy* ficar muito tempo no mesmo lugar: “*O cliente não vai querer gozar três vezes com o mesmo boy, então ele tem que sair, tem que circular para conseguir mais clientes*”.

⁷³ Essa casa noturna era a única na cidade que tinha como atração artística performances de *go-go-boys* e de *drag-queens*. Atualmente esse estabelecimento não está mais em funcionamento.

Lucas também mencionou outra questão interessante que diz respeito ao papel dos donos/gerentes/sócios de saunas na circulação dos *boys*. Trata-se da prática de “achar” garotos em outras cidades e patrociná-los. Os donos das saunas e/ou as pessoas envolvidas nesse esquema viajam para outros lugares para conhecer novos garotos de programa, escolhem aqueles que mais lhes agradam, divulgam suas saunas e estabelecem uma espécie de rede com esses “novos boys”. O critério dessa seleção está relacionado aos atributos físicos (corpo, “dote”, aparência, etc.); às características pessoais (simpatia, “ser bom de papo”, etc.); e também à troca de “favores sexuais”, quando o garoto concorda em ter relações sexuais com o representante da sauna em troca de receber algum tipo de apoio financeiro para custear parte das despesas das temporadas. Segundo Lucas, é muito comum que os donos das saunas acabem “saindo” com os garotos com quem fazem esse tipo de contato de patrocínio. Essas práticas vão funcionando como uma forma de estabelecer uma rede que é muito importante para os *boys* que precisam estar frequentemente fazendo os rodízios. O contato com esses donos de saunas garantiria, nas cidades por onde circulam, um local para poder trabalhar (e, conseqüentemente, a proteção do espaço físico para suas atuações), e também a possibilidade de indicação do trabalho do *boy* para os clientes locais da cidade, com os quais os donos das saunas manteriam uma relação de maior proximidade.

Esse tipo de “patrocínio de gerentes” não foi relatado por todos os meus interlocutores, mas notei que essa também é uma modalidade disponível para se inserir nos fluxos de deslocamentos motivados pelo trabalho sexual, tanto entre garotos que atuam nas saunas, como entre aqueles que atendem em eventos mais “privativos”, como “clubes de sexo” e/ou “festas particulares”. Thor, que trabalhava em uma sauna de Porto Alegre, relatou já ter tido a experiência do ser patrocinado para passar uma temporada em São Paulo, de forma semelhante ao esquema relatado por Lucas:

Thor: [...] o primeiro lugar que eu fui foi pra São Paulo. Ai o dono da sauna de São Paulo me levou pra lá. Me pagou hospedagem, deixou hotel pago.

Daniel: Foi o dono daqui?

Thor: Não foi o dono da sauna *x*, em São Paulo... Uma das maiores saunas da América Latina. Ele falou “*vai trabalhar lá, eu tenho tudo, pago pra ti*”. Ai eu fui! Eu fui, né meu! [...] Ai começou a

proposta pra fora. Aí comecei pro Rio... Ia pra São Paulo e Rio, Rio e São Paulo.

Por mais que essa lógica que atribui valores ao corpo a partir do critério da “novidade local” aparentemente empurre os *boys* para um fluxo de circulação territorial que garanta uma melhor renda, penso que não se trata, nesses casos, de uma migração forçada⁷⁴. Das narrativas que escutei sobre os deslocamentos motivados pelo trabalho sexual, não percebi posicionamentos de sujeitos em situações de vulnerabilidade econômica ou social que indicassem que mudar-se de cidade ou país fosse a única alternativa para a garantia de suas subsistências. Os trânsitos pareciam ser vistos como mais um dos modos disponíveis para se inserirem no mercado do sexo e como uma opção viável dentro de um espectro de agência e escolha dos sujeitos.

Nesse sentido, os contextos com os quais tive contato (a saber, os contextos de sujeitos que focam suas atuações nas saunas) certamente se diferenciam da realidade de outros grupos de homens que podem se encontrar em situações muito diversas. Segundo a pesquisa já citada de Castañeda (2014), por exemplo, muitos garotos do Leste Europeu migram para a Alemanha para fugir das condições de pobreza, enviar recursos para suas famílias, começar a construir suas casas nos seus países de origem e juntar um pouco de dinheiro. Na Alemanha, acabam se deparando com situações adversas, como a língua diferente, dificuldades para conseguir emprego, a falta de qualificações profissionais, isolamento social, condições precárias de habitação, etc. No contexto analisado por Castañeda, ser migrante se constituía como uma marca de vulnerabilidade de muitos garotos trabalhadores sexuais. No Brasil, um correlato dessas situações de maior vulnerabilidade talvez possa ser encontrado entre garotos que oferecem serviços sexuais em condições mais precárias de trabalho, como aqueles que trabalham apenas nas ruas, ou entre garotos que não conseguem se inserir em redes e territórios mais seguros de atuação, como no caso de Leonardo, citado no capítulo anterior. A pesquisa de Vera Paiva e Maria Antunes (2013)

⁷⁴ Segundo a Organização Internacional para as Migrações (OIM), a *migração forçada* é um “movimento migratório no qual existe um elemento de coerção, incluindo ameaças à vida e aos meios de sobrevivência, seja decorrentes de causas naturais ou provocadas pelo homem (por exemplo, movimentos de refugiados e pessoas deslocadas internamente, bem como pessoas deslocadas por desastres naturais ou ambientais, desastres químicos ou nucleares, fome, ou projetos de desenvolvimento) (IOM, 2011).

mostrou que diferenças territoriais dentro da mesma cidade (em São Paulo, no caso estudado pelas pesquisadoras) podem indicar diferentes níveis de vulnerabilidade ao HIV, sugerindo que as condições de trabalho e o acesso à saúde também variam de acordo com as redes sociométricas e com os territórios pelos quais os garotos de programa circulam e se inserem.

Não pretendo afirmar que essas experiências de deslocamentos sejam a regra ou a condição de trabalho entre todos os homens envolvidos com o mercado do sexo. Alguns acabam se mudando do local de origem (cidade, estado ou país), construindo uma nova vida em outros lugares e permanecendo nesses destinos de forma mais definitiva. Na época em que entrevistei Roger, por exemplo, ele morava em São Paulo, mas era natural de Curitiba. Quando começou a trabalhar como garoto de programa, dividia o mês entre sua cidade natal e São Paulo. Teve algumas experiências fazendo curtas temporadas em cidades como Rio de Janeiro, Recife e Salvador. Com o passar do tempo, foi definindo um roteiro no eixo Curitiba – São Paulo e, aos poucos, acabou se instalando na capital paulista, onde se sentia residente. Os deslocamentos passaram a diminuir de frequência na medida em que ia se territorializando na cidade na qual percebeu haver maior demanda pelos seus serviços e melhores oportunidades de retorno financeiro:

Roger: Quando eu vim, eu já trabalhava como garoto em Curitiba. Comecei em Curitiba, não comecei aqui em São Paulo [...] Já vim como garoto, porque eu já conhecia São Paulo [...] No começo, quando eu comecei a vir, eu ficava uma semana aqui e uma semana em Curitiba. Morando em hotel [...] Já trabalhei em Recife, no Rio, Salvador [...] [*nessas cidades*] só fiquei um tempo só. Uma semana, duas semanas.

Daniel: E você acha que tem diferenças entre essas cidades pra trabalhar como garoto?

Roger: Claro que tem! São Paulo é a melhor. Por isso que todos os boys das outras cidades vêm pra cá...

Daniel: São Paulo... e no Rio?

Roger: Rio de Janeiro é temporada!

Daniel: Mais no verão?

Roger: É! No carnaval...

Daniel: E temporada vale a pena?

Roger: Não, não vale a pena, porque é muito garoto. É muito! Ai vai todo mundo pra lá. Ai chega na sauna tem 150 boys! Ai complica! Tem muito cliente também que não gosta de casa cheia, ai vem pra cá em vez de ir pro Rio. Os daqui vão tudo pra lá, ai fica melhor pra cá.

Daniel: E quando você veio pra São Paulo, você tinha quantos anos?

Roger: 18. Ficava um pouco e voltava pra Curitiba. Ai comecei a ficar um mês aqui e ficava 10 dias lá. Ai eu fiquei 3 anos direto aqui e não voltei mais. Daí agora eu vou com mais frequência pra lá. Uma vez por ano, duas vezes por ano.

Daniel: E quando você vai, você trabalha na sauna de lá também?

Roger: Trabalho.

Daniel: E tem alguma diferença no jeito que funciona a sauna lá e aqui? A relação dos garotos, dos clientes...?

Roger: A mesma coisa! Putaria é a mesma coisa em todo lugar!

Alguns *boys* como Roger, que estabelecem uma rede fixa de clientes ou que decidem atuar em uma única cidade, acabam precisando viajar menos, pois conseguem manter-se apenas com a clientela constituída no local onde residem. Notei que os garotos valorizam essas redes fixas, tratando esses clientes com mais atenção, dando-lhes prioridades e “pequenos privilégios”⁷⁵ e, em alguns casos, até desenvolvendo uma relação mais afetiva e de confiança, que se constrói devido à constância dos encontros. Percebi que a consolidação de uma rede de clientes fixos acaba se tornando uma estratégia para se sentirem mais seguros economicamente, para não precisarem se deslocar tanto entre diferentes cidades, e até mesmo como uma forma de se sentirem menos “objetificados” e “descartáveis” diante da lógica do consumo sexual que torna todas as relações entre boys e clientes muito impessoais. Ainda que todos os *boys* costumem dizer que mantêm certo distanciamento profissional entre si e os clientes, essas relações não estão isentas de afetos e emoções, especialmente entre os clientes considerados fixos, com os quais os garotos costumam dizer que

⁷⁵ Retornarei a essa questão dos “pequenos privilégios” no final deste capítulo.

exercem a função de *escorts* ou acompanhantes, como se verá mais adiante.

A falta de necessidade de ficar se deslocando e, ainda assim, garantir a renda mensal desejada (apesar da demanda de mercado por novos corpos e da competitividade entre os *boys*), acaba tornando a vida mais cômoda e mais estável. Muitos parecem gostar quando alcançam esse *status* e essa segurança econômica. Quando conseguem criar e sustentar essas redes de clientes, os fluxos dos deslocamentos tornam-se mais escassos, como se pode perceber tanto no relato anterior de Roger, como na fala de Rick:

Rick: É. Então. Ai o que eu faço? Na verdade eu viajava mais antes... Então minha rota era São Paulo, Rio e Curitiba. E fui uma vez pra Belo Horizonte. Fui atender um casal lá, conheci a sauna, mas não gostei de lá. Então a minha rota hoje, quando eu vou fazer um rodízio, eu sempre vou pra São Paulo e venho pra cá. Que é porque eu ainda mantenho contato com o cara, e o cara me dá uma força e tal, e daí eu *não preciso fazer muita correria, se deslocando muito pros outros estados entendeu?* É aqui [Curitiba], em São Paulo e mais o cara lá... o cara que eu saia [em São Paulo] e já é suficiente. Eu não preciso ficar correndo.

Além daqueles que chegaram a se engatar em deslocamentos geográficos, mas foram diminuindo a frequência desses trânsitos, também ouvi relatos de garotos que não se interessavam em iniciar esse processo mais nômade que muitas vezes atravessa a lógica do mercado do sexo. Em relação à falta de necessidade ou de interesse por procurar outras regiões para trabalhar como *boys*, percebi que o fato de estarem satisfeitos com o retorno financeiro e com a estabilidade na cidade atual era uns dos motivos para não desejarem se deslocar, apesar das ofertas, sempre presentes, para que viajassem. Justin, de Curitiba, relatou sua experiência quanto a essa questão. Apesar de já ter viajado como acompanhante para outras cidades (Brasília e Fernando de Noronha) e de também planejar ir para Buenos Aires (Argentina), não tinha projetos de mudar de cidade permanentemente ou de passar longas temporadas em outros lugares:

Justin: [...] Eu já fui pra São Paulo, uma vez, só que eu fiquei lá dois dias, não gostei e voltei pra cá. Porque aqui eu não pago aluguel, não pago nada, tenho minha casa, tenho meu carro, minha moto. E não há necessidade. Aqui eu ganho bem. Que nem, ontem eu ganhei 600 conto. Por que que eu vou sair daqui? Pra ir lá, em outra cidade que eu não conheço ninguém, pagar 200 reais de hotel, de alimentação... Então não há necessidade, não vale à pena.

Daniel: Então você nunca foi pra outra cidade pra trabalhar como garoto?

Justin: Fui! Fui pra São Paulo, mas só fiquei dois dias. Já viajei com cliente [...] Pretendo morar aqui. Só que nem eu faço, de ficar uns 3, 4 dias. Mas ir de ficar um mês fora, assim, não tenho interesse. Só se for bancado por alguém. Mas se for por minha conta, não. Não há necessidade. Por enquanto não há necessidade.

Nick, de Porto Alegre, também expressou seu desinteresse em aceitar propostas para passar temporadas fora da sua cidade:

Daniel: E você já recebeu alguma proposta de algum cliente de ir pra fora, pra outra cidade?

Nick: É... até agora tem um me chamando no *whatsapp*, me incomodando pra ir pro Rio de Janeiro com ele. Passar 4 dias lá, se eu gostar eu vou pra lá e fico mais. Mas eu não quero, eu tenho namorada aqui, filho e tudo.

Daniel: Mas você recebe muitas propostas, ou foi só essa?

Nick: Recebo! Teve outro também que era lá em Guaíba... Só que ai era pertinho. Ele tem um bar e tal e ele queria que eu trabalhasse junto com ele. Ele ia me pagar bem: 3 mil. Não é o que eu recebo aqui. Aqui eu recebo uns 4 mil e pouco. Tipo, não rola. Não queria largar esse emprego...

De acordo com as histórias escutadas, alguns garotos não se interessavam em se deslocar para outras cidades ou países; outros viviam esse estado de nomadismo mais intensamente; e outros tiveram momentos em suas vidas nos quais estavam mais engajados nesses

trânsitos, mas foram aos poucos diminuindo a frequência dessas viagens. Ainda que possamos encontrar narrativas diferentes sobre essas experiências migratórias, percebi que a possibilidade de se deslocar por diferentes territórios, redes e fronteiras era algo muito presente no horizonte de trabalho de quase todos os interlocutores. Seja rejeitando ou aderindo a essa lógica, os garotos sabiam que essa era uma alternativa disponível para se inserirem no mercado do sexo e tinham consciência dos benefícios e dificuldades desse modo de vida que pressupõe uma disponibilidade para viajar com certa frequência, ou seja, uma abertura a um tipo de “nomadismo”. Até aqui, foquei nos deslocamentos dentro do próprio país. No entanto, esses trânsitos motivados pelo trabalho sexual não se restringem ao Brasil. Muitos tiveram experiências como garotos de programa no exterior e viveram um tempo de suas vidas em diferentes países. No item a seguir, apresentarei uma discussão sobre o trabalho sexual de *boys* que expandiram suas *temporadas* para contextos internacionais.

6.2. *Brazilian boys*: conquistando o mercado transnacional do sexo

Ao longo da pesquisa fui percebendo que muitos garotos de programa também estendem suas temporadas para outros países. O processo de sair do Brasil para trabalhar como *boy* envolve a administração de diversos afetos que perpassam esses deslocamentos: desde o prazer da “aventura”, de conhecer outros países, de ter uma experiência de vida em lugares diferentes, de poder explorar o mundo e, ao mesmo tempo, ter a possibilidade de retorno financeiro; até o medo do desconhecido, de viver em outras culturas (e, conseqüentemente, entrar em contato com clientelas, territorialidades e códigos diversos), de enfrentar problemas legais com a polícia e com políticas migratórias, e até mesmo do fantasma do tráfico de pessoas que, como se verá adiante, também afeta alguns homens que acabam caindo em redes que exploram os trabalhadores do sexo migrantes.

Como anunciei no segundo capítulo desta tese, o fluxo de garotos brasileiros para o exterior, especialmente para a Europa, é bastante intenso. Alguns estudos já indicaram que em países como Inglaterra e Espanha, a maior parte dos homens trabalhadores do sexo

migrantes é de brasileiros⁷⁶. Em minhas pesquisas de campo também pude observar, desde diferentes “ângulos”, a maciça presença de *boys* do Brasil nesses dois países. Em relação à Inglaterra, onde realizei meu estágio doutoral (sanduíche), notei que os garotos brasileiros se concentram em Londres. Durante os seis meses em que morei na Inglaterra, na cidade de Manchester, acessei frequentemente dois sites que considereei serem os principais veículos virtuais de divulgação dos serviços de homens trabalhadores do sexo (*escorts* ou *rent boys*, como são chamados) naquele país: o *SleepBoy* (<https://www.sleepyboy.com/>), e o *RentBoy* (<https://www.rentboy.com/>). Através de sites como esses, os *boys* divulgam seus perfis e os clientes podem entrar em contato com aqueles profissionais de suas preferências, ver suas fotos, descrição dos seus atributos físicos, etc.

Na Inglaterra, o *SleepBoy* me pareceu o mais popular e mais usado por homens trabalhadores do sexo. Em uma conversa por telefone com um garoto brasileiro que morava em Londres, ele me sugeriu que eu acessasse esse site, pois lá acharia anúncios de muitos outros *boys* do Brasil que atuam na capital inglesa. Segundo me relatou: “*aqui tem muito, mas muito mesmo garoto brasileiro trabalhando como boy. No SleepBoy você vai encontrar vários!*”. De fato, pude encontrar no *SleepBoy* muitos anúncios de garotos brasileiros atuando naquele país, como nos exemplos da Figura 1. Nesse site, como em muitos outros desse tipo que existem pela internet, é possível usar filtros para pesquisar os perfis dos *boys* a partir de diversas características, entre elas a nacionalidade, que geralmente está indicada no perfil do garoto, como destacado nas imagens abaixo.

⁷⁶ Para os dados relativos ao contexto inglês, conferir a matéria publicada no site *AidsMap*: <http://www.aidsmap.com/Study-provides-information-on-sexual-health-of-male-sex-workers-in-England/page/2810517/>. Os dados relativos ao contexto espanhol podem ser verificados no estudo publicado pela *Fundación Triángulo*: <http://www.fundaciontriangulo.org/documentacion/documentos/trabajadoresmasculinos.pdf>

FIGURA 1 - Exemplos de partes de anúncios de dois *boys* brasileiros que atuavam na Inglaterra

General About Photos Reviews Map Email

ABELARDO DOTADO Rating:

UK - London
 City: London
 Last Updated: in the last 24 hours
 Last Activity: online now

Methods of Contact

Phone Send Email Online Alert Premium escort Incalls Outcall

Stats

Age: 21
 Sexuality: Bi Sexual
 Height: 5ft 5in / 167cm
 Weight: 127.8lbs / 58kg
 Build: Prefer not to answer
 Penis size: 9.1in / 23cm
 Cut / Uncut: Uncut
 Feet size: UK: 8 / EU: 39
 Eye colour: Brown
 Nationality: Brazilian
 Calls: In Calls / Out Calls

Rates

1 Hour: Ask me
 2 Hours: Ask me
 Overnight: £1500
 Additional info:
<http://www.ABELARDODOTADO.com.br>
 More Pics & Videos

Tell us about you...

Website: www.ABELARDODOTADO.com.br
 (MORE PICS AND VIDEOS XXXL 23CM TWINK BOY)




[Show all photos...](#)

General About Videos Reviews Map Email

VICTORBRAZIL Rating:

UK - London
 City: London, Londres
 Last Updated: in the last month
 Last Activity: 22nd of Jun

Methods of Contact

Phone Send Email Online Alert Premium escort Incalls Outcall

Stats

Age: 26
 Sexuality: Bi Sexual
 Height: 6ft / 185cm
 Weight: 207.2lbs / 94kg
 Build: Prefer not to answer
 Penis size: 9.7in / 22cm
 Cut / Uncut: Uncut
 Feet size: UK: 9 / EU: 43
 Eye colour: Brown
 Nationality: Brazilian
 Calls: In Calls / Out Calls

Rates

1 Hour: Ask me
 2 Hours: Ask me
 Overnight: Ask me
 Additional info:
 Did you ever ask yourself:
 "Why should I book a male escort?"
 The discerning men who book my services do it for different reasons:
 - Perhaps you are too busy to take time out for a relationship but can devote a short time for yourself and your



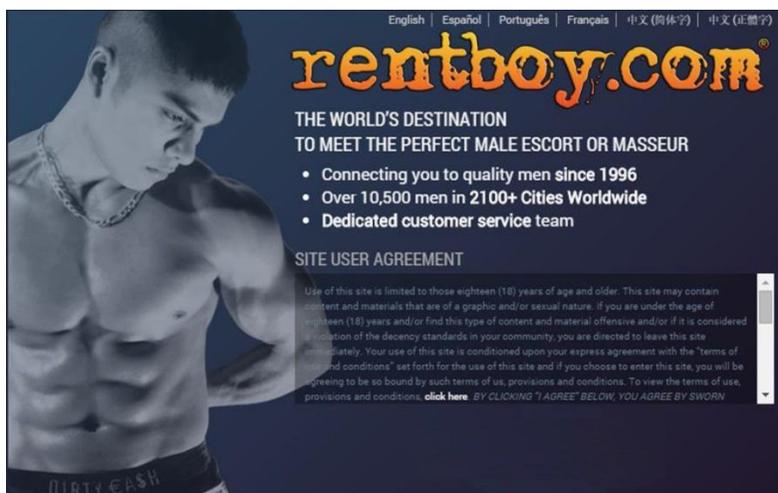


Fonte: <http://www.sleepyboy.com/>

Não posso deixar de mencionar um fato importante envolvendo o site *RentBoy*, outro veículo de divulgação de garotos de programa que também usei como recurso de pesquisa quando morei na Inglaterra. Em agosto de 2015, quando já estava de volta ao Brasil, recebi a notícia de que a polícia de Nova Iorque, cidade estadunidense onde o escritório do site *RentBoy* era mantido, prendeu seis funcionários que trabalhavam na manutenção desse *website* e apreendeu diversos documentos que estavam guardados no local onde todos eles atuavam. Em decorrência dessa ação policial, o site foi retirado de veiculação sob a alegação das autoridades de que ele “promovia a prostituição” pelo país e entre as fronteiras nacionais, algo ilegal nos Estados Unidos da América.

Segundo notícia publicada no site *The New York Times*⁷⁷ em fevereiro de 2016, “as autoridades, que invadiram e fecharam o website, o chamaram de o maior serviço on-line de acompanhantes masculinos e o descreveram como um bordel da Internet que lucrou milhões de dólares promovendo a prostituição”⁷⁸. O *New York Times* destacou que foram acusados os seguintes funcionários do site: o chefe-executivo; o diretor; um *escort* e coordenador de mídias sociais; uma vendedora; uma executiva de vendas; e um contador.

FIGURA 2 Página inicial do site *RentBoy.com*, fechado pela polícia de Nova Iorque em 2015.



Fonte: www.rentboy.com

As autoridades federais rejeitaram as acusações contra os/as funcionários/as do *RentBoy* e eles/as foram considerados/as inocentes, porém o episódio acabou se tornando mais um caso representativo no que tange às discussões sobre a regulamentação e descriminalização do

⁷⁷ Fonte: http://www.nytimes.com/2016/02/18/nyregion/charges-dismissed-against-6-ex-employees-of-rentboycom.html?_r=2

⁷⁸ Tradução minha do original em inglês: “the authorities, who raided and shut down the website, called it the largest online male-escort service and described it as an Internet brothel that made millions of dollars by promoting prostitution”.

trabalho sexual ao redor do mundo. A ação repressiva da polícia reergueu o debate, que há décadas vem sendo travado entre ativistas, sobre a problemática da criminalização do trabalho sexual e sobre as perspectivas abolicionistas (que afetam a todos e todas os/as trabalhadores/as do sexo, ora criminalizando-os/as, ora restringindo suas atividades, ora punindo os/as clientes), que vigoram hegemonicamente em países como os EUA. De acordo com a matéria supracitada, o caso recebeu ampla cobertura da imprensa e foi condenado por ativistas dos direitos gays, que compararam a situação do fechamento do site *RentBoy* às batidas policiais nos bares gays durante as décadas de 1950 e 1960 e que teve como figura representativa a *Revolta de Stonewall*. Os movimentos LGBT de vários países também criticaram a investigação federal contra um *website* que vem funcionando publicamente há mais de 15 anos e que é o site mais antigo e mais popular entre os homens trabalhadores do sexo. Em uma matéria publicada no site *The Conversation*⁷⁹, o trabalhador do sexo e ativista australiano Cameron Cox comentou:

a batida no *Rentboy.com* suscita importantes questões sobre o trabalho sexual, incluindo sua visibilidade, a demanda do consumidor por esses serviços, e a corrente marginalização daqueles/as que vendem e compram serviços sexuais. Se adultos racionais e em relações de consentimento escolhem se envolver em trocas sexuais comerciais, as autoridades deveriam estar desviando recursos da polícia para prevenir tais atividades? (COX, 2015).

O caso *RentBoy* é emblemático no que diz respeito à produção de uma zona de marginalidade que recai sobre o trabalho sexual e às constantes vigilâncias e punições que se dirigem às pessoas envolvidas nos mercados do sexo. Trabalhadores/as do sexo ativistas no mundo todo vêm denunciando que essas racionalidades e práticas criminalizadoras não contribuem efetivamente com a proteção e a garantia de direitos das pessoas que exercem diversos tipos de trabalho sexual. Ao contrário, tais ações repressivas não seriam capazes de extinguir a prostituição, mas apenas empurrariam as/os trabalhadoras/es do sexo para condições de trabalho mais precárias e para modos de vida mais vulneráveis. Essas constantes ameaças punitivistas criam um clima

⁷⁹ Fonte: <https://theconversation.com/the-rise-and-fall-of-rentboy-com-46677>

de medo e insegurança entre os garotos, sobretudo entre aqueles que se encontram em situação migratória, morando em outros países e atuando como *boys*. Segundo Adriana Piscitelli (2005), os debates contemporâneos relativos às regulações jurídicas sobre o mercado do sexo são marcados sobremaneira pela retórica do “tráfico de seres humanos com fins de exploração sexual”. Segundo a pesquisadora (2005, p.11), as relações entre prostituição e migração “informam a promulgação de leis com diferentes graus de alcance”. Piscitelli (2005) destaca ainda que há uma pressão internacional para reprimir o tráfico internacional de pessoas, que acaba “interferindo” nas legislações “nacionais” (específicas para cada país) que regulam a prostituição. Esse debate se torna particularmente complexo, pois, ao tentar proteger potenciais vítimas, tais leis “[...] incidem diretamente no desempenho de atividades nos mercados do sexo nacionais, na migração e, de maneira específica, nas vidas de migrantes indocumentados ‘sem papéis’” (PISCITELLI, 2005, p.11).

Penso que os contextos nos quais o trabalho sexual está rodeado de leis restritivas que não apenas regulam o mercado do sexo, mas também se articulam diretamente às políticas de migração, são fatores que afetaram minhas tentativas de aproximação com os garotos de programa brasileiros que atuavam na Inglaterra. A ideia inicial quando fui para esse país era, além das atividades de estudos e intercâmbio acadêmico, fazer uma lista de contatos de garotos brasileiros que morassem no Reino Unido e que anunciassem seus trabalhos em sites como o *SleepBoy* ou *RentBoy*. A partir desses contatos, tentaria marcar um encontro em algum lugar escolhido pelo garoto para realizar entrevistas nas quais eu pediria para que me contassem sobre suas experiências como *boys* brasileiros migrantes trabalhando na Inglaterra. Como não conhecia os circuitos de prostituição naquele país, pensei que essa seria uma forma mais prática de contatar diretamente os brasileiros. De fato, consegui vários contatos de *boys* brasileiros que atuavam em Londres, o que já era algo que eu esperava, haja vista os dados apresentados pela pesquisa publicada no site *AidsMap*. Com os contatos selecionados e anotados em meu diário de campo, viajei com certa frequência para Londres, onde me hospedava por alguns dias, ligava para os garotos apresentando-me como pesquisador e lhes propunha uma conversa em algum espaço público perto de suas residências (oferecendo também uma contrapartida financeira). Durante esse tempo, liguei para mais de cinquenta garotos de programa brasileiros e, para minha decepção, nenhum aceitou conversar comigo. Uns até

concordaram conceder uma entrevista, mas sempre algum imprevisto acontecia, o que fazia com que acabassem desistindo.

Durante as curtas conversas por telefone, alguns diziam que não tinham “*interesse em conversar*”, que não queriam “*falar sobre isso*”, ou que estavam prestes a “*viajar para outras localidades*” e não poderiam “*conversar no momento*”. Alguns chegaram a dizer que cobrariam um valor mais alto do que um programa para falar sobre suas vidas pessoais. O medo de se expor também me pareceu algo que dificultava o encontro com esses garotos. Um deles me disse que tinha viajado para Londres para começar um curso de graduação e que, caso descobrissem sua atividade como *boy*, não conseguiria dar continuidade aos seus projetos. Um dos garotos com quem pude conversar um pouco mais pelo telefone, disse-me que morar na Inglaterra era a “*melhor coisa*”, que “*amava a Europa*” e que era “*muito melhor estar lá, pois no Brasil havia muita pobreza*”. Disse também não querer voltar para o Brasil “*de jeito nenhum*”, pois considerava que em seu país de origem “*não há educação e tem muita corrupção e pobreza*” e que se eu não tivesse que voltar por causa dos meus estudos, eu “*certamente iria querer ficar por lá também*”. Além da Inglaterra, também tinha planos de ir morar um tempo em Paris.

A discussão sobre os homens trabalhadores do sexo brasileiros morando na Inglaterra não era um foco ou um objetivo da minha pesquisa, porém, como morei por lá durante seis meses, considerei que seria produtivo estender o debate a partir da interlocução com aqueles sujeitos. Apesar do percalço que impossibilitou minha aproximação com esses garotos, penso que algumas reflexões possam ser esboçadas diante da recusa do diálogo. A primeira questão que me atravessou para pensar sobre a rejeição em conversar comigo foi o contexto da imigração e o fato de exercerem uma atividade bastante marginalizada, sobretudo quando se é um trabalhador do sexo migrante. O fato de exercerem uma atividade “*semi-criminosa*” e, com isso, correrem o risco de serem deportados do país, me pareceu um bom motivo para tentarem se proteger contra possíveis problemas legais e evitarem dar uma entrevista para um desconhecido. Segundo uma matéria publicada pela BBC (2008)⁸⁰ sobre as leis relativas à prostituição no Reino Unido, o ato de se prostituir naquele país por si só não é ilegal, mas há uma série de leis que criminalizam atividades que se relacionam com o sexo comercial. Ainda de acordo com o texto jornalístico, a manutenção de bordeis, a “*vadiagem*” (*loitering*), a solitação e/ou oferta de sexo nas ruas, seja a

⁸⁰ Fonte: http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk_news/7736436.stm

pé ou dentro de carros (*kerb-crawling*), a divulgação de anúncios de serviços sexuais em cabines telefônicas, entre outras práticas similares, seriam atos contrários à lei.

Em setembro de 2014 participei do evento “*Sex Work and Human Rights Symposium: Lessons from Canada for the UK*”, organizado pela *Durham University*, na cidade de Durham, no norte da Inglaterra. Na ocasião pude acompanhar um pouco as discussões que ativistas e acadêmicos/as vem promovendo neste país. Entre os/as participantes, estavam mulheres profissionais do sexo e ativistas dos importantes coletivos “*English Collective of Prostitutes*”⁸¹ e “*Sex Workers Open University*”⁸² (SWOU). Os debates desenvolvidos durante o evento acompanharam as tendências globais dos movimentos de trabalhadores/as do sexo que vêm elaborando contundentes críticas à criminalização do trabalho sexual. No geral, as discussões se desenvolveram em torno das problematizações sobre as perspectivas abolicionistas e penalistas e suas nefastas consequências para os direitos humanos, a saúde sexual e a dignidade humana dos/das sujeitos/as envolvidos/as nos mercados do sexo. Encontrei muitas ressonâncias com o que os movimentos brasileiros de prostitutas vêm debatendo no Brasil e com as realidades dos/as trabalhadores/as do sexo nesses diferentes contextos.

Durante esse simpósio, conheci Chris e Paz, um homem e uma mulher que trabalhavam na instituição *CLASH - Central London Action on Sexual Health*⁸³. Durante algumas “conversas de corredor”, pude falar com ambos sobre minha pesquisa de doutorado e perguntar sobre algumas dúvidas minhas relativas às condições de trabalho dos homens profissionais do sexo na Inglaterra. A CLASH está ligada ao sistema de saúde inglês, o *National Health Service* (NHS), e é uma instituição que oferece assistência em saúde sexual para trabalhadoras do sexo que atuam nas ruas e em locais fechados, pessoas em situação de rua, jovens, usuários de drogas e “homens que fazem sexo com homens” (HSH). Por estarem inseridos em trabalhos comunitários de base e em contato direto com as populações locais, pensei que Chris e Paz poderiam me esclarecer algumas questões sobre a prostituição masculina em seu país.

⁸¹ Conferir o site do *English Collective of Prostitutes*:

<http://prostitutescollective.net/>

⁸² Conferir o site da *SWOU*: <http://www.sexworkeropenuniversity.com/>

⁸³ Para mais informações sobre a instituição CLASH, conferir o site: <http://www.cnwl.nhs.uk/service/clash-central-london-action-on-sexual-health/>

No entanto, eles não souberam me dar informações muito precisas sobre os homens trabalhadores do sexo na Inglaterra, o que me pareceu reforçar minha percepção sobre a invisibilidade desses sujeitos. Disseram-me que na CLASH eles desenvolviam ações mais direcionadas às mulheres trabalhadoras sexuais e que era muito raro que os homens que atuam no mercado do sexo fossem requisitar os serviços da instituição. Também me relataram não terem muito contato com garotos de programa em Londres, apesar de que sabiam que eles não costumam atuar nas ruas, nem em saunas (provavelmente por restrições legais). Eles constatavam o fato de que os garotos vêm usando a internet (site de divulgação, como o *SleepBoy*, e aplicativos de celular) como principal recurso para conseguirem clientes. Também disseram que já tinham ouvido falar sobre a existência de um *male brothel* (bordel masculino) em Londres, onde alguns garotos trabalhavam, mas não souberam me dar detalhes sobre o espaço, como a localidade, o endereço, o nome do estabelecimento, etc. Sobre as restrições legais no contexto britânico, Paz me explicou que se dois/duas ou mais profissionais do sexo atuam ao mesmo tempo no mesmo estabelecimento, isso já se configuraria como uma formação de um bordel, o que é proibido no Reino Unido. A matéria da BBC (2008) referida anteriormente também destaca essa questão: “se mais de uma pessoa (a lei é neutra em relação ao gênero) está disponível em um estabelecimento para o sexo pago, então isso seria um bordel. Entretanto, se uma mulher trabalha sozinha, ela não está mantendo um bordel^{84,85}. Essa informação me pareceu muito importante para entender o porquê de eu não encontrar nenhuma sauna gay⁸⁶ na Inglaterra na qual trabalhassem garotos de programa, como acontece recorrentemente no Brasil. A manutenção de saunas que abrigam o trabalho de *boys* seria uma atividade ilegal de acordo com as leis britânicas que regulam a

⁸⁴ Tradução minha do inglês: “If more than one person (the law is gender neutral) is available in a premises for paid sex, then that is a brothel. However, if one woman works alone, she is not keeping a brothel”.

⁸⁵ Apesar das leis que proíbem o funcionamento de bordeis na Inglaterra, soube da existência de muitos estabelecimentos que abrigam o trabalho de profissionais do sexo. Muitos acabam se disfarçando como “casas de massagem” ou simplesmente não divulgam suas atividades ao público em geral. A prática da “vista grossa” da polícia também parece ser comum por lá.

⁸⁶ Apesar da legislação que proíbe que garotos de programa atuem em saunas gays, Londres é uma cidade que comporta diversos estabelecimentos destinados a práticas sexuais entre homens, como clubes de sexo, saunas, boates e bares naturistas, entre outros.

prostituição, pois, nesse caso, tais estabelecimentos seriam enquadrados como bordeis. Em face às várias restrições impostas à prática do trabalho sexual (como não poder oferecer os serviços nas ruas e não poder trabalhar em saunas gays), fica mais fácil entender os motivos pelos quais muitos trabalhadores do sexo acabem optando por oferecer seus serviços pela internet e em espaços privados. As leis bastante restritivas quanto ao trabalho sexual também podem nos dar algumas pistas do por que nenhum garoto brasileiro aceitou conversar comigo: o medo de ser penalizado por suas atividades me pareceu iminente naquele país onde o sexo comercial é bastante policiado.

Já em relação à Espanha, não realizei nenhuma tentativa de pesquisa de campo nesse país, porém pude perceber, desde outra perspectiva e a partir dos relatos dos meus interlocutores no Brasil e de informações encontradas na internet, um fluxo considerável para lá. O número expressivo de garotos de programa brasileiros atuando no território espanhol também foi verificado na pesquisa intitulada “*Trabajadores Masculinos del sexo: aproximación a la prostitución masculina em Madrid*”, publicado em 2006 pela *Fundación Triángulo*. Segundo o relatório dessa pesquisa, a maioria dos homens trabalhadores do sexo que atuam em bares, pubs e/ou boates no *Chueca*, tradicional bairro gay de Madrid, é de origem latino-americana. Dentre os migrantes, seriam eles “em primeiro lugar do Brasil, seguido da Venezuela; em segundo lugar do Leste Europeu, particularmente da Bulgária, e por último de origem espanhola ou marroquina” (FUNDACIÓN TRIÁNGULO, 2006, p.18-19). A predominância dos garotos brasileiros também se mantém nas saunas, porém nas casas de prostituição, os chamados “*pisos*”, mantidas por proxenetas, a maioria dos *boys* seria “procedente da Venezuela, seguido da Brasil, Romênia, Espanha e Marrocos” (FUNDACIÓN TRIÁNGULO, 2006, p.20-21).

Tomo esses dois países como exemplos de destinos apenas para fazer uma breve contextualização sobre a questão dos homens inseridos no mercado transnacional do sexo. É interessante observar que em cada país há diferentes panoramas que regulam tanto a entrada de imigrantes quanto o exercício do trabalho sexual, o que nos coloca diante da necessidade de problematizarmos o trabalho sexual em contextos migratórios a partir de perspectivas interseccionais que considerem a articulação entre categorias como xenofobia, racismo, gênero, políticas migratórias, moral sexual, criminalização/regulamentação do trabalho

sexual, etc.⁸⁷. Tais diferenças no trato com o tema em questão podem ser observadas, por exemplo, a partir das questões legais (como nos cenários proibicionistas ou mais ou menos restritivos quanto ao trabalho sexual); morais (como em países vistos como mais “conservadores” ou mais “liberais” em relação ao sexo); políticos (como nas políticas de austeridade em relação à entrada de imigrantes, especialmente no cenário atual de crises econômicas e sociais na Europa); e culturais (como as diferenças de idioma, de costumes, etc.).

Essas diferenças podem se tornar critérios para a escolha de alguns destinos, mas não são os únicos determinantes que orientam esses fluxos. A promessa de um retorno financeiro melhor que no Brasil também é um dos elementos importantes a ser considerado. É curioso observar, por exemplo, que apesar das várias restrições legais para o exercício da prostituição e para imigração na Inglaterra, o número de homens trabalhadores do sexo migrantes nesse país é bastante significativo. Isso provavelmente tenha relação direta com o fator econômico, uma vez que o pagamento naquele contexto é feito em Libras Esterlinas, uma das moedas mais valorizadas do mundo, com cotação superior ao Dólar e ao Euro. No site *SleepBoy*, citado anteriormente, pude verificar que o preço médio de um programa com duração de uma hora no Reino Unido é de 100 a 150 Libras. Já o preço de um pernoite pode chegar a mil Libras ou mais, valores muito superiores, proporcionalmente ao Real, ao que se costuma cobrar no Brasil.

Hulk, um dos meus interlocutores que conheci em uma sauna de Curitiba e que já tinha trabalhado como *boy* na Espanha, nos EUA e na Itália, pontuou sobre os benefícios econômicos de se trabalhar como *boy* no exterior: “*Pagam melhor! Lá é uns 250 euros um programa. Vamo botar: 700 reais... É mais lucrativo! Por isso muita gente vai pra lá!*”. Thor, que atua no mercado do sexo há vários anos e conhece muitas pessoas no ramo, também comentou sobre o fato de alguns conhecidos terem tido bons retornos financeiros com as experiências no exterior:

E tem muitos guris que se deram muito bem na vida. Conheço gente que tem casa na Suíça, tem

⁸⁷ Exemplos de interessantes problematizações interseccionais que considerem, por exemplo, a feminização da migração internacional, especificamente no que diz respeito à integração de migrantes brasileiras no mercado transnacional do sexo, podem ser conferidos em vários trabalhos da antropóloga feminista Adriana Piscitelli (2006, 2007a, 2007b, 2008, 2013).

casa em Paris, tem casa em um monte de lugar. Tenho amigos em vários lugares, em vários países do mundo. E aqui no país também. Um monte de lugar que for, São Paulo, Rio, Curitiba, eu conheço muita gente. Eu sou...to na vida já vai fazer uns 15 ou 16 anos. 16 anos que to nessa vida. Então eu conheço muita gente. Muita, muita gente. Conheço atriz, ator... (Thor)

Além dessas diferenças de contextos dos destinos, há também questões que dizem respeito aos desejos e projetos pessoais de cada sujeito: vontade de conhecer países e culturas diferentes, desejo de viajar, de explorar o mundo, de viver experiências em outros lugares onde o anonimato seria mais garantido, etc. É difícil precisar as motivações dessas migrações, mas o que podemos perceber, como se verá em alguns relatos apresentados mais adiante, é que a ideia de mudar de país para trabalhar como *boy* é algo muito recorrente no horizonte de vários trabalhadores do sexo brasileiros. Ainda que possamos perceber um campo de possibilidades para se engatar nos fluxos dos mercados transnacionais do sexo, muitos garotos relutam ou simplesmente decidem não se envolver nesses deslocamentos. No item a seguir, discutirei um pouco sobre alguns impasses que se colocam diante das possibilidades de sair do país para trabalhar como *boy*.

6.3. Sair ou não sair do Brasil? O afeto do medo diante dos fluxos transnacionais

Se sair do país para trabalhar como *boy* aparentemente é algo lucrativo e uma ideia atraente, por que nem todos se engatam nesses fluxos? Por que mesmo diante de diversas possibilidades, propostas e caminhos para se inserir no mercado transnacional do sexo, muitos relutam em viajar? Além da questão da falta de necessidade ou interesse para se deslocar, como já apontei anteriormente em relação aos trânsitos dentro do próprio país, também percebi outro elemento mais específico que atravessava as decisões de sair ou não do Brasil. Trata-se do *afeto do medo* (que se desdobrava em outros afetos como incertezas, inseguranças e desconfianças) diante das possibilidades de viajar para o exterior a fim de trabalhar no mercado do sexo. Quando perguntei aos meus interlocutores se tinham interesse em trabalhar como *boys* em contextos internacionais, muitos expressaram medo e receio, afetos estes

que se justificavam por conta de histórias de pessoas que foram e se “deram mal”. Roger, por exemplo, contou-me que conheceu vários garotos que já tinham ido para outros países, como Portugal, Inglaterra e Holanda. Ele, porém, não planejava sair do Brasil, pois achava que não valeria a pena por considerar que em seu país estaria mais seguro: “*Nunca tive interesse [...] aqui é mais seguro! Vai pra fora e muito boy se fode lá fora. Aqui to perto de casa, posso ir embora fácil!*”.

Harry foi um dos meus interlocutores que cogitou sair do país como acompanhante de um cliente estrangeiro, mas relutou e decidiu não ir, pois teve medo de que algo ruim pudesse lhe acontecer. Entre as propostas para viajar com clientes desconhecidos, Harry optou apenas por aquelas que fossem para circular dentro do próprio país. Ainda assim, aceitava-as com certa prudência e cuidado, sempre atento às possíveis relações com clientes que pudessem se tornar “problemáticas”:

Daniel: E você já recebeu proposta de algum cliente de ir pra fora, outra cidade...?

Harry: Sim! Exato. Três clientes já vieram aqui. Até então no começo... Um rapaz milionário, ele veio aqui e ele era maçônico. E nossa, ele se apaixonou por mim e eu tava casado. E ele queria porque queria me levar pra lá [...] Pra Nova Iorque. E eu falei: “*não, não dá...*”. Isso faz um ano [...] Se eu não tivesse com a minha mulher, eu tinha ido. Mas aí também vem aquela questão do medo né? Você não conhece a pessoa, ela tem dinheiro pra caralho e pode fazer o que quiser com você. Mas recebi essa proposta dele e foi muito tentadora. Recebi uma proposta até de um rapaz que tava aqui ontem. Ele mora no Texas, nos Estados Unidos. Eu não quis ir. E teve um policial civil que me chamou pra morar com ele. Daqui de São Paulo mesmo. Ele comprou uma casa no litoral de São Paulo. Uma casa com piscina. A coisa mais linda. Só pra me ver. Só pra passar o fim de semana comigo [...] Ele paga o dia. Eu falo pra ele: “*Como eu gosto de você...*” - claro, ele é muito gostoso e tal e vale a pena – “*500 reais o dia*”. Poderia cobrar mil, até dois mil. Mas... é 500 reais o dia [...] A gente vai às vezes passar um fim de semana, uma vez no mês, um fim de semana juntos, mas só lá naquela casa [...] Fora isso, não. Uma que eu também jamais iria

morar com ele, porque ele é muito louco. Ele é polícia civil, entendeu? Ai não da certo. A mesma coisa é você casar com um traficante ou com um polícia civil! Não dá! Os dois lados são complicados. Se você rompe com o relacionamento, vai querer te matar, vai te ameaçar. Então e melhor evitar. Deixa só no programinha mesmo, no carinho, e nada mais...(Harry)

Semelhantemente a Harry, Frank também relatou nunca ter tido experiências no exterior como *boy*, apesar de já ter recebido convites para viajar para outros países. Tinha medo das diferenças culturais que poderia encontrar em contextos internacionais, por isso restringia suas temporadas dentro do próprio país, onde se sentia seguro e não considerava haver tanto perigo como suponha haver fora do Brasil.

É... então assim, no Brasil é tudo de bom... Tenho receio de sair, em questão de... cada país tem sua cultura. E isso ai é complicado. Nem todos os países têm a mesma cultura. De tratar o ser humano, o acompanhante, o garoto, né? Ai às vezes eu fico com receio disso. Mas não... viajar é tudo tranquilo. Conhecer lugares... Mas eu conheci uma parte do Brasil através de clientes. *“Oh... eu to indo pro Brasil. Eu to pro lugar assim... Vai lá que ta tudo reservado pra ti. Vou ta te aguardando lá...”* (Frank)

Thor, apesar de já ter saído do país para trabalhar como *boy*, relatou algumas situações que fizeram com que ficasse mais atento e cuidadoso em relação às redes pelas quais circulava e se envolvia no exterior. A primeira vez que foi para a Europa, a convite de um cliente espanhol, disse que ficou bastante relutante e que teve medo de que algo de ruim poderia lhe acontecer:

[...] daí começaram as propostas de ir pra fora. Uma vez um cliente que eu conhecia já, era de Barcelona, chegou e falou: *“não quer ficar uma semana comigo, em Barcelona, na minha casa? Te levo numa sauna pra você conhecer, até deixo você trabalhar, se você quiser...”*. Ai ta, eu tava meio assustado, mas ele tinha passaporte e tudo.

Mas eu fui meio assustado, sabe? *“Ah, e se me matam lá, vão falar o que? Já era...”* Ai eu dei um tiro no escuro, mas graças a deus deu tudo certo. (Thor)

Na experiência de Thor, o risco assumido ao sair do Brasil, o “tiro no escuro”, não resultou em nenhum tipo problema. A decisão de viajar com o cliente, no entanto, não foi tomada com muita segurança e o medo de sofrer algum tipo de violência – inclusive de ser morto, foi algo que atravessou sua decisão. Após sua primeira temporada na Europa, Thor passou a entender melhor o funcionamento do mercado do sexo naquele contexto e a encontrar formas de como se inserir naquelas redes de prostituição de maneira relativamente mais autônoma, ou seja, sem necessitar de mediações “duvidosas” de estranhos, cafetões e/ou clientes e sem cair em ciladas e armadilhas que muitas vezes os/as trabalhadores/as do sexo migrantes estão sujeitos/as. Contou-me que durante essas temporadas nunca teve problemas ou experiências traumáticas.

A partir das conversas que tive com Frank e Thor, notei que esse receio de sair do país se relacionava diretamente com as histórias que tomaram conhecimento acerca de garotos que foram para a Europa e tiveram problemas com as redes com as quais se envolveram naquele contexto. Dentre algumas das problemáticas relatadas, estavam o aprisionamento de passaporte e acúmulo de dívidas com figuras que exerciam a função de “cafetões”. Durante uma de suas temporadas na Espanha, Thor conheceu um garoto brasileiro em Madrid que estava em situação de exploração e que lhe pediu ajuda para tentar fugir. No relato de Thor, percebe-se um pouco sobre o medo das redes de exploração de trabalhadores do sexo migrantes no contexto espanhol:

[...] eu tive amigos que já tiveram muitos problemas. Tem uns que eu nunca mais nem ouvi falar.... Não voltaram mais. Aí têm facções de prostituição, têm muitas facções de prostituição. Te levam e tu tem que ficar pagando, né, como eu conheci guris lá. Eles te dão passagem, hospedagem. Tudo pago. Ai chega lá e eles querem te cobrar 4, 5, 6 vezes mais do que eles combinaram contigo. Então tu fica trabalhando e tu tem que ficar 4, 5 meses lá. Tem 3 meses que tu pode ficar, ai eles te deixam 3 meses clandestino pagando, ai, resumindo, tu volta com nada [...].

Mas de lá eu conheci muitos amigos, cara [...] Tinha um amigo meu numa sauna lá, que bah, tava quase chorando, ta ligado? Porque: “*meu não posso sair daqui porque já tão me esperando lá fora, ta ligado?*”. Tem amigo meu que pediu ajuda, pra ligar pra familiares. Já liguei, cheguei a ligar lá de fora. Lá em Madrid liguei pro familiar do amigo meu e falei a verdade pra família dele: “*seguinte, ele veio pra se prostituir, mas não tá conseguindo pagar os caras. Os caras tão cobrando mais do que devia*”. Ai eu não podia fazer nada, isso era o que eu podia fazer, né? Ai no dia seguinte eu falei: “*meu, dei o recado pra tua mãe*”. E ele: “*ah, mas tu falou tudo?*”. Eu: “*Falei né? Falei tudo, tinha que falar, né? Falei a verdade...*”. Mas ai também não sei mais o que aconteceu com ele... Depois disso, eu nunca mais vi ele. Aí depois disso eu fui pra Barcelona, não voltei mais pra Madrid e não vi mais ele. Cara tem muitas coisas ruins que acontecem...

Daniel: E você sabe se rola de eles pegaram seus documentos e você não consegue voltar?

Thor: Sim! Eles fazem isso! No ato, quando tu faz esse tipo de proposta, eles pegam seu documento no ato que você chega lá. Assim, graças a deus eu nunca fui nesse tipo de viagem.

Frank, que nunca teve experiências fora Brasil e nem tinha interesse em viajar, também relatou uma história de um conhecido muito parecida:

Daniel: E você já recebeu proposta desses clientes pra ir pra fora do país?

Frank: Já!

Daniel: E já foi?

Frank: Não! Não vou...!

Daniel: Por quê?

Frank: Porque colegas já foram e eu nunca mais vi [...] Eu tinha um amigo, que quando eu comecei a ir pra São Paulo, eu levei ele junto pra apresentar pra outro cliente. Aí esse outro cliente era amigo de um cliente meu, que nunca mais se falaram também. Eu me lembro que ele falou

assim, me mandou um email: “*Roubaram meu passaporte! Socorro!*”. Ai nunca mais...!

Daniel: Ai você nunca mais viu ele?

Frank: Nunca mais! Faz uns três anos isso...

Daniel: E ele tava em que país?

Frank: Ele tava... na Suíça, acho. Na Suíça! Roubaram o passaporte dele e...: “*Socorro!*”. E nunca mais. Mando e-mail pra ele, não responde, nunca mais respondeu. Sumiu, simplesmente desapareceu... Então isso ai pra mim não serve, sabe? Sair, se aventurar assim...

Em relação às narrativas apresentadas por Frank e Thor, por ser tratar de relatos de “segunda mão”, ou seja, contados por pessoas que não vivenciaram de fato as experiências de exploração, mas apenas reportaram histórias de conhecidos, fica difícil inferir mais detalhes sobre cada um desses casos. Porém, a partir dos elementos trazidos nessas narrativas, essas situações poderiam facilmente ser tipificadas como “tráfico de pessoas”, se considerarmos as definições presentes no Protocolo de Palermo⁸⁸. O *Protocolo de Palermo* é um instrumento legal internacional que trata sobre o “tráfico de pessoas”. Tal documento foi elaborado em 2000 pela Organização das Nações Unidas (ONU), e ratificado pelo Brasil em 2004, por meio do decreto Nº 5.017, DE 12 DE MARÇO DE 2004⁸⁹. O discurso de proteção contido no Protocolo de Palermo recai especialmente sobre mulheres e crianças, uma vez que, historicamente, esse foi o grupo considerado mais vulnerável em relação

⁸⁸ Duas definições sobre tráfico de pessoas contidas no Protocolo de Palermo poderiam se enquadrar nos relatos de Thor e Frank, a saber: “a) A expressão “tráfico de pessoas” significa o recrutamento, o transporte, a transferência, o alojamento ou o acolhimento de pessoas, recorrendo à ameaça ou uso da força ou a outras formas de coação, ao rapto, à fraude, ao engano, ao abuso de autoridade ou à situação de vulnerabilidade ou à entrega ou aceitação de pagamentos ou benefícios para obter o consentimento de uma pessoa que tenha autoridade sobre outra para fins de exploração. A exploração incluirá, no mínimo, a exploração da prostituição de outrem ou outras formas de exploração sexual, o trabalho ou serviços forçados, escravatura ou práticas similares à escravatura, a servidão ou a remoção de órgãos; b) O consentimento dado pela vítima de tráfico de pessoas tendo em vista qualquer tipo de exploração descrito na alínea a) do presente Artigo será considerado irrelevante se tiver sido utilizado qualquer um dos meios referidos na alínea a”.

⁸⁹ O decreto pode ser acessado no seguinte endereço eletrônico: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5017.htm

ao tráfico de pessoas (DOEZEMA, 1998; KEMPADOO, 1998; PISCITELLI E VASCONCELOS, 2008). No entanto, acho importante destacar que essas situações que envolvem a exploração de pessoas em contextos migratórios aparentemente também habitam o imaginário de homens que viajam (ou planejam viajar) para o exterior a fim de trabalhar no mercado do sexo.

No caso relatado por Frank, não sabemos se o roubo do passaporte do seu colega foi decorrente da tentativa de algum tipo de exploração (sexual, laboral, serviços forçados, etc.). Já no caso do garoto com quem Thor teve contato, o sujeito aparentemente estava envolvido em alguma rede de exploração. No contexto da narrativa reportada, temos a impressão de que seu colega se encontrava em situação de exploração, que estava com documentos apreendidos e que tinha que trabalhar na sauna (local onde pediu a ajuda de Thor) sob condições de vigilância de terceiros que o esperavam do lado de fora do estabelecimento. Thor também afirmou ter conhecimento de histórias de outros garotos que se envolveram em situações de apreensão de documentos, de facilitação de transferência e alojamento de pessoas para o/no exterior a partir de propostas enganosas que resultavam em acúmulos de dívidas, etc. Alguns dos elementos presentes nessas histórias poderiam ser interpretados, em muitos países, como “tráfico de pessoas”, independentemente do tipo de exploração a qual os sujeitos foram submetidos. Como bem salientam Piscitelli e Vasconcelos (2008, p.13), no Protocolo de Palermo

[...] tráfico de pessoas não é sinônimo de prostituição, nem é reduzido à ‘exploração da prostituição’. Ele abrange o trabalho forçado, escravatura ou práticas similares a ela ou servidão que podem ser situações observadas **em qualquer atividade**. Além disso, inclui, ainda, os deslocamentos realizados nas condições acima assinaladas para a remoção de órgãos [...] [*grifo das autoras*].

Várias definições conceituais encontradas no Protocolo de Palermo, como prostituição (forçada ou consensual), exploração, tráfico, etc., são alvos de críticas e de constantes reformulações e resignificações. Esse tenso debate é atravessado por diversas interpretações jurídicas que se articulam às leis nacionais de cada país e por debates travados entre distintas visões políticas, em especial entre as

diversas correntes feministas (KEMPADOO, 2005; CHAPKIS, 2005; PISCITELLI, 2006; PISCITELLI E VASCONCELOS, 2008).

O caso relatado por Thor sobre o conhecido brasileiro que lhe pediu ajuda em uma sauna na Espanha sugere que esse tipo de situação envolvendo homens no mercado transnacional do sexo precisa ser mais problematizada entre ativistas, trabalhadores do sexo e pesquisadores. Um exemplo sobre perspectivas aparentemente conflitantes no que diz respeito à interpretação analítica do fenômeno da indústria do sexo e suas relações com os fluxos de pessoas através das fronteiras, pode ser visto em uma comparação dos discursos de uma matéria jornalística do Jornal *El País* e a análise da pesquisa desenvolvida pela *Fundación Triángulo*, citada anteriormente. Em 2010, o jornal espanhol *El País* publicou uma reportagem sobre o que foi considerada a primeira desarticulação de uma rede de exploração de prostituição masculina na Espanha⁹⁰. Segundo a matéria, a maioria dos homens que estavam sendo explorados por essa rede era de brasileiros. De acordo com o jornal, 80 homens brasileiros teriam sido atraídos para a Espanha para trabalhar como bailarinos ou modelos. Alguns sabiam que estavam indo para atuar como garotos de programa, outros não. Para manter esses homens sexualmente ativos, era-lhes oferecido *Viagra* para que pudessem ter um bom rendimento sexual com os clientes. Este dado coincide, em partes, com as informações da pesquisa da *Fundación Triángulo*, que apontou que a maior parte dos homens trabalhadores do sexo na Espanha era composta por brasileiros. Nessa pesquisa (anterior à publicação da matéria do *El País*), no entanto, não se constatou a presença de redes de exploração sexual, como descrita no molde denunciado no jornal citado. Segundo a publicação da *Fundación Triángulo* (2006, p.33), no âmbito da prostituição masculina a figura do *rufián* (rufião) – sujeito que trafica seres humanos para fins de exploração sexual – “não se encontra institucionalizada, nem parece existir”. Por outro lado, a figura dos *proxenetas* – aqueles que recebem uma porcentagem do que é arrecadado com o serviço sexual - é encontrada nos *pisos*, locais onde os garotos exercem o trabalho sexual. A análise da *Fundación Triángulo*, desenvolvida a partir da uma pesquisa que escutou os trabalhadores do sexo, nos fornece uma interpretação que me parece um pouco mais próxima das percepções dos próprios garotos imigrantes:

⁹⁰ A matéria pode ser conferida no link:

http://elpais.com/diario/2010/09/01/sociedad/1283292002_850215.html

No hemos tenido constancia hasta la fecha de hombres que hayan sido víctima de redes de tráfico de personas para fines de explotación sexual, sin embargo hemos conocido casos de trabajadores sexuales de origen latinoamericano, en concreto brasileño, que se financian entre sí el viaje de llegada a España contrayendo una deuda a la que suman unos intereses determinados. Es sabido por parte de los hombres que deciden emigrar a España que sus conocidos o amigos ejercen prostitución. El contemplar los recursos económicos que les reporta les anima a introducirse en el mundo del trabajo sexual. **Estas relaciones son entendidas por el grupo como de ayuda y solidaridad, no como redes de tráfico de personas ya que, en primer lugar los recién llegados no están obligados a ejercer prostitución para saldar la deuda contraída y en segundo lugar en el caso de que ejerzan prostitución, lo hacen bajo sus propias condiciones** (FUNDACIÓN TRIÁNGULO, 2006, p. 33) [grifos meus].

Acho importante considerar essa análise, pois ela foi construída a partir da escuta direta de homens trabalhadores do sexo imigrantes que estavam atuando na Espanha. Nesse sentido, trata-se, aparentemente, de uma visão mais próxima das experiências vividas pelos sujeitos envolvidos com a prostituição. Contrariamente, o tom narrativo da matéria publicada pelo jornal *El País* trata a **todos** os trabalhadores do sexo como “*vítimas que buscavam um futuro na Espanha*”, sem mesmo ouvir o que esses sujeitos tinham a dizer sobre as próprias experiências. Essa é uma retórica frequente, que se direciona à proteção de “pessoas vulneráveis” e ao resgate de “vítimas”. No entanto, como bem apontou Laura Agustín (2007) a partir de suas pesquisas junto aos/as trabalhadores/as do sexo em contextos transnacionais, aquelas pessoas que são consideradas como “necessitadas de ajuda” muitas vezes não se definem nesses termos “vitimizantes” (“vítimas”, “vulneráveis”, “traficadas”, etc.). As opiniões sobre suas próprias experiências, no entanto, raramente são levadas em consideração (AGUSTÍN, 2007, p.192).

Pesquisadoras que vêm investigando a atuação de mulheres nos mercados transnacionais do sexo, como Doezema (1998), Kempadoo (1998, 2005), Chapkis (2005), Piscitelli (2006) e Agustín (2007),

apontam que os discursos que tendem a posicionar as trabalhadoras do sexo como “vítimas vulneráveis, passivas e sem agência” muitas vezes são construídos sob perspectivas imperialistas e colonialistas. As mulheres do “terceiro mundo” e de países pobres seriam percebidas como “vítimas que precisariam de ajuda”, ao passo que as de países desenvolvidos seriam vistas como “emancipadas e independentes”. Piscitelli (2006, p.22), na esteira dessas críticas, destaca que os discursos sobre “tráfico” teriam sido embasados por “visões ‘ocidentais’ de pessoas que não trabalham na indústria do sexo”. Tais discursos seriam, assim, responsáveis por constituir a ideia de que “qualquer mulher do Terceiro Mundo que atravessasse as fronteiras para oferecer serviços sexuais tenda a ser percebida como vítima de abuso de poder ou de uma posição de vulnerabilidade” (PISCITELLI, 2006, p.22). Ao comparar a retórica jornalística do jornal *El País* com a análise interpretativa da pesquisa da *Fundación Triángulo*, suspeito que essa mesma lógica discursiva recaia sobre os homens trabalhadores do sexo em situações migratórias. Contudo, considero que as realidades desses homens ainda precisam ser mais pesquisadas para que possamos compreender melhor as complexidades dessas experiências.

Sem ter a pretensão de me aprofundar nesse debate e/ou de destrinchar uma reflexão mais complexa que se relacione à polêmica questão do tráfico de pessoas, chamo a atenção para o fato de que essa temática também parece atravessar o imaginário de homens trabalhadores do sexo. Há uma percepção de que sair do país para trabalhar como *boy* envolve alguns riscos que alguns escolhem enfrentar e outros preferem evitar. Os riscos de cair em redes de exploração no exterior acabam operando como uma forma subjetiva de “gestão invisível do medo”. Se por um lado vemos instrumentos jurídicos, como o Protocolo de Palermo, que pretendem proteger supostas “vítimas do tráfico de pessoas”, por outro lado não vemos movimentos *com igual força legal* em defesa do trabalho como um direito fundamental, da livre circulação de pessoas por entre fronteiras nacionais, e de uma postura radical de um discurso anti-xenofobia. Muito pelo contrário. O que temos observado em contextos globais (especialmente entre países do norte global) é o recrudescimento de políticas migratórias mais austeras, de sentimentos xenofóbicos e de discursos nacionalistas que tendem a tratar o “outro” estrangeiro como bode-expiatório culpado pelos problemas político-sociais de um país. Laura Agustín (2007) problematiza o discurso do “resgate” que se direciona às pessoas supostamente traficadas, bastante recorrente em muitos países europeus. Segundo Agustín, haveria um paradoxo e uma incoerência entre

posições salvacionistas que pretendem resgatar e proteger pessoas em situação de migração e os discursos anti-migração que se proliferam na Europa:

Na Europa, uma contradição fundamental representa os incoerentes programas dedicados aos/às migrantes, uma vez que a retórica padrão sobre inclusão social e direitos civis se direciona a políticas excludentes de imigração nacional. Haja vista que muitos migrantes não têm permissão para trabalhar legalmente ou usufruir os direitos de cidadãos fora de seus países de origem, a única voz de ajuda que eles/elas gostariam de escutar seria *papéis*: não importa o quão burocráticos sejam os documentos requeridos⁹¹ (AGUSTÍN, 2007, p.193).

Considero que as políticas migratórias excludentes, os discursos sobre tráfico de pessoas (muitas vezes excessivamente sensacionalistas), e a falta de dispositivos que realmente protejam os direitos humanos e o direito ao trabalho de migrantes que atuam nos mercados do sexo (ao invés de deportá-los para seus países de origem sob a retórica da “proteção”), sejam elementos que, combinados, produzem a sensação do risco e o afeto do medo de sair do país. Esses elementos instalam uma gestão invisível do medo e constituem uma forma governamental efetiva para se controlar os fluxos migratórios de pessoas. Trata-se de uma racionalidade biopolítica para o controle das fronteiras nacionais e para a tentativa de uma coesão da vida social que exclui os diferentes e os estrangeiros, sobretudo aqueles/as que ousam habitar as margens das moralidades e normas sexuais hegemônicas. Medo como afeto biopolítico, como diria Vladimir Safatle (2015), que percorre as sociedades Modernas como uma forma efetiva de controle dos indivíduos e de gestão das populações:

⁹¹ Tradução minha do original em inglês: “In Europe, a fundamental contradiction accounts for the incoherent programming dedicated to migrants, as standard rhetoric on social inclusion and civil rights runs into exclusionary national immigration policies. Since so many migrants do not have permission to work legally or enjoy citizens’ rights outside their home countries, the single most widely voiced help they want is *papers*: whatever bureaucratic documents are required (AGUSTÍN, 2007, p193).

Compreender sociedades como circuitos de afetos implicaria partir dos modos de gestão social do medo, partir de sua produção e circulação enquanto estratégia fundamental de aquiescência à norma. Pois, se, de todas as paixões, a que sustenta mais eficazmente o respeito às leis é o medo, então deveríamos começar por nos perguntar como ele é produzido, como ele é continuamente mobilizado (SAFATLE, 2015, p. 18)

O que se observa, no entanto, é que essas formas de gestão não são totalmente eficazes e as migrações, independentemente dos fatores que as motivam, acontecem com bastante frequência e sob diversas condições. Alguns dos meus interlocutores não se imobilizaram diante do medo de sair do país para viver experiências no exterior como garotos de programa. Viajaram e conseguiram criar estratégias para (sobre)viver e trabalhar. A seguir, darei destaque às narrativas desses sujeitos que expandiram suas temporadas para além do território brasileiro.

6.4. Rompendo as fronteiras das temporadas

Durante minhas pesquisas de campo no Brasil, circulando por saunas brasileiras, conversando informalmente com vários garotos e realizando entrevistas em profundidade com alguns deles, pude notar que muitos planejavam ir ou já tinham ido para a Europa, sendo que os países mais citados eram Suíça, Itália e Espanha. Segundo alguns relatos, esses dois últimos países seriam bons destinos para trabalhar como *boys*, pois lá haveria uma intensa “cultura sexual” e conhecidos territórios gays que comporiam o turismo sexual local, onde poderiam se inserir como *escorts*. Os garotos com os quais tive contato viajaram para o exterior já com a intenção de atuar como *boys*. Não conversei com nenhum garoto que tivesse sido enganado por terceiros com promessas de que trabalharia em outras atividades, mas teria sido explorado e/ou forçado a oferecer serviços sexuais, ainda que alguns interlocutores tivessem relatado, como apresentei no sub-capítulo anterior, histórias de sujeitos que foram para o exterior para trabalhar como *boys* e acabaram se envolvendo em redes de exploração sexual e/ou laboral. Em relação às estratégias para sair do Brasil, alguns iam por conta própria e lá

acabavam se inserindo nos circuitos locais; outros seguiam orientações de conhecidos que já tinham ido e voltado, ou que ainda estavam trabalhando no exterior. No geral, a maior parte dos meus interlocutores viajou para fora do país exercendo a função de acompanhante/escort, quando aceitavam a proposta de clientes para acompanhá-los em viagens por um período de tempo mais curto, como discutirei mais detalhadamente no próximo sub-capítulo.

Thor, de Porto Alegre, relatou um pouco sobre seu processo de inserção no mercado transnacional do sexo. Como já dito anteriormente, sua saída do país foi mediada por um cliente espanhol que já conhecia previamente, mas com o passar do tempo suas atividades no exterior foram se tornando mais independentes, de modo que pôde fazer, por conta própria e sem necessidade de acompanhar um cliente fixo, rodízios em algumas cidades européias:

[...] já fiz programa pra fora já. Fui pra Madrid, Barcelona. Fui pra Zurique na Suíça, fui pra Luxemburgo, África do Sul. Cada viagem minha, eu ficava assim, um mês e meio, entre dois meses, um mês e meio [...] Ai fazia assim: escala. Ia pra Madrid, ai ficava um mês e meio em Madrid, depois ficava mais um mês e meio em Barcelona, ia pra Milão, e assim eu ia. [*Quando comecei no Brasil*] tinha 20 anos! (Thor)

Percebe-se, novamente, a importância das redes de contatos que orientam, ensinam e mostram os caminhos para que os sujeitos se engatem em fluxos migratórios para trabalhar como garotos de programa em outros países. Diferentemente de Thor, para Hulk o “canal” para sair do Brasil foi o contato com alguns amigos que já trabalhavam na Espanha e que indicaram como iniciar as temporadas no exterior. As redes passaram a se ampliar na medida em que ia se territorializando nas cidades em que chegava, (re)conhecendo os esquemas locais de prostituição (saunas, internet, etc.), estabelecendo relações de amizade com outros *boys* e dividindo residência com seus colegas de trabalho:

[...] Ai fui, conheci São Paulo. Eu era mais novo, era mais saradinho. Comecei a dançar e fui morar em São Paulo. Lá fiquei naquela putaria toda e fui morar em... Ai conheci uma galera e fui embora pra *Espanha*! Em 2003. Fui embora pra Espanha.

Ai morei na Espanha 2 anos e depois voltei também, na putaria! Fui pra trabalhar como garoto! [...] E fui e já tinha amigos que estavam lá. E a gente se falava, né cara. Por e-mail. Porque antes não tinha o MSN, antigamente. E se fala por ali: e-mail. Ai juntei uma grana e fui. Encontrei uns amigos lá, na raça e comecei a trabalhar em site, em sauna. E foi dando certo!

Daniel: E lá o esquema era parecido com aqui? Sauna...

Hulk: Como aqui! É... sauna, site... Depois voltei. Em 2005 eu fui pra *Miami*. E fiquei um ano em Miami... também como garoto. Ai voltei de Miami. Ai não viajei mais até agora em 2011. Em 2011 eu fui de novo pra *Itália* e voltei agora no final do ano passado.

Daniel: E nessa época que você chegou nesses países você já tinha uma rede de contatos? Ou você foi conhecendo as pessoas lá?

Hulk: Não... eu fui conhecendo as pessoas lá.

Daniel: E aí você morava com esse pessoal?

Hulk: Morava com esse pessoal. Dividia apartamento, casa... E fazia programa no próprio apartamento. E vivia bem. Não era difícil!

Nos relatos dos meus interlocutores, as vivências como *boys* no exterior acabaram se tornando um desdobramento das experiências que já desenvolviam no país de origem. Muitas das características dos modos de vida em torno do trabalho sexual já constituídos no Brasil se mantiveram de maneira semelhante após a ida para o exterior: o trabalho nas saunas, nos clubes, nas ruas, nas regiões *gays* e/ou de *pegação* na cidade; o uso da internet (sites e blogs) e de aplicativos de celular para a divulgação dos serviços; o compartilhamento de apartamentos (pensões e/ou repúblicas) com outros garotos para fins de residência e/ou como local privado de trabalho; o acionamento e a manutenção das redes de contatos, seja com outros trabalhadores(as) do sexo, ou com outros(as) atores/atrizes que compõe a cena dos mercados do sexo (donos/gerentes de saunas, bares, etc.)... Todo esse circuito, uma vez conhecido no país de origem, parece de alguma forma se repetir no exterior, tornando-se um roteiro familiar para aqueles que se engatam nesses fluxos migratórios. Certamente essa familiaridade percebida pelos garotos em contextos internacionais tem relação direta com o papel das mídias

sociais eletrônicas, que atuam na mediação dos fluxos de mobilidades transnacionais e na construção das subjetividades modernas a nível global, como já apontou o antropólogo indiano Arjun Appadurai (1996). A internet facilita a comunicação entre aqueles garotos que estão no Brasil e aqueles que já atuam fora do país; entre aqueles que planejam ir e aqueles que já foram e relatam suas experiências; entre aqueles que desejam ir e buscam informações on-line sobre as realidades e os contextos do trabalho sexual no exterior. Segundo Appadurai (1996, p.10),

a transformação das subjetividades diárias através da mediação eletrônica e do trabalho da imaginação não é apenas um fato cultural. Ela está profundamente conectada à política através dos novos modos a partir dos quais os afetos, os interesses e as aspirações individuais cada vez mais transversalizam os interesses do Estado-nação. As esferas públicas diaspóricas que esses encontros criam não são mais marginais, pequenas ou excepcionais. Elas são parte de uma dinâmica cultural da vida urbana na maior parte dos países e continentes nos quais a migração e a mediação de massa co-constituem um novo senso do global como moderno e do moderno como global⁹².

Essas ressonâncias apontam para o atual caráter global do mercado do sexo, que acompanha a tendência de intensificação de circulação através das fronteiras nacionais e de movimentos de transnacionalização, problemáticas características de dinâmicas de mobilidade de uma nova ordem global (APPADURAI, 1996; PISCITELLI, 2006). Ainda que os garotos relatem medos, incertezas e receios de viajar para fora do país, bem como percepções sobre

⁹² Tradução minha do original em inglês: “The transformation of everyday subjectivities through electronic mediation and the work of the imagination is not only a cultural fact. It is deeply connected to politics through the new ways in which individual attachments, interests, and aspirations increasingly crosscut those of the nation-state. The diasporic public spheres that such encounters create are no longer small, marginal, or exceptional. They are part of the cultural dynamic of urban life in most countries and continents, in which migration and mass mediation coconstitute a new sense of the global as modern and the modern as global” (APPADURAI, 1996, p.10).

peculiaridades territoriais e de códigos que marcam diferenças entre o trabalho sexual no Brasil e no exterior, a ideia de que a “*putaria é igual em todo lugar*”, como relatou Roger, parece ser algo que encoraja o deslocamento para fora. Se é possível ser *boy* no Brasil e se essa atividade é desenvolvida no país de origem com certa segurança, ou seja, com a experiência adquirida no cotidiano, por que não usar dessa prática e desse trabalho para conhecer outros países? Por que não fazer do trabalho sexual um saber que possibilita a migração? Parece-me que a experiência de como colocar o sexo disponível a alguma transação comercial torna-se um capital importante que faz com que muitos se sintam autorizados e confiantes para viajar com alguma convicção de que não passarão necessidades financeiras no exterior.

Retomo esse ponto sobre o valor das pedagogias do trabalho sexual (tema aprofundado no capítulo anterior), para sustentar a ideia de que os conhecimentos e os saberes construídos no contexto do mercado do sexo também são revertidos em benefícios simbólicos (não apenas materiais) nas vidas dos sujeitos. Tais benefícios podem se configurar, por exemplo, na concretização de um projeto de morar fora do país, de vivenciar culturas diferentes, de aprender e/ou praticar outros idiomas, de experimentar outros modos de vida, etc. Essas experiências, que para muitos só se tornam viáveis por meio da inserção no mercado transnacional do sexo, acaba sendo uma forma de incremento do capital cultural. Em um contexto global no qual “ter experiência no exterior” é um capital cada vez mais sobrevalorizado, torna-se interessante observar o quanto essas possibilidades de deslocamentos são simbolicamente importantes para muitos *boys*. Vale destacar, no entanto, que essas experiências se constituem em um tenso campo moral: se por um lado atualmente cobra-se dos jovens que “sair do país” seja um imperativo de “felicidade e sucesso”, por outro lado condenam-se os meios considerados “imorais” para se ter acesso a essas experiências. O enunciado implícito diante desta contradição seria algo como: “*Você pode e deve ir para o exterior, mas não pode ser puto ou puta para isso! Se você não tem condições financeiras para viajar, trabalhe no exterior numa rede de fast-food, em algum supermercado, como garçon/garçonete, como babá, como faxineiro/a, mas não venda sexualmente seu corpo...*”. Nota-se a concatenação de discursos liberais, meritocráticos e morais que costumemente atravessam as experiências de trabalhadores/as do sexo.

Um dos garotos com quem mantive contato por algum tempo, disse-me que morar nos Estados Unidos, exercendo outros tipos

trabalhos além do trabalho sexual, foi importante para aprender e dominar a língua inglesa. Por ter facilidade com o idioma, ao voltar para o Brasil conseguiu emprego como professor de inglês em uma escola de idioma. Já o breve relato do garoto de Londres que apresentei anteriormente, percebe-se o valor simbólico e material de morar na Europa, como a ideia de “fugir da pobreza e das faltas de oportunidades no Brasil” e ter uma “melhor qualidade de vida”. Alguns garotos com quem conversei em Florianópolis também diziam que tinham vontade de ir para Europa e que planejavam trabalhar como *boys* por lá. As motivações para esses deslocamentos nem sempre estavam associadas ao fator econômico, como se passassem necessidades financeiras no Brasil ou como se quisessem ir para o exterior para ganhar mais dinheiro. O fato de ir para a Europa e poder viajar e “conhecer o mundo” já eram motivos que mobilizavam o desejo de sair do país. A experiência por si só, muitas vezes, tem igual ou maior valor que o retorno financeiro.

Outro elemento que marca a inserção e a assimilação dos *boys* brasileiros no mercado transnacional do sexo é a questão da *nacionalidade* e o fato de serem *latino-americanos e brasileiros*. O estereótipo, que recai tanto sobre os homens como sobre as mulheres brasileiros/as, de que seríamos “naturalmente mais sexuais” e teríamos uma “inclinação natural ao sexo” – discurso eminentemente racista, pareceu-me presente em relatos de alguns dos meus interlocutores que tiveram experiências no exterior. Também percebi a nacionalidade sendo associada a uma potência sexual nas auto-representações que os garotos faziam de si mesmos em alguns anúncios de sites de divulgação de *escorts*, como pude notar no *SleepBoy*. Adriana Piscitelli, que há vários anos vem pesquisando o fluxo de mulheres brasileiras para Europa, também aponta para o efeito de uma *racialização sexualizada* que recai sobre as mulheres latinas que vivem em países europeus, estejam elas vinculadas ou não à indústria do sexo (PISCITELLI, 2008). A autora também destaca que sobre essas mulheres incide o estereótipo de que todas seriam “naturalmente predispostas ao sexo e à prostituição”:

Independentemente de serem consideradas no Brasil brancas ou morenas, nos fluxos migratórios para certos países do Norte as brasileiras são racializadas como mestiças. No lugar desigual atribuído ao Brasil no âmbito global, a nacionalidade brasileira, mais do que a cor da

pele, confere-lhes essa condição. E essa racialização é sexualizada (PISCITELLI, 2008, p.269).

Piscitelli prossegue em sua argumentação salientando que tais marcações variariam de acordo com os países de destinos em que as brasileiras escolhem viver, bem como com a classe social e com o fenótipo percebido (“mestiças” ou negras). No entanto, destaca a autora (2008, p.269), “nos fluxos para países ricos da América do Norte e Europa a posição subalterna ocupada pelo Brasil nas relações transnacionais é um dos aspectos principais que afetam as experiências dessas mulheres”.

Laura Agustín (2007) chama a atenção para o fato de que nos discursos presentes nas políticas de migração de países ricos, há uma retórica que tende a caracterizar o/a “migrante” como o sujeito pobre que emigra de seu país de origem para buscar trabalho nos países desenvolvidos. Esses discursos, como já mencionados no sub-capítulo anterior, posicionam os/as migrantes na posição de vítimas e produzem uma diversidade de práticas filantrópicas e assistencialistas que visam “resgatar” e “ajudar” tais pessoas. Segundo Agustín, imigrantes que atuam, por exemplo, nas áreas de limpeza e/ou como cuidadores/as são tratados/as com alguma “sutileza”, porém quando se trata de pessoas que oferecem serviços sexuais, o debate acaba recaindo sobre ideologias moralizantes e permanecendo pouco problematizado e teorizado, o que dificulta que esses/as trabalhadores/as possam acessar benefícios e direitos. De acordo com a autora:

O discurso sobre migração apóia-se sobre inúmeras dicotomias questionáveis: trabalho e lazer, viagem e ‘assentamento’, legal e ilegal. O rótulo *migrante* é colocado sobre as pessoas mais pobres que são percebidas como trabalhadoras sem nenhum outro desejo ou projeto, mas quando as migrantes são mulheres que vendem sexo, elas perdem seu status e se tornam “vítimas de tráfico”. O olhar obsessivo sobre a pobreza e o sexo forçado desqualifica a participação de trabalhadores/as nos fluxos globais, nos trabalhos flexíveis, nas diásporas e nos transnacionalismos. As mulheres são mais vitimizadas, mas o rótulo

de *migrante* também é desempoderador para os homens⁹³ (AGUSTÍN, 2007, p.191).

Ainda que eu não tenha condições empíricas suficientemente sólidas para desenvolver esse tema com maior profundidade (haja vista que foquei meu campo de pesquisa no Brasil e que ouvi dos meus interlocutores poucos relatos sobre essa temática), considero que o mesmo fenômeno de uma “sexualização da raça” ou, ainda, uma “racialização do sexo”, também recaia sobre os homens trabalhadores do sexo em contextos migratórios. Muito provavelmente esse rótulo sexualizado sobre os corpos brasileiros se configura de formas diferentes em termos de gênero. Como destacado na citação anterior de Piscitelli (2008), a sexualização das mulheres brasileiras nos países ricos da Europa costuma ocorrer independentemente de estarem ou não envolvidas na indústria do sexo. Não tenho certeza se o mesmo aconteceria com os homens brasileiros (ou quaisquer outros homens latino-americanos). Tenho a impressão de que a esses homens, em situações cotidianas que não estejam atravessadas pelo contexto do trabalho sexual, recaia, sobretudo, o estigma do “imigrante perigoso”, “marginal” ou “criminoso” - e nos últimos anos, dependendo do fenótipo do sujeito, de modo ainda mais marcante o estigma do “imigrante terrorista”. Eu mesmo vivi uma situação bastante constrangedora em Londres, quando estava em um parque aguardando um amigo e fui mexer na minha própria mochila que eu havia deixado em um canto sob um galpão. Enquanto procurava meu celular no interior da bolsa, uma senhora me interpelou em tom acusatório, perguntando-me o que eu estava fazendo mexendo na bolsa e se aqueles pertences eram “realmente meus”⁹⁴.

⁹³ Tradução minha do original em inglês: “The migration discourse relies on numerous questionable dichotomies: work and leisure, travel and settling, legal and illegal. The label *migrant* goes to poorer people who are conceived as workers with no other desires or projects, but when migrants are women who sell sex, they lose workers status and become ‘victims of trafficking’. The obsessive gaze on poverty and forced sex disqualifies working people’s participation in global flows, flexible labours, diaspora and transnationalism. Women are victimized more, but the *migrant* label is disempowering for men, too (AGUSTÍN, 2007, p.191)

⁹⁴ Essa experiência de ser visto como um sujeito “virtualmente perigoso ou criminoso”, para mim, que no Brasil sou lido como branco e de classe média, foi algo inédito. Vale destacar que em contextos brasileiros essa é uma situação

Já em contextos específicos marcados pelo mercado do sexo (sites, agências, saunas, etc.) na Europa, tenho a impressão de que a imagem do “brasileiro safado e sexualmente potente” se presentifica de maneira mais destacada que a do “imigrante perigoso”. Não parece mero acaso o fato de os brasileiros (e demais latino-americanos) fazerem muito sucesso no mercado do sexo em países como Espanha e Inglaterra, como já mencionei anteriormente. Hulk, que teve experiências como *boy* na Itália e na Espanha, trouxe um relato sobre essa questão:

Lá eles chamam a gente de “sudamericanos”. Os sudamericanos, eles gostam muito dos sudamericanos! Gostam muito, muito da gente. É bem produtivo o trabalho lá! Porque você fala que é do Brasil e os caras já ficam... Porque sabem que o brasileiro é putu, né cara?! Então eles são meio restritos com a coisa de putaria. A gente chega e a gente faz a sacanagem toda, né cara! (Hulk)

É evidente que, nessa experiência, a ideia do “brasileiro putu” possibilitava que Hulk tivesse mais clientes, como se esse atributo fosse um ponto positivo que lhe trouxesse vantagens no contexto do trabalho sexual. Penso ser importante destacar esse fato, para enfatizar que os processos de sexualização da raça, da etnia e/ou da nacionalidade não produzem como efeitos apenas sujeitos em condições de passividade. Essas interpelações marcadas por discursos racializados e sexualizados não excluem certo campo de agência dos sujeitos interpelados e não extinguem a possibilidade de esses sujeitos produzirem fissuras e rupturas diante dessas posicionalidades. Adriana Piscitelli, ao ponderar sobre o uso que Avtar Brah faz das noções de *categorias de articulação* e *interseccionalidade*, comenta que, para esta teórica feminista, nem sempre o processo de racialização está inserido em uma matriz binária de inclusão ou exclusão. Piscitelli, ao comentar Brah, pontua:

Em um contexto racializado, todas as sexualidades estão inscritas em matrizes racializadas de poder, mas os encontros racializados também têm lugar em espaços de

que pessoas negras sofrem cotidianamente, seja através de abusos de poder da polícia ou por atos discriminatórios e racistas da população em geral.

profunda ambivalência, admiração, inveja, desejo (PISCITELLI, 2008, p.269).

Essa leitura parece encontrar ecos com o relato anterior de Hulk, a partir do qual podemos notar que o fato de ser lido e interpelado como um sujeito racializado (“latino”, “sudamericano”) fazia com que pudesse se perceber como alguém admirado e desejado. Ainda que possamos encontrar pertinentes objeções de que essa demarcação sexualizada baseada na nacionalidade seja um modo de objetificar os sujeitos, não podemos desconsiderar que, naquele contexto específico de trabalho sexual, o estabelecimento da diferença possa ser lido e experienciado como uma brecha para um movimento de agência. No caso de um trabalhador do sexo, tal brecha se concretiza no uso da própria diferença expressada em seu corpo, que é utilizada como uma ferramenta para conquistar clientes. Piscitelli (2008) também identificou que a conexão entre sensualidade e brasilidade em algumas situações são estrategicamente performadas por mulheres. A autora denomina essas performances de “sex appeal étnico”, que seriam estratégias úteis e um bem utilizado por mulheres que trabalham na indústria do sexo.

Avtar Brah (2006, p.359) teoriza a *diferença* como categoria analítica (e não somente as categorias como o gênero ou a raça em si, isoladamente), postulando quatro maneiras pelas quais a diferença poderia ser conceituada: “diferença como experiência, diferença como relação social, diferença como subjetividade e diferença como identidade”. Em termos gerais, na perspectiva de Brah os discursos sobre diferença produziram experiências que nem sempre estariam baseadas em relações hierárquicas, opressivas e/ou objetificantes. De acordo com a autora, a questão seria não privilegiar o nível macro ou micro de análise, mas sim problematizar como se articulam discursos e práticas na produção das relações sociais, das posições de sujeito e de subjetividades. Desse modo, os níveis macro e micro estariam imbricados e seriam inseparáveis na produção da diferença (Brah, 2006), postulado muito semelhante ao de Deleuze e Guattari, para os quais micro e macropolítica seriam imanentes e indissociáveis na produção das realidades psicossociais (Rolnik, 2007). Na leitura de Piscitelli sobre o esquema analítico proposto por Brah, a autora destaca:

Essa idéia remete à análise de como as formas específicas de discursos sobre a diferença se constituem, são contestados, reproduzidos e (re)significados, pensando na diferença como

experiência, como relação social, como subjetividade e como identidade. A autora [*Avtar Brah*] afirma que há discursos que apresentam diferenças, como o racismo, que traçam limites fixos. Entretanto, outras diferenças podem ser apresentadas como relacionais, contingentes. **Como a diferença nem sempre é um marcador de hierarquia nem de opressão, uma pergunta a ser constantemente feita é se a diferença remete à desigualdade, opressão, exploração. Ou, ao contrário, se a diferença remete a igualitarismo, diversidade, ou a formas democráticas de agência política** (PISCITELLI, 2008, p.269) [*grifos meus*].

Não pretendo me delongar mais sobre o tema da experiência de homens trabalhadores do sexo em contextos migratórios internacionais, pois considero que essas questões poderiam se desdobrar em futuras pesquisas com maior enfoque nesse debate. Gostaria apenas de deixar destacado que a possibilidade de migrar para o exterior é algo presente nas perspectivas de muitos *boys* brasileiros; que esses fluxos parecem estar atravessados por uma racialização e sexualização da nacionalidade e da raça/etnia; e que a demarcação do trabalhador do sexo como “migrante latino e/ou brasileiro” não o coloca, necessariamente, em uma posição opressão e subalternidade, podendo haver, nessas experiências, práticas relacionais e contingenciais que favoreçam positivamente o trabalho desses garotos.

Além de alguns relatos de garotos que foram para o exterior de forma independente e autônoma, também ouvi histórias sobre outra modalidade de deslocamento que me pareceu frequente. Trata-se da função *escort* (ou acompanhante), que também pode se constituir como uma das formas de viajar e se deslocar pelo próprio país e/ou para o exterior. Nesses casos, o *boy* acompanha um cliente que contrata seu serviço previamente e o “banca” durante todo o tempo da viagem. A seguir, discutirei um pouco sobre essas práticas.

6.5. A função *acompanhante/escort* como possibilidade de deslocamento

A função acompanhante (ou escort) é outra modalidade que constitui os fluxos de deslocamentos, tanto dentro do próprio país quanto para o exterior. Vários garotos que conheci nas saunas (e também em outros contextos) me relataram sobre suas experiências exercendo esse tipo de função, muito comum no mercado do sexo. O trabalho de acompanhante, como o próprio nome já diz, basicamente consiste em acompanhar o cliente em diversas ocasiões: viagens, eventos, festas, baladas, jantares e até mesmo situações familiares, não restringindo a função do garoto exclusivamente ao sexo. As propostas para ser acompanhante podem ser feitas em diferentes situações: um cliente usual da sauna que acaba se aproximando do *boy* e propõe encontros em outros contextos; clientes que conhecem garotos que oferecem essa modalidade de serviço a partir de alguma rede social (sites, aplicativos de celular, etc.); amigos que trocam informações entre si sobre *boys* de confiança e indicam aqueles são “boas companhias”, etc.

Nesse tipo de função, percebi que entre cliente e *boy* desenvolve-se uma relação de maior proximidade, intimidade, afeto e confiança, uma vez que ambos acabam passando mais tempos juntos. O cliente que contrata o serviço de um acompanhante pode ser um “velho conhecido” do garoto com quem mantém contatos frequentes, seja na própria cidade onde ambos residem, ou à distância, quando o cliente “viajante” ou “turista” (brasileiro ou estrangeiro) chega à cidade do *boy* e solicita seus serviços. Há também aqueles clientes “desconhecidos” que contratam a companhia do garoto para participar de eventos sociais. A partir dos relatos dos meus interlocutores, notei que a função acompanhante costuma ser exercida com mais frequência com aqueles clientes com os quais já se têm algum tipo de proximidade e/ou intimidade.

Tanto os clientes que moram na mesma cidade, como aqueles de outras localidades (outras regiões do Brasil ou outros países), costumam propor viagens para os garotos. Essas propostas podem ser para que os garotos viajem ao encontro dos clientes ou para que ambos viajem juntos para um destino, muitas vezes algum lugar turístico. Essa modalidade de serviço oferecido por muitos trabalhadores do sexo se torna uma possibilidade de deslocamento que é percebida como menos arriscada - uma vez que os garotos já conhecem de antemão o cliente; e menos definitiva e/ou menos longa, haja vista que o tempo das viagens é acordado previamente, de modo que os garotos sabem exatamente o período que irão ficar longe de casa. Nessas negociações, tudo é

financiado pelo cliente: passagens de avião e/ou ônibus, hospedagem em hotéis, alimentação, etc. Além disso, também se paga o valor da “diária” do *boy*. De acordo com os relatos de alguns dos meus interlocutores, um dia de companhia pode variar entre quinhentos a mil reais. Esses valores, no entanto, são muito variáveis, pois costumam ser cobrados com base na relação que o *boy* possui com o cliente. De alguns clientes mais íntimos, costuma-se cobrar mais barato e/ou ser mais flexível quanto aos valores, ao passo que com clientes menos “próximos”, os preços são “menos negociáveis”.

A possibilidade de viajar, conhecer lugares diferentes e ainda ter um bom retorno financeiro (muito superior ao que se costuma ganhar nas saunas), parece ser algo bastante atrativo para muitos garotos. Dentre os meus interlocutores, Jean, Thor e Frank, de Porto Alegre, Justin, Hulk e Rick, de Curitiba, e Harry, de São Paulo, já tinham exercido a função de acompanhantes. Cada um teve experiências diferentes, que variavam de acordo com o grau de intimidade estabelecido com os clientes e com o nível de confiança mútua existente na relação.

Justin, Frank e Harry não tinham atuado como acompanhantes em contextos transnacionais. Dos três, apenas Justin planejava viajar para o exterior com um cliente como acompanhante. Harry, como já mencionado anteriormente, chegou a receber propostas de clientes para que os acompanhasse para os EUA, porém a desconfiança e o medo fizeram com que decidisse não viajar para fora, limitando-se apenas a viagens curtas dentro do Brasil. Frank também não viajou para o exterior, nem como acompanhante, nem por conta própria. O três, no entanto, já tinham acompanhado clientes em viagens pelo país. Frank e Justin relataram suas experiências nessas modalidades de deslocamentos:

Fui pra São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia. Salvador [...] Como eu to faz um tempinho nesse ramo, eu tenho bastante clientes, e a maioria deles é de fora. Então eles tão chegando no Brasil, ai passam um e-mail pra mim e falam: “*vou tá em Salvador*” [...] Tenho cliente da Áustria, dos Estados Unidos, Alemanha também. Ai eles pegam e passam o e-mail: “*to indo pra tal lugar*”. Ai marca, tudo... Fico dez dias, quinze dias... depende. Fico exclusivo com o cliente, eles

pagam tudo [...] às vezes ganha presentes, algumas coisas. (Frank)

Já viajei com cliente! Já fui pra Brasília, fui pra Fernando de Noronha recentemente. O cliente banca tudo [...] A gente fecha um valor x, a gente fica uma semana. Eu fiquei uma semana com esse cliente. Mas foi bem tranquilo! [...] tem garoto que você fala: “quanto que você cobra por dia?”. Ele fala: “eu cobro mil”. Eu já não sou assim. Eu entendo a situação da pessoa e entendo a minha, entendeu? Eu cobro um valor justo. Vai 200, 300 por dia, dependendo da quantidade de dias que for ficar com a pessoa. Eu fui pra Brasília e cobreí 600 reais pra ficar 3 dias. 200 reais por dia. Eu fui pra Fernando de Noronha e cobreí 1500 só. Só que o cliente foi bonzinho e me deu mais mil. Deu 2500. Só que ai fiquei 9 dias [...] O cliente paga tudo! Alimentação, hotel, tudo. Não gasto nada. Isso que é bem legal! [...] To indo pra Buenos Aires agora em outubro, novembro, to indo pra Buenos Aires, com cliente! (Justin)

Hulk, que tinha mais experiência tanto no Brasil como no exterior, já havia exercido a função de acompanhante em ambos os contextos:

Já fui de acompanhante. Já viajei o Brasil quase inteiro com cliente, já fui pra fora com cliente. Fui pra França. Agora mesmo eu recebi um convite pra ir pra Alemanha, pra Frankfurt, e depois pra Londres. Ainda to estudando a proposta com o cliente [...] Vou com o cliente e fico exclusivamente com ele. O cliente paga tudo! Vou como namorado... Beijar na boca, sair na balada, tudo isso! Tudo um esquema [...] Aí a gente cobra mais! Cobra bem mais. Uma viagem você cobra pelo menos mil reais ao dia. Aí 15 dias, é 15mil. Entendeu? Vale a pena! (Hulk)

As relações que se desenvolvem com os clientes quando se exerce a função de acompanhante, como se percebe, muitas vezes ganham um “ar de exclusividade”, ainda que alguns clientes não se

importe que o *boy* faça programas com outros clientes durante a viagem. Quando perguntei ao Thor sobre a possibilidade de fazer programa com outros nesses contextos, ele disse que alguns clientes concordam, outros não: “*De vez em quando, né? Porque a maioria ficava assim, né: ‘quero mais pra mim’*”.

Rick tinha dois clientes que considerava mais “fixos” e que lhe solicitavam o serviço de acompanhante com certa frequência. Com esses clientes, pôde viajar para várias cidades brasileiras e para outros países. Nessas situações, também ficava exclusivamente com o cliente, com os quais mantinha uma relação de maior proximidade:

Cara, eu já fui pra vários lugares. Eu já fui pra Belo Horizonte, fui pro Rio, aqui, Curitiba, onde mais...? Fui pra Europa com cliente [...] Mas não a trabalho em sauna, como eu to fazendo aqui. Eu fui como acompanhante. Fui pra Milão, Roma, Zurique, Barcelona, África do Sul... alguns países ai. Tudo como acompanhante! [...] Esse da África do Sul fui com um outro cliente. Fui com ele pra África. Daí tem um outro que eu viajei pra Europa, fui com ele e fiz essa turnezinha lá, né? Fomos pra Roma, França, Milão, outros países também. A gente ficou 15 dias lá. E depois não fui mais. Só com esses dois clientes, duas vezes: África e Europa [...] Com eles era o contratinho que eu tinha. Era o combinado. “*Você vai, mas você vai exclusivo*”[...] Você estipula um valor pro cara, combina com ele, se couber no bolso dele, beleza. Na época acho que foi 15 dias que eu fiquei com ele e foi 15mil. Mil reais por dia. E o outro, da África, foi 10 dias. Daí ele me deu... acho que foi 10 mil, uma coisa assim (Rick).

Nessas situações de acompanhantes, especialmente durante as viagens, o *boy* se torna uma espécie de “namorado temporário” com o qual o cliente se envolve. Por mais que esses tipos de relações sejam mediadas pelo dinheiro, não se está isento do “risco” do envolvimento afetivo. Percebi que, no geral, são os clientes que muitas vezes acabam se apaixonando, ou pelo menos criando algum tipo de afeição, pelos *boys*. Não que os garotos também não possam se envolver com os clientes e nutrir sentimentos de carinho e consideração, porém, penso que eles possuem uma maior “habilidade” para conseguir separar

trabalho e sentimento, como eles próprios diziam. Entre trabalhadores e trabalhadoras do sexo (homens e mulheres cis e trans) há inclusive uma conhecida expressão para designar aquelas pessoas (clientes ou não) com as quais se nutre algum tipo *affair*: trata-se do *vício*. O *vício* seria uma pessoa que “se tem” (“*Ele é meu vício*”) e com a qual se envolve afetivo-sexualmente, mas não se lucra com a relação. Tenho a impressão que essa expressão seja mais usada entre trabalhadoras do sexo travestis, mas também cheguei a ouvir alguns *boys* usando essa categoria.

Quando as relações de afetividade se intensificam entre cliente e *boy*, parece ser frequente uma espécie de “apadrinhamento”, relação na qual o cliente oferece benefícios ao garoto que, por sua vez, passa a usufruir de “pequenos privilégios”. Esses pequenos privilégios podem ser desde algo mais simbólico, como a demonstração de confiança, até algo mais material, como uma ajuda maior com dinheiro, financiamento de viagens, presentes e até mesmo o compartilhamento da vida pessoal com o garoto. Jean, de Porto Alegre, contou-me um pouco sobre esse tipo de relação que estabeleceu com um cliente:

Jean: Já morei em Curitiba, com outro cliente [...] o cliente veio e me patrocinou. Ele chegou aqui, falou que queria companhia, me levou pro hotel Plaza, me levou pro shopping, gastou horrores de dinheiro comigo no shopping. Me levou pra Curitiba... daí eu voltei pra pegar minhas roupas. Só que eu sou muito mulherengo, tenho muitas namoradas... então acabou dando uns problemas particulares ai...

Daniel: E aí você ficou morando com ele por quanto tempo?

Jean: 7 meses.

Daniel: E aí nesse tempo ele bancava tudo?

Jean: Bancava, mas tinha briga, tipo de casal, né? [...]

Daniel: E na época que você morou em Curitiba, você ficou só o cara lá? Teve outros clientes ou ficou exclusivamente com ele?

Jean: Só! Só com ele! Eu prefiro até ficar só com uma pessoa do que ficar com várias, né...

Daniel: E rola muito de um garoto ficar só com um cliente fixo?

Jean: Sim! Rola muito isso! Se o cara tiver dinheiro pra bancar...

Daniel: E aí seria um pagamento mensal?...

Jean: É o cara vai pagando... o que tu vai precisando, ele vai te dar né. Se precisar de um notebook ele vai te dar um notebook, se precisar de um carro ele vai te dar um carro, uma moto...

Esse relato de Jean traz alguns elementos importantes para se pensar a complexidade das relações entre *boy* e cliente. O envolvimento com o cliente não incluiu apenas a possibilidade de deslocamento e até de uma mudança temporária para outra cidade, mas também a manutenção de um tipo “conjugalidade” que inclusive pode reproduzir algumas prerrogativas das relações consideradas mais “tradicionais” (monogâmicas, heterossexuais, românticas, etc.). “*Tinha briga, tipo casal, né?*”, como salientou Jean, indicando que as fronteiras entre as posições de “boy” e de “cliente” podem ficar um pouco desmanchadas.

Na tese de doutorado de Fernando Pocahy (2011), um dos temas problematizados pelo autor foram as experimentações (homo)eróticas de homens idosos e suas relações com jovens garotos de programa. Pocahy destaca como no contexto destas interações, o “amor romântico” é de certa forma parodiado. O encontro entre jovens boys e homens idosos tensiona um espectro de inteligibilidade das normas da conjugalidade (grafada pelo autor como *conjugal/idade*, de modo a destacar textualmente as relações tensas entre conjugalidade e idade e/ou diferenças geracionais, muito marcantes nessas relações). Segundo o autor:

O amor romântico, na forma explicitamente tarifada, assim como as relações sexuais explicitamente comerciais são pensados aqui como possibilidades de viver instantes de desestabilização das recitações teatrais da heterossexualidade compulsória / obrigatória [...] Isso se faz a partir de um jogo de “descompromisso” com certos atributos de inteligibilidade que passam pela conjugal/idade, sobretudo desde aquela pensada na forma normativa dos discursos do “amor fusional”.

(POCAHY, 2011, p.47).

Nas análises de Pocahy, as relações mais afetivas entre garotos de programa e clientes podem indicar um potencial desestabilizador das normas que constituem as conjugalidades consideradas inteligíveis. Haveria, nesses jogos relacionais, uma estilística que se desenrola nas

brechas das performatividades românticas. É importante salientar, no entanto, que esses movimentos podem facilmente ser capturados por outras injunções normativas, reproduzindo, novamente, aqueles padrões do amor romântico “fusal”, como denuncia Pocahy (2011). Isso não é algo que deveríamos estranhar, afinal somos subjetivados/as em uma cultura que valoriza modelos heterossexuais, monogâmicos, de uma sexualidade higienizada, etc. Desse modo, podemos encontrar a repetição desses ideais regulatórios mesmo nas práticas consideradas potencialmente transgressoras, como aquelas presentes nas relações entre *boys* e clientes. Rick contou-me uma história muito representativa dessa dinâmica. Entre ele e um dos seus clientes com quem exercia a função de acompanhante e costumava viajar frequentemente, desenvolveu-se uma relação que extrapolava a objetividade de uma mera transação comercial que envolvia o trabalho de um garoto de programa. Rick era funcionário da empresa desse cliente e fazia os serviços sexuais “por fora”, como uma “função extra”. Além disso, tinha muita proximidade com a família do cliente, de modo que ele era visto como alguém de muita confiança entre os familiares: pegava o filho na escola, cuidava da casa quando o cliente precisava viajar, etc. Com o passar o tempo, o cliente declarou sua paixão, o que fez com que Rick se sentisse um pouco incomodado com o desenrolar da relação:

Eu conheço ele bastante! Porque eu trabalhei 5 anos com ele. E vivi muito a vida dele. A vida dele e da família dele. A família... os pais, ele sempre me levava pra casa dos pais. Não que ele me levava. Era o meu serviço levar ele. Eu era o motorista e o segurança dele. Então assim, eu sabia de tudo que tava acontecendo. Ele tinha um filho e quantas eu não peguei o filho dele e levei pra escola. Então eu acompanhava muito a vida dele. E as viagens que a gente fazia... essas internacionais e aqui no Brasil também. A gente fez muitas viagens pra Campos do Jordão, Rio de Janeiro [...] então a gente sempre tava junto. Eu passava mais tempo com ele do que com a minha família.

Foi uma relação bem intensa! E demais! E assim, tudo que é demais faz mal. Não da certo cara! [...]Ele se apegou muito em mim. Porque assim: eu sempre procurava fazer o meu serviço bem feito. Sexualmente e na empresa dele também.

Então quando eu ia lá... ele se apaixonou por mim! Pro Chile a gente foi! Esqueci de falar também... E no Chile ele se revelou pra mim. Falou: “*cara, eu sou apaixonado por você. E to apaixonado... e por isso que eu sou assim e sempre quero ta com você e tal...*”. Porque a gente tinha combinado um pacote, de ficar tantos dias lá, e eu já não tava agüentando. Eu falei: “*não agüento ficar mais*”. Ai falei pra ele e foi onde ele se revelou pra mim: “*sou apaixonado por você e tal...*”. Tentando que eu ficasse mais tempo lá com ele. E foi isso, cara...

Nas histórias de Jean, que foi morar com um cliente em outra cidade; de Rick, que tinha uma relação de muito proximidade com o cliente; e de Frank, que tinha clientes estrangeiros que vinham visitá-lo com certa frequência, podemos observar elementos também discutidos pelo pesquisador Gregory Mitchel (2011). Mitchel problematizou como as relações entre clientes estrangeiros e garotos de programa brasileiros podiam se constituir em complexos arranjos afetivos. De acordo com o pesquisador, essas relações envolviam trocas de presentes, ajudas financeiras, aproximação e envolvimento do *gringo* com a família do garoto brasileiro (pais e, em algumas ocasiões, esposas, que muitas vezes toleravam a relação), e até mesmo a tentativa de “salvar” o garoto da “vida”. O autor postulou que esses tipos de relacionamentos poderiam constituir uma forma de “parentesco *queer*”, que apesar de trazer elementos diferentes/*queer* das configurações de parentesco, não está desvinculado das formas tradicionais de parentesco brasileiro. Mitchel também observou que os gringos acabam exercendo a figura do “padrinho” de alguns garotos, ajudando-os de diversas maneiras e fazendo parte de suas vidas de modo bastante presente. O pesquisador pontua que esses relacionamentos podem produzir uma forma de relação afetiva que não precisa estar necessariamente atrelada a alguma definição identitária (gay, bissexual, etc.), de modo semelhante como apontei no capítulo anterior. Segundo o autor:

apesar de o namorado gringo não ser o companheiro ideal que a mãe, a namorada, o filho imaginam, eles aprendem a aceitar, valorizar, sentem empatia e podem até a chegar a amar. A complexidade dessas relações de parentesco excede as possibilidades oferecidas pela língua para descrevê-las (MITCHEL, 2011, p.40)

As noções de um parentesco *queer* (que envolve relações de apadrinhamentos) apresentada por Mitchel (2011), bem como de uma paródia do amor romântico, problematizada por Pochay (2011, 2012), encontram ecos nas narrativas de Thor, Frank, Justin, Hulk, Rick, Jean e Harry. Os meus interlocutores também trouxeram relatos sobre complexas formas de relações que se constituem a partir do exercício da função de *acompanhante*. O que destaco aqui a partir das narrativas escutadas, é que, somado a todos esses pequenos privilégios e às peculiaridades que atravessam a todas essas experiências, nota-se também a possibilidade dos deslocamentos geográficos que são mediados e financiados pelos clientes. Os clientes que pagam pelo serviço de acompanhante geralmente são aqueles que têm melhores condições financeiras para bancar as viagens e todos os “luxos” que esses deslocamentos exigem (como passagens, hospedagem, diária do *boy*, etc.). Diante dessas dinâmicas, percebe-se que vários vêm na função de acompanhante a oportunidade de viajar e conhecer outras regiões e/ou países.

A partir das narrativas escutadas, percebi que os fluxos de deslocamentos, portanto, podem se constituir de diversas formas: de maneira independente, a partir de contatos com as redes de amigos/conhecidos, ou a partir da mediação de terceiros/clientes que financiam as viagens. Complementando a tabela apresentada no início deste capítulo, abaixo apresento dois mapas. No primeiro, indico os fluxos de deslocamentos pelo Brasil e, no segundo, os fluxos transnacionais. Nessas representações gráficas, incluí apenas os fluxos daqueles garotos com o quais tive conversas mais aprofundadas a partir das quais pude ouvir com mais detalhes sobre as experiências de cada um. Várias outras histórias de deslocamentos geográficos foram escutadas em conversas informais durante a pesquisa de campo e foram apresentadas no decorrer deste capítulo, mas essas não foram representadas nos mapas. No mapa relativo aos deslocamentos transnacionais, incluí aqueles deslocamentos das “temporadas”, bem como os deslocamentos que foram financiados por algum cliente, no contexto do exercício da função acompanhante. Os traçados pontilhados dizem respeito à “intenção de viajar” (e não à experiência de já ter viajado) expressada durante as conversas. Cada cor das linhas representa a trajetória de um garoto diferente.

FIGURA 3 Fluxos de deslocamentos pelo Brasil dos garotos entrevistados



6.6. Nomadismos putos/queer

“Nomadismo: progresión vertiginosa hacia la desconstrucción de la identidad, molecularización del yo [...] El nomadismo consiste, no tanto en carecer de hogar, como en ser capaz de recrear el propio hogar en cualquier parte. El nómada, la nómada, lleva sus pertenencias esenciales con él/ella adonde sea que vaya, y puede recrear una base hogareña en cualquier lugar.
(Braidotti, 2000, p. 48, 49)

Ao escutar narrativas sobre deslocamentos, migrações e trânsitos motivados pelo trabalho sexual, pude perceber que a prática do sexo comercial mobiliza a construção de diversos traçados, múltiplos caminhos que se desenham de forma nômade por entre territórios. Esses mapas criados a partir dessas experiências não se caracterizam apenas por sua dimensão geográfico-espacial, restrita a uma representação sobre os roteiros percorridos, mas se efetivam também a partir de vetores existenciais que dizem respeito à produção de subjetividades de sujeitos que se engatam nesses fluxos. Como podemos testemunhar nas histórias relatadas, os trânsitos e deslocamentos são atravessados por uma multiplicidade de afetos (alegrias, excitação pelo inesperado e pelo novo, medos, angústias, amores, solidariedades, companheirismos, tensões, raivas, *rixas*, competições, etc.). Nesse sentido, os mapas que vão se compondo nessas trajetórias são necessariamente mapas afetivos que são difíceis (senão impossíveis) de se representar em uma forma definitiva que descreva esses movimentos. De acordo com a leitura de Preciado (2008b) sobre Guattari, não se trata, nessas cartografias *queer*, de desenhar “uma rede de espaços transitados por sujeitos minoritários”, mas sim de problematizar como esses mapas figuram modos de subjetivação. Em sentido semelhante, Pedro Bocayuva (2013), em suas análises sobre o pensamento de Sandro Mezzadra, destaca que, para este autor,

[...] as migrações podem ser pensadas como objeto autônomo, onde as práticas individuais e coletivas são mediadas por modos de subjetivação. A leitura da experiência coletiva das populações em movimento sugere um potencial

subjetivo, cultural e organizativo que emerge por meio de novas correlações de força entre as classes, derivada da sua presença na constituição de novas espacialidades e composições sócio-produtivas com seus efeitos na esfera jurídica (marcada pelas batalhas por reconhecimento e legitimação). (BOCAYUVA, 2013, p. 47)

Em consonância a essas perspectivas, o que procurei fazer diante das histórias compartilhadas foi acompanhar uma certa cartografia das experiências nômades dos sujeitos com os quais tive contato. Penso que essas narrativas expressam como a geografia e as fronteiras podem ser acessadas, transpostas, evitadas, rejeitadas e percebidas por um corpo que se afeta pelos fluxos produzidos nos contextos em que o sexo é comercializado. Concomitantemente, tais fluxos são canalizados, modelizados e codificados nas suas relações com as geografias, com os espaços, com as mobilidades urbanas e com as possibilidades de descolamentos: eles se conformam a partir de variáveis quadros políticos, econômicos, legais, sociais, culturais e morais. Trata-se de uma relação co-produtiva: as geopolíticas direcionam os fluxos, ao mesmo tempo em que os fluxos produzem e redefinem contornos geopolíticos (trans)nacionais. Esses movimentos de “mão dupla” vão (re)codificando fluxos muito particulares de circulação de capital, de pessoas, de força de trabalho, de afetos, de modos de se fazer gênero e sexualidade, que constituem as micropolíticas operantes nos mercados do sexo.

Se por um lado esses fluxos podem estar determinados por questões econômicas, por outro lado também podemos perceber que esses trânsitos não estão restritos exclusivamente a uma lógica de mercado. Há outros elementos, para além do econômico, que “puxam” os sujeitos trabalhadores do sexo para esses movimentos intra/entre fronteiras. Como destacado ao longo deste capítulo, o desejo de viajar e conhecer o mundo, a excitação pelo novo, a efetivação de projetos pessoais, entre outras coisas, são elementos que também mobilizam os deslocamentos dos *boys*. O autor Sandro Mezzadra, em suas análises sobre migrações contemporâneas, capitalismo e globalização, aponta para uma ideia recente que vem perpassando os estudos de migrações. Trata-se da tese da *autonomia das migrações*, que sustenta que os “movimentos migratórios contemporâneos não são reduzíveis às ‘leis’ da oferta e da demanda que governam a divisão internacional do trabalho” (MEZZADRA, 2005, p.144). O autor, que sustenta que “não

há capitalismo sem migrações”, destaca que as pesquisas sobre a mobilidade do trabalho têm mostrado que o capitalismo vem se caracterizando por uma tensão estrutural entre “conjuntos das práticas subjetivas” que expressam a mobilidade do trabalho ela mesma, e a tentativa de “exercitar um controle ‘despótico’ por parte do capital através da mediação fundamental do Estado” (MEZZADRA, 2005, p.143). Ou seja, ainda que as possibilidades de deslocamentos estejam reguladas por leis, por normas, pelo capital e por políticas de Estado, há sempre algo que “escapa” dessas formas de controle e capturas. Há produção insistente de linhas de fuga que fazem com que pessoas se insiram em diversas modalidades de fluxos (trans)nacionais. Bocayuva, ao comentar as análises de Mezzadra, destaca a importância dessas linhas de fuga:

Mezzadra aponta para os transbordamentos dos limites de contenção das mobilidades dos grupos sociais subalternos, pois que eles rompem as represas físicas, policiais, jurídicas e imagéticas que são as fronteiras. Por isso, é preciso notar as conquistas e esperanças nascidas no movimento contraditório que parte das fugas e resistências. O movimento de circulação global, de “nomadismo”, que define o quadro das relações sociais globais. (BOCAYUVA,2013, p.48)

Trata-se de reconhecer que, para além de dados mais “objetivos” que tentam formatar, controlar e prever os deslocamentos de pessoas, devemos também considerar as dimensões subjetivas que constituem esses trânsitos. Segundo Mezzadra (2005, p.144), a “*autonomia das migrações* se refere ao excedente de práticas e de demandas subjetivas que se expressam nos movimentos migratórios em relação com as ‘causas objetivas’ que os determinam”.

Tal tese referida por Mezzadra se contrapõe às teorias mais tradicionais sobre as migrações, que costumam explicá-las apenas em termos econômicos e/ou demográficos. Trata-se, na perspectiva da autonomia das migrações, de considerar a complexidade subjetiva e desejante, as redes comunitárias e familiares, entre outros vetores que mobilizam os deslocamentos de pessoas. Sandro Mezzadra (2005) também destaca a importância de uma perspectiva multidisciplinar para atentarmos à densidade histórica, subjetiva e antropológica dos sistemas migratórios.

Ao olharmos mais de perto para os relatos de deslocamentos motivados pelo trabalho sexual, podemos perceber o quanto esses roteiros são atravessados por diversas linhas de força que expandem, retraem e impulsionam os trânsitos. Essas linhas são efeitos de uma articulação complexa entre micro e macropolítica, entre agenciamentos maquínicos do desejo (aqueles fluxos que se dobram sobre os sujeitos e produzem experiências singulares) e agenciamentos coletivos de enunciação (produção incessante de discursos e enunciados que constituem sujeitos, produzem normas sociais, reiteram relações de poder, mas que também são capazes, em alguns contextos, de produzir movimentos de resistência às prescrições instituídas). Ao acompanhar essas cartografias inventadas por esses sujeitos que se envolvem nessas práticas ditas “marginais”, acabamos nos deparando com traçados “desviantes”, que podem potencialmente apontar para uma “geopolítica outra” que se insinua escondida do plano do visível. O comentário de Bocayuva sobre Mezzadra ilustra bem esses movimentos:

As táticas e estratégias de fuga, desvio e construção de espaços de tensão autônoma se fazem pelos deslocamentos ditos nômades, pensados com base em Deleuze e Guattari (*Anti-Édipo* e *Mil Platôs*) de que se servem Negri, Hardt e Cocco. Os deslocamentos multitudinários podem ser pensados, como propõe Mezzadra, enquanto componente produtivo chave das globalizações do ponto de vista material, cultural e político. A fuga dos subalternos nem sempre é percebida dado que se realiza nos poros e porões da vida cotidiana, com grandes explosões de acúmulo e da sua exploração via grandes campanhas midiáticas. (BOCAYUVA, 2013, p.54)

Nesse sentido, as histórias sobre os trânsitos motivados pelo trabalho sexual, invisíveis para quem está do “lado de fora” dessas dinâmicas, exprimem, como diria Preciado (2008b) “geografias ocultas sob um mapa dominante”. Ou seja, os relatos apresentados nesse capítulo falam sobre formas marginais de circulação pelos espaços. Marginais porque dizem respeito a modos de ocupar e explorar mapas que são, na maioria das vezes, socialmente construídos como trajetórias imorais, dissidentes, desviantes e contra-normativas, especialmente no que tange aos usos que se pode fazer do corpo, do sexo, da sexualidade, do erotismo, do gênero e da força de trabalho. Marginais também

porque podem ultrapassar as fronteiras nacionais, transgredindo e desafiando lógicas xenofóbicas, políticas de migração, sistemas jurídicos que regulam a entrada de migrantes (especialmente aqueles/as oriundos de países pobres), a (im)possibilidade de trabalho para os sujeitos “indocumentados”, e o próprio trabalho sexual.

Diante da percepção de que esses mapas lançam luzes sobre geografias que tentam se manter ocultas das vigilâncias e dos controles das normas sociais e de leis cerceadoras, proponho pensar em tais movimentos em termos de *nomadismos putos* ou, ainda, *nomadismos queer*. Rosi Braidotti (2000), ao se apropriar da figura deleuzeana do nômade e postular a noção de “sujeitos nômades”, apresenta uma perspectiva que considero interessante para problematizarmos essas histórias de trânsitos no contexto do trabalho sexual. Braidotti destaca três imagens distintas que aludem a diferentes movimentos de sujeitos por entre territórios e fronteiras: a do exilado, a do migrante e a do nômade.

Os/as exilados/as seriam aqueles/as pertencentes a populações ou grupos que se deslocam em movimentos diaspóricos, expulsos de seus países de origem por motivos de guerras, crises políticas, ambientais, etc. Há, entre esses sujeitos, o sentimento de perda irreparável e de separação do local de origem, de um lar que se desfez, que não pode ser restituído e para o qual não se pode voltar. Já o/a migrante não seria um/a exilado/a: “ele/ela tem um destino claro; vai de um ponto a outro no espaço com um propósito muito preciso” (BRAIDOTTI, 2000, p.57). Apesar de os/as migrantes (bem como os/as nômades) se deslocarem por razões que se diferenciam das dos/das exilados/as, esses sujeitos não estão livres de também se depararem com sistemas que os/as marginalizam nos destinos onde passam a viver. Migrantes e nômades estão, o tempo todo, se confrontando com o racismo, a xenofobia, o sexismo e ideologias nacionalistas. Para Braidotti (2000, p.58), “o migrante carrega um estreito vínculo com a estrutura de classe; na maior parte dos países, os imigrantes constituem os grupos mais prejudicados no plano econômico”. Contrapondo-se às imagens dos exilados e dos migrantes, Braidotti enfatiza a figura do nômade. Para autora:

o nômade não representa a falta de um lar nem o deslocamento compulsivo; é mais uma figuração do tipo de sujeito que renunciou a toda ideia, desejo ou nostalgia do estabelecido. Essa figuração expressa o desejo de uma identidade feita de transições, de deslocamentos sucessivos,

de mudanças coordenadas, sem uma unidade essencial e contra ela. No entanto, o sujeito nômade não está completamente desprovido de unidade: seu modo é o dos padrões categóricos, sazonais, de movimento através de caminhos bastante estabelecidos. Dele é uma coesão engendrada por repetições, os movimentos cíclicos, os deslocamentos rítmicos. [...] O nômade empreende as transições sem um propósito teleológico (BRAIDOTTI, 2000, p.58, 59).

A partir das narrativas escutadas, considero que os *boys* que se engatam nesses fluxos de deslocamentos se constituem como híbridos das figurações *migrantes- nômades*. Se em alguns contextos se situam mais como migrantes (dentro do próprio país ou no exterior) que se deslocam determinados a buscar um lugar para construir uma nova vida, em outras situações esses mesmos sujeitos podem se conduzir de maneira bastante nômade, bem ao estilo descrito por Braidotti. Como sujeitos nômades, suas trajetórias traçam rizomas que não se fixam necessariamente a um único ponto, ainda que se sintam, em determinados momentos, territorializados em alguma localidade, mantendo um tipo de “unidade” subjetiva. Seus “movimentos rítmicos” ou “sazonais”, definem suas temporadas em outras cidades ou países; seus “deslocamentos sucessivos” e suas “mudanças coordenadas” estabelecem os roteiros dos rodízios; suas “identidades feitas de transições”, permitem que se nomeiem de diversas formas (*boys*, *escorts*, trabalhadores, acompanhantes, bissexuais, gays, namorados, companheiros, putos, etc.) sem que esses auto-reconhecimentos estejam cristalizados a alguma representação acabada de si mesmo.

Se por um lado podemos considerar esses movimentos como figurações nômades (e nos debruçarmos sobre todo o potencial analítico que essa noção nos apresenta), por outro lado devemos tomar cuidado para não cairmos nas armadilhas de descrever esses nomadismos de maneira “desencarnada”. Essa é uma crítica bastante salientada por Mezzadra (2005), que denuncia a proliferação de metáforas que por vezes silenciam a experiência material dos/das sujeitos/as que migram. No intuito de não deixar escapar a materialidade dessas experiências, procurei dar bastante ênfase às histórias dos meus interlocutores, apresentando vários trechos de suas narrativas. Com isso, busquei não só produzir uma reflexão teórica sobre seus trânsitos, mas também dar

visibilidade às suas experiências e apontar contradições, dificuldades, afetos, necessidades, dinâmicas territoriais, motivações, articulação com cenários políticos, etc.

Mas por que chamar esses movimentos de nomadismos putos/*queer*? Uso as palavras putos e *queer* juntas para salientar que a “putaria” (ato de comercializar o sexo) seria algo eminentemente *queer*, sobretudo no que se refere às transgressões no campo das práticas sexuais exercida por/entre homens. Simpatizo-me com a digressão de David Halperin sobre o que seria o *queer*:

A diferencia de la identidad gay, que está anclada en el hecho positivo de una elección de objeto homosexual, aunque se la proclame deliberadamente en un acto de afirmación, la identidad *queer* no necesita estar fundada en una verdad positiva o en una realidad estable. Como lo sugiere la palabra misma, “*queer*” no se refiere a una especie natural o a un objeto determinado, adquiere su sentido en su relación de oposición a lo normal, lo legítimo, lo dominante. *No hay nada en particular a lo que necesariamente se refiera*. Es una identidad sin esencia. *Queer*, entonces no demarca una positividad sino una posición enfrentada a lo normativo, la cual no está restringida a lesbianas y gays, sino que está disponible para cualquiera que este o se sienta marginado a causa de sus prácticas sexuales [...] *Queer*, de cualquier modo, no designa una clase de patologías o perversiones ya objetivadas; describe más bien un horizonte de posibilidades cuya extensión y espectro heterogéneo no puede ser delimitado con anticipación. Desde la posición excéntrica del sujeto *queer*, se puede imaginar una diversidad de posibilidades para reordenar las relaciones entre conductas sexuales, identidades eróticas, construcciones de género, formas de conocimiento, regímenes de enunciación, lógicas de representación, modos de constitución de sí y prácticas de comunidad – es decir, para reestructurar las relaciones entre el poder, la verdad y el deseo (HALPERIN, 2007, p.83)

Considero potentes as palavras de Halperin para pensarmos as histórias e as experiências dos sujeitos com o quais tive contato. O autor

não restringe a noção do *queer* somente às questões/transgressões de gênero, mas articula, de modo bastante pertinente, gênero, sexualidade, erotismo, práticas sexuais, prazer, desejo e identidades em suas conexões com o poder, os discursos de verdade, as normas, etc. Nesse sentido posto por Halperin, as experiências relatadas pelos meus interlocutores se configuram como contra-narrativas em relação às normas, leis e prescrições morais que tentaram/tentam enquadrar a prática do sexo comercial em configurações que objetificam os sujeitos envolvidos nessas práticas.

Como já mencionei no começo desta tese, homens que “vendem serviços sexuais” já foram tratados (e em alguns contextos ainda o são) como delinquentes, ameaças à moral das famílias e da sociedade, criminosos, doentes mentais, perversos, vítimas de abuso sexual (de homens adultos homossexuais), socialmente desajustados, sexualmente problemáticos e vetores de doenças. Historicamente, essas categorizações estiveram imbricadas às produções discursivas sobre a homossexualidade, de modo que pensar sobre história da prostituição masculina é também pensar na história da homossexualidade masculina e seus desdobramentos e efeitos nos modos de subjetivação contemporâneos. Por mais que hoje em dia tenhamos uma visão mais tolerante e “integradora” (ou assimilada às normas) em relação à homossexualidade, quando direcionamos nosso olhar para a prostituição masculina, percebemos que muitos daqueles enunciados normativos que recaiam sobre as homossexualidades se perpetuam e se atualizam através da figura desses “novos perversos”, os *putos*.

É diante desse quadro que considero que os *putos/boys/trabalhadores do sexo* figuram como a permanência do *queer* no campo das práticas sexuais e das sexualidades. E é também por portarem esse estilo desafiador das normas - não só as normas sexuais e de gênero, mas também aquelas que regulam as mobilidades humanas, que proponho denominar esses deslocamentos motivados pelo trabalho sexual como nomadismos *putos/queer*.

Dando continuidade a essa ideia de que o trabalho sexual exercido por homens representa uma prática *queer* no interior das dissidências (homo)eróticas, no próximo capítulo deixo de focar nas experiências de trânsitos e deslocamentos, e passo problematizar uma cartografia que se deita sobre/com o corpo dos trabalhadores do sexo. O(ri)fícios do corpo que enunciam as porosidades eróticas que desfilam entre aqueles que vendem prazer sexual.



O(RI)FÍCIOS DO CORPO

7. O(RI)FÍCIOS DO CORPO

“No hay nada que desvelar en la naturaleza, no hay un secreto escondido. Vivimos en la hipermodernidad punk: ya no se trata de revelar la verdad oculta de la naturaleza, sino que es necesario explicitar los procesos culturales, políticos, técnicos, a través de los cuales el cuerpo como artefacto adquiere estatuto natural. [...] No hay nada que desvelar en el sexo ni en la identidad sexual, no hay ningún secreto escondido. La verdad del sexo no es desvelamiento, es sex design” (PRECIADO, 2008a, p.33)

7.1. Corpos em desfile: materialidades do sexo no trabalho sexual

Neste capítulo retomarei o cenário das saunas como território privilegiado para o trabalho sexual. Os relatos dos meus interlocutores apresentados nos dois capítulos anteriores foram escutados nas saunas onde atuavam no momento. Porém, como se pôde observar, as narrativas diziam respeito a histórias que não necessariamente se passavam e/ou se centravam nesses espaços, ainda que eles fossem constantemente evocados.

Além de estar um pouco mais direcionado ao contexto das saunas (mas não apenas), este capítulo também se debruça sobre a relação entre a materialidade do corpo e as práticas sexuais e eróticas que estão envolvidas no trabalho dos *boys*. Não se trata de uma reflexão somente sobre o ato sexual em si, mas sobre o que consiste a produção performativa dos corpos que se dispõem ao trabalho sexual e, por consequência, a construção de um território erótico que dá suporte a esse tipo de trabalho. Trata-se também de uma problematização sobre como alguns encontros eróticos podem extrapolar certo campo de previsibilidade dos intercâmbios sexuais e produzir, como efeito, relações consideradas pelos *boys* como “desagradáveis” ou até mesmo violentas. Nesse sentido, retorno à concepção de agenciamentos eróticos que maquinam o plano de interação entre os sujeitos que usam e oferecem serviços sexuais. Esses agenciamentos, como se verá, se constituem a partir da conexão (ou repulsa, em alguns casos) dos corpos, numa relação que se estabelece a partir de encontros de sujeitos

marcados por posicionalidades (boys – clientes) que se efetivam nos territórios.

Não me deterei aqui em relatos que dizem respeito a uma certa “banalidade dos atos sexuais” praticados nos contextos de prostituição. Isso porque, como meus interlocutores costumavam dizer, as práticas sexuais mediadas pelo dinheiro são como “quaisquer outras”, com a única diferença de que, nesses casos, o ato sexual torna-se um produto intercambiável por um bem (que não necessariamente é apenas o dinheiro, mas pode ser um presente, uma roupa, uma bebida, uma droga, etc.). Desse modo, não farei uma digressão sobre a efemeridade de práticas consideradas “usuais” ou “comuns” nas interações sexuais entre dois ou mais sujeitos no contexto da prostituição. O que busco focar neste capítulo, portanto, são alguns componentes eróticos que parecem ficar em evidência no contexto da prostituição.

Nesse sentido, não busco propor uma discussão a partir daquilo que John Gagnon (2006), em parceria com William Simon, chamou de “roteiros sexuais”, ainda que se possa estabelecer um paralelo entre o que apresento neste capítulo (e até mesmo entre todo o conteúdo desta tese) com a teoria desses sociólogos. As idéias de Gagnon e Simon foram essenciais para a refutação de concepções biologizantes, psiquiatrizantes e psicologizantes acerca dos comportamentos sexuais, especialmente aqueles considerados “desviantes” pelas racionalidades biomédicas. Suas críticas se direcionaram, de maneira contundente, às teorias que pretendiam identificar algum tipo de etiologia das homossexualidades e naturalizar a heterossexualidade (Rubin, 2002).

Os roteiros sexuais seriam, antes de tudo, um processo social de *construções de sentidos*, de modo que as práticas e condutas sexuais seriam inteiramente determinadas pela história e pela cultura (GAGNON, 2006). A princípio, a teoria dos roteiros sexuais foi pensada sob o viés de uma sociologia interacionista, ou seja, desde uma perspectiva que reconhece a importância das localidades e dos contextos nos quais as interações sexuais se desenvolvem. Porém, como aponta Kevin Walby (2012), essa teoria passou a ser usada - equivocadamente, eu pontuaria, como modelo para uma preocupação sexológica de catalogação de comportamentos, de maneira que o foco na “construção de sentidos” acabou perdendo ênfase. Atualmente, a teoria, portanto, presumiria “padrões relativamente estáveis de interações sexuais” (WALBY, 2012, p.29). Walby, sociólogo que também desenvolveu pesquisas sobre trabalho sexual exercido por homens, pondera que a teoria dos roteiros começou a ser apropriada de modo a sustentar

postulados de que os roteiros estariam “decretados” (uma espécie de determinismo cultural), como se eles existissem previamente ao encontro e não pudessem ser transmutados através do ato dos toques e interações entre corpos. Além disso, Walby (2012, p.29) também salienta que a noção de roteiro de Gagnon e Simon está ancorada, sobremaneira, em “tipos reconhecíveis de sexualidade baseados em estereótipos e conjuntos convencionais de sexo”. Desse modo, para Walby (2012, p. 19) a teoria dos roteiros enfatizaria o “**habitual** ao invés dos **elementos criativos** da conduta sexual” [*grifos meus*]. O autor também destaca (p.29) que Ken Plumer, um dos primeiros pesquisadores interacionistas sobre o sexo, argumentava que enfatizar apenas os roteiros seria uma forma de ignorar as tendências em aberto de construções de sentidos dos encontros sexuais.

As observações de Kevin Walby sobre a teoria de Gagnon foram construídas a partir da suas reflexões sobre os encontros entre homens trabalhadores do sexo e seus clientes. Para Walby, os roteiros, especialmente nesses contextos, não estariam determinados de antemão, mas seriam os “encontros eles mesmos que produziram sentidos sexuais” (p.30). O autor não nega que os roteiros sexuais existam, e não defende o abandono desse referencial teórico. Porém, considera que, analiticamente, seria mais interessante problematizar os *imprevistos* dos encontros sexuais e a *mutação* dos roteiros que se efetivam nos encontros, nos gestos e nos toques. Pontua, ainda, que haveria uma lógica específica no trabalho sexual oferecido por homens para outros homens que estaria “baseada em uma sociabilidade anônima e em uma espacialidade itinerante” (p.31). Assim,

embora não tão imprevisível como uma “pegação” em um parque, o sexo itinerante entre cliente e garoto de programa geralmente tem como objetivo escapar da interação padronizada, em favor de um encontro improvisado/des-roteirizado [*unscripted*] com estranhos. [...] O que é produzido no encontro é tão importante quanto o roteiro em curso (WALBY, 2012, p. 29)⁹⁵.

⁹⁵ Tradução minha do original em inglês: “Though not as unpredictable as park cruising, itinerant sex between client and escort often has the aim of evading the patterned interaction in favor of an unscripted encounter with strangers [...]. What is produced out of the encounter is as important as the script going on (WALBY, 2012, p. 29).

A crítica de Walby me parece pertinente para olharmos para algumas particularidades que dizem respeito aos usos do corpo no trabalho sexual (o que é valorado, rejeitado, objetificado, (re)significado, projetado, etc.). O enfoque nos elementos criativos, no imprevisível e na produção de práticas que ora desafiam, ora reiteram convenções e normas sexuais, pode potencialmente nos orientar para uma análise de uma estilística das dissidências do erotismo e da sexualidade, preocupação muito cara para o campo dos estudos *queer*, como se vê em trabalhos de pesquisadoras como Hocquenghem (1980), Rubin (1993, 2002, 2010), Leite Jr. (2006), Vidarte (2007), Perlongher (2008), Preciado (2008a, 2008b, 2014), Braz (2007, 2009a, 2009b), Pocahy (2011, 2012), Cabral (2015) e Ramos (2015).

Os encontros que vão se constituindo através da interação entre os corpos e os territórios são mediados por diversos elementos que, combinados, dão contornos à materialidade sexual e erótica no âmbito do trabalho sexual. Cito alguns desses elementos que atravessam a composição desses encontros: drogas e medicamentos (lícitos e ilícitos); filmes pornográficos transmitidos em aparelhos de televisão espalhados pelas saunas; fantasias sexuais transgressoras que são postas à prova e experimentadas; próteses sexuais (como *dildos* e/ou outros dispositivos externos aos corpos do *boy* e do cliente que são inseridos como forma de incremento das práticas sexuais); corpos em exibição, que oscilam entre o nu e o semi-nu; performances eróticas; vapores e o calor das saunas; diferentes estilos de músicas, que vão do eletrônico, passando pelo brega/romântico até as interpretações de clientes em *videokês* presentes em alguns estabelecimentos; situações de violência; secreções corporais (sangue, suor, fezes, urina, esperma), etc. Esses, entre outros elementos, costumam ir costurando os corpos, as paisagens e os territórios das saunas - bem como de outros espaços de experimentações mais transgressoras do prazer e da sexualidade (como videolocadoras pornô, bares e clubes de sexo), e vão construindo uma atmosfera erótica que movimenta uma política do desejo onde as interdições sociais relativas ao sexo podem se afrouxar ou mesmo ser transgredidas, como também observaram Braz (2007, 2009a, 2009b) e Pocahy (2011).

Todo esse universo que compõe alguns dos cenários nos quais o trabalho sexual é exercido, articula-se, como antecipei anteriormente, a partir de agenciamentos eróticos. Segundo Deleuze e Parnet (1998, p.36) “não existe agenciamento que funcione sobre um único fluxo. Não é caso de imitação, mas de conjugação”. Ou seja, esses agenciamentos, que possibilitam a penetração dos corpos num jogo sexual mediado pelo

dinheiro, conjugam diversos fluxos (discursivos, tecnológicos, sensoriais, afetivos, etc.) a partir de um campo de poder (mas também de resistências), produzindo e construindo, performativamente, as materialidades dos corpos. Como bem pontua Preciado (2004), a discussão sobre o dispositivo da sexualidade iniciada por Foucault precisa ser atualizada para que possamos considerar movimentos contemporâneos que resistem aos processos de normalização dos corpos e dos usos possíveis da sexualidade e do erotismo. Segundo a/o autor/a (2004, p.02), Foucault não pormenorizou suas análises sobre a proliferação das tecnologias que incidem sobre o corpo sexual no século XX, como a “medicalização e tratamento das crianças intersexuais, gestão cirúrgica da transexualidade, reconstrução e “aumento” da masculinidade e da feminilidade normativas, regulação do trabalho sexual pelo Estado, boom das indústrias pornográficas” (PRECIADO, 2004, p.02). Para Preciado, as máquinas médicas e jurídicas de produção dos “normais” do século XX, também constituíram uma multidão de “anormais” que não seriam um conjunto de corpos dóceis e assujeitados, mas uma multiplicidade de potências que se insinuam contra as tentativas de controle, regulação e normalização do chamado Império Sexual (dos “normais”):

O Império dos normais desde os anos 50 depende da produção e da circulação em grande velocidade dos fluxos de silicone, fluxos de hormônios, fluxo textual, fluxo das representações, fluxo das técnicas cirúrgicas, e, em definitivo, fluxo de gêneros. Obviamente, nem tudo circula de maneira constante, e além disso nem todos os corpos obtêm os mesmos benefícios desta circulação: a normalização contemporânea do corpo se baseia nesta circulação diferenciada dos fluxos de sexualização (PRECIADO, 2004, p.02)

Considero, nesse sentido, que o corpo dos trabalhadores do sexo, o trabalho sexual, os territórios nos quais ele pode ser exercido, bem como as próprias fantasias e práticas mobilizadas nesses contextos, se constituem como efeitos dessas multidões *queer*, que ora resistem, ora reiteram normas e ideais regulatórios. Assim, as circulações de diversos fluxos configuram produções performativas que incidem na (re)fabricação permanente dos corpos (tanto dos *boys* como dos clientes).

O conceito de performatividade tal como aprofundado por Judith Butler (2002a, 2003b) me parece potente para problematizarmos o corpo no âmbito da prostituição. Para a autora, a materialidade dos corpos não pode ser tomada como um elemento pré-discursivo e estável a partir do qual se constrói o gênero, corpos inteligíveis e, eu ainda complementar, o próprio erotismo e aquilo que se entende como um corpo desejável, consumível e “mercantilizável”. Butler (2002a) sugere que devemos nos questionar sobre as forças que fazem com que os corpos se materializem como “sexuados” e como matéria (i)reconhecível. Para sustentar sua tese, a autora propõe pensarmos a matéria não como espaço ou superfície, mas como “um processo de materialização que se estabiliza através do tempo para produzir o efeito de fronteira, de permanência e de superfície que chamamos matéria” (BUTLER, 2002a, p.28)

A materialidade dos corpos, nessa perspectiva, não seria uma realidade estática. Ela estaria submetida a processos constantes de materialização que se efetivam através da reiteração forçada de normas sociais e de ideais regulatórios que prescrevem signos que tornam os corpos inteligíveis (ou ininteligíveis). Esses processos, que operam num campo de instabilidades e no entrecruzamento de diversos fluxos, criam a ficção de “corpos imutáveis”, como se a materialidade fosse algo que existisse aquém da história, da cultura, das relações de poder, etc.; e como se as corporeidades fossem um “dado natural”, uma superfície passiva a partir da qual as relações sociais se desenvolveriam. No entanto, as normas precisam ser pensadas como constitutivas das materialidades dos corpos e seus (des)contornos. Assim, para Butler (2002a, p.18), “o que constitui o caráter fixo do corpo, seus contornos, seus movimentos, será plenamente material, mas a materialidade deverá ser concebida como efeito de poder, como o efeito mais produtivo do poder”. É a partir desse processo de construção dos corpos, que articula poder e resistência na produção das materialidades, que Butler postula, então, sua teoria da performatividade. Segundo a autora (2002a, p.18), a performatividade não pode ser pensada como um ato deliberado, consciente, realizado por um sujeito autônomo, mas deve ser entendida como “uma prática reiterativa e referencial mediante a qual o discurso produz os efeitos que nomeia”.

Por que isso importa em uma discussão sobre os usos que se pode fazer do corpo no trabalho sexual? Considerando que os contornos materiais são constituídos através de atos performativos que repetem normas e ideais regulatórios, penso que os corpos de trabalhadores do

sexo podem ser emblemáticos para uma problematização sobre quais critérios estéticos são valorados em nossa cultura e quais efeitos de materialização são vistos como desejáveis, logo consumíveis, logo disponibilizados a um valor mercadológico. Nesse sentido, os corpos de trabalhadores/as do sexo, bem como de todos/as os/as outros/as sujeitos/as que são sexualmente objetificados e reduzidos/as a um mero valor monetário, denunciam, em sua própria expressão corpórea, traços das normas que os constituíram como corpos-objetos, passíveis de serem “consumidos” num mercado do sexo. Para Butler, os discursos “habitam os corpos” e produzem materialidades específicas nos tensionamentos dos jogos de poder. Desse modo, para a autora, não haveria uma dicotomização entre “produção discursiva” e o “corpo vivido”: a experiência do corpo não pode ser pensada como algo “descolado” das produções discursivas sobre o mesmo. Segundo Butler (2002b, p.163), os discursos “[...] se acomodam em corpos; os corpos na verdade carregam discursos como parte de seu próprio sangue. E ninguém pode sobreviver sem, de alguma forma, ser carregado pelo discurso”. Assim, retomando a pergunta anterior, penso que a problemática da materialidade dos corpos importa porque a centralidade do corpo (tanto do trabalhador do sexo como dos clientes) no âmbito do trabalho sexual expressa esse entrecruzamento de discursos, normas, ideais regulatórios e enunciados performativos que oferecem as condições de possibilidades para a concretização das experiências dos sujeitos envolvidos no sexo comercial.

Mas quais discursos e normas são esses que habitam os corpos e constituem as materialidades do sexo no trabalho sexual? No âmbito da prostituição masculina poderíamos citar, por exemplo, a valorização do tamanho do “dote” (pênis) dos *boys* (quanto maior o pênis, mais valorizado o *boy*), que reflete normas falocêntricas; a prática do uso de medicamentos para obter/manter a ereção e “melhorar” a performance sexual, refletindo a valorização da potência sexual dos homens e seguindo da lógica do “*quanto mais ativo e penetrador, melhor*” (derivações do falocentrismo); a valorização de corpos musculosos e/ou definidos e jovens, que reflete as normas que constituem as masculinidades mais hegemônicas; etc⁹⁶. Aquilo que se oferta na prostituição (desde as fantasias até o ato sexual em si) tem relação direta com as normas de gênero, sexuais e corporais. É certo que essas expressões corpóreas não são sobrevalorizadas somente entre homens

⁹⁶ As questões do corpo, do “dote” e do uso de medicamentos nas experiências dos garotos de programa serão aprofundadas no decorrer deste capítulo.

que atuam como trabalhadores do sexo⁹⁷. Essas normas que prescrevem um campo de inteligibilidade estão dispersas na maior parte das sociedades modernas, ocidentais e urbanas e atravessam os processos de subjetivação contemporâneos. Porém, uma vez que no contexto do mercado sexual o peso das normas que constituem as materialidades inteligíveis (e consumíveis) pode se converter em valor monetário, a relação entre norma e corpo parece, nesses casos, ficar mais “escancarada”. Quanto mais conforme às normas e mais circunscrito a um espectro de hegemonia o corpo do *boy* estiver, mais “valorizado” ele será. Essa “adequação às normas” à qual os trabalhadores do sexo estão sujeitos, pode também estabelecer (im)possibilidades de trânsitos por diversos “segmentos” do mercado do sexo, como já discuti no capítulo cinco, no tópico sobre as hierarquias dos circuitos de prostituição. Atentarmos a essa lógica capitalística é uma forma interessante para o desenvolvimento de análises que considerem articulações entre capitalismo, trabalho, corpo e as performatividades sexuais, eróticas e de gênero.

Kevin Walby (2002) também destaca a importância de compreendermos as performatividades no âmbito do trabalho sexual. Segundo o autor, pesquisas recentes sobre o tema não têm dado devida atenção sobre os modos pelos quais as performatividades sexuais estão atreladas aos processos laborais⁹⁸. Walby (2002) pondera que as

⁹⁷ Podemos pensar que todas as pessoas que dependem de um tipo específico de imagem corporal que precisa estar dentro de padrões estéticos hegemônicos para exercerem seus trabalhos, como modelos, atrizes e atores atuantes em um circuito mais “comercial”, trabalhadores/as do sexo, entre outros/as, acabam precisando construir seus corpos a partir de uma relação de maior sujeição aos ideais regulatórios que definem corpos ditos legítimos e inteligíveis. Em termos de gênero, também podemos perceber o quanto o peso de certos ideais estéticos de beleza recai mais sobre as mulheres do que sobre os homens, de modo que elas acabam sendo muito mais cobradas socialmente a estarem sempre “jovens”, “belas”, “saudáveis”, “arrumadas”, “maquiadas” e, se possível, submetidas a cirurgias estéticas. Para uma discussão mais aprofundada sobre essa temática, conferir a problematização sobre as “práticas bioascéticas” e a “constituição de bioidentidades”, desenvolvida por Francisco Ortega (2008).

⁹⁸ No Brasil, uma cartografia que se debruçou sobre as questões das performatividades sexuais e de gênero articuladas ao tema do trabalho sexual de jovens garotos de programa e das experimentações (homo)eróticas de homens idosos foi desenvolvida por Fernando Pocahy, em sua tese de doutorado em Educação, defendida em 2011, no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS.

sexualidades *queer* são performativas, mas não podemos desconsiderar que elas também existem em contextos de trabalho e de consumo. De modo semelhante ao que expus acima, o autor sugere que para ser visto como um *boy* “coerente”⁹⁹, o sujeito deve apresentar identidades de gênero e sexuais “coerentes”, ou seja, compatíveis com padrões corporais que são socialmente valorados e inteligíveis. Para Walby, o corpo, no contexto do trabalho sexual, seria *compelido* a uma coerência devido à sua centralidade no ofício dos garotos de programa. Ao levar em consideração essas questões, “a teoria *queer* poderia se alinhar a lentes materialistas para focar na performatividade dos estereótipos sexuais reconhecíveis como uma necessidade de práticas de trabalho coerentes”¹⁰⁰ (WALBY, 2002, p.28).

Diante dessas ponderações iniciais sobre o corpo (e os usos que se pode fazer dele) no trabalho sexual exercido por homens, apresento a seguir algumas reflexões construídas a partir de relatos dos meus interlocutores. Essas narrativas que escolhi enfatizar dizem respeito à relação dos seus corpos em interação com outros corpos e artefatos em contextos erótico-sexuais mediados pelo dinheiro. O que me interessou no delineamento dessa problematização foi colocar uma lente sobre situações que evidenciassem a centralidade do corpo no trabalho sexual e como se constituem as materialidades corpóreas nesse âmbito. Ao provocar alguns tensionamentos que denunciam o caráter construído das materialidades do corpo, seguimos uma orientação política, epistemológica e teórica que visa romper (ou ao menos desestabilizar) com certas ontologias que amparam concepções metafísicas e

⁹⁹ É evidente que Kevin Walby, bem como eu mesmo, estamos problematizando um segmento específico do mercado do sexo, a saber, aquele que consome e oferta corpos que são considerados “dentro” de um espectro de inteligibilidade sexual, de gênero, etário, corporal, etc. Há, no entanto, outros segmentos, ainda mais invisibilizados e menos problematizados, que comportam sujeitos que apresentam corporeidades que, mesmo estando “mais às margens” de um campo de abjeção, exercem trabalhos sexuais. Como exemplos de corpos que compõem esses segmentos mais marginais do mercado do sexo, podemos citar os/as trabalhadores/as do sexo idosos/as; obesos/as; com deficiências físicas; que vivem abertamente a sorologia positiva para o HIV; adeptos de práticas BDSM; praticantes de pornografia “bizarra” e afins (conferir Leite Jr. 2006, 2009); entre outros/as.

¹⁰⁰ Tradução minha do original em inglês: “[...] *queer* theory can be aligned with a materialist lens to focus on the performativity of recognizable sexual stereotypes as a necessity of coherent work practices” (WALBY, 2002, p.28).

substancialistas do ser (BUTLER, 1998, 2003b). De acordo com Judith Butler:

Desconstruir o conceito de matéria ou de corpo não é negar ou recusar ambos os termos. Significa continuar a usá-los, repeti-los, repeti-los subversivamente, e deslocá-los dos contextos nos quais foram dispostos como instrumentos do poder opressor. Aqui é necessário obviamente declarar que as opções para a teoria não se exaurem presumindo materialidade, de um lado, e negando materialidade, de outro. É meu propósito exatamente não fazer essas duas coisas. Pôr um pressuposto em questão não é a mesma coisa que o suprimir; antes, é libertá-lo de sua morada metafísica a fim de ocupar e servir objetivos políticos muito diferentes. Problematizar a matéria dos corpos acarreta, em primeiro lugar, uma perda de certeza epistemológica, mas essa perda de certeza não tem por resultado necessário o niilismo político. (BUTLER, 1998, p.26)

Seguindo essas pistas, de modo semelhante aos questionamentos de Camilo Braz (2009b), que buscou problematizar a partir de quais marcadores os corpos são discursivamente materializados, também busco destacar, neste capítulo, como alguns elementos se articulam na fabricação e construção dos corpos. Assim, procurei dar ênfase a relatos que sugerem como certas práticas exaltam possíveis dissidências *queer* no contexto do trabalho sexual (e das práticas sexuais em um sentido mais amplo), bem como indicam a permanência de ideais regulatórios nos processos de materialização dos corpos.

7.2. “Quanto vale ou é por dote?”: corpo, dote e lábia nas negociações

“Enquanto tomava uma ducha [na sauna], um boy, de aproximadamente 25 anos, se aproximou de mim e ficou me olhando, mexendo no pau, simulando uma masturbação. Ao sair do chuveiro, chamou-me para a entrada da sauna à vapor. Não entramos, mas

ficamos conversando ali na porta. Estava evidente como o “flerte” e a negociação acontecem de forma bem direta nesses ambientes [...] O boy chegou mais perto de mim, tirou a toalha e pareceu estar meio excitado, apresentado seu “cartão de visita” – um pênis enorme... Perguntou-me se eu estava interessado em “algo”, mas disse-lhe que não tinha a intenção de pagar por um programa naquele dia. De modo amigável, falou que se eu mudasse de ideia, era só chamá-lo”.

(Trecho de diário de campo)

“Logo que entrei na sauna, um boy se aproximou de mim e tentou negociar um programa. Continuí caminhando no estabelecimento enquanto conversava com ele e ia conhecendo o local. Ao nos aproximarmos da área da sauna, o garoto tirou a toalha, ficou nu e, próximo de mim, começou a se masturbar. Perguntou-me se ele fazia “meu tipo” [...] Disse-lhe que no momento não estava interessado no programa, mas ele insistiu: “Pô, mais veio aqui e não vai gozar? Vamos gozar! Vou deixar você louco. Curte uma linguada?”. Disse-lhe que naquele dia não estava com dinheiro e que não poderia pagar, mas ainda assim tentou negociar: “Posso fazer por R\$80,00”. Ao perceber que não iria pagar pelo programa, voltou a circular pela sauna e disse que se eu mudasse de ideia poderia procurá-lo”.

(Trecho de diário de campo)

“O cliente gosta mesmo de pau e de bunda. Se a bunda tá grande e o pau tá duro, tá bom! [...] Se tem um corpinho legal também, né?” (Nick)

Essas cenas que descrevem interações entre mim e garotos de programa em dois estabelecimentos diferentes, bem como a fala de Nick, um garoto que trabalhava em uma sauna de Porto Alegre, expressam algumas questões relativas ao corpo e às performances eróticas operadas no trabalho sexual que gostaria de destacar nesse tópico: a importância da exibição do corpo, especialmente do “dote” (pênis); e da “lábria”, ou seja, as conversas e os jogos de sedução performados pelos *boys* na produção do “tesão” no cliente.

A partir das observações em campo pude ver e escutar alguns modos pelos quais os *boys* experienciavam e usavam o corpo durante seus cotidianos de trabalho. Em todas essas interações, percebi que o dote é sempre muito focado e valorizado, de modo que ele passa a ser

um dos principais “cartões de visita” do *boy* - “*um excelente cartão de visita*”, como falou Jean em uma de nossas conversas. A partir de uma operação metonímica, na qual a genitália ocupa o lugar de representação do sujeito, a exibição do pênis torna-se central nos jogos de conquista dos clientes e nas performances empreendidas pelos garotos.

No geral, quando são possuidores de um pênis grande, os *boys* costumam usar dessa característica como uma das principais formas para “atrair” clientes e/ou divulgar seus trabalhos na internet. Isso ficou muito evidente nas conversas que tive com meus interlocutores, nas minhas observações pelas saunas e também quando pesquisava sites de classificados de garotos na internet. Em relação à internet, todos os sites que acessei que divulgam perfis de garotos de programa permitem que o *boy* preencha o campo “dote” (em português) ou “*penis size*” (em inglês). O item “dote” a ser preenchido é encontrado tanto em sites brasileiros como estrangeiros, o que indica que a valorização do tamanho do pênis no mercado do sexo não é uma característica exclusiva de contextos brasileiros. Além de preencherem o campo “dote/*penis size*”, muitos garotos usam outras estratégias para reforçar suas características genitais. Alguns acrescentam alguma palavra em seus nomes de perfil de modo a qualificar o tamanho do pênis (“*Bruno Dotado*”, “*Thor Cavalão*”, “*Caio_XXL*”¹⁰¹, etc.). Outros, além de destacar o tamanho do pênis no campo “dote”, também descrevem características do pênis (“*Grossão*”, “*Sempre duro*”, etc.). Rafael Saldanha (2010) também identificou a ênfase dada ao dote nos anúncios de garotos de programa publicados em jornais impressos. De acordo com o pesquisador, a divulgação do tamanho do dote nesses tipos de anúncios estaria associada a uma representação da virilidade, da potência sexual e de uma masculinidade hegemônica, elementos que agregariam valor aos programas.

Nos espaços públicos (ruas, praças e parques) essa exibição ocorre de modo mais discreto, porém não menos central na composição dos códigos utilizados nas comunicações “invisíveis” que se estabelecem entre *boys* e clientes transeuntes, como já pontuei no capítulo quatro. Nesses territórios, uma “apalpada” no pênis escondido sob a calça, ou até mesmo uma rápida exibição do órgão desnudo, pode produzir uma aproximação entre os sujeitos interessados no sexo comercial. Esses códigos e performances que antecedem a aproximação

¹⁰¹ Em inglês, os *boys* costumam usar as medidas L (large), XL (extra large), XXL (double extra large) – geralmente atribuídas a peças de vestuários, para caracterizar o tamanho de seus pênis.

e a negociação entre clientes e boys, também foram observados por outros pesquisadores que estudaram a prostituição masculina, como Viana (2010a), Santos, E. N. (2007), Santos, J. D. F. (2013), Barreto (2014), entre outros.

Nas saunas, fui percebendo que a exibição do pênis acontece a partir de um jogo de visibilidades e invisibilidades. Nesses contextos, *boys* e demais frequentadores das saunas ficam apenas de toalha e sandália, de modo que os corpos já ficam parcialmente expostos. Em todas as saunas que frequentei, foi comum observar que os garotos circulam pelos ambientes ora mostrando todo o corpo nu, ora cobrindo partes deste. Mesmo enrolados nas toalhas, eles costumam deixar evidente o “volume” que o pênis faz por debaixo do pano, instigando a curiosidade e o tesão dos clientes, que não deixam de direcionar o olhar para o dote, como se estivessem avaliando e admirando os atributos físicos dos *boys*. Jorge (Porto Alegre) e Harry (São Paulo) falaram um pouco sobre como percebem essa “fixação” dos clientes pelos pênis dos garotos:

A grande maioria busca pau. Ele olha direto pro seu pau. Às vezes ele não se agrada no teu pau e vai procurar outro. Ai o pau do outro é grande e tem um outro que é maior... e assim gira. [...] É o que o cliente busca: é o pau. (Jorge)

Cara, é muito importante [*o pau*]! Tem homem que não sai com você se você não mostrar seu pau duro, se você não ficar de pau duro, mostrar o tamanho dele, entendeu? (Harry)

Sabendo dessa importância atribuída ao genital, os garotos ficam espalhados pelos vários ambientes das saunas à procura de clientes e exibindo seus dotes. De vez em quando, encostam-se em alguma parede de um corredor, sentam em uma mesa do bar ou param nas salas onde são projetados filmes pornô, e ficam se masturbando com o pênis à vista para quem quiser ver. Essa prática serve tanto para os *boys* manterem a ereção, como para provocar o tesão nos clientes, que se excitam com a performance sexual da masturbação. Especialmente no interior das saunas propriamente ditas (a vapor e seca) e nas salas de vídeos, também observei com frequência que quando algum garoto performava uma masturbação, vários clientes se aglomeravam no ambiente para observar essa espécie de *pocket show* e para, às vezes, também se masturbarem enquanto compunham uma

espécie de plateia diante ou ao redor do *boy*. Alguns garotos, inclusive, permitiam que os clientes tocassem partes de seus corpos e seus pênis, como uma forma de deixar que o “produto” fosse avaliado antes de ser “negociado” e “consumido”. Todo esse jogo vai mobilizando fantasias, tesão e desejo entre os clientes, que ficam excitados e muitas vezes acabam se “encantando” pelo *boy*, contratando, assim, seus serviços.

Em conversas informais que tive com garotos que atuavam nas saunas, alguns me contaram que iam com frequência para a sala onde ficavam sendo exibidos filmes pornô heterossexuais e/ou gays, pois isso os ajudava a ficar excitados, tanto durante a circulação pelos ambientes como na hora do programa com o cliente. Se um cliente não os atraía sexualmente, tentavam evocar mentalmente as cenas dos filmes pornô assistidos previamente, algo que, segundo alguns relatos, possibilitava a manutenção da ereção. A questão das “técnicas de excitação” usadas por garotos de programa para manter a ereção durante o trabalho sexual foi um tema aprofundado na dissertação de mestrado em Psicologia de Normando José Queiroz Viana, defendida em 2010, na UFPE. Segundo Viana (2010a), os *boys* costumam utilizar diversas técnicas para manter o “pau duro”, desde técnicas de imaginação e mentalização, até o uso de medicamentos alopáticos, conforme discutirei mais adiante.

Como antecipei anteriormente, essa valorização do pênis no mercado sexual parece indicar a permanência de normas falocêntricas na produção das sexualidades masculinas, das masculinidades de homens cisgêneros e nas materialidades desses corpos. Pude perceber que aqueles garotos que se consideravam “bem dotados”, ou seja, possuidores de um pênis grande para os “padrões da maioria”, avaliavam que tinham vantagens na hora de oferecer seus serviços. Muitos expressavam que o “pau grande” era um elemento que podia inclusive se sobrepor a outras características corporais, como “músculos bem definidos”, “beleza física” e até mesmo a idade do *boy*. Thor, um dos garotos que mais exaltou orgulhosamente o tamanho do seu dote, expressou a importância do comprimento do pênis no sucesso de sua carreira como trabalhador do sexo. Além de atuar como garoto de programa nas saunas, também era bastante solicitado quando anunciava suas fotos pela internet. Por causa do seu pênis com tamanho “fora do comum”, posou nu em ensaios fotográficos para revistas eróticas - o que lhe ajudou na divulgação do seu trabalho como *boy*; e foi convidado para fazer filmes pornô - o que acabou recusando por considerar que não seria bom para sua imagem: “[...] *tu vai morrer, vai ta velho, vai ta com 100 anos e o filme vai ta lá passando. E é ruim*”. Segundo Thor:

“Se eu não tivesse uma bengala de 25 centímetros, de 27 de baixo pra cima, cara, eu ia ter passado fome!”

Hulk, de Curitiba, não apresentava um corpo “torneado”, achava que atualmente tinha “engordado” em comparação ao seu peso quando começou a trabalhar como *boy*, e se considerava “velho” em relação à média de idade dos garotos de programa (tinha 36 anos na época em que eu o entrevistei). Apesar desses atributos, avaliava que conseguia manter sua clientela devido ao tamanho do seu “dote” e à sua performance viril de “macho ativo”:

Mas eu sempre me dei bem. Porque meu pinto é grande entendeu? Daqui, eu acho que o meu é o maior que tem aqui! Então isso também ajuda né? Porque os clientes olham e gostam [...] Agora também eu tô um pouco velho, engordei um pouco. Mas também, né cara? Eu tô com 36 anos. Mas a gente se cuida [...] Cara, eu vou te falar: aqui tem uma galera dos 30 pra cima, e tem uma galera dos 30 pra baixo. Aqui. Já em São Paulo é mais a rapaziada nova. Tem os mais velhos, mas são poucos [...]. Os clientes que me procuram são os clientes que gostam de fazer passivo. Que gosta de rolar grande. Que gosta que soque, gosta que bate, entendeu? Eu faço... que curte macho entendeu? Eles curtem macho, não bichinha! [...] Eu faço de tudo, menos passivo. Beijo sem problema nenhum! (Hulk)

Nessa fala de Hulk, podemos perceber muito bem a relação entre tamanho do dote (ter “*pinto grande*”, “*rola grande*”), performance sexual (ativo, penetrador, agressivo, violento “*que soca e que bate*”), masculinidade e virilidade (representada na figura do “*macho*”). Como já mencionei no capítulo quatro, Hulk era o único dos meus interlocutores que se identificava exclusivamente como heterossexual. Seu envolvimento sexual com outros homens só acontecia profissionalmente, de modo que seu trabalho não parecia ameaçar sua auto-referência como “macho”. Orgulhava-se de suas características que costumam ser lidas como “típicas de um homem”, de um “*macho*”, e não de “*uma bichinha*”, demarcando nitidamente uma hierarquia entre sua masculinidade heterossexual e outras expressões de masculinidades não-hegemônicas (inferiorizadas por Hulk), facilmente também percebidas nas expressões de gênero de outros garotos de programa que

circulam pelas saunas. Ainda podemos destacar no relato de Hulk a reprodução de um discurso que reitera as hierarquias de gênero e sexuais e que contribui com a manutenção de uma hipervalorização da masculinidade assentada sobre uma matriz heterossexual/heteronormativa. Camilo Braz também observou, a partir de suas pesquisas sobre locais comerciais para encontros sexuais entre homens, os efeitos dessas prerrogativas hierárquicas de um tipo hegemônico de masculinidade nas construções das materialidades dos corpos:

A “hipervalorização da masculinidade” e a produção do “macho” como sujeito e objeto de desejo parecem ser elementos implicados nos processos de materialização dos corpos e de produção de subjetividades em muitos dos contextos de circulação de homens que se relacionam afetivo-sexualmente com outros homens no Brasil contemporâneo [...]. Tais convenções aparecem bastante difundidas, e diversamente marcadas, por exemplo, em locais comerciais para encontros sexuais entre homens [...] Por mais questionável que seja do ponto de vista das hierarquias que coloca, a criação discursiva do “macho” como objeto de desejo entre esses homens pode ser lida como uma rearticulação ou deslocamento de convenções relativas a sexo, gênero, desejo e práticas sexuais que comporiam a matriz heteronormativa culturalmente disseminada a partir da qual os sujeitos ganham inteligibilidade, ou seja “vêm a ser” [...]. Por outro lado, a valorização da masculinidade implicaria a criação de novos modos de hierarquização e de inteligibilidade que não podem ser menosprezados (BRAZ, 2009b, p. 209). [grifo meu]

Em consonância à proposição de Braz supracitada, e a partir do relato de Hulk (mas também de outros interlocutores) e das minhas observações nas saunas, fui considerando que a produção do “macho” como objeto de desejo valorizado no mercado do sexo tem relação direta com os regimes de visibilidade do corpo que elegem o “dote grande” dos *boys* como materialidade “mais inteligível”, “mais desejável”. As relações entre dote, sexualidade e gênero, e seus efeitos na construção

de matérias inteligíveis, é algo muito comum nas experiências das masculinidades mais hegemônicas.

As normas falocêntricas, que produzem materialidades que passam a representar um homem “mais homem” e “mais macho”, estabelecem hierarquias corporais que são baseadas no tamanho do pênis. A figura do “bem dotado” e os discursos que associam o pênis grande à potência sexual (e a determinados papéis sexuais) são ideais regulatórios na constituição das masculinidades e afetam grande parte dos homens ocidentais. Sujeitos racializados, no entanto, acabam sendo mais afetados por essas (falo)normas¹⁰², uma vez que uma das marcas do racismo é a demarcação de hierarquias a partir de características físicas específicas atribuídas a determinados tipos de corpos e fenótipos (SHUCMAN, 2014). Assim, dentro de um imaginário racista, homens negros seriam “naturalmente dotados, sexualmente ativos, penetradores e teriam um grande apetite sexual”; homens japoneses “teriam pênis pequeno, seriam ‘dóceis’ e ‘pouco sexuais’”; etc. Além disso, não podemos desconsiderar que essa hipervalorização do pênis também está ancorada em normas cisgêneras. Não são todos os homens que possuem pênis, como no caso dos homens transexuais, mas nem por isso esses sujeitos deixam de ser homens (ainda que os discursos cisnormativos que circulam por todo o campo social deslegitem as experiências de masculinidades dos homens trans). Como se pode notar, não se trata, evidentemente, de uma norma que atravessa as performatividades apenas de homens trabalhadores do sexo. Porém, nos casos nos quais o sexo é comercializado, pude ir percebendo, a partir dos relatos dos *boys*, como essas hierarquizações e normas são constantemente valorizadas, reiteradas, recitadas e convertidas em valor econômico.

Outro garoto que caracterizou o tamanho do dote como uma parte valorizada do corpo do *boy* foi Frank. Ele também pontuou que não ter um corpo “bombado” e “definido” não era tão relevante, pois o fato de ter um “dote grande” compensaria a “ausência” desses outros atributos físicos. Apesar de considerar importante o tamanho do dote, Frank relativizava a centralidade do tamanho do pênis na escolha dos clientes. A variedade de gostos e de preferências de posições sexuais (ativos e/ou passivos) faria com que existisse “mercado” para todos os “tipos” de *boys*:

¹⁰² No capítulo cinco, fiz uma breve discussão articulando raça e a produção das hierarquias dos circuitos de prostituição.

Olha, pelo o que eu ando observando o cliente procura mais... ele vem direto no assunto. É que tem opções, né? Eu sou cem por cento ativo. Então tem clientes passivos que procuram só os ativos. E têm os clientes ativos que procuram os meninos que são passivos. [...] Um cliente ativo vai olhar pro meu dote e às vezes tem até medo, sabe? Então... o dote conta bastante. É porque eu não sou definido, não sou bombado. Mas eu tenho o dote grande e sei usar ele. Isso aí faz a diferença. Tem gosto pra todos, né? Alguns clientes gostam de homens mais definidos. Depende. Gosto é muito relativo. Mas os clientes que me procuram, é mais direcionado ao dote grande. (Frank)

Jean também relatou sua percepção sobre a centralidade do dote no trabalho sexual e na preferência dos clientes. Como observaram outros garotos, Jean considerava que o pênis tem mais importância no apelo erótico do *boy* que o resto do corpo. De modo semelhante a Frank e Hulk, pontuou que existiam gostos para todos os “tipos de boys” e que ele mesmo não estava dentro de padrões mais hegemônicos: não era “sarado”; tinha uma “barriguinha”; não se considerava de “aparência jovem” (apesar de ser dois anos mais novo que eu, falou que me achava “*mais conservado*”); tinha bastante “pelos” pelo corpo. No seu caso, não chegou a enaltecer o comprimento, mas sim a “grossura” do pênis, algo que potencialmente também valoriza o dote e o *boy* como um todo:

[...] meu pinto é muito grosso né? Tem três dedos de grossura! [...] Eu como de tudo, eu como bastante *x-burguer* e tudo! É que hoje em dia existe gosto pra tudo: tem gente que gosta de homem bombado, tem gente que gosta de homem normal, de homem peludo, homem careca. Vai depender do teu jeito de ser, da tua postura, da tua forma de falar, da tua forma de te expressar, do teu toque... e do teu membro, que ajuda bastante né... Se você tiver um pênis grande... [risos] [...] Não adianta ter um corpão desse tamanho e um tiquinho [fala apontando pro pênis] desse tamanho né... Só se você for dar a bunda né?! [risos] (Jean)

Nos jogos das valorações e objetificações sobre os corpos de muitos homens (garotos de programa ou não), o “pau grande” ocupa o lugar de um imaginário fetichizado, desejado, exotificado. O pênis, especialmente o dos “avantajados”, se torna quase que um objeto de “adoração” por parte de muitos/as admiradores/as (clientes ou não). É comum, especialmente entre alguns círculos de gays e de travestis (e de mulheres cisgêneras heterossexuais, com menos frequência) o dote ser a referência para qualificar positivamente o *boy* (bem como outros homens que não são trabalhadores do sexo), como se pode ver em expressões como “bofe escândalo” e “boy magia” (que podem representar simplesmente um garoto belo, não necessariamente “bem dotado”); “pau magia”; “amor de pica é que fica”; “*neca grande*”, “*neca odora*”, “*necudo*”, “*necão*”; “*jeba*”¹⁰³; etc.

Diante dessa sobrevalorização do órgão genital masculino, aqueles garotos que são considerados “bem dotados” passam a atiçar a curiosidade dos clientes. Frank, por exemplo, se orgulhava dos seus “26 centímetros de dote” e se dizia “um dos garotos mais dotados de Porto Alegre e região”. Por causa dos seus atributos, contou-me que fazia muito sucesso com suas fotos quando as publicava na internet e quando estava trabalhando nas saunas. Ele foi um dos meus interlocutores que comentou a respeito da curiosidade de clientes (nesse relato, cinco mulheres) em relação ao seu pênis:

Uma vez fui num motel tinham cinco garotas lá. Tinham cinco garotas. Elas queriam ver. Tavam curiosas, porque elas não tavam acreditando no tamanho do dote [...] Mostrei... até tentei fazer uma química ali, pra ver se rolava entre elas também. Usar a criatividade e tal... Mas não rolou. Não rolou. Aí foram embora! Geralmente assim: algumas pessoas não rola, sabe? Quer ir mais na curiosidade (Frank)

Os garotos sabem muito bem que o fato de ser “bem dotado” desperta o desejo e a curiosidade nos/nas clientes. Uma vez que as normas estão a todo tempo nos atravessando, nos constituindo e produzindo formas desejantes, é de se esperar que essas falornormas produzam sentimentos como a curiosidade de ver, tocar e sentir aqueles

¹⁰³ No bajubá a palavra “*neca*” significa “pênis”. Tanto as expressões “*neca odara*”, “*necão*”, “*necudo*”, quanto a palavra “*jeba*” fazem alusão a “*pênis grandes*”.

corpos (ou partes deles) que representam uma materialização emblemática do falocentrismo. Porém, se por um lado alguns sujeitos reproduzem e performatizam os efeitos mais “caricatos” da relação linear entre sexo, gênero, desejo, prática sexual, corpo e dote, como no caso de Hulk citado anteriormente, outros parecem não ceder totalmente às prerrogativas desse sistema normativo. Frank, por exemplo, tinha consciência de que seu “dote” era considerado “acima de média”, mas nem por isso parecia performar uma masculinidade agressiva (que “soca”, “bate”, como dizia Hulk). Destacou a importância do “jeitinho”, da “química”, “do contato”, e do cuidado com os/as clientes:

[...] Às vezes tem a questão do cliente ficar preocupado: “Pô... *um dote grande vai acabar comigo... vai me destruir*”. É o que eles falam... “*ah, vai me largar no hospital...*”. Não, mas não é isso... É a questão que tudo tem um jeitinho. Com jeitinho, com química... eu procuro deixar o cliente bem a vontade, bem relaxado. Preparo, faço uma massagem antes, com contato físico, conversa... De repente fazer até uma carícia, alguma coisa pra deixar bem à vontade. Porque a pessoa preocupada, se não descontraír não vai rolar uma coisa legal. Ela tem que sentir... Ela quer relaxar. Ela quer se sentir bem. Então tem que proporcionar esse momento pra ela. Não de ir pro hospital! É essa questão assim... Do contato, né? Acho importante. Tem que ter um mínimo, um pouco de afinidade, sabe? Porque mesmo sendo sexo seguro, é uma troca de química sabe? Mesmo sendo profissional, mas tem que ter um contato físico, vai haver um contato físico. Uma coisa mais [...] Existe muito isso: tem mulheres, tem casal, ou homem... falando aí no nosso português: fica de pau duro, faz o que tem que fazer e pronto. É uma coisa assim, de chegar e... no tempo dos primatas... é acasalar e deu, pronto. Não tem nada de emoção ou coisa assim. Na verdade vê de tudo... cada um tem uma reação, uma surpresa, um modo de tratar o outro. (Frank)

Essa fala de Frank indica que o dote é um elemento significativo, mas outras questões envolvidas nos encontros entre *boys* e clientes, como emoção, conversa, “química”, descontração, também são

consideradas por alguns garotos. Percebe-se, assim, que ainda que o dote tenha uma centralidade na percepção e na valoração sobre os corpos dos *boys*, outros atributos não deixam de ser importantes na construção corporal dos garotos de programa. Características que nas relações sociais em geral já são exaltadas e valorizadas repercutem nos modos pelos quais os trabalhadores do sexo constroem e mantêm seus corpos. Os relatos abaixo de Harry, Jorge e Mike falam um pouco sobre os critérios estéticos que são levados em consideração, tanto pelos *boys* em suas performances, como pelos clientes em suas escolhas por um garoto de programa:

Mas a questão do corpo, eu, no meu caso, eu gosto de cuidar muito do meu corpo. Porque tem retorno. Você vai envelhecendo. Você vai exercendo a função, o seu corpo não vai ser um corpo mais duro. Vai ser um corpo com mais pegada... todo mundo te aperta... Então você tem que cuidar pra você não ficar aquela pessoa amassada, toda torta, estranha, sabe? Então você tem que cuidar muito bem dessa parte. (Harry)

Eu sou muito rigoroso em relação a isso [*referindo-se ao corpo*] [...] Pra mim um *boy*, ele tem que ser... ele tem q ter um corpo legal, um corpo bonito. Ele trabalha com o corpo. Então tem que ter um corpo malhado. Não é o que a gente vê aqui dentro. Alguns tem um corpo bonito, outros não são malhados. No meu ponto de vista, se trabalha com corpo tem que ter um corpo legal. O cliente, na sauna, é variado. Ele busca um cara legal pra conversar. Ele busca um corpo bonito. (Jorge)

Só que eu não sei se esses clientes buscam... Eu não sei o que na verdade... Acho que eles buscam muito o corpo. Então você tem que ter um corpo legal [...] Em primeiro lugar isso. Sei lá... talvez você ter pauzão, isso ajuda muito [...] Quanto mais forte você for, você vai ter uma aceitação melhor. Porque é isso que os caras procuram né? Corpo! Você ter um pauzão legal, você vai trabalhar legal. Se você tem uma bunda legal, vai trabalhar melhor. Acho que quanto mais atributos

você tem... Se seu corpo for maior, você vai trabalhar mais também. E eu sou magro. Então talvez isso também tenha deixado a desejar um pouco durante esses dois anos que eu faço programa. Mas eu nunca tive coragem de aplicar algum tipo de coisa pra ficar igual os meninos. Eu tinha medo... tinha, não, eu tenho medo de provocar alguma enfermidade futuramente. Então eu sempre procurei treinar pra mim, porque é uma coisa que eu gosto. Vou ser um magro, mas um magro legal, poxa, um magro que malha legal, do que ficar igual a eles... não sei. São caminhos. Cada um escolhe o seu. (Mike)

Esses relatos indicam que o “*corpo como um todo*” também é objeto de reflexão e cuidado no cotidiano de trabalho dos *boys*. Manter uma “boa” imagem corporal também significa cuidar do próprio recurso de trabalho e, por consequência, garantir a renda mensal. Ainda que o corpo seja usado como uma espécie de “mostruário” (a partir do qual os clientes avaliam dote, músculos, aparência, etc.), acho interessante pontuar que nem todos os garotos se submetem a um ideal estético de corpo “inatingível” (ou dificilmente atingível). Muitos dos meus interlocutores não eram necessariamente “bombados” ou “muito fortes”. Alguns praticavam esportes, mas não eram exageradamente musculosos. É claro que também pude ver vários garotos que ostentavam músculos salientes e que eram identificados por alguns como “*boys inchados*” (uma alusão aos músculos com aparência “inchada” decorrente do uso de anabolizantes) ou como “*barbies*” (uma gíria *gay* que alude aos homens muito musculosos). Pareceu-me evidente que as diferenças de corpos (aqueles que estão dentro, fora, “mais ou menos dentro” ou “mais ou menos fora” de um padrão estético) tenha relação direta com a possibilidade de acessar determinados circuitos que são hierarquizados no mercado do sexo, como já discuti no capítulo cinco. É importante ressaltar, portanto, que essas marcações corporais problematizadas aqui dizem respeito, sobretudo, ao circuito das saunas por onde circulei.

Apesar da existência dessas hierarquizações baseadas nos tipos corporais, pude notar, a exemplo dos relatos de Hulk, Jean, Thor, Mike, Frank, Harry, Jorge e Nick, que não parecia haver uma “obsessão” em alcançar uma imagem idealizada de corpo. Percebi, ao contrário, narrativas que diziam respeito a “cuidados básicos”, como frequentar academia, praticar corrida, cuidar da alimentação, dormir bem, etc. Mike, por exemplo, mesmo dizendo que talvez “*tenha deixado algo a*

desejar” em sua atuação como *boy* por se considerar “magro”, tinha uma posição bem definida quanto à prudência em relação aos cuidados com sua saúde e quanto aos perigos de “*aplicar alguma coisa*” (fazendo alusão aos anabolizantes). Jean, por sua vez, comentou sobre o fato de alguns clientes gostarem de “*homem normal, de homem peludo, homem careca*”. E Nick destacou a presença de diversos tipos de corpos de *boys* circulando pela sauna: “[...] *como você pode ver, tem uns [boys] magrinhos, uns gordos. Têm malhados... Mas tem uns [clientes] que têm a preferência pelos que são magrinhos*”.

Esse cuidado com o corpo também foi expresso em relação à prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs). A questão das vulnerabilidades em relação ao HIV/Aids e outras ISTs não foi um tema que pretendi desenvolver nessa tese. Desviar-me desse foco se relacionou a uma tentativa deliberada de construir uma narrativa sobre/com os trabalhadores do sexo que não estivesse colada às questões de doenças. Segundo David Bimbi (2007), desde a década de 1990 o paradigma hegemônico, ainda vigente, que vem orientando as pesquisas sobre homens trabalhadores do sexo está profundamente marcado pela ideia de que esses sujeitos seriam “vetores de doença” e que esse grupo populacional seria um “problema de saúde pública”. Para o autor, as investigações enviesadas por esses discursos contribuíram com o aumento da estigmatização e desumanização dos trabalhadores do sexo. Não pretendo afirmar que pesquisas sobre saúde e vulnerabilidades dos garotos de programa e sobre prevenção não sejam importantes, sobretudo aquelas com enfoques psicossociais, como as desenvolvidas por Silva Jr. e Adorno (2009), Antunes e Paiva (2013), Santos, M. A. (2014), Moscheta, McNamee e Santos (2014). Porém, procurei me alinhar ao que Bimbi denomina como sendo um “paradigma de pesquisa mais novo”, que estaria em diálogo com as críticas de movimentos sociais de trabalhadoras(es) do sexo. Essa perspectiva tenta descolar a ideia do “indivíduo vetor de doença” como único significante capaz de representar o “sujeito trabalhador do sexo”. Busca-se, assim, compreender o trabalho sexual como um “trabalho de fato”, problematizando questões como direitos humanos e direitos sexuais, estigma, modos de vida, condições de trabalho, profissionalização do trabalho sexual, afetos envolvidos no trabalho sexual, fluxos de pessoas nas dinâmicas do mercado do sexo, etc.

Ainda que eu não tivesse feito perguntas que se relacionassem diretamente às questões de prevenção de ISTs, alguns garotos tocaram nesse assunto. Percebi que o cuidado com possíveis infecções era algo presente e que essa era uma preocupação que não se relacionava apenas

a um cuidado de si, mas também se estendia às/aos possíveis companheiras/os afetivos com os/as quais alguns mantinham algum tipo de relação. Os relatos de Jorge, Mike e Nick expressam essas questões:

Em relação aos programas eu me preocupava com as doenças sexualmente transmissíveis. Então eu sou uma pessoa muito cuidadosa! To sempre me protegendo! E esse é o meu medo. De contrair alguma doença grave. Graças a deus que... bom, eu também me protejo... Na real essa é a preocupação. (Jorge)

Eu sou um cara que sempre me cuidei em relação a doenças. Eu acho que isso também é o que me motiva muito mais a sair [*da prostituição*]. Porque eu morro de medo de pegar qualquer tipo de doença. (Mike)

E eu tenho medo de um dia, sei lá, passar alguma doença pra ela [*referindo-se à namorada*]. Mesmo eu me cuidando, a camisinha pode estourar. Mas... isso me deixa muito mal. (Nick)

Durante as minhas conversas com meus interlocutores, vários garotos, além dos citados acima, falaram sobre a questão do uso de preservativo. Percebi que todos eles tinham conhecimentos sobre formas de prevenção de doenças (o que não quer dizer que possamos inferir, imediatamente, que todos eles façam uso do preservativo em todas as relações sexuais). Na revisão bibliográfica de pesquisas sobre homens trabalhadores do sexo, David Bimbi (2007) identificou que algumas investigações em contextos norte-americanos apontaram que os garotos de programa eram “bem instruídos” em relação às formas de infecção pelo HIV e que muitos deles inclusive educavam seus clientes sobre a necessidade de uso de preservativos. Ainda que essas informações não estejam tão consonantes com as conclusões de algumas pesquisas brasileiras, como as citadas anteriormente, é interessante perceber que o cuidado com a prevenção de ISTs parece ser algo corrente no cotidiano dos *boys*, a despeito das poucas campanhas de prevenção direcionadas a essa população. Em conversas desenvolvidas com meus interlocutores, cheguei a perguntar se eles tinham algum contato ou se participavam de alguma ONG e/ou movimentos sociais. Nenhum deles mencionou estar envolvido com esses tipos de instituições. A referência que tinham era a

de que algumas ONGs iam até as saunas para deixar preservativos e gel lubrificante nos estabelecimentos para que eles pudessem ter acesso gratuito a esses insumos. Porém, tive a impressão de que a maioria deles percebia que essa era a “única função” dessas instituições, de modo que não parecia haver um envolvimento mais “direto” e “pessoal” dos garotos com organizações não governamentais, movimentos sociais, serviços de saúde, serviços de assistência social, etc.

Além do *dote* e do “*corpo como um todo*”, a *lábua* me pareceu se constituir como mais um elemento importante nos processos de negociações, seduções e de conquistas de clientes, conforme já mencionado em algumas narrativas destacadas. A *lábua* significaria a capacidade de estabelecer com o cliente uma boa conversa, um papo interessante, demonstrar preocupação, simpatia, produzir um contexto de aproximação mais descontraído, agradável e amigável. Também pode dizer respeito à capacidade de sedução, de conquista e de fazer o cliente se envolver no jogo erótico que pode ou não culminar no ato sexual. Justin explica sobre a importância da conversa:

No começo [*o corpo*] ajuda. A pessoa olha assim, no primeiro impacto. Não adianta a pessoa ser bonita e ficar ali “*hã... hã...*”. Tem que ter conversa. É o conjunto, entendeu? É o conjunto da coisa que agrega. (Justin)

Foi frequente observar, nas saunas por onde circulei, momentos de conversas nos quais a *lábua* era utilizada como estratégia de aproximação dos clientes. Como já sinalizei em outros momentos, eu mesmo, como frequentador das saunas, também fui “alvo” dessas investidas que envolviam breves conversas, gestos e sussurros eróticos, e bate-papos triviais em mesas de bar ou outros ambientes das saunas. Essa aproximação produz uma atmosfera de amizade, onde clientes e *boys* interagem num clima afetivo. Durante as “rodas de conversa” que acontecem em diversos cantos dos estabelecimentos, ora entre grupos de clientes e *boys*, ora entre um par (*boy* e cliente), percebe-se o quanto alguns clientes já são “velhos conhecidos da casa”. Foi visível, para mim, o grau de intimidade, não necessariamente sexual, estabelecido entre os vários homens que circulam nesses territórios.

São nesses momentos de conversa, nos quais os encontros mais “calmos” são possíveis e os clientes podem desenvolver um papo mais aprofundado com os *boys*, que os garotos também conquistam seus clientes e os clientes conquistam “seus” *boys* – trata-se de um “jogo de

mão-dupla”. Apesar de nas saunas eu ter visto clientes das mais variadas idades, nesses momentos de conversa me pareceu mais comum a interação entre jovens garotos e os clientes mais velhos. Fernando Pocahy (2011, 2012), de maneira mais atenta, já problematizou, a partir de sua tese de doutorado, essas relações complexas entre garotos de programa e clientes idosos, que se efetivam nas saunas. Destaco uma cena que pude testemunhar em uma sauna de Porto Alegre e que considero expressar um pouco dessas interações:

“Sentado numa mesa do bar ou circulando no último piso da sauna, testemunho algumas cenas que desestabilizam as expectativas sociais sobre os encontros entre jovens e idosos. Um jovem boy sentado à mesa junto com um homem mais velho, ambos apenas com a toalha enrolada no corpo, bebem, fumam, comem alguns petiscos e conversam sobre coisas da vida. O homem de mais idade parece se portar como alguém mais experiente que dá conselhos ao mais jovem. O jovem, por sua vez, escuta os conselhos atentamente e parece saber, também pela sua experiência, que ali se desenha uma relação que pode lhe trazer alguns benefícios: não apenas o pagamento pelo programa, mas uma cerveja que fica na conta do cliente, um troco a mais pela conversa, um agrado...”

(Trecho de diário de campo)

Essa cena que anotei em um dos meus diários de campo e que descreve um jovem garoto de programa interagindo com um homem idoso, não foi a única que observei durante a pesquisa de campo. Ao reler minhas anotações, percebi o quanto esses encontros remetem àquele cenário descrito no conto “O rapaz mais triste do mundo”, de Caio Fernando Abreu (2014), com o qual iniciei esta tese. Repetições e semelhanças que não parecem ser meros acasos. Esses personagens (o boy e/ou o jovem e o “homem maduro” e/ou idoso) habitam essas territorialidades marginais de alguns contextos urbanos de sociabilidades homoeróticas brasileiras. Isso fica muito evidente nas obras do próprio Caio Fernando Abreu, nas pesquisas de Néstor Perlongher (2005, 2008), bem como em produções mais recentes como as de Simões (2004), Pocahy (2011, 2012) e Paiva (2009). Eu mesmo também procurei discutir essa questão a partir da minha pesquisa de mestrado (SANTOS, 2012; SANTOS & LAGO, 2013, 2016). Não pretendo retomar aqui o tema das experiências da homossexualidade e do homoerotismo na velhice. Teses importantes defendidas

recentemente, como a de PocaHy (2011), Henning (2014) e Passamani (2015), vêm dando conta de problematizar essa temática de forma mais cuidadosa e adequada. Porém, não poderia me furtar de pelo menos apontar que a conquista, as conversas mais demoradas e o “jogo da lábia” empreendido pelos *boys* muitas vezes são práticas direcionadas especialmente a esse público, os “homens de mais idade”, pelo menos nos contextos das saunas.

Nas conversas de bar, desenvolvidas no interior das saunas, é como se um outro “tempo” se colocasse ali. Um tempo *queer* (HALBERSTAM, 2005) que se esboça num espaço outro, numa heterotopia (FOUCAULT, 2010). Contrariando a ideia da rapidez e efemeridade dos encontros sexuais das saunas, ali o tempo parece desacelerar, criando um espaço para trocas. Aparentemente, trata-se de um daqueles momentos, referenciados por muitos dos meus interlocutores, nos quais o *boy* “*também tem que ser psicólogo do cliente e saber ouvir e dar atenção aos seus desabafos*”. Nesse sentido, acho importante destacar que o trabalho dos garotos de programa vai além, em alguns casos, do ato de oferecer algum tipo de prática sexual. Há muitas outras nuances no trabalho de um *boy* que estão além do sexo. Nos serviços oferecidos nas saunas podem estar incluídos esses momentos de companhia, descontração, conversas, amizade, atenção. Foi recorrente ouvir dos garotos que vários clientes querem apenas conversar, ter uma companhia, receber algum carinho. O sexo, nesses casos, muitas vezes nem é tomado como prioridade. Frank comenta um pouco sobre essa questão:

As vezes o cliente olha e: “*ah, fiquei curioso com aquele rapaz, vou ali conversar com ele*”. Mas aí conversa um pouquinho e aí: “*ah não, não faz o meu tipo*”. Porque eles não querem o sexo... Às vezes é uma palavra de conforto, né? Uma coisa... uma coisa que faz a diferença.

Tem que ter a conversa. Eles falam de tudo... Às vezes quer saber como que é a família... São perguntas básicas... Esse tipo de coisa. (Frank)

Muito dos meus interlocutores falaram sobre essas práticas de “escutar”, de “ser um ombro amigo”, “de oferecer uma palavra de conforto”. Essas “habilidades” ou “funções”, que muitas vezes estão associadas à figura de um “amigo”, de um “confidente” ou de um “psicólogo”, indicam o quanto o trabalho dos garotos de programa extrapola o mero ato sexual e envolve uma dimensão afetiva, emocional,

de interações relacionais. Essas características presentes na atuação dos *boys* poderiam ser pensadas a partir da categoria sociológica de “trabalho emocional”. Kamala Kempadoo (1998), ao se referir às pesquisas que Wendy Chapkis desenvolveu com mulheres trabalhadoras do sexo¹⁰⁴, concorda que o trabalho sexual possa estar vinculado à noção de “trabalho emocional”. Esses tipos de trabalhos incluiriam, por exemplo, as atividades de trabalhadores do sexo, de psicoterapeutas, de atores, de massagistas, etc. Kempadoo comenta que, para Chapkis, a “objetificação da emoção” presente nesses trabalhos não seria necessariamente “destrutiva ou danosa”; e que os/as trabalhadores/as do sexo seriam capazes de “construir e manter fronteiras que os/as protegeriam de abusos”, e de “desenvolver um profissionalismo em relação aos seus trabalhos”. Segundo Kempadoo

trabalhadores(as) do sexo são [...] capazes de distinguir intimidade e amor do ato sexual ele mesmo, da mesma forma que um ator ou um terapeuta são capazes de separar seus trabalhos de suas vidas privadas, preservando um senso de integridade e distância de trabalhos emocionalmente exigentes (KEMPADOO, 1998, p.05)

Penso que não apenas o sexo em si e a *lábria* caracterizam o trabalho sexual como um trabalho emocional. Outros elementos também compõem essa particularidade da atuação dos *boys*, como, por exemplo, quando acompanham seus clientes em viagens, exercendo a função escort/acompanhantes; quando experienciam modos de vidas nômades motivados pelo trabalho sexual, transitando pelo país ou para o exterior (como discutido no capítulo seis); quando os garotos acabam, em decorrência do trabalho que exercem, confrontando-se com uma reflexão sobre o próprio desejo e sobre uma representação identitária de si mesmo (como discutido no capítulo cinco), etc.

Dando continuidade a esta reflexão sobre a materialidade dos corpos, nos tópicos a seguir farei uma breve reflexão sobre mais dois temas que dizem respeito à experiência do corpo no trabalho sexual e que também se relacionam a uma dimensão emocional deste tipo de trabalho. Primeiramente, abordarei a questão do uso de medicamentos

¹⁰⁴ CHAPKIS, Wendy. *Live sex act: Women performing erotic labor*. New York: Routledge, 1997.

para manter a ereção; e em seguida, para finalizar, apresentarei uma discussão sobre as práticas sexuais consideradas “desagradáveis” e/ou “violentas” experienciadas por alguns dos meus interlocutores.

7.3. O corpo-sexual fabricado: aditivos farmacopornográficos e o imperativo da excitação

Se o dote/pênis ocupa um lugar de centralidade na representação erótica dos garotos de programa, não é apenas seu tamanho que importa no exercício do trabalho sexual. A performance sexual, a demanda pela excitação constante e a quantidade de programas solicitados e realizados por dia, exigem dos garotos alta quantidade de energia e disposição. A construção desses corpos excitáveis postos a trabalhar não pode ser pensada fora do contexto de uma economia política do sexo que cria condições de possibilidade para a própria existência material desses sujeitos.

A noção de farmacopornografia desenvolvida Paul Preciado (2008a) parece uma ferramenta útil de análise sobre a fabricação dos corpos-sexuais que estão em evidência no âmbito do trabalho sexual (não só dos *boys*, mas também dos clientes). Para Preciado, a farmacopornografia produz um regime de subjetivação central no capitalismo pós-fordista que incide na formatação e no controle de subjetividades contemporâneas. Segundo o autor, as principais indústrias que dominam o atual sistema de produção global seriam a indústria da guerra, a indústria farmacêutica (que estende seus tentáculos nos complexos médicos, cosméticos e na produção de drogas ilícitas), e a indústria pornográfica¹⁰⁵. Da articulação destas últimas, teríamos uma forma poderosa do poder e de governo biomolecular (*fármaco*) e semiótico-técnico (*pornô*) da subjetividade: produção incessante de um *regime fármacopornográfico de subjetivação*. Esse regime articula

¹⁰⁵ Para Preciado, a *indústria pornográfica* é uma potente tecnologia de produção de gênero e sexualidade e de formas serializadas e modelizadas de experimentar o prazer sexual. Segundo o autor: “*la pornografía dominante es a la heterosexualidad lo que la publicidad a la cultura del consumo de masas: un lenguaje que crea y normaliza modelos de masculinidad y feminidad, generando escenarios utópicos escritos para satisfacer al ojo masculino heterosexual. Ese es en definitiva la tarea de la pornografía dominante: fabricar sujetos sexuales dóciles...hacernos creer que el placer sexual ‘es eso’*” (PRECIADO, 2010, p.14).

formas de controle da subjetividade “com novas plataformas técnicas biomoleculares e midiáticas” (PRECIADO, 2008a, p.32). Nesse contexto, vemos, por exemplo, a explosão de consumo de drogas sintéticas (*aditivos*) que atuam na fabricação de corpos sempre excitados e dispostos a gozar (se excitar sempre a partir das mesmas representações normativas e gozar sempre do mesmo modo); e na proliferação de imagens, signos, discursos e mídias encarregadas de veicular subjetividades “apropriadas” a consumir tais produtos¹⁰⁶. Desse modo, a economia atual não funciona sem essas “matérias primas”:

Osemos la hipótesis: las verdaderas materias primas del proceso productivo actual son **la excitación, la erección, la eyaculación**, el placer y el sentimiento de autocomplacencia y de control omnipotente. El verdadero motor del capitalismo actual es el control farmacopornográfico de la subjetividad, cuyos productos son la serotonina, la testosterona, los antiácidos, la cortisona, los antibióticos, el estradiol, **el alcohol y el tabaco, la morfina, la insulina, la cocaína, el citrato de sildenafil (Viagra) y todo aquel complejo material-virtual que puede ayudar a la producción de estados mentales y psicosomáticos de excitación, relajación y descarga, de omnipotencia y de total control.** Aquí, incluso el dinero se vuelve un significante abstracto psicotrópico. El cuerpo adicto y sexual, el sexo y todos sus derivados semiótico-técnicos son hoy el principal recurso de capitalismo postfordista. (PRECIADO, 2008a, p. 36, 37) [grifos meus]

Tomando como referência esse cenário farmacopornográfico, pretendo pontuar algumas reflexões sobre seus efeitos nos cotidianos

¹⁰⁶ Críticas a esses imperativos de excitação produzidos pelo capitalismo farmacopornográfico podem ser observadas em novos movimentos artísticos, estéticos e contrassexuais, como o pós-pornô, a pornografia *queer*, a pornografia feminista, entre outros. Importantes teses defendidas recentemente na UFSC tratam desses temas, como a de Maria Eduarda Ramos (2015), defendida no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas; e a de Raíssa Éris Grimm (Arthur Grimm Cabral) (2015), defendida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

dos trabalhadores do sexo. O *imperativo da excitação* me pareceu ser um efeito marcante que atravessa a construção da materialidade dos corpos dos *boys* e as performances que eles precisam veicular para serem lidos como um “bom garoto de programa”. Uma das imagens estereotipadas que se costuma formar em relação aos *boys* é a de que eles seriam “máquinas de sexo” sempre dispostas a exercerem suas funções. A ideia da potência sexual presente na fabricação desse “sujeito-máquina-de-sexo” também é estrategicamente reproduzida pelos próprios garotos, indicando que os discursos sobre os imperativos da excitação produzem efeitos de subjetivação, ou seja, dobram-se sobre os sujeitos constituindo modelizações subjetivas (GUATTARI, 1992); performatividades sexuais e de gênero (BUTLER, 2002a); e sujeitos farmacopornograficamente suplementados (PRECIADO, 2008a).

Na auto-representação que muitos veiculam sobre si, seja nas saunas e/ou nos anúncios de divulgação dos serviços (impressos e/ou virtuais), costumam-se usar apelos discursivos-imagéticos que enfatizam uma “super-sexualidade” de um “sujeito sexualmente insaciável, incansável, infalível”. Nas fotos, por exemplo, os garotos estão sempre em posições sensuais e com os pênis rígidos evidenciados, como se estivessem “a ponto de bala” para o ato sexual. Seguindo a mesma lógica, algumas expressões presentes nos perfis dos garotos divulgados em anúncios virtuais, como “*mestre na arte do sexo*”; “*com pegada forte*”; “*cheio de tesão*”; “*garoto sempre pronto a realizar suas fantasias*”; “*ativão com pau sempre duro*”; “*insaciável na cama*”, “*viciado em sexo*”, “*disponível para ir direto para a sua cama*”, etc., indicam o quanto os garotos se apropriam desse imaginário de forma a construir e reforçar a fantasia de que estão sempre prontos para o sexo.

Essa figura que faz parte do imaginário sobre os trabalhadores do sexo também é construída, no caso dos garotos de programa, pelas normas de gênero que regulam a produção das masculinidades. Os homens, dentro das matrizes normativas de gênero, estariam sempre disponíveis ao coito, como se o “apetite sexual constante” fosse um “atributo natural dos machos”. Porém, seguindo o pensamento de Preciado (2008a), não haveria uma relação ontológica entre anatomia e excitação sexual. Esse corpo imaginado dos *boys*, ou esses “*boys imaginados*”¹⁰⁷, não podem ser pensados como um corpo-sujeito “pré-

¹⁰⁷ Estou utilizando a expressão “*boy imaginado*” inspirado na expressão “*puta imaginada*”, muito usada entre os movimentos de trabalhadoras do sexo e entre algumas vertentes de movimentos e teorias feministas. A noção de “*puta imaginada*” ou “*prostituta imaginária*” foi desenvolvida no livro “*Playing the*

discursivo” ou “natural”, mas sim, como salienta Preciado (2008a, p.42), como “*un conjunto de representaciones que lo transforman en sexual y deseable. Se trata en todo caso de un cuerpo siempre farmacopornográfico, un cuerpo efecto de un amplio dispositivo de representación y producción cultural*”. Desse modo, os discursos da “infallibilidade sexual” e da “potência sexual” que recaem sobre os homens trabalhadores do sexo acabam por produzir, performativamente, atos, gestos, estilos e práticas que vão configurando formas que dão suporte e sustentam essa imagem do *boy*, ou, ainda, esse “boy imaginado”.

Esse duplo ideal regulatório que prescreve que todos os homens e todos/as os/as trabalhadores/as do sexo são sujeitos sempre dispostos e disponíveis ao sexo, produz efeitos materiais no cotidiano dos garotos de programa. Um dos efeitos mais marcantes que gostaria de destacar aqui é a necessidade de apresentarem uma ereção constante e sempre “bem rígida”. É evidente que há um limite corporal para a frequência do sexo (que obviamente não é o mesmo para todos) de modo que manter essa performance do “*boy que está sempre de pau duro*” torna-se uma problemática na atuação dos garotos. Diante dessa demanda no dia a dia de trabalho, uma das estratégias mais evocadas por quase todos os meus interlocutores foi a autoprescrição de medicamentos indicados para o tratamento de disfunção erétil e que ajudam a estimular e a manter a ereção.

O *Viagra*, apesar de no Brasil ser o medicamento mais popular dentre os fármacos que estimulam e mantêm a ereção peniana¹⁰⁸, não era o mais citado pelos meus interlocutores. Alguns faziam uso dessa marca, porém, em todas as cidades em que passei, os garotos se referiam principalmente ao *Pramil*, um medicamento “genérico”, semelhante ao *Viagra*, mas que, segundo eles, não tem o uso regulamentado no país, sendo de origem paraguaia. Por ser adquirido de forma ilegal, obviamente que todos conseguiam os comprimidos sem receita médica e na “clandestinidade”. Todos os meus interlocutores que falaram sobre o uso do *Pramil* relataram as estratégias para obtenção do medicamento. Alguns conseguiam entre seus pares, de modo que me pareceu haver uma rede de circulação do remédio dentro das próprias saunas; outros

Whore”, de Melissa Gira Grant (2014). Para uma breve discussão muito interessante sobre essa questão, conferir o artigo “*Marxismo para prostitutas*”, de Magpie Corvid (2016), traduzido por Monique Prada.

¹⁰⁸ Para uma problematização acerca do aparecimento e da popularização do *Viagra* em contextos brasileiros, conferir Brigeiro e Maksud (2009).

compravam com camelôs que atuavam no centro das cidades¹⁰⁹; e outros diziam que compravam até mesmo dentro de algumas farmácias, apesar de não se tratar de uma droga que tivesse sua comercialização autorizada nesses estabelecimentos. Mike, Hulk e Jean me contaram um pouco sobre o uso do Pramil entre os garotos de programa, em quais situações fazem uso do medicamento e como conseguem os comprimidos:

Todos os meninos usam [*medicamentos para ereção*]! Todos fazem! Eu no começo fazia, só trabalhava à base de comprimidinhos. Esses remédios não precisam de receita. Aí eu ia na farmácia. Ou na sauna sempre tem alguém que tem... Aí já compro dos meninos aqui. Sempre alguém tem, aí já compra diretamente com eles. (Mike)

Eu uso o Pramil... Pramil, que é um comprimidinho azulzinho do Paraguai. Esse é no clandestino. A gente compra com o contato... É como comprar droga, né? É uma droga isso, né? [...] É tipo um Viagra, só que ele é mais forte que o Viagra [...] E é instantâneo. Você pegou e já “pum”! Mas é proibido porque não é do Brasil, né cara! Ele vem do Paraguai [...] Aí consigo com meus contatos. Compro uma cartela e uma cartela dá pro mês inteiro. Você toma um quando vem trabalhar. Fica até o final da noite. (Hulk)

A maioria dos garotos toma o Pramil [...] Pramil é um azulzinho pra endurecer o pênis. Tipo um Viagra. Vende na farmácia... No mercado negro. Mas você toma, é 10 reais, toma e fica ereto... É que tem clientes que são muito feios né... gordos. Ai o cliente vai te pagar 200 reais pra sair com ele e eu to quebrado de dinheiro... Vou topa né? Não vou sentir tesão por ele, não vai endurecer meu pênis. Ai tomo isso aí [...] Consigo na farmácia,

¹⁰⁹ Uma reportagem veiculada em 2013 pelo jornal “Bom Dia Brasil” investigou a dinâmica do comércio ilegal do *Pramil* no centro da cidade do Rio de Janeiro. Para assistir à reportagem, conferir o link: <http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2013/08/remedio-ilegal-contrainpotencia-sexual-e-negociado-no-centro-do-rio.html>

sem receita. Ou ali embaixo, no camelódromo.
(Jean)

Como mencionado no sub-capítulo anterior, alguns garotos desenvolvem estratégias para manter a ereção durante o ato sexual praticado em um programa, como assistir a filmes pornôns enquanto esperam por clientes, ou ficar constantemente estimulando o pênis, ou mesmo se masturbando. Porém, percebe-se, nos relatos acima, que nem sempre essas estratégias são suficientes para a manutenção de uma performance sexual considerada ideal. Jean, por exemplo, disse que quando o cliente não lhe agradava, precisava tomar o comprimido, sobretudo se estivesse precisando muito do dinheiro e não pudesse dispensar o programa. Hulk, por sua vez, foi o único interlocutor que aparentemente fazia uso do Pramil com mais frequência, independentemente se o cliente lhe agradava ou não. Talvez o fato de se reconhecer como heterossexual, “macho”, “viril”, fosse um elemento importante que determinasse o uso mais assíduo da droga. Durante nossa conversa, Hulk chegou a me dizer que “*só fazia programa pela grana*” e “*porque precisava*”, diferenciando-se dos outros *boys gays* e/ou bissexuais que faziam “*porque gostavam*” ou porque também “*conseguiam sentir atração por outros homens*”. É interessante pensar, nesses relatos de Hulk, o quanto uma droga pode ser capaz de produzir derivas da heterossexualidade e afrouxar alguns imperativos heterossexuais rígidos que impedem, por exemplo, que homens tenham qualquer tipo de interação mais íntima com outros homens. Esse efeito, no obstante, não desestabiliza totalmente as matrizes heteronormativas sobre as quais as experiências das sexualidades são construídas. Em relação ao fato de que aparentemente os *boys* que se identificam como heterossexuais usem esses medicamentos com mais frequência, Harry trouxe um relato que ilustra essa questão:

Assim... 95% dos garotos de programa usam um remedinho chamado Pramil ou Viagra. Esse remedinho te deixa com ereção. Só que com o passar do tempo, eu acredito... Muitos falam: “*ah, não te dá problema, volta ao normal*”. Eu acredito que dá problema. Porque eu vi muitas pessoas com problema. E eu não tenho esse problema de tomar porque eu sou bissexual, né? Eu gosto tanto de homem como de mulher. Eles, já no caso, gostam só de mulheres. Não tem atração por homem e precisam tomar remédio. Não fazem

passivo nem fudendo, só querem comer. Então eles têm que fazer isso. Mas o que eles não sabem é que acelera o coração, você pode ter um ataque cardíaco fácil com isso. É um remédio perigoso. Não é legal. Então eu prefiro evitar muito esse tipo de coisa. (Harry)

Apesar de o Pramil ser uma estratégia facilmente disponível para a maioria dos garotos, percebi que nem todos faziam uso constante do medicamento. No geral, meus interlocutores relataram já terem tido algum tipo de experiência com a droga, mas, com o passar do tempo, foram deixando de usá-la. Quase todos, a exemplo do relato de Harry citado anteriormente, tinham conhecimento sobre seus possíveis efeitos colaterais, como problemas cardíacos, dependência psicológica e física, etc. Percebi que, na maioria dos casos, o uso desse tipo de fármaco estava relacionado à fase de “iniciação” dos *boys*, ou seja, o período em que começavam a exercer o trabalho sexual e ainda não se sentiam muito à vontade ou confiantes para desempenhar as funções sexuais. Com a experiência como trabalhadores do sexo, muitos relataram se acostumar com o fato de precisarem ter relações sexuais com várias pessoas diferentes e que, em algumas ocasiões, não lhes “agradavam”. Como disse Jorge: *“Já utilizei [Pramil], hoje em dia eu não utilizo mais. Hoje é natural. Com contato. Pele com pele. As coisas fluem naturalmente. Antigamente eu utilizava”*.

Assim, cientes dos efeitos colaterais dos medicamentos usados para manter a ereção e um desempenho sexual tido como ideal, alguns *boys* relataram que adquiriram uma experiência que fazia com que as coisas “fluissem naturalmente” para uma boa performance sexual, como dizia Jorge. Outros desenvolveram alternativas e modos de lidar com o imperativo da excitação constante exigida em seus trabalhos. Mike, por exemplo, usava de estratégias mais “mentais”, de “forçar o psicológico”, e caso essas técnicas não funcionassem, ele simplesmente “interrompia o programa”. Já Harry desenvolveu o hábito de uma alimentação “especial”, composta de ovos de codorna que, segundo ele, funcionava como um “Viagra natural”:

[...] tinha um menino aqui que ele não tomava. E ele me disse: *“olha, não toma, porque isso ai vai te prejudicar de alguma forma futuramente”*. E depois que ele me abriu os olhos eu nunca mais tomei. Então assim, quando eu vou pro quarto e

eu não sinto nenhum tipo de atração pelo cliente eu tento forçar o meu psicológico a trabalhar a meu favor. Então nunca mais precisei usar nenhum tipo de medicamento. Tem muito tempo que não uso e nem quero usar. Claro que existe caso que eu não consigo ter ereção nenhuma. Mas você tenta desviar, você tenta forçar o seu psicológico pra funcionar. Mas ainda acontece de às vezes não dar certo [...] Ai às vezes eu mesmo paro, interrompo o programa e falo: “*olha cara, pára, você me da a metade do programa e ok, ta tudo certo, pra ambas as partes*”. (Mike)

Daniel: Então você não toma, mas também não tem dificuldade pro desempenho sexual?

Harry: Não. Nem um pouquinho. Eu como bastante ovo de codorna. Eu faço uma vitamina de manhã. Eu coloco dois ovos... não, agora eu to colocando um, porque dois ficava muito forte. Coloca um ovinho de codorna no liquidificador e bate ele com casca! É um Viagra natural. Entendeu? Se você gosta daquilo que você ta fazendo é um Viagra natural. Agora se você não sente prazer com aquilo ali, vai ser um Viagra natural, mas não vai te dar toda a ereção que você consiga ter uma relação sexual com o cliente...

Por mais que o Pramil tenha sido constantemente citado como um dos aditivos farmacopornográficos que circula nas saunas, outras drogas também costumam estar presentes nesses espaços. A alteração da percepção e da consciência via uso de substâncias parecem compor, com frequência, os agenciamentos que constituem os territórios erótico-sexuais por onde o mercado do sexo se faz presente (como também costuma compor outros territórios de sociabilidades lúdicas – não se trata de algo específico e restrito às saunas). Assim, é comum que drogas lícitas, como cigarros e álcool, bem como as ilícitas, como cocaína e maconha, circulem nesses territórios. A maioria dos garotos com os quais eu conversei disse que não costumava fazer uso das drogas ilícitas (com exceção do Pramil) - pelo menos enquanto estavam trabalhando, pois essas substâncias poderiam afetar negativamente seus desempenhos sexuais na hora do programa (efeito obviamente indesejável).

Foi bem comum ver, durante minhas circulas pelas saunas, *boys* e clientes compartilhando bebidas e cigarros, algo que parecia ajudar na construção de um clima de descontração e relaxamento. Pelos relatos compartilhados, o uso do “*padê*” (gíria usada para se referir à cocaína) também costumava ser frequente entre os clientes, apesar de ser algo menos explícito e visível. Ouvi várias histórias sobre homens que pagavam por um programa apenas para que o *boy* fizesse companhia num “quartinho da sauna” enquanto o cliente usava o *padê*. Também escutei alguns relatos de que alguns clientes pagavam mais para o *boy* se ele topasse “*cheirar junto com eles*”. Nem todos concordavam com esse tipo de solicitação e simplesmente não aceitavam essas propostas; alguns apenas acompanhavam o cliente durante o uso dessas drogas consideradas “mais pesadas”; e poucos me disseram que concordavam em usar drogas junto com o(s) cliente(s). Harry, que não se sentia bem usando drogas (nem mesmo o Pramil) e que relacionava o uso de entorpecentes à produção de uma dimensão “mágica e espiritual negativa”, contou-me um pouco sobre a circulação dessas substâncias no contexto do mercado do sexo e sobre seu incômodo quanto a essa prática:

[...] eu acredito muito em anjos, demônios, essas coisas. Sempre li muito sobre magia, muito dessas coisas. E eu acredito, eu sinto que na sauna gere muita energia negativa, uma energia pesada, coisas que você não se sente bem. Outra coisa que eu não gosto: rola muita droga, muita cocaína, muita droga! Tem muita gente que quer fazer você usar a droga. Fala: “*ah, eu vou te dar hoje 500 reais pra ficar lá no quarto cheirando cocaína*”. Um pegando no pau do outro entendeu? Essas coisas são negativas. Querendo ou não, você traz a maldade pro seu corpo. Você destrói seu corpo, você não come, fica com olheira. Essas duas coisinhas: energia negativa da sauna que as pessoas trazem da rua e a droga. É duas coisas que eu acho que estraga muito. E não é só isso. Tem o tal do *Poppers*. O pessoal cheira o *Poppers*. São várias coisas. Bala, doce, que eles tomam, ficam loução... E isso eu acho que não é legal. (Harry)

O *Poppers*, citado por Harry, é uma droga ilícita no Brasil, mas que vem sendo cada dia mais consumida e difundida no país. Em

diferentes países da Europa onde seu uso e venda é regulamentado, essa droga sintética faz muito sucesso entre algumas comunidades gays. Em alguns circuitos de sociabilidades gays, o Poppers tem sido chamado de “*droga do amor gay*”, “*droga do amor*” ou “*droga sexual*”. Trata-se de um líquido, que vem dentro de um pequeno frasco, e que libera um gás que é inalado. O efeito é a aceleração dos batimentos cardíacos e o relaxamento muscular, especialmente a musculatura anal, facilitando assim, a prática sexual de quem exerce a posição “passiva” durante o sexo. Cheguei a pesquisar pela internet como adquirir o Poppers no Brasil e pude encontrar alguns sites que vendem o produto on-line e entregam à domicílio. Quando morei na Inglaterra, durante o estágio doutoral, percebi que lá, onde a droga é legalizada, o preço do Poppers é bem mais barato que no Brasil. Enquanto lá é possível comprar um frasco por mais ou menos 25 reais, por aqui alguns revendedores chegam a cobrar 150 reais. Ainda que seja uma droga ilícita de alto custo, podemos perceber, a partir do relato de Harry, que o Poppers também parece estar adquirindo “fama” por aqui, especialmente em alguns contextos de interações sexuais entre homens, como já acontece em vários países europeus.

Nessas interações nas quais as drogas se inserem como mais um componente erótico dos encontros entre *boys* e clientes, produzem-se outras formas de excitação sexual, materializam-se outros corpos excitáveis, e canalizam-se outros fluxos daquilo que Preciado (2008a) chamou de força orgásmica. Segundo o autor, no domínio farmacopornográfico a *força orgásmica*, ou seja, o potencial de excitação de um corpo, seria o correspondente à noção de *força de trabalho* no domínio da economia clássica. A partir de alguns relatos como os que apresentei aqui, e considerando minhas observações em campo, percebi que essa *força orgásmica* (que é ela mesma a força de trabalho dos *boys*) que é posta a trabalhar no contexto do trabalho sexual acaba seguindo o imperativo da excitação, pressuposto essencial daquilo que Preciado (2008a) denomina de capitalismo farmacopornográfico. Segundo o autor:

En el capitalismo farmacopornográfico, **la fuerza de trabajo ha revelado su verdadero sustrato: fuerza orgásmica, *potentia gaudendi***. Lo que el capitalismo actual pone a trabajar es la potencia de correrse como tal, ya sea en su forma farmacológica (molécula digestible que se activará en el cuerpo del consumidor), en forma de representación pornográfica (como signo

semiótico-técnico convertível em dado numérico y transferible a soportes informáticos, televisuales, o telefônicos) o em sua **forma de serviço sexual (como entidade farmacopornográfica viva cuya fuerza orgásmica y cuyo volumen afectivo son puestos al servicio de un consumidor por un determinado tiempo bajo un contrato más o menos formal de venta de servicios sexuales)**. (PRECIADO, 2008a, p. 38, 39) [*grifos meus*]

Considerando os relatos de consumo de aditivos (Pramil, Viagra, Poppers, cocaína, cigarros, álcool, etc.) que sustentam o imperativo da excitação, podemos perceber o quanto a economia sexual que circula no(s) mercado(s) do sexo produz efeitos na fabricação do corpo-sexual e nos processos de materialização dos corpos (de *boys* e de clientes, ainda que eu tenha focado aqui nas experiências dos *boys*). O uso e a circulação dessas substâncias e a veiculação de imagens, narrativas e discursos que enfatizam esse “sujeito-máquina-de sexo”, dão suporte ao imaginário construído sobre (e reproduzido pelos) os garotos de programa. Podemos perceber, portanto, como o trabalho sexual exercido pelos *boys* se articula sobremaneira com a lógica do capitalismo farmacopornográfico, uma vez que, de acordo com Preciado (2008a, p.46): “en el capitalismo farmacopornográfico, el deseo sexual y la enfermedad comparten una misma plataforma de producción y cultivo: no existen sin soportes técnicos, farmacéuticos y midiáticos capaces de materializarlos”.

Esses discursos produzem efeitos de subjetivação que modelam e prescrevem um modo dito mais legítimo e inteligível para ser um “*boy ideal*”; e que produzem o investimento em estilos de vida adaptados a uma forma de consumo muito particular. Por outro lado, também podemos observar movimentos de resistência a essa lógica farmacopornográfica, ainda que não seja possível, a meu ver, escapar totalmente dessa dinâmica quando se atua como trabalhador do sexo (pelo menos nos segmentos mais “hegemônicos” desse mercado). Percebe-se, nos relatos acima, por exemplo, a recusa de alguns garotos em usar “compulsoriamente” alguns tipos de drogas. Ao mesmo tempo, também podemos observar que o imperativo da excitação pode ser negociado e que há uma margem de “liberdade” para que, caso o *boy* não corresponda à expectativa de uma performance sexual “ideal”, o programa possa ser encerrado, o preço negociado, e/ou o contrato, entre *boy* e cliente, revisto.

Para finalizar esse capítulo, prossigo minhas reflexões sobre o uso do corpo no trabalho sexual. No próximo item apresento uma discussão sobre como o corpo do *boy* pode estar “vulnerável” e/ou “exposto” a situações desagradáveis, ou até mesmo violentas, em seus cotidianos de trabalho.

7.4. Secreções do ofício

*“Encontrar a harmonia para o mau gosto,
eis o fino da elegância”*

Jean Genet em
“O diário de um ladrão” (2005, p.108)

*“Baby,
Dê-me seu dinheiro que eu quero viver
Dê-me seu relógio que eu quero saber
Quanto tempo falta para lhe esquecer
Quanto vale um homem para amar você
Minha profissão é suja e vulgar
Quero um pagamento para me deitar
Junto com você estrangular meu riso
Dê-me seu amor que dele não preciso”¹¹⁰*

O corpo, em sua posição de centralidade ocupada no trabalho sexual, é atravessado e constituído por diversos fluxos, como se pôde perceber não apenas a partir dos temas discutidos neste capítulo, como também nos anteriores. Algumas situações que se desenrolam entre homens que atuam no mercado do sexo podem ser experienciadas como “produtivas”, no sentido de que possibilitam a criação de modos de vida que oferecem condições materiais de sobrevivência, renda mensal satisfatória, oportunidades de viajar e conhecer outras cidades e/ou países, formas de experimentação de outros estilos de se reconhecer em termos sexuais e de gênero, etc. Por outro lado, percebem-se também vivências que envolvem afetos considerados “indesejáveis” ou

¹¹⁰ Trecho da música “*Garoto de Aluguel*”, © EMI Music Publishing, composta por Zé Ramalho.

“desconfortáveis”, como medos, inseguranças, rixas, necessidade de se adequar a certos critérios estéticos e a imperativos performáticos que nem sempre são facilmente atingíveis, etc. É sobre esses aspectos considerados mais negativos no cotidiano de trabalho dos *boys*, especialmente aqueles que dizem respeito a um campo de imprevisibilidade na experiência do corpo, que procuro enfatizar neste sub-capítulo.

As experiências desagradáveis, apesar de não terem sido muito enfocadas por grande parte dos meus interlocutores, me parecem elementos importantes nas trajetórias e vivências desses sujeitos. A maioria dessas experiências se passou durante programas realizados com *clientes problemas*, ou seja, aqueles clientes que contratam os serviços dos *boys*, mas os desrespeitam, objetificam-nos, ameaçam-nos, não reconhecem os limites simbólicos e corporais do trabalho sexual¹¹¹ e não se importam com o mínimo de bem-estar dos garotos. Ou seja, trata-se de situações nas quais os clientes se portam aquém daquilo que Gayle Rubin (1993) chama de uma “ética sexual” que idealmente deveria estar presente em todas as relações sexuais. Para Rubin, uma ética sexual deve considerar os níveis de respeito e consideração mútua que um parceiro tem pelo outro, a ausência de coerção e a qualidade dos prazeres que as relações podem proporcionar. Como se verá a seguir, certos episódios vivenciados por alguns garotos denunciam que nem sempre é possível ter esse tipo de ética assegurada quando no exercício de seus trabalhos.

Uma das experiências negativas que mais me chamou a atenção foi o desconforto com alguns aspectos corporais de certos clientes. Pelo o que pude perceber, esse tipo mal-estar não era produzido, necessariamente, pelo fato de que os clientes não correspondiam a determinados padrões estéticos de beleza, mas, sobretudo, por questões de má higiene da pessoa para a qual o *boy* deveria oferecer seus serviços. Alguns clientes não se importam se estão suados, sujos ou fedidos. Pensam que por estarem pagando pelo programa, podem desconsiderar o bem estar do garoto e “usá-lo” da forma como quiserem. Esses tipos de clientes parecem se imaginar acomodados em uma hierarquia, na qual exercem um poder que supõem ter por estarem pagando pelo sexo. Nesse tipo de racionalidade, o fato de pagar pelo sexo igualaria os/as trabalhadores/as do sexo a um mero objeto

¹¹¹ Para uma discussão sobre o manejo dos limites corporais e simbólicos operado por garotas de programa na prática da prostituição feminina, conferir o artigo de Elisiane Pasini (2000).

inanimado (como acontece em outras transações comerciais) que poderia ser usado sem que certos limites fossem respeitados. O “esculacho” de alguns clientes era considerado por Harry um dos fatores “estressantes” do seu trabalho. Ele me contou sobre uma experiência que teve com um cliente que estava “fedido”:

[...] Tem pessoas que exigem coisas de você, que você as vezes não é obrigado a fazer. Eles querem, ficam insistindo, insistindo e essas coisas estressam você sabe? Às vezes uma coisa nojenta, que você vê que é nojento e que o cara quer fazer e você não quer. Você fala: “*Cara, não vou fazer*”. Tipo, esses dias veio um cara aqui. Um cara horrórico, tava fedido. Ele tava querendo sair comigo ai eu falei: “*Não, tranquilo, to esperando uma pessoa*”. Daí ele veio de novo e falou: “*já saiu com o cara?*”. Eu falei: “*Já*”. Ele: “*Vamos sair então?*”. Eu falei: “*Vamos, mas meu programa é 300 reais*”. Daí ele olhou assim e falou: “*300 reais?*”. Eu falei: “*300 reais!*”. Daí ele olhou e falou: “*Então vamos!*”. Eu não gostei né? Mas beleza. Chegou lá, ele fedido, ai eu falei pra ele: “*Vamos tomar um banhinho?*”. Ai ele: “*Ah não! Não! Não precisa não!*”. Eu falei: “*Não, vamos tomar um banhinho, tirar o suor*”. Pra ele se tocar, né? O cara nada! Ai chegou lá, ficou de pau duro, cheguei perto, fedido pra caramba! Falei: “*Ah, não*”. Peguei a camisinha, coloquei a camisinha. Ele falou: “*Vai chupar com camisinha?*”. Eu falei: “*Vou, você não quer tomar banho!*”. Ele: “*Nossa, mas tá fedido assim?*”. Eu falei: “*Olha, infelizmente, desculpa falar, mas está!*”. Ai ele: “*Ah, então põe a camisinha e chupa!*”. Então... sabe? Essas coisas te estressam! Porque poxa, o cara não tem vergonha?! Ele não tá vendo que ele é um velho feio fedido, além de ser desse naipe? Não toma banho! Um garoto, um menino, sabe, geralmente, um menino, eu vejo como uma garota, uma garotinha, cheirosinha, chega pra uma pessoa fedida... a pessoa não tem vergonha?! Porque que não toma um banho? Fica cheirosinho! Por mais que o cara seja feio! Se ele tiver limpinho, cheirosinho... Cara, você vai fazer gostosinho, não vai ter nojo da pessoa. Agora se a

peessoa tiver suja você vai ter nojo dela! E ai você não sente nenhum prazer, apenas quem sente é somente a pessoa, geralmente. (Harry)

Diversos movimentos sociais de trabalhadoras/es do sexo ao redor do mundo criticam as objetificações e violências que as/os mesmos/as sofrem em seus cotidianos de trabalho. As denúncias dessas/es ativistas também servem como uma forma de “empoderamento” entre os membros das comunidades de profissionais do sexo, no sentido de alertar seus/suas pares sobre a necessidade de denunciar e/ou boicotar esses clientes problemas. Esse tipo de apoio e redes de colaboração têm sido importantes ferramentas para a diminuição da precariedade das condições de trabalho e expressam que os/as trabalhadores/as do sexo devem ser respeitados/as em suas dignidades sexuais e humanas.

Apesar de não ter escutado relatos, entre os meus interlocutores, sobre a participação nessas redes de apoio e/ou movimentos sociais que lutam por melhores condições de trabalho, notei que os garotos desenvolvem estratégias individuais e coletivas (entre colegas da sauna, por exemplo) para lidar com situações desagradáveis produzidas por clientes problemas. Alguns garotos me disseram que cobrar mais caro de um cliente considerado indesejável era um dos recursos utilizados. Se o cliente concordava em pagar, o lucro maior fazia com que o programa “valesse à pena”. Harry explicou essa lógica dessa estratégia que também era compartilhada e negociada entre os garotos e a gerência de uma sauna de São Paulo:

Daniel: Mas então quando acontece uma situação [*desagradável*] dessas, você consegue negociar? Você fala pro cara: “*Olha, não vai rolar...*”?

Harry: É! Assim, não vai falar assim, diretamente. Mas você faz um preço mais caro! Porque assim, como você tá aqui e a pessoa quer sair e você falar que não e ela for reclamar lá, eles podem te tirar da casa. Você faz seu preço. Se você tá aqui é pra você trabalhar. Você paga um preço pra entrar, menor, por causa disso. E eles falam: “*Você não quer sair com o cara? Cobra 500 conto! 300 conto*”. E geralmente eles dão! Porque muita gente que vem aqui tem dinheiro. E se ele quiser você, se você falar alto, ele vai dar alto o dinheiro. E é assim que funciona.

Essas situações que envolvem corpos indesejáveis (suados, fedidos, sujos) precisam ser manejadas entre os garotos de modo que eles consigam se desviar do cliente, ou lucrar mais com o preço do programa, caso a negociação se efetive. Kevin Walby (2012), em sua pesquisa com *escorts*, também escutou relatos sobre situações semelhantes que envolvem relações com clientes que apresentam más condições de higiene e/ou que não são considerados atraentes pelos garotos. O autor observou que muitas partes dos corpos com os quais os *boys* interagem se constituem como objetos de reflexão. Os órgãos genitais *dos clientes*, por exemplo, parecem se tornar uma referência também na percepção dos garotos, especialmente quando aqueles não são considerados “bonitos” ou “limpos”. Walby destaca como a noção de *nojo* que os garotos podem sentir em relação a alguns clientes acaba sendo resignificada, de modo que o trabalho sexual se torne algo possível de ser exercido. Para lidar com o sentimento de nojo em relação a algumas secreções corporais, Walby (2012) também escutou de seus interlocutores sobre estratégias semelhantes às relatadas por Harry, como colocar a camisinha mais rapidamente, não tocar em certas parte do corpo do cliente, pedir para que o cliente tome banho e/ou se higienize antes do programa, cobrar mais caro pelo programa, etc. Segundo o autor:

[...] nojo não se traduz em intolerância, em parte porque o garoto depende do cliente para a sua renda. Ao invés de se constituir como o centro do trabalho sexual, o pênis se torna simplesmente mais uma parte do corpo a ser gerenciada. O *Escort* pode cobrar mais dinheiro se o corpo do cliente lhe causa repulsa ou se o cliente lhe pede para fazer algo com o seu corpo que ele prefere não fazer¹¹². (WALBY, 2012, p.146)

¹¹² Tradução minha do original em inglês: “[...] disgust does not translate into intolerance, partly because the escort depends on the client for income. Rather than forming the center of sex work, the penis becomes simply another body part to be managed. An escort may charge more money if the client’s body puts him off or if the client asks him to do something with his body that he prefers not to do. (WALBY, 2012, p.146)

De modo semelhante às observações de Walby, também notei que ainda que alguns clientes não se preocupem com o bem estar dos garotos e ajam como se esses fossem um mero objeto sexual, é possível perceber movimentos que confrontam esse tipo de tratamento. Essas problemáticas, porém, não se resumem apenas às questões de má higiene. A higiene pessoal pode ser um primeiro “filtro” para que o *boy* aceite ou não negociar o programa. No entanto, há casos em que as situações desagradáveis transcorrem apenas durante o ato sexual, de modo que ficam diminuídas as possibilidades de o garoto perceber, durante a negociação, que o cliente lhe trará problemas. O manejo da circunstância, nesses casos, se desenrola de forma diferente. Jean e Nick contaram experiências desse tipo:

Já aconteceu de eu tá com o cliente e o cliente morder meu pau! Dai que eu dei um tapão no ouvido dele e terminei o programa... [risos]. Já aconteceu também de tá transando, a pessoa tá te chupando e esfolar, de bater no dente, de a boca ser muito pequena... (Jean)

Uma vez teve uma situação que era um gordão que veio pra cima de mim, pra fazer ativo comigo. Eu ia ser passivo e ele ativo. Ele chegou em cima de mim, subiu em cima de mim, largou todo o peso dele e eu embaixo. Ai ele me esmagou e eu tive que parar. Falei “chega”! (Nick)

Como antecipei logo acima, esses relatos indicam movimentos de resistência e de confronto diante de ações e gestos de clientes que ultrapassam certos limites aceitáveis para os garotos. Nos relatos de Jean e Nick, percebemos que o fato de estarem ofertando um serviço sexual não os coloca em uma posição de passividade ou de falta de agência, indicando que é possível reagir às tentativas de objetificações que muitas vezes recaem sobre os trabalhadores do sexo. Encerrar um programa com um cliente problema é uma possibilidade de manejo das situações desagradáveis que se colocam no cotidiano de trabalho, pelo menos entre aqueles garotos com os quais conversei e naqueles contextos onde atuam (as saunas), que oferecem uma maior segurança que pode protegê-los de eventuais infortúnios.

Além dessas situações de incômodo que provocam dores, lesões e desconfortos durante o ato sexual, como aquelas relatadas por Jean e Nick, também ocorrem episódios nos quais alguns clientes demandam

dos *boys* práticas sexuais consideradas “menos tradicionais”, como o BDSM¹¹³ e sexo escatológico¹¹⁴ (que pode envolver urina, fezes, sujeiras, saliva, vômito, esperma, sangue, etc.). A demanda por esses tipos de práticas sexuais no âmbito do mercado do sexo me pareceu menos frequente que aquelas consideradas “habituais”. Em minhas pesquisas virtuais pela internet em sites de anúncios de garotos de programa (do Brasil e do exterior), encontrei alguns perfis de *boys* que se diziam “especialistas” nessas práticas mais marginais. Ainda que o número de perfis que anunciam esses serviços “diferenciados” seja pequeno, parece-me que essas práticas mais dissidentes também formam um segmento no interior do mercado do sexo, constituindo uma demanda e uma oferta bastante específica e ainda mais invisibilizada.

Essas práticas sexuais não constituem problemas quando são realizadas a partir do consenso entre *boy* e cliente. No entanto, tive a impressão de que as saunas (pelo menos as que eu frequentei) não costumam ser espaços onde é possível encontrar, com frequência, garotos “especializados” em realizar esses serviços sexuais. Nem todos os garotos estão disponíveis para esses tipos de interações eróticas e os clientes frequentadores das saunas que demandam por tais práticas me parecem constituir uma minoria. Hulk me disse que os “*clientes com gostos mais exóticos*” são poucos, mas que às vezes eles solicitavam seu trabalho. Quando sabe que o cliente vai querer algo “diferente”, procura negociar com ele antes e, seguindo a estratégia operada pelos *boys* diante de situações desagradáveis, cobra mais caro pelo serviço: “*O combinado não sai caro!*”, dizia ele. Hulk relatou sua experiência diante das solicitações por essas práticas sexuais:

Tem cliente pra todo tipo de gosto! Existe cliente que gosta que você enfia a mão no cu dele. Toda essa... sabe? Tem toda essa coisa. E é uma coisa

¹¹³ Segundo Bruno DallaCort Zilli (2009, p.481), “o acrônimo BDSM engloba uma diversidade de atividades eróticas: B é para bondage, ou imobilização, geralmente com cordas ou algemas; o par B e D é para bondage e disciplina, o uso de fantasias eróticas de castigos e punições, que se ligam ao par D e S, que representam dominação e submissão. São fantasias de ‘entrega’ a um parceiro sexual e de jogos de representação de humilhação e violação. S e M são as iniciais de sadismo e masoquismo, ou sadomasoquismo – o uso de dor como estímulo erótico”.

¹¹⁴ Para uma discussão sobre a representação do sexo escatológico na pornografia, conferir Leite (2009).

que você tem que trabalhar muito bem o seu psicológico, entendeu? Porque é cada coisa que você tem que fazer! Ai você fica: “*Nossa, cara...*”. Ai aquela coisa fica na tua cabeça.[...] Uma vez um cara, ele pediu... O cara tava cheirando cocaína pra caralho, ai ele pegou uma régua daquelas de engenheiro, sabe? Aquelas que são três, assim, que é uma pirâmide, sabe? Ai ele foi enrolando meia, meia, meia, até ficar dessa grossura. Ai depois botou uma meia, assim, pra segurar as outras, deu uma enrolada, e botou a camisinha pra eu socar no cu dele. Era desse tamanho! [*faz um gesto indicando a grossura*] Ai fui socando. E foi mesmo! Foi mais da metade do negócio. Na hora que saiu assim, saiu... cagou tudo, argh...! Saiu merda com sangue... Ah, esse foi o pior! [*risos*] Foda! Mas são coisas que... no trabalho... Trabalho é assim, né cara!? Esse é o nosso trabalho e a gente tem que fazer. (Hulk)

Esse relato, que diz respeito a demandas por práticas sexuais pouco convencionais, mostra o quanto o *boy* pode se expôr a situações que envolvem nojo, o contato com secreções corporais e a relação com sujeitos sob efeito de substâncias (como já discuti no sub-capítulo anterior). A combinação desses elementos produz uma condição de trabalho que pressupõe um tipo de reflexão sobre os limites do corpo que se permite avançar ou não. A penetração anal com o punho e/ou como a mão, como mencionado por Hulk, por exemplo, é conhecida entre algumas subculturas sexuais como *Fist Fuck* (algo como “*fuder com o punho*” ou “*foda com o punho*”). Esse tipo de prática, segundo afirma Gayle Rubin em uma entrevista concedida à Judith Butler (2003), talvez tenha sido a única prática sexual inventada no século XX. De acordo com Rubin, o *fist fuck* deve ter começado a ser praticado no início da década de 1960, principalmente entre comunidades *Leather* (compostas por pessoas que erotizam o uso de roupas e acessórios de couro (leather) e que podem praticar modalidades sexuais bastante diversas entre si). A prática passou a se popularizar nos EUA no final da década de 1960 e início da década de 1970, difundindo-se e institucionalizando-se, sobretudo, em alguns circuitos de sociabilidades homoeróticas (RUBIN & BUTLER, 2003). Suspeito que com o aumento da circulação do *Poppers* (como mencionei no sub-capítulo anterior), droga que relaxa a musculatura da região anal e facilita a penetração, a

prática do *fist fuck* tenha se tornado mais popular. Apesar de sabermos da existência de um amplo repertório sexual exercido atualmente, algumas práticas ficam mais restritas a certas subculturas sexuais e territórios de sociabilidades específicos. Determinadas práticas consideradas não convencionais, como o *fist fuck*, o BDSM e o sexo escatológico até podem acontecer no interior das saunas onde os *boys* atuam, porém esses espaços não costumam ser considerados “especializados” para abrigar os adeptos dessas modalidades de sexo. Bares, clubes de sexo e/ou saunas especializados em atender essas subculturas sexuais, geralmente deixam explícito, através de anúncios publicados em seus sites, que esses locais se constituem como um território específico para essas comunidades.

Devido ao fato de as saunas não se constituírem como territorialidades específicas para adeptos de certas práticas sexuais não convencionais, quando um *boy* que atua nesses espaços é demandado a realizar tais práticas, algumas situações imprevistas e sensações inusitadas podem surgir. Por mais que os garotos se considerem “profissionais” e “experientes” (como o próprio Hulk se denominava) essas demandas não deixam de produzir afetos de “estranhamento” e de “perturbação” em relação àqueles referenciais sexuais considerados mais familiares. Tais situações parecem exigir de alguns *boys*, como pontuou Hulk, que se “trabalhe o psicológico” (indicando que há um trabalho de reflexão sobre uma ética e um cuidado de si nessas experiências), de modo que a situação não “fique na cabeça” (como resquício de um sentimento de nojo, culpa e/ou de uma experiência traumática). Como afirma Preciado (2008a), o corpo e a sexualidade, como artefatos de governo de uma sexopolítica/biopolítica, se constituem como efeitos de uma territorialização muito precisa que demarca seus limites e suas funções. Nesse sentido, é de se esperar que, no confronto com essas demandas que estão mais às margens das práticas sexuais consideradas inteligíveis, produzam-se efeitos de desterritorialização dos próprios territórios existenciais (que envolvem o corpo, a sexualidade, os afetos e a subjetividade) dos *boys*. É interessante perceber que, mesmo diante dessas interpelações desterritorializantes (percebidas nos relatos de Hulk, Harry, Jean e Nick), esses sujeitos acabam desenvolvendo estratégias de confronto, recompondo ou inventando novos universos de referência para lidar com esses episódios desagradáveis – aprendendo a lidar com esses encontros ou rejeitando o trabalho com alguns tipos de clientes.

Além dos acontecimentos que envolvem nojo e desconforto, seja em decorrência dos “clientes problema”, das más condições de

higiene e/ou das demandas por práticas sexuais não convencionais, outro fator que me pareceu contribuir com as experiências negativas ou indesejáveis no cotidiano dos *boys* foi a violência. As situações de violência podem se materializar de várias formas, como assaltos, roubos, não pagamento do programa realizado, agressões e ameaças¹¹⁵. Apesar de a maioria dos garotos ter me falado que não tinha passado por muitas situações de violência, pude escutar alguns relatos que eu interpretaria como casos de violência que ocorrem no contexto do trabalho sexual. Algumas dessas situações, muitas vezes, não eram significadas pelos meus interlocutores como “violentas”. Esse não reconhecimento da violência poderia ser interpretado, a meu ver, desde duas perspectivas que se complementam: o fato de a violência ser naturalizada, de modo que quando situações violentas se presentificam no cotidiano de trabalho, elas são percebidas como algo “normal”, “banal” e “natural”; e o fato de que, em decorrência das normas de gênero que regulam e constituem as masculinidades, muitos garotos não conseguem “admitir” ou reconhecer que, em alguns contextos, possam estar expostos a situações de vulnerabilidades e/ou fragilidades (como se, ao se reconhecer como sujeito em situações de violências, se admitisse uma “fraqueza” que ameaçaria a imagem do “homem forte”).

Em conversas que tive com meus interlocutores, pude escutar de alguns que nunca tinham passado por nenhuma situação de violência. Porém, no decorrer do diálogo, acabavam relatando experiências que envolviam ameaças, agressões, coerções, etc. O relato de Frank foi o que mais me chamou atenção no que diz respeito à vivência de uma situação de violência (ameaça de morte com arma de fogo) que transcorreu *durante* a realização de um programa com um casal heterossexual:

Frank: Aconteceu com um casal. Quem me procura mais é casal... Casal que me procura mais. Pela fantasia do homem ver a mulher transando com um cara mega dotado. Ai ele tem aquela fantasia. E já aconteceu do cliente me contratar e falar assim: “*Temos regras! Rola tudo, só não beija na boca dela!*”. Eu: “*Não, beleza...!*”. Ai eu fico excitado, começo a penetração e ai ela fala:

¹¹⁵ No capítulo cinco, discuti um pouco sobre essas situações de violência, sobretudo aquelas vivenciadas pelos “novatos” no mercado do sexo, bem como aquelas que costumam acontecer em territórios de prostituição considerados mais vulneráveis e precários, como as ruas, praças e parques públicos.

“Ah, negão gostoso!” e me dá um beijo na boca, entendeu? Ai acabou a festa ali mesmo! Teve caso até de não querer pagar, querer brigar, sabe? Do cara puxar a arma e falar: “Cai fora daqui!”. Aconteceu!

Daniel: E aí como que foi? Encerrou o programa?

Frank: Sim! De conversar e falar “*Olha, não é assim que funciona o negócio, to aqui na boa! Deixei de fazer outras coisas pra sair com vocês. Foi tudo agendado, tudo certinho*”. Ele: “Ah, mas é que aconteceu isso, isso, isso...”. Eu: “*Imprevisto!*”. A gente não sabe a reação na hora. Às vezes as pessoas querem fazer fantasias, mas não estão preparadas.

Daniel: E já aconteceu muitas vezes? Do cliente ser violento com você?

Frank: Não... até porque o cliente não vai pisar em ovos também... Ele não sabe qual vai ser a minha reação. Minha reação vai ser de defesa, lógico. Eu não vou deixar alguém me agredir! Mas... eu acho que a questão da comunicação é fundamental.

Acho importante destacar que essa situação vivida por Frank não ocorreu em uma sauna, mas sim em um motel, o que reforça a percepção de muitos dos meus interlocutores de que as saunas são espaços potencialmente mais seguros para o exercício do trabalho sexual. Outro ponto a ser destacado nesse relato é que os *clientes* também “instituem” códigos que determinam limites a serem seguidos durante o ato sexual (no caso relatado acima, o limite era “não beijar a esposa”). Desrespeitar ou ultrapassar esses limites (algo que muitos clientes também acabam fazendo em relação aos *boys*, como mostrei neste capítulo) pode significar o gatilho para uma situação de violência. É interessante perceber que Frank manejou a reação violenta do cliente através da conversa e da *lábria*, acalmando o cliente furioso. Experiente, ao que parece, com situações semelhantes, Frank soube se defender, de modo que conseguiu dominar um ataque de raiva do cliente. Ao afirmar que mesmo diante de situações agressivas ele “saberia se defender” e que “não deixaria que ninguém o agredisse”, Frank expressa que é possível agir dentro de alguma margem de agência e que formas de resistência também podem se esboçar.

Levando em conta as narrativas escutadas, pretendi evidenciar como o corpo do trabalhador do sexo também pode estar exposto e sujeito a situações desagradáveis, inconvenientes, dolorosas, violentas e que produzem sensações como mal-estar e nojo; como o corpo se afeta por prescrições normativas que definem critérios de inteligibilidade de um suposto “*boy ideal*”, ou ainda, de um “*boy imaginado*”; como o corpo-sexual pode ser fabricado a partir de regimes farmacopornográficos de subjetivação. Considero que esses relatos indicam que o corpo, em suas experiências mais imediatas, pode se constituir como fronteira e como materialidade atravessada pelo entrecruzamento de diversos fluxos (tecnológicos, discursivos, afetivos, materiais, semióticos, representacionais, sexuais, eróticos, econômicos, etc.). Diante de tudo isso, acredito que as problematizações iniciadas aqui contribuem com algumas pistas para a construção de cartografias que articulem as materialidades dos corpos, o trabalho sexual e os processos de subjetivação. Assim, o corpo que se dispõe ao trabalho sexual, em suas porosidades e orifícios, ajuda-nos a pensar, a partir de sua própria verdade, seu caráter sócio-historicamente localizável, fabricado e performativo, bem como sua potência de agir.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Baby! Nossa relação acaba-se assim
Como um caramelo que chega-se ao fim”¹¹⁶*

Como terminar uma tese? Penso que todos/as pesquisadores/as que se propõem a investigar questões que envolvem processos, fluxos, modos de subjetivação e temas correlatos se deparam com a angustiante necessidade de parar de escrever, de “colocar um ponto final”, de cumprir com o protocolo de dar fechamento a uma forma. Fingimos que terminamos “porque temos que terminar”, “porque não há mais prazo”, “porque há uma formalidade institucional”. Mas também decidimos terminar porque parece que chegamos num ponto tal em que a exaustão não nos permite mais avançar. O corpo pede um tempo, precisa respirar, afastar-se das intensidades que o atravessou desde o momento em que pensou, pela primeira vez, no tema de pesquisa que viria a ser desenvolvido durante o doutoramento.

A escrita pode ser pensada em termos de fluxos: fluxos de afetos, de desejo, de pensamentos, de encontros, de narrativas, de experiências, de vivências e de sensações que precisam ser codificados num certo estilo acadêmico, mas não apenas. A codificação da escrita também pode ser operada a partir de resistências discursivas que produzem outras estilísticas nas formas de narrar fenômenos sociais. Nesse jogo de (des)codificações, materializa-se um texto, uma tese, um novo território. É preciso deixar passar esses fluxos, transformá-los em algum tipo de experiência reflexiva e problematizadora. Porém, o corte desses fluxos também é necessário, talvez até mesmo para não perdermos de vista a potência daquilo que pôde ser enunciado e para não cairmos na lógica de um circunlôquio.

Aqueles/as que já passaram por essa experiência, costumam oferecer algum conforto: “a tese nunca vai estar completa”, “sempre haverá a sensação de que faltou dizer algo”, “precisa se permitir terminar”... Talvez seja tão difícil escutar e colocar em prática tais orientações justamente porque, apesar dos nossos esforços teóricos, é um constante desafio nos livrarmos da exigência da representação. A racionalidade científica hegemônica que nos demanda a todo momento uma representação fiel do mundo, parece estar sempre à espreita,

¹¹⁶ Trecho da música “*Garoto de Aluguel*”, © EMI Music Publishing, composta por Zé Ramalho.

produzindo esse efeito de angústia diante da necessidade de terminar uma tese sobre algo de que não poderemos formar uma representação acabada e definitiva. Esse modo dito “mais verdadeiro” de fazer pesquisa e produzir conhecimento é justamente aquele que venho procurando problematizar desde uma genealogia da verdade e com o qual venho buscando travar um embate político, seguindo os rastros de Michel Foucault (1999).

A noção de representação, obsessão de certos pensamentos inerentes à Modernidade, pressupõe a possibilidade de darmos conta da totalidade de algo (um fenômeno, um sujeito, um objeto, etc.). Pura pretensão ideológica, puro efeito do poder e pura redundância colonizadora, como apontam diversos/as teóricos/as com os/as quais me aliei (e continuo me aliando) durante grande parte da minha formação acadêmica, como Félix Guattari (1992), Donna Haraway (1995), Judith Butler (1998), Sandra Harding (2015), entre outros/as. Sabendo disso e procurando lidar com os afetos que me atravessam nesse necessário fechamento, busco aqui ensaiar algumas considerações finais diante do campo de problemas visibilizado nesta tese de doutorado.

Ao longo da pesquisa não busquei formar uma representação que pudesse dar conta de todas as dinâmicas, funcionamentos e sujeitos produzidos no contexto do mercado do sexo e das práticas sexuais mediadas pelo dinheiro. A impossibilidade de tal empreendimento pode ser constatada em algumas “lacunas” que foram deixadas em aberto. Alguns temas, como a chamada “prostituição de luxo” (restrita a um segmento de consumo muito específico) e a prostituição de rua, não se constituíram como focos da tese. Entretanto, essas modalidades de trabalho sexual foram citadas em diversas passagens, de modo que passei a considerar que não era possível estabelecer uma separação tão rígida entre esses diferentes circuitos de prostituição, como se pôde observar nos capítulos quatro, cinco e seis. Discussões relativas às vulnerabilidades ao vírus hiv e outras ISTs foram deliberadamente evitadas, conforme pontuei no capítulo sete, como uma tentativa de construir uma outra narrativa, para além dos discursos hegemônicos, que não atrelasse os homens trabalhadores do sexo a significantes que os definissem como “vetores de doença”.

Minha pesquisa se centrou na interlocução com trabalhadores do sexo que atuam em contextos urbanos, especialmente nas capitais do sul do país (Porto Alegre (RS), Florianópolis (SC), Curitiba (PR)) e na capital paulista (São Paulo), de modo que não foram contempladas as experiências do trabalho sexual que ocorrem nas cidades menores,

idades do interior e/ou em contextos rurais, que provavelmente operam a partir de outras lógicas e territorialidades. Outra limitação geográfica diz respeito à própria dimensão continental do Brasil, o que me impossibilitou, por exemplo, entrar em contato com as realidades vividas por garotos de programa das capitais de outras regiões do país. Ainda em relação à questão geográfico-espacial, não foquei em uma única localidade, mas procurei circular por *redes territoriais* pelas quais fui percebendo que muitos trabalhadores do sexo se inseriam. As redes as quais tive acesso se constituem nos fluxos de intercâmbios simbólicos, tecnológicos, virtuais, afetivos, sexuais, eróticos, culturais e de poder, bem como nos fluxos de pessoas nas/entre cidades, seja dentro do próprio país ou no exterior. Com o objetivo de dialogar com diferentes sujeitos envolvidos nessas redes e de conhecer os territórios em que os garotos se localizam em cidades distintas, escolhi também viajar para algumas capitais e experimentar esses trânsitos (não deixando de reconhecer, obviamente, minhas limitações como pesquisador e como alguém que não se localiza como trabalhador do sexo).

Assim, optei por não restringir minhas análises às dinâmicas territoriais específicas a uma cidade determinada, como costumam fazer muitas pesquisas sobre prostituição, especialmente no campo da antropologia. Há ônus e bônus nessa escolha. Um dos possíveis inconvenientes dessa estratégia é que eu talvez não tenha dado conta de algumas especificidades dos vários territórios de prostituição das cidades por onde passei. Se escolhesse me centrar exclusivamente em cada uma dessas capitais, analisando temas que não puderam ser contemplados em minha pesquisa, certamente teria que produzir outra tese.

Ainda que não tenha me aprofundado nas particularidades de cada capital, acredito que isso não tira, necessariamente, o potencial analítico dos temas que pretendi evidenciar. Penso que uma das vantagens da minha estratégia metodológica é que pude escutar, comparar, analisar e visibilizar narrativas de sujeitos territorializados em diferentes contextos. Isso me pareceu produtivo, no sentido de que foi possível perceber semelhanças e diferenças em relação a alguns estilos de experienciar territórios distintos. Considero também que dialogar com vários sujeitos *em trânsito* foi uma forma de estar mais próximo da dinâmica contemporânea dos mercados (trans)nacionais do sexo. Conforme anunciei no capítulo quatro e aprofundei no capítulo seis, o mercado do sexo segue uma tendência geopolítica global de

desterritorializações e de borramentos de fronteiras, de modo que os/as trabalhadores/as do sexo também acabam se afetando por esses fluxos. Foi no contato com os interlocutores e com o campo de pesquisa que me dei conta de que a questão do trânsito de pessoas motivado pelo trabalho sexual deveria ser algo problematizado em minha tese. A necessidade desse debate acabou sendo reforçada na medida em que, a cada conversa, fui percebendo que o tema das migrações, dos trânsitos e dos deslocamentos tinha grande importância na narrativa e nas experiências dos sujeitos. Diante dessas percepções, acabei problematizando não apenas os trânsitos no território brasileiro, como também para o exterior. Em relação às experiências do trabalho sexual fora do Brasil, construí algumas análises a partir dos relatos de interlocutores com os quais conversei no próprio país. Não pude concretizar o desejo de conversar com garotos que estavam vivendo em outros países (algo que poderia ter feito durante o estágio doutoral no exterior, realizado na Inglaterra). Como discutido no capítulo seis, apesar das minhas insistentes tentativas de estabelecer contatos com garotos de programa brasileiros vivendo na Inglaterra, não consegui realizar nenhuma entrevista naquele contexto. Ainda alimento esse desejo de me aprofundar nessa temática, algo que talvez faça durante um possível pós-doutorado.

De modo geral, penso que o fato de ter me aproximado de sujeitos em diversas cidades favoreceu uma melhor apreensão sobre o caráter rizomático dos fluxos movimentados no mercado do sexo. O contato com os meus interlocutores e a escuta de suas narrativas e trajetórias, possibilitou-me desenvolver, também no capítulo seis, as ideias de *circularidades nômade*s e de *nomadismos putos/queer*, que acredito serem potentes para uma problematização sobre as dinâmicas dos trânsitos e dos deslocamentos de homens que atuam como trabalhadores do sexo.

A ideia de agenciamentos (e de agenciamentos eróticos), ou seja, a combinação de uma pluralidade de forças e fluxos que se articulam nos contextos do trabalho sexual e constituem paisagens sociais, territórios, corpos e subjetividades, atravessou praticamente toda a tese. Os agenciamentos, como escreveram Deleuze e Parnet (1998, p.65), produzem enunciados e sujeitos e colocam em movimento “**populações, multiplicidades, territórios, devires, afetos, acontecimentos**”. Ao acompanhar os vários traçados dos mapas relatados pelos interlocutores, bem como dos mapas que eu mesmo fui apreendendo na interação com o campo, fui me aproximando desses movimentos que dizem respeito a algumas cartografias dos fluxos de

homens que atuam no mercado do sexo. Tais mapas são sempre mapas *afectivos*, intensivos, cheios de nuances e contradições, e não mapas achatados e estáticos. Cada mapa foi compondo platôs (regiões de intensidades contínuas que vibram sobre elas mesmas (DELEUZE E GUATTARI, 2008) nos quais pretendi colocar uma lente sobre alguns vetores dos territórios existenciais dos sujeitos. Assim, ora podemos sentir mais de perto os territórios das saunas (capítulo quatro); ora conhecemos mais sobre as histórias de cada sujeito e os modos pelos quais foram aprendendo a se tornar *boys* (capítulo cinco); ora acompanhamos as narrativas sobre os trânsitos e deslocamentos dos *boys* por diferentes cidades, estados e países (capítulo seis); ora testemunhamos o caráter fabricado e performativo das materialidades dos corpos no trabalho sexual (capítulo sete).

Ao escutar os vários relatos sobre as trajetórias de como os garotos começaram a oferecer serviços sexuais, aproximei-me de singularidades daquilo que, no capítulo cinco, denominei de *pedagogias do trabalho sexual*. Nesse capítulo, procurei problematizar como o trabalho sexual é aprendido por meio de diversas pedagogias que orientam os possíveis usos que se pode fazer do corpo, do erotismo, da sexualidade e do gênero. Algo que me pareceu bastante significativo foi como o envolvimento com o trabalho sexual pode tensionar modos de autorreconhecimento e produzir fissuras nas performatividades de gênero e sexuais. As experiências pelas quais os sujeitos se constituem naqueles contextos visibilizam uma variedade de formas pelas quais o trabalho sexual possibilita tanto rupturas e flexibilizações como permanências e reificações das normas de gênero e sexuais. Nesse sentido, considero que o trabalho sexual exercido por homens pode se constituir como um interessante plano de análise sobre as multiplicidades sexuais, as estilísticas possíveis no campo do erotismo e as diversas (re)significações do gênero, especialmente das masculinidades.

Os relatos sobre como os sujeitos foram se envolvendo com o trabalho sexual escancaram a fragilidade de uma suposta linearidade normativa do sistema sexo-gênero-desejo-práticas sexuais. As histórias dos meus interlocutores parecem denunciar o quanto as tentativas teóricas e políticas de substancializar um determinado campo ontológico do gênero e da sexualidade dificilmente dão conta de acompanhar as multiplicidades dessas experiências. Evidencia-se assim, creio eu, o caráter performativo e ficcional, não apenas do gênero e das sexualidades, como também dos modos pelos quais os sujeitos passam a

se reconhecer (ou não se reconhecer) como *boys*, garotos de programa, trabalhadores do sexo, putos, ou simplesmente como homens que ocasionalmente trocam sexo por bens materiais e/ou simbólicos (não se fixando, necessariamente, naquelas categorias).

As histórias de iniciações no trabalho sexual também me pareceram expressar aspectos da imprevisibilidade e do “acaso”. Notei que podem existir variados contextos, relações, encontros, desejos, necessidades e projetos que facilitam e/ou inserem os sujeitos no trabalho sexual. Tais variações se referem às singularidades das experiências que dificilmente poderiam ser enquadradas em escalas, inventários ou esquemas preditores. A importância de dar visibilidade a essas histórias reside no fato de que elas expressam enunciações que contestam teorias hegemônicas e normativas sobre a prostituição masculina. Várias dessas teorias, amparadas, sobretudo, por estudos da psicologia, da psicanálise, da psiquiatria e da sociologia - ainda vigentes atualmente, construíram (e constroem) narrativas sobre os sujeitos da prostituição que os colam ao campo do desvio moral, da delinquência, da psicopatologia, das doenças sexualmente transmissíveis, da periculosidade e da criminalidade, como mostrei brevemente no capítulo dois. Pesquisas com esses vieses (que apesar de estarem carregadas de conteúdos político-ideológicos se pretendem “neutras”), costumam estabelecer relações de causalidades para explicar a prostituição (que seria um mal em si mesmo) e/ou o porquê alguns sujeitos acabam se inserindo em tais práticas (que seriam sempre danosas, auto-destrutivas e perigosas). Nessas perspectivas teóricas, vemos operar com bastante força os efeitos do dispositivo da sexualidade (FOUCAULT, 1988), que busca, a todo custo, extrair a verdade do sexo, vasculhar a natureza de desejos inconfessáveis e controlar e normalizar as dissidências do campo normativo da sexualidade. É comum, nesse âmbito, encontrarmos pesquisas que associam o trabalho sexual (exercido por homens ou mulheres) com o “abuso sexual na infância”, com o “uso de substâncias psicoativas”, com “transtornos de personalidade”, entre outros discursos psicologizantes, como já denunciaram John Scott (2003), Kerwin Kaye (2003), Cláudia Fonseca (2004), David Bimbi (2007), Jo Weldon (2010), Laura Agustín (2010), entre outros/as. A possibilidade de compreender o trabalho sexual como um *trabalho* e como uma forma de autonomia de uso do corpo é algo impensável nessas racionalidades. É como se o trabalho sexual fosse a expressão de um erro de percurso na constituição dos sujeitos, que precisaria ser conhecido, explicado, controlado, prevenido, tratado e tutelado.

Percebe-se o quanto as críticas de Gayle Rubin (1993) e sua proposta para uma *teoria radical do sexo* (apresentadas no capítulo três) continuam pertinentes para, como propõe Michel Foucault (1999), travarmos um embate contra conhecimentos que se supõem verdadeiros, unitários e totalizadores. Ao narrar as histórias escutadas e deixá-las em evidência, compartilhamos os devires das memórias e das experiências, sem os quais esta pesquisa seria pura redundância a serviço do poder e dos regimes de verdade estabelecidos (DELEUZE E PARNET, 1988). As narrativas dos meus interlocutores expressam, assim, “saberes menores” os quais, acredito eu, têm a potência de fazer oposição e de lutar contra a “coerção de um discurso teórico unitário, formal e científico” (FOUCAULT, 1999, p.15) que está disperso no campo social.

O último platô que compõe essa tese (capítulo sete) diz respeito à centralidade do corpo no trabalho sexual e à construção das materialidades corpóreas que são postas em ação no âmbito do mercado do sexo. Não se tratou, naquele momento, de defender a ideia de que apenas os trabalhadores do sexo estariam sujeitos a ideais regulatórios e normas que constituiriam performatividades eróticas, sexuais e de gênero. Todos/as nós somos atravessados/as por uma rede complexa de discursos, práticas, gestos, relações de poder e estilos de nos conduzirmos, que constroem aquilo que percebemos como fronteira estática da matéria. No entanto, busquei problematizar os agenciamentos que me pareceram mais evidentes nas cartografias dos corpos daqueles sujeitos que se dispõem ao trabalho sexual. As análises desenvolvidas nesse capítulo estão orientadas, sobretudo, por leituras das teorias de Judith Butler e Paul/Beatriz Preciado.

A partir dos relatos dos meus interlocutores, bem como das minhas observações nas saunas e nos ambientes virtuais da internet nos quais se anunciam e divulgam os serviços de garotos de programa, notei uma forte valorização do *dote* (pênis) nas representações discursivo-imagéticas dos *boys*. Pude perceber que muitas dessas representações que acabam sendo incorporadas e reproduzidas pelos próprios garotos expressam um forte efeito do falocentrismo (e/ou das falonormas) na constituição dos corpos de *boys* considerados “ideais”. Nos processos de materialização dos corpos dos trabalhadores do sexo, parece ficar evidente a repetição, reiteração e recitação das normas de gênero que constituem as masculinidades e as sexualidades dos homens. Como efeito desses processos, percebemos, por exemplo, a valorização e a fetichização do “pau grande”; a noção de uma “sexualidade masculina”

ativa, penetradora, fálica, agressiva, potente; o imperativo da excitação sexual, que promove a ideia de que os *boys* seriam “máquinas de sexo incansáveis e infalíveis e sempre dispostas ao coito”; etc. É importante destacar que essas normas de gênero e sexuais evidenciadas atravessam a constituição de todos os sujeitos (não apenas trabalhadores do sexo). Porém, como no contexto do trabalho sexual essas normas parecem se converter em “valor mercadológico” ao mesmo tempo em que mercado passa produzir novas normas (e/ou reforçar as normas vigentes), os processos de fabricação dos corpos parecem ficar ainda mais expostos. Um exemplo dessa eminência das normas atravessando a materialização dos corpos foi o uso frequente, relatado por vários dos meus interlocutores, de medicamentos que estimulam e mantém a ereção peniana. Problematizei esses fluxos que atuam na composição dos corpos a partir da ideia de “aditivos farmacopornográficos” e do “imperativo da excitação”.

É evidente que, seguindo o conceito de performatividade de Judith Butler, os processos de repetição e reiteração das normas também podem, por vezes, falhar e/ou encontrar formas de resistência entre os sujeitos. Com os *boys* não seria diferente. Nem sempre as normas citadas anteriormente se constituem como um destino para todos. Em relação às experiências do corpo, pude escutar vários relatos que diziam respeito a outros sentidos e outras possibilidades de subjetivação dos discursos normativos. Exemplo disso, é que, mesmo diante do imperativo da excitação e da demanda por um “*boy imaginado*” (sempre disposto ao sexo, objetificado, etc.), os garotos expressavam várias possibilidades de agência, resistência e autonomia sobre seus próprios corpos e seus limites. Ainda que alguns “clientes-problema” os expusessem a situações delicadas e indesejadas, como entrar em contato com secreções corporais alheias, ter relações sexuais com o cliente “sujo e fedido”, realizar práticas sexuais consideradas “não convencionais” (como sadomasoquismo ou sexo escatológico) e até mesmo casos de ameaças de agressões físicas e de morte, pareceu-me que os *boys* conseguiam manejar tais situações.

Na articulação de todos esses platôs que compuseram a tese, acredito que podemos nos aproximar um pouco dos territórios existenciais de alguns *boys*. Territórios que figuram emaranhados de fluxos que apresentam dinâmicas muito singulares e que expressam constantes movimentos de desterritorializações e reterritorializações. Territórios que, nas afetações cotidianas experienciadas por cada um dos meus interlocutores, produzem modos de subjetivação, ou se seja,

possibilitam uma “dobra” das forças e dos fluxos sobre si mesmo e constituem modos de existência e possibilidades de vida “capazes de resistir ao poder bem como se furtar ao saber, mesmo se o saber tenta penetrá-los e o poder tenta apropriar-se deles” (DELEUZE, 2008, p. 116).

As experiências evidenciadas em cada um dos capítulos indicam várias maneiras de autorreconhecimento; diferentes estilos de se conduzir diante de um campo moral; múltiplos usos possíveis do corpo e da sexualidade; ressignificações do gênero; posicionamentos frente a interpelações normativas (e até mesmo legais, em algumas ocasiões); diversas formas de trabalho (trabalho sexual) que não são consideradas legítimas (ainda que movimentem muito capital e sustentem todo um mercado e uma indústria); práticas de liberdade, vários movimentos possíveis de mobilidade humana; etc.

Seguindo um pensamento foucaultiano (FOUCAULT, 1984), penso que as narrativas apresentadas aludem a uma ética, ou seja, falam sobre os modos pelos quais os sujeitos são chamados a se constituírem como sujeitos de suas condutas morais diante de determinados códigos; sobre como, nesses processos, se movimenta uma multiplicidade de relações de si para consigo mesmo e para com as dinâmicas sociais; e como todos esses jogos produzem regimes de subjetivação que constituem os sujeitos. Trata-se de uma “ética marginal”, certamente. Uma ética que os guardiões da ordem, da moral e dos bons costumes, na tentativa de esquadrinhar e achatar as multiplicidades existenciais, insistem em qualificar como anormal. Que seja. Uma ética *queer*. Uma ética *boy*.

*

“Eu sou isso, é claro”, pensava, “mas pelo menos tenho consciência de sê-lo e tanta consciência destrói a vergonha e me concede um sentimento que pouco se conhece: o orgulho. Vocês que me desprezam não são feitos de outra coisa senão uma sucessão de idênticas misérias, mas disso vocês nunca terão consciência, e por ela o orgulho, isto é, o conhecimento de uma força que lhes permite enfrentar a miséria – não a miséria de vocês, mas aquela de que a humanidade é composta”.

Jean Genet (2005, p.101), em “Diário de um ladrão”.

REFERÊNCIAS

ABREU, Caio Fernando. O rapaz mais triste do mundo. In: **Os dragões não conhecem o paraíso**. – 4.ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

ABREU, Vinício Brígido Santiago. Para além do feminino/masculino: a (des)construção do gênero na prática sexual de garotos de programa. In: Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 – Desafios atuais dos Feminismos. Florianópolis. Anais: UFSC, 2013.

ABREU, Vinício Brígido Santiago. Entre o marginal e o laboral: o trabalho de garotos de programa da cidade de fortaleza. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Ceará, 2014.

AGUSTÍN, Laura. La industria del sexo, los migrantes y la familia europea. **Cadernos Pagu** (25), julho-dezembro de 2005, pp.107-128.

AGUSTÍN, Laura. At home in the street. Questioning the desire to help and save. In: BERNSTEIN, Elizabeth; SCHAFFNER, Laurie (Ed.). **Regulating Sex**. The politics of intimacy and identity. New York and London: Routledge, 2005b

AGUSTÍN, Laura. **Sex at the margins**. Migration, Labour Markets and the Rescue Industry. London & New York: Zed Books, 2007.

AGUSTÍN, Laura. The (Crying) Need for Different Kinds of research. In: DITMORE, Melissa Hope; LEVY, Antonia; WILLMAN, Alys. **Sex Work Matters**: exploring money, power, and intimacy in the sex industry. New York, Zed Books, 2010.

ALMEIDA, Miguel Vale de. **A chave do Armário**. Homossexualidade. Casamento. Família. Florianópolis: Ed. da UFSC e ICS – Imprensa de Ciências Sociais (Universidade de Lisboa), 2010.

AMARAL, Marília dos Santos. **‘Essa boneca tem manual’**: práticas de si, discursos e legitimidades na experiência de travestis iniciantes. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

AMARAL, Marília dos Santos & TONELI, Maria Juracy Filgueiras. Entre Novatas, Cdzinhas & Transformers: políticas de (re)existência na experiência de travestis iniciantes. **História Agora**, v. 15, p. 162-184, 2013.

ANTONIOLI, Manola. Singularités cartographiques. **TRAHIR**, Première année, août 2010.

ANTUNES, José Leopoldo Ferreira. **Medicina, leis e moral**. Pensamento médico e comportamento no Brasil (1870-1930). São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

ANTUNES, Maria Cristina; PAIVA, Vera Silvia Faciolla. Territórios do desejo e vulnerabilidade ao HIV entre homens que fazem sexo com homens: desafios para a prevenção. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 21, n. 3, dez. 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2013000300019&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 18 fev. 2014. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2013.3-EE17PT>.

ANZALDUA, Gloria. La conciencia de la mestiza: rumo a uma nova consciência. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 13, n. 3, Dec. 2005. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104026X2005000300015&lng=en&nrm=iso>. access on 25 Sept. 2011. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2005000300015>.

APPADURAI, Arjun. **Modernity at large**. Cultural Dimensions of Globalization. University of Minnesota Press, 1996.

ARÁN, Márcia; PEIXOTO JUNIOR, Carlos Augusto. **Subversões do desejo**: sobre gênero e subjetividade em Judith Butler. **Cadernos Pagu** (28), janeiro-junho de 2007:129-147.

BARBOSA DA SILVA, José Fábio. **Aspectos Sociológicos do Homossexualismo em São Paulo**. Sociologia, 21(4). out. São Paulo: FESPSP. pp. 350-60, 1959.

BARRERO, Gloria Patricia Díaz. Stripers, bailarinas exóticas, eróticas: identidad e inmigración en la construcción del Estado Canadiense. **Cadernos Pagu** (25), julho-dezembro de 2005, pp.129-152.

BARRETO, Victor Hugo de Souza. As saunas masculinas: prostituição e constituição de territórios do desejo. In: Soraya Simões; Helio Silva; Aparecida Moraes. (Org.). **Prostituição e outras formas de amor**. 1ed. Niterói: EdUFF, 2014, v. , p. 237-264.

BARRETO, Letícia Cardoso. **Somos sujeitas políticas de nossa própria história: prostituição e feminismos em Belo Horizonte**. Tese (doutorado em ciências humanas). Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Florianópolis, SC, 2015. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Miriam Pillar Grossi. Co-orientadora: Prof^a. Dr^a. Claudia Andréa Mayorga Borges

BARRETO, Letícia Cardoso; SILVEIRA, Cibele; GROSSI, Miriam Pillar. Notas etnográficas sobre prostituição masculina em Florianópolis: entre o trabalho, o afeto e a sexualidade. **Revista de Ciências Humanas**, v. 46, p. 511-534, 2012.

BARROS, L. P.; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V; DA ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia**. Pesquisa, intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Tradução Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

BENEVIDES, Regina. **Grupo**: a afirmação de um simulacro. 2º Ed. Porto Alegre: Sulina / Editora da UFRGS, 2009.

BENTO, Berenice; PELÚCIO, Larissa. Despatologização do Gênero: a politização das identidades abjetas. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 20(2): 256, maio-agosto 2012.

BERNSTEIN, Elizabeth. O significado da compra: desejo, demanda e o comércio do sexo. **Cadernos Pagu** (31), julho-dezembro de 2008:315-362.

BIMBI, David. Male Prostitution: Pathology, Paradigms and Progress in Research. In: MORRISON, Todd & WHITEHEAD, Bruce (orgs.). **Male Sex Work**. A business doing pleasure. Harrington Park Press, 2007.

BOCAYUVA, Pedro Claudio Cunca. A fronteira como método e como 'lugar' de lutas segundo Sandro Mezzadra. **Lugar Comum** (UFRJ), v. Vol1, p. 45-68, 2013.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu** (26), janeiro-junho de 2006: pp.329-376.

BRAZ, Camilo Albuquerque. Macho versus Macho: um olhar antropológico sobre práticas homoeróticas entre homens em São Paulo. **Cadernos Pagu** (UNICAMP), v. 28, p. 175-206, 2007.

BRAZ, Camilo Albuquerque. Vestido de Antropólogo - nudez e corpo em clubes de sexo para homens. **Bagoas: Revista de Estudos Gays**, v. 02, p. 04, 2009a.

BRAZ, Camilo Albuquerque. Silêncio, suor e sexo: subjetividades e diferenças em clubes para homens. In: BENITEZ, Maria Elvira; FÍGARI, Carlos Eduardo (Orgs.). **Prazeres dissidentes**: Garamond, Rio de Janeiro, 2009b.

BRIGEIRO, Mauro; MAKSUD, Ivia. Aparição do Viagra na cena pública brasileira: discursos sobre corpo, gênero e sexualidade na mídia. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 71-88, Apr. 2009.

BUTLER, Judith. Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão da “pós-modernismo”. **Cadernos Pagu** (11), 1998: pp. 11-42.

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan**: sobre los límites materiales y discusivos del “sexo”. Buenos Aires: Paidós, 2002a.

BUTLER, Judith. Como os corpos se tornam matéria (entrevista com Judith Butler feita por Baukje Prins e Irene Costera Meijer). **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, Jan. 2002b.

BUTLER, Judith. O parentesco é sempre tido como heterossexual? **Cadernos Pagu**, n. 21, p. 219-260, 2003a.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003b.

BUTLER, Judith. **Deshacer el género**. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 2006.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**. Crítica da violência ética. Tradução: Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

CABRAL, Arthur Grimm [Raíssa Éris Grimm]. **Abrindo os códigos do tesão**: encantamentos de resistência entre o transfeminismo pós-pornográfico. Tese (doutorado em Psicologia). Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis, SC, 2015. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Juracy Filgueiras Toneli.

CARDOSO JR, Hélio Rebelo. Para que Serve uma Subjetividade? Foucault, Tempo e Corpo. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, vol. 18, núm. 3, setembro-dezembro, 2005, pp. 343-349, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Brasil.

CASTAÑEDA, Heide. Migrant male sex works in Germany. In: MINICHELLO, Victor & SCOTT, John (orgs.). **Male Sex Work and Society**. Harrington Park Press, 2014.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. Por uma genealogia da adolescência. **Cadernos da F.F.C.** (UNESP), Marília, v. 9, n.1, p. 10-20, 2000.

CHAPKIS, Wendy. Soft Glove, Punishing Fist: The trafficking Victims Protection Act of 2000. In: BERNSTEIN, Elizabeth; SCHAFFNER, Laurie (Ed.). **Regulating Sex**. The politics of intimacy and identity. New York and London: Routledge, 2005.

CORRÊA, Sônia & PARKER, Richard (Orgs.). **Sexualidade e política na América Latina**: histórias, interseções e paradoxos [recurso eletrônico] - Rio de Janeiro : ABIA, 2011.

CORVID, Magpie. **Marxismo para prostitutas** (tradução de Monique Prada). Disponível em: <http://mundoinvisivel.org/marxismo-para-prostitutas/>, 2016.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. 4. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

COUTO, Walter et al. Práticas sexuais em geolocalização entre homens: corpos, prazeres, tecnologias. **Athenea Digital. Revista de pensamento e investigación social**, [S.l.], v. 16, n. 2, p. 169-193, jul. 2016.

DELEUZE, Gilles. **Derrames**. Entre El capitalismo y la esquizofrenia. – 1 ed. – Buenos Aires : Cactus, 2013.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbert. São Paulo: 34, 2008.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia – Vol. 3**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2008.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia - Vol. 1**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2009.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo – Capitalismo e Esquizofrenia I**. Tradução de Peter Pál Pelbert. São Paulo: 34, 2010.

DELEUZE, Gilles & PARNET, Claire. **Diálogos**. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro, São Paulo: Escuta, 1998.

DENNIS, Jeffery. Women are Victims, Men Make Choices: The Invisibility of Men and Boys in the Global Sex Trade. **Gend. Issues**, 2008.

DOEZEMA, Jo. Beyond the Voluntary v. Forced Prostitution Dichotomy. In: KEMPADOO, Kamala; DOEZEMA, Jo. (Orgs.). **Global Sex Workers. Rights, Resistance, and Redefinition**. New York, Routledge, 1998.

DONZELOT, Jacques. **A polícia das famílias**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

EDELMAN, Lee. Banheiro dos Homens. In: PENTEADO, Fernando Marques & GATTI, José (orgs.). **Masculinidades**. Teoria, crítica e artes. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011.

FACCHINI, Regina & FERREIRA, Carolina Branco de Castro. Medicalização, sexualidade e gênero: sujeitos e agenciamentos. **Sex., Salud Soc.** (Rio J.) no.14 Rio de Janeiro ago. 2013

FERNÁNDEZ, Ana Maria. **Las lógicas colectivas.** Imaginários, cuerpos y multiplicidades. 2 edição. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2008.

FONSECA, Cláudia. A dupla carreira da mulher prostituta. **Revista de Estudos Feministas**, v. 4, n.1, p. 7-34, 1996.

FONSECA, Cláudia. 'A morte de um gigolô' Fronteiras da transgressão e sexualidade nos dias atuais". In: Maria Filomena Gregori; Adriana Piscitelli; Sergio Carrara. (Org.). **Sexualidades e saberes, convenções e fronteiras.** São Paulo: Garamond, 2004, v. , p. 257-282.

FOUCAULT, Michel. Da amizade como modo de vida. Entrevista de Michel Foucault a R. de Ceccaty, J. Danet e J. Le Bitoux, In: **Gai Pied**, nº 25, abril de 1981, pp. 38-39. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade.** O uso dos prazeres. Vol. 2. São Paulo: Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade.** A vontade de saber. Vol. 1. São Paulo: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Tecnologías del yo,** Barcelona: Paidós, 1990.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREIFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica:** para além do Estruturalismo e da Hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária. pp. 231-249, 1995.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. O uso dos prazeres e as técnicas de si (1983). In: _____. **Ditos e escritos V:** Ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: **Ditos e escritos**, v. 4. Trad. Vera Lucia Avelar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2006b.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

FOUCAULT, Michel. “Outros Espaços” (conferência). In: _____. **Ditos e Escritos Vol. III**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. pp. 411-422, 2009.

FOUCAULT, Michel. El cuerpo utópico. In: **El cuerpo utópico. Las heterotopías**. Buenos Aires: Ed. Nueva Vision, 2010.

FUNDACIÓN TRIÁNGULO. **Trabajadores masculinos del sexo**: aproximación a la prostitución masculina en Madrid. Madri: Fundación Triángulo, 2006.

GAGNON, John. **Uma interpretação do desejo**. Ensaio sobre o estudo da sexualidade. Tradução: Lucia Ribeiro da Silva. Rio de Janeiro: Garamond. 2006.

GENET, Jean. **O diário de um ladrão**. Tradução de Jacqueline Laurence e Roberto Lacerda. – 1. Ed. Comemorativa. – Rio de Janeiro: Nov Fronteira, 2005.

GLOWCZEWSKI, Barbara. « Guattari et l'anthropologie : aborigènes et territoires existentiels », **Multitudes**, 2008/3 n° 34, p. 84-94. DOI : 10.3917/mult.034.0084.

GRANT, Melissa Gira. **Playing the Whore**. The work of sex work. London: Verso, 2014.

GREEN, James. **Além do carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

GUATTARI, Félix. **Caosmose**: Um novo paradigma estético. Tradução: Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia. São Paulo: 34, 1992

GUATTARI, Félix. As esquizoanálises. **Revista Ensaio** – n.1, v.1, ano 1, 2º semestre de 2008.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

HALBERSTAM, Judith. **In a Queer Time and Place**: transgender Bodies, Subcultural Lives. Nova York/Londres, Nova York University Press, 2005.

HALPERIN, David. **San Foucault**. Para una hagiografía gay. 1. ed. Buenos Aires: El cuenco de plata, 2007.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 07-41, 1995.

HARDING, S. After Mr. Nowhere: What Kind of Proper Self for a Scientist? **Feminist Philosophy Quarterly**: Vol. 1: Iss. 1, Article 2. 2015.

Available at: <http://ir.lib.uwo.ca/fpq/vol1/iss1/2>.

HENNING, Carlos Eduardo. **Paizões, tiozões, tias e cacuras: envelhecimento, meia idade, velhice e homoerotismo masculino na cidade de São Paulo**. Tese (doutorado em Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2014. Orientadora: Prof^ª. Dr^ª Guita Grin Debert.

HOCQUENGHEM, Guy. **A contestação homossexual**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

HOOKS, Bell. **Talking back. Thinking feminist, thinking black**. South End Press, 1989.

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION (IOM). **Glossary on Migration, International Migration**. Law Series No. 25, 2011.

JESUS, Jaqueline Gomes. Feminismo e identidade de gênero: elementos para a construção da teoria transfeminista. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 – Desafios atuais dos Feminismos. Florianópolis. **Anais**: UFSC, 2013.

KAYE, Kerwin. Male Prostitution in the Twentieth Century: Pseudohomosexuals, Hoodlum Homosexuals, and Exploited Teens. **Journal of Homosexuality**, Vol. 46(1/2) 2003.

KAYE, Kerwin. Male Sex Work in Modern Times. In: MINICHIELLO, Victor & SCOTT, John (orgs.). **Male Sex Work and Society**. Harrington Park Press, 2014.

KEMPADOO, Kamala. Introduction. Globalizing Sex Workers' Rights. In: KEMPADOO, Kamala; DOEZEMA, Jo. (Orgs.). **Global Sex Workers. Rights, Resistance, and Redefinition**. New York, Routledge, 1998.

KEMPADOO, Kamala. Rethinking Sex Work. In: KEMPADOO, Kamala; DOEZEMA, Jo. (Orgs.). **Global Sex Workers. Rights, Resistance, and Redefinition**. New York, Routledge, 1998.

KEMPADOO, Kamala. Mudando o debate sobre o tráfico de mulheres. **Cadernos Pagu** (25), julho-dezembro de 2005, pp.55-78.

KULICK, Don. The sexual life of anthropologists: erotic subjectivity and ethnographic work. In KULICK, Don. **Taboo**. Sex, identity and erotic subjectivity in anthropological fieldwork. New York: Routledge, 1995.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Tradução Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LEITE Jr., Jorge. **Das maravilhas e prodígios sexuais: a pornografia "bizarra" como entretenimento**. São Paulo: Annablume, 2006.

LEITE Jr., Jorge. A pornografia bizarra em três variações: a escatologia, o sexo com cigarros, e o "abuso facial". In: BENITEZ, Maria Elvira; FÍGARI, Carlos Eduardo (Orgs.). **Prazeres dissidentes**: Garamond, Rio de Janeiro, 2009.

LEVINE, Martin. Gay Ghetto. In: NARDI, Peter M. & SCHNEIDER, Beth E. (org) **Social Perspectives in Lesbian and Gay Studies**. New York: Routledge, 1998.

MAIRESSE, D. Cartografia: do método à arte de fazer pesquisa In: FONSECA, T. M. G.; KIRST, P. G. (Org.). **Cartografias e devires: a construção do presente**. Porto Alegre: UFRGS, 2003. p. 259-272

MAIRESSE, D. & FONSECA, T. M. G. Dizer, escutar, escrever: redes de tradução impressas na arte de cartografar. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 7, n. 2, p. 111-116, jul./dez. 2002.

MAYORGA, Cláudia. Cruzando fronteiras: prostituição e imigração. **Cadernos Pagu** (37), julho-dezembro de 2011: 323-355.

MEZZADRA, Sandro. **Derecho de fuga**. Migraciones, ciudadanía y globalización. Traducción: Miguel Santucho. Madrid. Traficantes de Sueños, 2005.

MINICHIELLO, Victor & SCOTT, John (orgs.). **Male Sex Work and Society**. Harrington Park Press, 2014.

MISKOLCI, Richard & PELÚCIO, Larissa. Aquele não mais obscuro negócio do desejo. In: PERLONGHER, Nestor. **O negócio do michê**. A prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

MITCHELL, Gregory. Padrinhos *gringos*: turismo sexual, parentesco *queer* e as famílias do futuro. In: PISCITELLI, Adriana; ASSIS, Gláucia de Oliveira; OLIVAR, José Miguel Nieto (orgs.). **Gênero, sexo, amor e dinheiro**: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil. Campinas, SP: Unicamp/PAGU, 2011.

MORRISON, Todd & WHITEHEAD, Bruce (orgs.). **Male Sex Work. A business doing pleasure**. Harrington Park Press, 2007.

MOSCHETA, Murilo dos Santos; McNAMEE, Sheila; SANTOS, Manoel Antônio dos. Sex trade among men: negotiating sex, bodies and identity categories. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 25, n. spe, 2013.

Disponível em

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822013000500006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 18 fev. 2014.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822013000500006>.

NAIL, Thomas. **The figure of the migrant**. California: Stanford University Press, 2015.

NARDI, Henrique Caetano. Diversidade Sexual e políticas públicas: compreendendo os vetores de subjetivação e as transformações no dispositivo da sexualidade. In: BRIZOLA, Ana Lúcia; ZANELLA, Andrea Vieira; GESSER, Marivete (orgs.). **Práticas Sociais, Políticas Públicas e Direitos Humanos**. 1 ed. Florianópolis: ABRAPSO – NUPPE/CFH/UFSC, 2013.

NETO, Epitacio Nunes de Souza. Quem come é quem engole: a subjetividade na construção das performances de gênero entre os boys de programa de Recife. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 9 – Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. Florianópolis. **Anais**: UFSC, 2010.

OLIVAR, José Miguel Nieto. **Devir Puta** – Políticas da prostituição de rua na experiência de quatro mulheres militantes. Rio de Janeiro: CLAM/EdUERJ, 2013.

ORTEGA, Francisco. **O corpo incerto** – Corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

PARK, Robert. A cidade: sugestões para investigação social no meio urbano [1916]. In: Velho, Otávio G. (org.) **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro, Zahar, 1973.

PAIVA, Antonio Cristian Saraiva. Seres que não importam? Sobre homossexuais velhos. **Bagoas : Revista de Estudos Gays**, v. 3, p. 191-208, 2009.

PASSAMANI, Guilherme Rodrigues. **Batalha de Confete no "Mar de Xarayés": condutas homossexuais, envelhecimento e regimes de visibilidade**. Tese (doutorado em Ciências Sociais). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2015. Orientadora: Prof^a. Dr^a Guita Grin Debert.

PASINI, Elisiane. Limites simbólicos corporais na prostituição feminina. **Cadernos Pagu** (14), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, 2000, pp.181-200.

PELÚCIO, Larissa. Na noite nem todos os gatos são pardos: notas sobre a prostituição travesti. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 25, Dec. 2005. Available from

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332005000200009&lng=en&nrm=iso>. access on 21 Jan. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332005000200009>.

PELÚCIO, Larissa. “Eu me cuido, mona”: saúde, gênero e corporalidade entre travestis que se prostituem. In: Seminário Homofobia, Identidades e Cidadania GLBT, 2007, Florianópolis. **Anais**: Florianópolis: CLAM, setembro de 2007.

PELÚCIO, Larissa. “Amores perros” - sexo, paixão e dinheiro na relação entre espanhóis e travestis brasileiras no mercado transnacional do sexo. In: PISCITELLI, Adriana; ASSIS, Gláucia de Oliveira; OLIVAR, José Miguel Nieto (orgs.). **Gênero, sexo, amor e dinheiro**: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil. Campinas, SP: Unicamp/PAGU, 2011.

PEREIRA, Ivonete. “**As decaídas**”. Prostituição em Florianópolis (1900-1940). Florianópolis: Editora da UFSC, 2004.

PERES, Wiliam Siqueira. Violência estrutural e AIDS na comunidade travesti brasileira. **Revista de Psicologia da UNESP**, Vol. 3, No 1, 2004.

PERES, Wiliam Siqueira. **Subjetividade das travestis brasileiras: da vulnerabilidade da estigmatização à construção da cidadania**. 2005. 202f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva). Instituto de Medicina Social, Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2005.

PERLONGHER, Nestor. Territórios Marginais. In: GREEN, James N. e TRINDADE, Ronaldo (org.), participação de José Fábio Barbosa da Silva [et al.] **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2005

PERLONGHER, Nestor. **O negócio do michê**. A prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

PISCITELLI, Adriana. Apresentação: gênero no mercado do sexo. **Cadernos Pagu** (25), julho-dezembro de 2005, pp.7-23.

PISCITELLI, Adriana. Sujeição ou subversão: migrantes brasileiras na indústria do sexo na Espanha. **História e Perspectivas**, Uberlândia (35): 13-55, Jul.Dez.2006.

PISCITELLI, Adriana. Corporalidade em confronto. Brasileiras na indústria do sexo na Espanha. **RBCS** Vol. 22 nº. 64 junho/2007a.

PISCITELLI, Adriana. Sexo tropical em um país europeu: migração de brasileiras para a Itália no marco do “turismo sexual” internacional. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 15(3): 336, setembro-dezembro/2007b.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, v.11, n.2, jul/dez. 2008. p. 263 a 274.

PISCITELLI, Adriana. **Trânsitos**. Brasileiras nos mercados transnacionais do sexo. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

PISCITELLI, Adriana. Feminismos y prostitución en Brasil: una lectura a partir de la antropología feminista. **Cuad. antropol. soc.**, Buenos Aires, n. 36, dic. 2012 . Disponible en <http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1850-275X2012000200002&lng=es&nrm=iso>. accedido en 15 feb. 2014.

PISCITELLI, Adriana. Economias sexuais, amor e tráfico de pessoas. Novas questões conceituais. **Cadernos Pagu** (UNICAMP), v. 1, p. 1-18, 2016.

PISCITELLI, Adriana; ASSIS, Gláucia de Oliveira; OLIVAR, José Miguel Nieto (orgs.). **Gênero, sexo, amor e dinheiro**: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil. Campinas, SP: Unicamp/PAGU, 2011.

PISCITELLI, Adriana; VASCONCELOS, Marcia. Apresentação (Dossiê: Gênero no Tráfico de pessoas). **Cad. Pagu**, Campinas , n. 31, p. 9-28, Dec. 2008 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332008000200002&lng=en&nrm=iso>. access on 25 July 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332008000200002>

POCAHY, Fernando Altair. **Entre Vapores e Dublagens: Dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento**. Tese (doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, RS, 2011. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Guacira Lopes Louro.

POCAHY, Fernando. ‘Vem meu menino, deixa eu causar inveja’: ressignificações de si nas transas do sexo tarifado. **Sexualidad, Salud y Sociedad**. Rio de Janeiro. Vol. 11, p. 122-154. 2012.

PRECIADO, Beatriz. Multidões queer – notas para uma política dos “anormais”. Tradução de Ricardo Rosas a partir da versão espanhola do francês por "el bollo loco". In: **Multitudes** <http://multitudes.samizdat.net/>, 2004.

PRECIADO, Beatriz. **Texto Yonqui**. Espanha, Madri: Huertas, S.A., 2008a.

PRECIADO, Beatriz. Cartografías queer: el flâneur preverso, la lesbiana topográfica y la puta multicartográfica o como hacer una cartografía zorra con Anne Sprinkle. In: CORTES, J. M. (ed). **Cartografías dissidentes**. Barcelona: Seacex, 2008b.

PRECIADO, Beatriz. Posporno/Excitación disidente (Entrevista com Beatriz Preciado). In: **Parole de Queer**, Diciembre, 2010.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto contrassexual**. Práticas subversivas de identidade sexual. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar Brasil 1890-1930**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1985.

RAMOS, Maria Eduarda. **Pornografia, resistências e feminismos: estratégias políticas feministas de produções audiovisuais pornográficas**. Tese (doutorado em ciências humanas). Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Florianópolis, SC, 2015. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Mara Coelho de Souza Lago. Co-orientadora: María Elvira Díaz-Benítez

- ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: Transformações Contemporâneas do Desejo**. São Paulo: UFRGS Editora, 2007.
- RUBIN, Gayle. Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality. In: ABELOVE, H; BARALE, M. A; HALPERIN, D. **The Lesbian and Gay Studies Reader**. London: Routledge, 1993.
- RUBIN, Gayle. Studying Sexual Subcultures: Excavating the Ethnography of Gay Communities in Urban North America. In: LEWIN, Ellen; LEAP, William. (ed.) **Out in Theory: The Emergence of Lesbian and Gay Anthropology**. Urbana: University of Illinois Press, 2002.
- RUBIN, Gayle. Blood under the Bridge: Reflections on "Thinking Sex". **GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies**, Volume 17, Number 1, pp. 15-48, 2010.
- RUBIN, Gayle; BUTLER, Judith. Tráfico sexual – entrevista. **Cadernos Pagu** (21) 2003: pp.157-209.
- RUSSO, Jane Araujo. Do desvio ao transtorno: a medicalização da sexualidade na nosografia psiquiátrica contemporânea. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sérgio (Orgs.). **Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- SAFATLE, Vladimir. **Circuito dos Afetos: Corpos políticos, Desamparo, Fim do Indivíduo**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- SALDANHA, R. O 'dote' nos anúncios de prostituição masculina do Diário Catarinense. In: FÁVERI, M.; SILVA, J. G.; PEDRO, J. M. (Org.). **Prostituição em áreas urbanas - Histórias do tempo presente**. 1ed. Florianópolis: Editora UDESC, 2010, v. 1, p. 171-194.
- SANTOS, Daniel Kerry. **Modos de vida e processos de subjetivação na experiência de envelhecimento entre homens homossexuais na cidade de Florianópolis/SC**. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

SANTOS, Daniel Kerry. As produções discursivas sobre a homossexualidade e a construção da homofobia: problematizações necessárias à psicologia. **Revista EPOS**; Rio de Janeiro – RJ, Vol.4, nº 1, jan-jun de 2013; ISSN 2178-700X.

SANTOS, Daniel Kerry; LAGO, Mara Coelho de Souza. Estilísticas e estéticas do homoerotismo na velhice: narrativas de si. **Sexualidad, Salud y Sociedad** (Rio de Janeiro), v. 15, p. 113-147, 2013.

SANTOS, Daniel Kerry; LAGO, Mara Coelho de Souza. Cartografando estilizações do homoerotismo na velhice: pistas metodológicas nos estudos sobre sexualidades. **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 95-106, Aug. 2015.

SANTOS, Daniel Kerry; LAGO, Mara Coelho de Souza. Heterotopia of (un)desirable bodies: homoeroticism, old age and other dissidences. **Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology**, v. 13, n.1. January to June 2016. Brasília, ABA.

SANTOS, Daniel Kerry; TEIXEIRA-FILHO, Fernando Silva. Cartografias do Armário: estratégias do desejo em uma cidade do interior paulista. **Revista Bagoas - estudos gays: gênero e sexualidades**. n. 11 | 2014 | p. 177-209.

SANTOS, Élcio Nogueira. Entre amores e vapores: as representações das masculinidades inscritas nos corpos nas saunas de michês. **Anais do XIII Congresso Brasileiro de Sociologia**, Recife, UFPE, 2007.

SANTOS, Élcio Nogueira; PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Amores e vapores: sauna, raça e prostituição viril em São Paulo. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 24, n. 1, p. 133-154, Apr. 2016. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2016000100133&lng=en&nrm=iso>. access on 11 Apr. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/1805-9584-2016v24n1p133>.

SANTOS, João Diógenes Ferreira. Desvelando o mercado do sexo: trajetória de vida dos “garotos de programa” da cidade de Salvador. In: **Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 – Desafios atuais dos Feminismos**. Florianópolis. Anais: UFSC, 2013.

- SANTOS, Manoel Antônio dos. Prostituição masculina e vulnerabilidade às DSTs/AIDS. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 20, n. 1, Mar. 2011. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072011000100009&lng=en&nrm=iso>. access on 18 Feb. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072011000100009>.
- SCHUCMAN, Lia Vainer. Sim, nós somos racistas: estudo psicossocial da branquitude paulistana. **Psicologia & Sociedade**, 26(1), 2014.
- SCOTT, Joan. Experiência. In: LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira; SILVA, Alcione Leite (Orgs). **Falas de Gênero**. Florianópolis: Mulheres, 1999
- SCOTT, John. A prostitute's progress: male prostitution in scientific discourse. **Social Semiotics**, Vol. 13, No. 2, 2003.
- SIMÕES, Júlio Assis. "Homossexualidade masculina e curso da vida: pensando idades e identidades sexuais". In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena & Carrara, Sergio (orgs.). **Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras**. Rio de Janeiro: Garamond. 2004. p. 415-447.
- SILVA Jr, Geraldo Pereira & ADORNO, Rubens de Camargo Ferreira. A visibilidade e invisibilidade dos garotos de programa na Saúde Pública: reflexões sobre relações de gênero, sexualidade e corpo como contribuições aos programas e ações de prevenção às DSTs/HIV e Aids. In: XV Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social. **Anais**: UFAL, ISSN: 1981-4321, 2009.
- SILVA, Ana Paula & BLANCHETTE, Thaddeus Gregory. Nossa Senhora da "Help": sexo, turismo e deslocamento transnacional em Copacabana. **Cadernos Pagu** (25), julho-dezembro de 2005, pp.249-280.
- SILVA, Ana Paula & BLANCHETTE, Thaddeus Gregory. Amor um real por minuto – a prostituição como atividade econômica no Brasil urbano. In: CORRÊA, Sônia & PARKER, Richard (Orgs.). **Sexualidade e política na América Latina: histórias, interseções e paradoxos** [recurso eletrônico] - Rio de Janeiro: ABIA, 2011.

SILVA, Joseli Maria. Cultura e territorialidades urbanas: uma abordagem da pequena cidade. **Revista de História Regional** Vol. 5 – nº 02, Inverno 2000.

TEIXEIRA, Alexandre Eustáquio. Representação sobre a atividade de garotos de programa em Belo Horizonte (MG): emprego, trabalho ou profissão? In: XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais – Diversidades e (Des)Igualdades. Salvador. **Anais**: UFBA, 2011.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso – A** homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Record, 2007.

TYLER, A. Advertising Male Sexual Services. In: MINICHIELLO, V.; SCOTT, J. (Ed.). **Male Sex Work and Society**. New York: Harrington Park Press, 2014.

VELHO, Gilberto. O estudo do comportamento desviante: a contribuição da antropologia social. In: VELHO, Gilberto (org.). **Desvio e Divergência**. Uma crítica da patologia social. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.

VIANA, Normando José Queiroz. "É tudo psicológico! Dinheiro...pruuu! Fica logo duro": desejo, excitação e prazer entre boys de programa com práticas homossexuais em Recife. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 9 – Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. Florianópolis. **Anais**: UFSC, 2010.

VIANA, Normando José Queiroz. "É tudo psicológico! dinheiro... pruuu! fica logo duro!": desejo, excitação e prazer entre boys de programa com práticas homossexuais em Recife". Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco, 2010a.

VIDARTE, Paco. **Ética marica**. Proclamas libertárias para uma militância LGBTQ. Madrid: Egales Editorial, 2007.

WALBY, Kevin. **Touching encounters**. Sex, work, & Male-for-Male internet escorting. Chicago: The University of Chicago Press, 2012.

WEEKS, Jeffrey. Inverts, Perverts, and Mary-Annes: Male Prostitution and the regulation of homosexuality in England in the Nineteenth and Early Twentieth Centuries. In: LICATA, Salvatore & PETERSEN, Robert (orgs). **The gay past**. A Collection of Historical Essays. New York: Haworth Press: Stein and Day, 1981.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a Sexualidade. In: LOURO, G. L. (org.). **O Corpo Educado**: pedagogias da sexualidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 35-82.

WEEKS, Jeffrey. **Making sexual history**. Cambridge: Polity Press, 2000.

WELDON, Jo. Show Me the Money: a sex worker reflects on research into the sex industry. In: DITMORE, Melissa Hope; LEVY, Antonia; WILLMAN, Alys. **Sex Work Matters**: exploring money, power, and intimacy in the sex industry. New York, Zed Books, 2010.

WELZER-LANG, DANIEL. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001.

ZILLI, Bruno DallaCort. BDSM de A a Z: a despatologização através do consentimento nos “manuais” da internet. In: BENITEZ, Maria Elvira; FÍGARI, Carlos Eduardo (Orgs.). **Prazeres dissidentes**: Garamond, Rio de Janeiro, 2009.

FONTES ELETRÔNICAS

AIDSMAPS. 13 de dezembro de 2013. Study provides information on sexual health of male sex workers in England. Disponível em: <http://www.aidsmap.com/Study-provides-information-on-sexual-health-of-male-sex-workers-in-England/page/2810517/>. Acesso em 25 de fevereiro de 2014.

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DA AIDS. 27 de agosto de 2010. Governo quer estabelecer estratégias de prevenção das DST para profissionais do sexo. Disponível em:

<http://agenciaaids.com.br/noticias/interna.php?id=15523>. Acesso em 18 de fevereiro de 2014.

BBC London. 18 de novembro de 2008. Q&A: UK Prostitution Laws. Disponível em: http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk_news/7736436.stm. Acesso em 20 de junho de 2016.

BBC London. 5 de janeiro de 2014. The escorts who want to rebrand male prostitution as a business. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/news/magazine-25588234>. Acesso em 25 de fevereiro de 2014.

BBC London. 5 de janeiro de 2014. 'I won male sex worker of the year'. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/news/magazine-25464578>. Acesso em 25 de fevereiro de 2014.

BBC Brasil. 7 de janeiro de 2014. Garotos de programa em Londres lutam para 'profissionalizar' atividade. Disponível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/01/140106_prostituicao_masculina_londres_mv.shtml. Acesso em 25 de fevereiro de 2014.

BOM DIA BRASIL. 23 de agosto de 2013. Remédio ilegal contra impotência sexual é negociado no Centro do Rio. Disponível em: <http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2013/08/remedio-ilegal-contrainpotencia-sexual-e-negociado-no-centro-do-rio.html>. Acesso em 04 de outubro de 2016.

CLASH – Central London Action on Sexual Health. Disponível em: <http://www.cnwl.nhs.uk/service/clash-central-london-action-on-sexual-health/>. 16 de junho de 2016.

DEPARTAMENTO DE DST, AIDS E HEPATITES VIRAIS. Encontro nacional de prevenção junto aos trabalhadores do sexo masculino ENTRASEX. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/evento/encontro-nacional-de-prevencao-junto-aos-trabalhadores-do-sexo-masculino-entrasex>. Acesso em 18 de fevereiro de 2014.

EL DESCONCIERTO. 31 de março de 2016. Todo listo para el lanzamiento de #SoyPuto, el libro de relatos eróticos de un prostituto chileno. Disponível em: <http://www.eldesconcierto.cl/cultura-y-calle/2016/03/31/todo-listo-para-el-lanzamiento-de-soyputo-el-libro-de->

[relatos-eroticos-de-un-prostituto-chileno/](#). Acesso em 05 de abril de 2016.

EL PAÍS. 01 de setembro de 2010. Los hombres también sufren explotación sexual en España. Disponível em: http://elpais.com/diario/2010/09/01/sociedad/1283292002_850215.html. Acesso em 03 de agosto de 2016.

ESTADÃO/Agência Brasil. 25 de agosto de 2010. Homens profissionais do sexo se reúnem em Brasília para discutir prevenção contra DSTs. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,homens-profissionais-do-sexo-se-reunem-em-brasilia-para-discutir-prevencao-contradsts,600374,0.htm>. Acesso em 18 de fevereiro de 2014.

FUNDACIÓN TRIÁNGULO. Trabajadores masculinos del sexo: aproximación a la prostitución masculina en Madrid. 2006. <http://www.fundaciontriangulo.org/documentacion/documentos/trabajadoresmasculinos.pdf>. Acesso em 17 de junho de 2016.

THE CONVERSATION. 27 de agosto de 2015. The rise and fall of Rentboy.com Disponível em: <https://theconversation.com/the-rise-and-fall-of-rentboy-com-46677>. Acesso em 22 de junho de 2016.

THE NEW YORK TIMES. 18 de fevereiro de 2016. Charges Dismissed Against 6 Ex-Employees of Rentboy.com. Disponível em: http://www.nytimes.com/2016/02/18/nyregion/charges-dismissed-against-6-ex-employees-of-rentboycom.html?_r=2. Acesso em 22 de junho de 2016.

THE TELEGRAPH. Prostitution, pimping and brothels: how legal are they across the world? Disponível em: <http://www.telegraph.co.uk/news/uknews/law-and-order/11642984/Prostitution-pimping-and-brothels-how-legal-are-they-across-the-world.html>. Acesso em 20 de junho de 2016.

WORLDCRUNCH. 03 de fevereiro de 2014. The Male Prostitutes Of France Have Their Say. Disponível em: <http://www.worldcrunch.com/culture-society/the-male-prostitutes-of-france-have-their-say/male-prostitution-escort-boys/c3s14509/#.Uwz0AuN92Al>. Acesso em 25 de fevereiro de 2014.

SITES CONSULTADOS DE MOVIMENTOS DE TRABALHADORAS/ES DO SEXO

AMMAR - Asociación de Mujeres Meretrices de la Argentina en Acción por Nuestros Derechos: <http://www.ammar.org.ar/>

ASSOCIAÇÃO GAROTOS DA NOITE - MANAUS (AM):
<https://www.facebook.com/agnamazonas/?fref=ts>

ASSOCIAÇÃO PERNAMBUCANA DAS PROFISSIONAIS DO SEXO: <https://www.facebook.com/appspe>

ENGLISH COLLECTIVE OF PROSTITUTES:
<http://prostitutescollective.net/>

GLOBAL NETWORK OF SEX WORK PROJECTS:
<http://www.nswp.org/>

GRUPO DA VIDA: <http://www.davida.org.br/>.

INTERNATIONAL UNION OF SEX WORKERS:
<http://www.iusw.org/>

REDE BRASILEIRA DE PROSTITUTAS:
<http://www.redeprostitutas.org.br/>

REDTRASEX – Red de Mujeres Trabajadoras Sexuales de Latinoamérica y El Caribe: <http://www.redtrasex.org/>

SCARLET ALLIANCE AUSTRALIAN SEX WORKERS ASSOCIATION: <http://www.scarletalliance.org.au/>

SWEAT – Sex Workers Education & Advocacy Taskforce:
<http://www.sweat.org.za/>

SWOP – Sex Workers Outreach Project: <http://www.swop.org.au/>

SWOP-Male: <https://www.facebook.com/swopmale/>

SWOU - Sex Worker Open University:
<http://www.sexworkeropenuniversity.com/>

TAMPEP - European Network for HIV/STI Prevention and Health
Promotion among Migrant Sex Workers: <http://tampep.eu/>